

Fonologia e Gramática Katukina-Kanamari

Published by

LOT

phone: +31 30 253 6006

Trans 10

3512 JK Utrecht

e-mail: lot@uu.nl

The Netherlands

<http://www.lotschool.nl>

Cover illustration: "Meninas na canoa". Foto retirada na aldeia Boca do Biá, Amazonas, 07 de Janeiro de 2003. (Zoraide dos Anjos)

ISBN: 978-94-6093-064-5

NUR 616

Copyright © 2011: Zoraide dos Anjos. All rights reserved.

VRIJE UNIVERSITEIT

Fonologia e Gramática Katukina-Kanamari

ACADEMISCH PROEFSCHRIFT

ter verkrijging van de graad Doctor aan
de Vrije Universiteit Amsterdam,
op gezag van de rector magnificus
prof.dr. L.M. Bouter,
in het openbaar te verdedigen
ten overstaan van de promotiecommissie
van de faculteit der Letteren
op vrijdag 24 juni 2011 om 13.45 uur
in de aula van de universiteit,
De Boelelaan 1105

door

Zoraide dos Anjos Gonçalves da Silva
geboren te Juazeiro-Ba, Brazilië

promotoren: prof.dr. W.L.M. Wetzels
 prof.dr. F. Queixalós

Aos Katukina do Biá.

“Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, se não tivesse amor, seria como o metal que soa ou como o címbalo que retine.

E ainda que tivesse o dom da profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda fé, a ponto de transportar montanhas, se não tivesse amor, eu nada seria”.

(I Coríntios 13:1-2)

Índice

AGRADECIMENTOS.....	V
LISTA DE QUADROS E FIGURAS.....	XI
I INTRODUÇÃO.....	1
I.I METODOLOGIA E FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	2
I.II LIMITAÇÕES.....	3
I.III FORMATO DA TESE.....	4
I FAMÍLIA LINGUÍSTICA KATUKINA.....	7
1.1 CLASSIFICAÇÃO.....	7
1.2 KATUKINA.....	11
1.3 KATAWIXI.....	16
1.4 TYOHON DYAPA.....	17
1.5 ESTUDOS SOBRE A FAMÍLIA KATUKINA.....	21
1.6 COMUNIDADES KATUKINA DO BIÁ.....	23
1.6.1 <i>Localização geográfica e demografia</i>	23
1.6.2 <i>Organização social</i>	28
1.6.3 <i>Cosmologia</i>	29
1.6.4 <i>Mitologia</i>	34
1.6.5 <i>Rituais</i>	36
1.6.6 <i>Xamanismo</i>	39
1.6.7 <i>Língua e Educação</i>	40
1.7 COMUNIDADES KANAMARI.....	43
1.7.1 <i>Organização social</i>	46
1.7.2 <i>Cosmologia</i>	49
1.7.3 <i>Xamanismo</i>	51
1.7.4 <i>Rituais</i>	53
1.7.5 <i>Língua e Educação</i>	54
II FONOLOGIA.....	56
2.1 FONEMAS.....	57
2.1.1 <i>Consoantes</i>	57
2.1.2 <i>Vogais</i>	63
2.2 ESTRUTURA SILÁBICA.....	75

2.2.1	<i>Distribuição dos fonemas</i>	76
2.3	ATAQUE	81
2.3.1	<i>Realizações em posição de ataque</i>	85
2.4	CODA	89
2.4.1	<i>Realizações em posição de coda</i>	90
2.5	NÚCLEO	93
2.5.1	<i>Realizações em posição de núcleo</i>	95
2.6	VOCÁBULO FONOLÓGICO	100
2.7	ACENTO	104
2.8	FRASE FONOLÓGICA	111
2.9	MORFOFONOLOGIA	114
2.9.1	<i>Alomorfia</i>	115
III	MORFOLOGIA	128
3.1	CLASSES DE PALAVRAS	131
3.1.1	<i>Palavras flexionáveis</i>	131
3.1.2	<i>Palavras não-flexionáveis</i>	162
3.2	MORFOLOGIA DAS CLASSES FLEXIONÁVEIS	175
3.2.1	<i>Processos flexionais em comum</i>	178
3.3	MORFOLOGIA VERBAL	183
3.3.1	<i>Processos flexionais</i>	184
3.3.2	<i>Processos derivacionais</i>	196
3.4	MORFOLOGIA NOMINAL	201
3.4.1	<i>Processos flexionais</i>	202
3.4.2	<i>Processos derivacionais</i>	205
3.5	MORFOLOGIA POSPOSICIONAL	216
3.5.1	<i>Ênfase na localização</i>	216
IV	SINTAXE	217
4	ESTRUTURA INTERNA DOS SINTAGMAS	218
4.1	SINTAGMA: TIPOS BÁSICOS, CARACTERÍSTICAS EM COMUM	219
4.1.1	<i>Sintagmas</i>	227
4.2	MODIFICADORES DO NOME	245
4.2.1	<i>Nomes demonstrativos</i>	246
4.2.2	<i>Nomes indicadores de quantidade</i>	248
4.2.3	<i>Indefinido</i>	250
5	SINTAXE DA ORAÇÃO	256

5.1	PREDICADOS.....	257
5.2	PREDICADO VERBAL.....	261
5.2.1	<i>Monovalente</i>	262
5.2.2	<i>Divalente</i>	264
5.2.3	<i>Alinhamento nos predicados verbais</i>	265
5.3	PREDICADO NOMINAL.....	268
5.3.1	<i>Cópula</i>	273
5.3.2	<i>Existencial</i>	275
5.3.3	<i>Inclusivo/Equativo</i>	277
5.4	PREDICADO ADVERBIAL.....	279
5.4.1	<i>Monovalente</i>	279
5.4.2	<i>Divalente</i>	280
5.5	ARGUMENTOS.....	282
5.5.1	<i>Alinhamento e constituição</i>	283
5.5.2	<i>Codificação</i>	284
5.5.3	<i>Comportamento e Controle da correferência</i>	288
5.6	CORREFERÊNCIA.....	306
5.6.1	<i>Nível do núcleo oracional</i>	307
5.7	SUJEITO.....	309
6	ADJUNTOS.....	310
6.1	SINTAGMAS POSPOSICIONAIS.....	312
6.1.1	<i>Posposições espaciais</i>	313
6.1.2	<i>Posposições não-espaciais</i>	321
6.2	ADVÉRBIOS.....	326
6.2.1	<i>Advérbios locativos</i>	326
6.2.2	<i>Advérbios de tempo</i>	329
6.2.3	<i>Distribuição</i>	333
6.3	CORREFERÊNCIA NO NÍVEL INTERORACIONAL.....	339
7	MUDANÇAS NA ESTRUTURA ARGUMENTAL.....	341
7.1	RECESSIVOS.....	341
7.1.1	<i>Intransitivização</i>	342
7.1.2	<i>Antipassiva</i>	348
7.1.3	<i>Incorporação nominal</i>	352
7.2	INCREMENTAIS.....	355
7.2.1	<i>Morfológicos</i>	357

8 ORAÇÃO COMPLEXA.....	364
8.1 SUBORDINAÇÃO	364
8.1.1 <i>Nível do sintagma nominal</i>	365
8.1.2 <i>Nível do sintagma verbal</i>	367
8.1.3 <i>Nível do núcleo oracional</i>	370
8.1.4 <i>Nível oracional</i>	375
8.2 COORDENAÇÃO	377
8.3 CORREFERÊNCIA NO NÍVEL INTERORACIONAL.....	378
9 TIPOS DE ORAÇÕES	386
9.1 ASSERTIVAS.....	387
9.2 INTERROGATIVAS.....	389
9.3 IMPERATIVAS.....	391
CONCLUSÃO.....	394
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	397
ANEXOS	407
RESUMO	424
SAMENVATTING	427
ABSTRACT.....	429

Agradecimentos

O desenvolvimento desta tese contou com o apoio de muitas pessoas e instituições que, nesta ocasião, gostaria de agradecer.

Aos meus orientadores de tese, professores Leo Wetzels e Francisco Queixalós agradeço de modo especial. Ao primeiro por ter acreditado, apoiado e incentivado o desenvolvimento dessa pesquisa em todos os momentos. Ao segundo, por ter me apresentado à Linguística, aos índios e à língua Katukina compartilhando seus dados e conhecimentos.

Quero agradecer à Vrije Universiteit Amsterdam por todo o apoio que me foi dado durante meus estudos nos Países Baixos.

Agradeço também à CAPES pela concessão de bolsa de doutorado pleno no exterior sem a qual a realização da pesquisa seria inviável.

Ao comitê de leitura formado pelos professores Willem Adelaar, Kees Hengeveld, Lachlan Mackenzie e Lucy Seki agradeço pela disponibilidade em ler essa tese.

Às professoras Daniele Marcelle Grannier, Orlene Sabóia e Mônica Veloso Borges por suas ações, palavras de incentivo e exemplos de vida que me motivaram durante todo o período do meu doutorado, agradeço.

Aos meus colegas na VU Matt Coler, Aline da Cruz, Dani Mahecha, Jesus Mario Girón, Silvana e Valteir Martins com quem compartilhei não somente as análises e os conhecimentos sobre linguística, mas também vários momentos de incerteza e alegria ao longo dessa caminhada. A eles, sou imensamente grata.

À Fundação Nacional do Índio, agradeço especialmente aos senhores Cláudio Romero e Marco Antônio diretores da Coordenação Geral de Ensino e Pesquisa (CGEP) por toda a colaboração no acesso à Terra Indígena Rio Biá.

Aos amigos do estado do Amazonas: Manoel, Roberto, Sueli, Maria, Alírio e família, Jane Mara e Geraldo Majela pela acolhida em minhas viagens rumo às aldeias Katukina. Agradeço especialmente a José Edinéilson Ramos, chefe do posto da FVS no município de Jutai, por sua amizade, incentivo, cuidado e carinho de irmão.

Aos amigos de Brasília: Rosana e Eliezer dos Santos, Shelton Lima, Caroline Cardoso, Janaína Taines, Rosângela Nazareth pelos telefonemas, pelas longas conversas, lágrimas e boas risadas. De modo especial, quero agradecer ao padre Alan Rodrigues por seus preciosos conselhos.

Aos amigos espalhados pelo mundo: Daniela Cesiri, Taís Bopp, Agata Cybulska, Inês Narciso, Margien Rubingh, Caroline Idalino, Priscila Nishiara, Kézia Macedo e Luzia Garcias agradeço por todo o carinho.

À minha mãe Maria do Rosário, às minhas irmãs Aldenôra e Paula e às minhas tias Lourdes, Regina e Carminha por todo o apoio e paciência. Com carinho especial meus agradecimentos ao meu primo-paleontólogo dr. Roberto dos Anjos Candeiro, incentivador incansável dos meus estudos.

Agradeço aos índios Katukina Kontan/Colombiano, Pioru/Zé Vela, Kopa/Antônio, Bazá, Aiobi e Sadi informantes nessa pesquisa e com os quais tenho aprendido muito sobre Katukina.

A todos os índios Katukina do Biá, que sempre me receberam com carinho e atenção e que se tornaram pessoas especiais para mim. A todos eles, meus mais sinceros agradecimentos.

Ao meu querido Koos van Dijk por todo seu amor e carinho que deram nova cor à minha permanência nos Países Baixos. Agradeço também à Clara e Jaap van Dijk que tornaram-se minha família na Holanda.

Finalmente, agradeço a Deus pela oportunidade de enfrentar os desafios que a vida e o estudo da Linguística têm me proporcionado.

Abreviaturas e símbolos

#	início ou final de palavra
∅	marcação zero
sí. la. ba	fronteira silábica
σ	sílaba
/.../	transcrição fonológica
[...]	transcrição fonética (II Fonologia)
	delimitação de sintagmas ou orações (IV Sintaxe)
→	realiza-se como
1SNG	primeira pessoa singular
2SNG	segunda pessoa singular
3SNG	terceira pessoa singular
1PL	primeira pessoa plural
2PL	segunda pessoa plural
3PL	terceira pessoa plural
1POSS	primeira pessoa possessivo
2POSS	segunda pessoa possessivo
3POSS	terceira pessoa possessivo
A	agente
ALT	alativo
ALT1	alativo 1
ALT2	alativo 2
APLC	aplicativo
ARGUNC	argumento único de oração monovalente
ARGINT	argumento interno de oração divalente
ARGEXT	argumento externo de oração divalente
CAUS	causa
CAUSTV	causativo
COL	coletivo

CONEC	conector discursivo
COP	cópula
CTRF centrífugo	centrífugo
CTRP	centrípeto
DESLOC	deslocativo
DEPDTE	dependente
DIST	distal
DUR	durativo
EXORT	exortativo
FOC	foco
FRUST	frustrativo
FUTDIST	futuro distante
FUTIMDT	futuro imediato
FUTPROX	futuro próximo
GEN	genitivo
INDEF	indefinido
INES	inessivo
INTERROG	interrogativo
INTRNZ	intransitivizador
NEG	negação
NOMNLZ	nominalizador
NR	nome relacional
O	objeto
OBJPOSP	objeto de posposição
P	paciente
PERFEC	perfectivo
PREDNOM	predicado nominal
PREDVERB	predicado verbal
PROX	proximal
PRVT	privativo

x

SOC1	sociativo 1
SOC2	sociativo 2
SUBD	subordinador
SUBS	subessivo
SUBLT	sublativo
SUPS	superessivo

Lista de quadros e figuras

Lista de quadros

Quadro1: classificação da família Katukina segundo Loukotka	8
Quadro 2: línguas da família Katukina segundo censo do CIMI apud Rodrigues (1986).	10
Quadro 3: vocábulos Katukina do Biá e Kanamari	15
Quadro 4: língua Katukina e seus dialetos	19
Quadro 5: comparação entre vocábulos da língua Katukina-Kanamari e Katawixi	20
Quadro 6: censo demográfico aldeias Katukina do Biá (Lima:2000)	23
Quadro 7: população Katukina do Biá em 2005	24
Quadro 8: fonemas consonantais	57
Quadro 9: fonemas vocálicos	63
Quadro 10: classe maiores de fonemas	79
Quadro 11: fones consonantais	92
Quadro 12: fones vocálicos orais breves e longos	95
Quadro 13: fones vocálicos nasais	100
Quadro 14: padrões silábicos em vocábulos dissilábicos	103
Quadro 15: paradigma de prefixos pessoais	120
Quadro 16: prefixos pessoais	134
Quadro 17: formas pronominais livres	142
Quadro18: formas possessivas	145
Quadro 19: numerais	147
Quadro20: posposições	156
Quadro 21: advérbios locativos	166
Quadro 22: processos flexionais e derivacionais	177
Quadro 23 : prefixos pessoais	223
Quadro 24: formas possessivas	244
Quadro 25: formas pronominais livres	285

Lista de figuras

Figura1: mapa da Terra Indígena Rio Biá	26
Figura2: mapa da distribuição das aldeias na Terra Indígena Rio Biá	27
Figura3: aldeia Boca do Biá	28
Figura4: dança	38
Figura5: mapa da Terras Indígenas Kanamari	45
Figura6: aldeia Flexal	46
Figura7: espectrograma do vocábulo /ikau/ "chorar"	65
Figura8: espectrograma do vocábulo /i:tʃuŋ/ "arco"	66
Figura9: espectrograma do vocábulo /tʃu/ "exortativo"	67
Figura10: espectrograma do vocábulo /tʃu:/ "pupunha"	68
Figura11: espectrograma do vocábulo /kapaiu/ "mamão"	69
Figura12: espectrograma do vocábulo /ka:ki/ "quebrar"	70
Figura13: restrições na estrutura silábica	80
Figura14: intensidade e altura no vocábulo /i:tʃuŋ/ "arco"	105
Figura15: intensidade e altura no vocábulo /manati/ "arco"	106
Figura16: intensidade e altura no vocábulo /pi:kaŋ/ "arco"	107
Figura17: intensidade e altura no vocábulo /buni/ "furar"	108
Figura18: intensidade e altura no vocábulo /hɯ:maŋ/ "pegar"	109
Figura19: alinhamento ERGATIVO-ABSOLUTIVO	267

i Introdução

As línguas indígenas brasileiras, e em especial aquelas faladas na região amazônica, são de interesse científico por várias razões. De um lado, são mal documentadas pelo fato de estarem localizadas em áreas remotas¹. As possíveis inovações linguísticas que ocorreram nessas áreas tiveram poucas possibilidades de se espalharem. Como Dixon & Aikhenvald (1999) destacam:

"um dos editores dedicou diversas décadas a procurar por universais linguísticos. Caso após o caso, assim que achou que tinha conseguido alguma indicação tipológica significativa, um contra-exemplo aparecia em sua frente e era invariavelmente de uma língua da Amazônia".

A tarefa de descrever as línguas amazônicas é urgente, pois a baixa demografia das comunidades de falantes põe as línguas em risco iminente de extinção. Para Rodrigues (2000):

"Fenômenos prováveis, raros ou singulares, talvez cruciais para a compreensão [da faculdade] da linguagem, desaparecerão sem mesmo terem sido identificados".

¹De acordo com Moore (2008), apenas 13% das línguas indígenas brasileiras que têm falantes possuem uma descrição completa.

2 Fonologia e Gramática Katukina-Kanamari

Essas considerações mostram muito claramente a importância das descrições completas das línguas amazônicas. Nesse sentido, esta tese de doutorado tem como objetivo apresentar a descrição fonológica e gramatical da língua Katukina-Kanamari falada por cerca de 2200 pessoas nas partes ocidentais e sul do estado do Amazonas, Brasil.

i.i Metodologia e fundamentação teórica

Este estudo é fundamentado em dados coletados com falantes nativos Katukina e Kanamari durante nossos trabalhos de campo realizados entre os anos de 2003 a 2009. Tendo em vista que trabalhamos mais intensivamente com as comunidades Katukina do Biá, os dados advindos do Kanamari foram cedidos pelo professor Francisco Queixalós que trabalha com o dialeto Kanamari desde 1994. Também utilizamos alguns dados de Queixalós cuja origem é o dialeto Katukina do Biá.

O material coletado é constituído por narrativas de atividades diárias, histórias biográficas e mitos do grupo. Estão também incluídas as anotações de enunciados produzidos espontaneamente durante diálogos e que esclareciam pontos importantes no estudo da língua. Outra parte do material é composta por dados elicitados, tais como listas de palavras, questionários e construções gramaticais utilizadas para esclarecer questões específicas de análise.

Os textos recolhidos com os Katukina do Biá foram narrados principalmente pelos falantes mais velhos das aldeias e pelos chefes. Na aldeia Boca do Biá, contamos com a colaboração de Kontan e Pioru. Na aldeia Gato, as histórias foram contadas por Bazá e Pedro.

Tendo em vista que esses índigenas possuíam pouco conhecimento da língua portuguesa, as transcrições e esclarecimentos sobre as histórias gravadas foram feitos por falantes mais novos, geralmente parentes dos contadores das histórias. Na transcrição das histórias e na coleta dos dados elicitados, contou-se, principalmente, com o auxílio de Aiobi, Kopa, Tyabohan, Tirin, Lantara e Pityira. Esses falantes apresentavam bilinguismo em um nível que os permitia dar-nos explicações em português. Além disso, sua dedicação, paciência e satisfação em colaborar foram fatores que facilitaram o trabalho de pesquisa. A maior parte dos dados coletados, tanto de forma espontânea como elicitados, foram gravados e depois transcritos foneticamente com o auxílio da equipe de informantes.

A descrição morfológica e sintática do Katukina foi fundamentada na análise dos textos produzidos espontaneamente e como orientação teórica, apoiamos-nos no modelo teórico tipológico funcional conforme as propostas apresentadas principalmente por Shopen (2007), Givón (2001), Aikenvald (2007) entre outros.

i.ii Limitações

A primeira limitação deste trabalho é a profundidade com que os temas foram tratados. Essa tese abrange os componentes básicos de uma descrição de língua, isto é, a fonologia, morfologia e a sintaxe. Cada área foi tratada da forma mais completa possível, porém sabemos que nem todas essas áreas foram descritas em sua totalidade.

4 Fonologia e Gramática Katukina-Kanamari

A segunda limitação é a extensão. Existem áreas do Katukina-Kanamari que não são descritas nessa gramática, tais como a semântica e os estilos discursivos.

Este trabalho também é limitado pelas várias falhas cometidas pela autora causadas muitas vezes pelo conhecimento parcial do Katukina-Kanamari.

i.iii Formato da tese

A tese está organizada em quatro capítulos. O primeiro capítulo é dedicado à apresentação da família linguística Katukina que dividimos em duas partes. Na primeira parte, apresentamos as classificações propostas para a família Katukina e, em seguida, nossa proposta de reorganização da classificação interna da família. Em seguida, tratamos dos estudos antropológicos e linguísticos já realizados. Na segunda parte do capítulo, tratamos de alguns aspectos das comunidades Katukina do Biá e Kanamari tais como localização geográfica e demografia, cosmologia, uso da língua e educação.

O segundo capítulo é dedicado à descrição dos aspectos fonológicos e morfofonológicos identificados. Na primeira parte desse capítulo, são tratados os segmentos consonantais e vocálicos, suas oposições fonológicas e respectivas manifestações fonéticas. Na segunda parte desse capítulo, apresentamos os ambientes organizadores dos fonemas que são a sílaba e o vocábulo fonológico. No âmbito da sílaba, tratamos da estrutura silábica do inventário dos padrões silábicos e da distribuição das consoantes em posição de ataque e coda silábica e das vogais que ocupam a posição de núcleo silábico. Em seguida tratamos do padrão acentual no nível da palavra

e da frase fonológica. Na segunda parte do capítulo, são apresentados os processos morfofonológicos identificados.

O estudo dos aspectos morfológicos são o tema do terceiro capítulo. Na primeira parte desse capítulo são definidas as classes de palavras: nomes, verbos, posposições e advérbios. Nomes, verbos e advérbios compõem o grupo das classes flexionáveis enquanto os advérbios constituem a classe não-flexionável. Na segunda parte do capítulo, apresentam-se os processos morfológicos flexionais e derivacionais das classes flexionáveis.

O quarto capítulo é dedicado à apresentação da estrutura sintática identificada em Katukina e está dividido em seis sub-capítulos: (4) Estrutura interna do sintagma; (5) Sintaxe da oração; (6) Adjuntos; (7) Mudanças na estrutura argumental; (8) Oração complexa; (9) Tipos oracionais. O sub-capítulo *Estrutura dos sintagmas* está organizado em duas seções. Na primeira seção, apresentamos os tipos de sintagma identificados ressaltando as características que esses têm em comum. Na segunda seção, trataremos de cada tipo de sintagma com suas respectivas propriedades. No sub-capítulo *Sintaxe da oração*, apresentaremos a estrutura sintática do Katukina em três seções. Na primeira delas, trataremos dos tipos de predicados identificados bem como suas características. A segunda seção será dedicada ao tratamento dos argumentos internos e externos da oração assim como as características de comportamento e controle que esses possuem. Na terceira seção desse sub-capítulo, apresentaremos os sintagmas adverbiais e posposicionais detalhando sua composição morfológica bem como sua distribuição posicional. No sub-capítulo *Adjuntos*,

6 Fonologia e Gramática Katukina-Kanamari

dividido em duas seções, trataremos dos elementos que exercem funções gramaticais não-nucleares que são os sintagmas posposicionais e os advérbios. A primeira seção será dedicada aos sintagmas nominais e a segunda, aos advérbios. No sub-capítulo *Mudanças na estrutura argumental*, nos dedicaremos à descrição dos mecanismos que modificam a estrutura argumental dos verbos. Dividimos a apresentação desse sub-capítulo em duas partes. Na primeira parte, trataremos dos mecanismos que decrescem a valência verbal ao passo que na segunda parte, apresentamos os mecanismos que aumentam a valência verbal. Em *Oração complexa* os temas abordados são a coordenação e subordinação de orações. Encerramos a descrição sintática do Katukina-Kanamari com o sub-capítulo *Tipos Oraçionais* no qual trataremos das orações declarativas, imperativas e interrogativas.

I Família linguística Katukina

Introdução

Este capítulo, dedicado à apresentação da família linguística Katukina, está dividido em duas partes. Na primeira, apresentaremos algumas das classificações anteriores desenvolvidas para essa família e, em seguida, uma proposta de reorganização da classificação interna da família, baseada em nossa observação sobre as línguas que a compõem. Finalizaremos a primeira parte do capítulo com a apresentação dos estudos antropológicos e linguísticos já realizados.

Na segunda parte do capítulo, falaremos das comunidades indígenas Katukina do Biá e Kanamari tratando da localização geográfica, cosmologia, rituais, xamanismo, uso da língua e educação.

1.1 Classificação

A família Katukina, segundo Loukotka (1968) – que baseia sua classificação nas informações de Tastevin (1920) e Paul Rivet (1928) – é composta por oito línguas que estão divididas em línguas do sul e do norte como demonstramos no quadro seguinte:

Línguas do Sul	Língua do Norte
Catuquina ou Wiri-dyapá	Catauxi ou Catosé ou Hewadie ou Katawishi ou Quatausi
Canamari	
Parawa ou Hon-dyapá	
Tucundiapa ou Mangeroma	
Bendiapa	
Tawari ou Kadekili-dyapa ou	
Kayarára	
Buruá	

Quadro1: classificação da família Katukina segundo Loukotka.

Com base no registro dos *dyapas*² feito por Tastevin para classificar os grupos de índios Katukina e Kanamari de acordo com sua localização geográfica, Loukotka inferiu, erroneamente, que cada *dyapa* possuía uma língua distinta.

Convém salientar que embora o trabalho do padre Tastevin considere as diferenças linguísticas maiores entre Katukina e Kanamari nas subdivisões dos *dyapas*, o critério que ele utiliza é exclusivamente geográfico. Sobre as línguas da Família Katukina, o missionário tece comentários importantes, o que veremos posteriormente.

Por conseguinte, a organização da família Katukina proposta por Loukotka não deve ser considerada uma classificação linguística propriamente dita. Contudo, a separação

²Palavra da língua Katukina que significa “grupo”, introduzida na literatura por Tastevin.

9 | Família Katukina

entre línguas do sul e do norte, proposta por ele, contribuiu para observarmos mais atentamente a língua Katawixi, que parece ser linguisticamente mais distante das outras línguas da família, fato que comentaremos mais adiante.

A segunda classificação a ser analisada sobre a família Katukina é a de Rodrigues (1986:79) que diz:

“Suas línguas são (ou foram) faladas no sudoeste do Amazonas, nos altos cursos dos rios Juruá, Jutá e Javari. Presentemente falam línguas desta família pelo menos os Katukina do rio Biá (afluente do Jutá), os Txunhuã-djapá entre o Jutá e o Jandiatuba e os Kanamari do Juruá, do Xeruá, do Tarauacá, do Itacoá e do Jutá”.

A língua Katawixi também é citada por Rodrigues como componente da família Katukina, que mantém sua inclusão no quadro geral:

Línguas da Família Katukina	Nº. do mapa do CIMI	Estado	Falantes
Kanamari	119	AM	647
Txunhuã-djapá	133	AM	37
Katukina do Biá/Jutaí	130b	AM	253
Katawixi (?)	155	AM	10

Quadro 2: línguas da família Katukina segundo censo do CIMI apud Rodrigues (1986).

Rodrigues apresenta essa situação com base nos dados recolhidos pelo ornitólogo Von Spix, em 1840. Esses dados fazem parte de uma lista de vocábulos da língua Katukina, publicada por Martius (1864).

Diferentemente de Loukotka, Rodrigues baseia-se em critérios linguísticos para a classificação da família Katukina, observando os materiais linguísticos existentes. Adotamos o mesmo procedimento de Rodrigues nessa tese, pois nossas conclusões se aproximam mais de sua análise do que da proposta de Loukotka.

Apresentaremos, então, uma proposta de reorganização da classificação das línguas da família, baseando-nos nas observações feitas durante nossos trabalhos de campo (2003-2009), nas observações de Queixalós (2003-2005), linguista que estuda essa família desde os anos 90, bem como nas considerações feitas por Tastevin (1911-1932).

11 | Família Katukina

Concluimos que as línguas dessa família são duas: Katukina, composta pelas variedades Kanamari (incluindo Tyohon dyapa) e Katukina do Biá e Katawixi, provavelmente já extinta. Falaremos sobre cada uma das línguas dessa família a seguir.

1.2 Katukina

Constantin Tastevin (1920) já afirmava que ao se falar em Kanamari e Katukina do Biá não falamos de duas línguas distintas, mas sim de duas variedades de uma mesma língua:

“La langue de ces Katukina (que habitavam a margem direita do rio Xeruã, afluente do Médio Juruá) est essentiellement la même que celle des Kanamari avec certaines particularités dialectales qui s’expliquent aisément par leur isolement”.

Acreditamos que, no começo do século XX, os índios Katukina do Biá e os índios Kanamari, habitantes, atualmente, do alto rio Jutaí, moravam na região do rio Biá. Acreditamos nessa hipótese devido a um relato que os índios Katukina fazem sobre a separação entre os *tukuma* (índios Katukina do Biá) e os *aiai* (índios Kanamari) que habitavam o rio Biá há aproximadamente oitenta anos. Nesse relato, o assassinato de um *tukuma* cometido por um *aiai* desencadeou a separação dos

povos, fazendo com que os Kanamari saíssem do rio Biá e ocupassem as margens do rio Jutáí.

Relato semelhante foi encontrado nos arquivos da Prelazia de Tefé. Funcionários do CIMI, em 1979, registraram uma história contada por um garimpeiro que relatava uma discussão entre os Katukina e os Kanamari em 1924 e que teria culminado em uma série de assassinatos. Depois dos assassinatos, os Kanamari teriam se retirado do rio Biá rumo às cabeceiras do rio Jutáí, perdendo o contato com os Katukina do Biá.

Dessa forma, é possível dizer que esse tenha sido o episódio que assinalou a separação entre os índios Katukina e Kanamari que habitam o rio Jutáí e o rio Biá. Convém ressaltar que não afirmamos que a separação das duas variedades tenha se iniciado nesse momento.

Durante uma pesquisa de campo realizada em julho de 2005, presenciamos uma situação inusitada: devido a problemas nos motores de seus barcos durante a viagem rumo ao município de Jutáí, cerca de trinta índios da etnia Kanamari, que moram nas aldeias Queimada Nova e Queimada Velha, localizadas no rio Mutum, tributário do rio Jutáí, chegaram à aldeia Katukina Boca do Biá. Enquanto os chefes do grupo foram à cidade para providenciar os reparos dos barcos, um grupo de índios ficou na aldeia por aproximadamente dois meses. Os índios Katukina do Biá dizem que essa foi a primeira

vez que viram os Kanamari do Jutaí. Afirmam que sabiam de sua existência, mas nunca os tinham encontrado³.

Essa mesma afirmação também é feita, atualmente, pelos índios Katukina do Biá e Kanamari. Quando perguntados sobre as diferenças entre a língua falada pelos Kanamari e pelos Katukina do Biá, todos, sem exceção, afirmam que falam a mesma língua, mas com algumas diferenças.

Observamos essa situação no trabalho de campo realizado em julho de 2005, quando coletamos uma lista composta por duzentas palavras fornecidas pelos índios Kanamari do rio Jutaí que estavam na aldeia Boca do Biá, como citamos anteriormente. Também presenciamos por diversas vezes que a comunicação entre os índios Katukina do Biá e os Kanamari ocorre de forma natural, isto é, cada um fala na sua variedade e é entendido pelo interlocutor, seja ele Kanamari ou Katukina.

No que se refere aos aspectos fonológicos, podemos dizer que a diferença mais significativa entre o Kanamari e o Katukina do Biá é a existência da variação livre dos ditongos fonéticos [ai], [oi], [ei], [au], [ou] respectivamente, com as vogais longas altas /i:/ e /u:/ na variedade Katukina do Biá. A variante Kanamari não possui essa variação, apresentando apenas as realizações longas das vogais altas. Por outro lado,

³Depois desse episódio, tornou-se frequente a visita dos Kanamari às aldeias Katukina bem como ao município de Jutaí.

em oposição a essas vogais altas, estão os ditongos fonológicos /ai/, /ui/ e /au/ que trataremos no capítulo II Fonologia.

No nível morfossintático, observamos que o processo de nominalização apresenta diferenças no que diz respeito aos afixos utilizados. Como veremos no capítulo IV Sintaxe, em Katukina do Biá, a nominalização é realizada com a associação do sufixo nominalizador *-nin* às raízes verbais tanto na nominalização de participantes quanto de eventos. No Kanamari, a nominalização de participantes é feita com a utilização da forma dêitica *nyan*.

No nível lexical também observamos diferenças, visto que não há correspondência total entre os vocábulos, pois nos inventários lexicais Kanamari e Katukina do Biá, encontramos tanto uma série de vocábulos idênticos assim como vocábulos totalmente diferentes. Podemos dizer que, em média, entre cada dez palavras, uma não apresenta correspondência. Observaremos alguns exemplos de vocábulos no quadro a seguir, que é constituído por vocábulos Katukina do Biá e Kanamari.

15 | Família Katukina

Katukina do Biá	Kanamari	glosa
<i>mimi</i>	<i>mimi</i>	‘sangue’
<i>i:</i>	<i>i:</i>	‘pé’
<i>pu</i>	<i>pu</i>	‘ovo’
<i>ba</i>	<i>ba</i>	‘folha’
<i>paŋ</i>	<i>paŋ</i>	‘braço’
<i>wa:lu</i>	<i>wa:lu</i>	‘papagaio’
<i>batfi</i>	<i>batfi</i>	‘veado’
<i>wa:pa</i>	<i>wa:pa</i>	‘cachorro’
<i>ka:dzu</i>	<i>ka:dzu</i>	‘jacaré’
<i>upaK</i>	<i>upaK</i>	‘nariz’
<i>wakaK</i>	<i>wakaK</i>	‘abacaxi’
<i>baK</i>	<i>baK</i>	‘ser bom’
<i>nuK</i>	<i>nuK</i>	‘boca’
<i>makuna</i>	<i>makuna</i>	‘cará’
<i>wuu</i>	<i>wuu</i>	‘querer’
<i>wa:dzu</i>	<i>wa:dzu</i>	‘macaco preto’
<i>haK</i>	<i>haK</i>	‘flechar’
<i>bu:lu</i>	<i>bata</i>	‘jurití’
<i>payu</i>	<i>pama</i>	‘pai’
<i>nayu</i>	<i>ɲama</i>	‘mãe’
<i>payu ki:daK</i>	<i>pai'ku</i>	‘avô’
<i>nayu ki:daK</i>	<i>wa</i>	‘avó’
<i>duŋ i</i>	<i>dzaikuŋ</i>	‘traíra’
<i>a'ka a'ka</i>	<i>amuna</i>	‘macaco acari’
<i>alawili</i>	<i>tfului</i>	‘sardinha’
<i>uwamoK</i>	<i>ubatfawa</i>	‘esposa’
<i>wuu:dzuŋ</i>	<i>itakilakuŋ</i>	‘lontra’
<i>upalaniŋ</i>	<i>paladzi</i>	‘amanhecer’
<i>kidzukuŋ</i>	<i>kiwadzu</i>	‘passarinho’

Quadro 3: vocábulos Katukina do Biá e Kanamari.

Levando em consideração as correspondências e diferenças encontradas nos níveis fonológico, morfossintático e lexical, concluímos que Kanamari e Katukina do Biá são dialetos da mesma língua, língua essa que doravante chamaremos Katukina-Kanamari.

1.3 Katawixi

Sobre Katawixi as informações são escassas, tanto sobre a língua quanto sobre seus falantes. No que se refere aos dados linguísticos, tem-se apenas um vocabulário recolhido por Tastevin junto aos poucos remanescentes encontrados por ele, em 1920. Trata-se de uma lista com cerca de duzentas palavras e algumas sentenças. Este trabalho encontra-se nos arquivos gerais da Congregação do Santo Espírito, localizada em Chevilly-Larue, perto de Paris. Posteriormente, em 1926, entretanto, Tastevin relata que os índios já haviam desaparecido.

Desde essa época, não se encontram relatos da existência de uma comunidade linguística Katawixi: para Silva (1989) esses índios estariam extintos, Günter Kroemer (apud Neves, 1996) acredita que estariam reduzidos a um número de dez falantes e Neves (1996) afirma que esses índios já não falam mais a língua.

Embora haja menção por funcionários da FUNAI a índios Katawixi isolados que se encontrariam na Terra Indígena Jacareuba/Katawixi no rio Mucuim, ao norte da cidade de Porto

Velho, estado de Rondônia, não há relatos nem documentação linguística confirmando a existência de índios Katawixi na atualidade.

1.4 Tyohon dyapa

Tastevin incluía o grupo Tyohon dyapa entre os grupos Kanamari. Relata que estes viviam na bacia do Jutaí, mais a oeste, no rio Itewahy, afluente do Jawary e do Jandiatuba, tributários do rio Juruá⁴. Entretanto, ele não fornece informações sobre a língua falada por eles, de modo que não podemos concluir se falavam uma língua distinta da falada pelos grupos Kanamari e Katukina que habitavam aquela mesma região.

As informações mais recentes são de que um grupo de Tyohon dyapa foi contactado em 2001 pela expedição da FUNAI liderada por Sidney Possuelo na região entre os rios Jutaí e Jandiatuba.

Trata-se de um grupo dominado pelos Kanamari que lhes presta serviços em troca de comida e roupas. Não são considerados índios isolados pelos funcionários da FUNAI,

⁴Convém notar que provavelmente houve uma mudança na denominação dos rios: hoje em dia não se encontra o rio Itewahy nos mapas e, possivelmente, o rio Javari mencionado por Tastevin deve ter outro nome, visto que o rio conhecido atualmente como Javari não poderia ser afluente do rio Jandiatuba.

pois mantêm contato com a sociedade não-índia por meio dos Kanamari que lhes fornecem ferramentas e alimentos vindos das cidades próximas.

No trabalho de campo realizado em 2005, encontramos algumas mulheres que se autodenominavam Tyohon dyapa. Essas mulheres são esposas de dois índios Kanamari que visitavam a aldeia Katukina em que realizávamos nossa pesquisa. Não foi possível coletar amostras lingüísticas com essas índias. Todavia observamos que a comunicação entre essas índias e os outros Kanamarí ocorria perfeitamente. Nos trabalhos de campo realizados em 2007 e 2009, encontramos indígenas Kanamari que quando perguntados se os Tyohon dyapa falam uma língua diferente, afirmaram sistematicamente que todos falam a mesma língua, isto é, o dialeto Kanamari. Com base nessas considerações, e enquanto não são recolhidos dados, assumiremos que Tyohon dyapa é uma variação do dialeto Kanamari.

Dessa maneira, propomos que as línguas dessa família são: (1) Katukina-Kanamari composta pelos dialetos Kanamari e Katukina do Biá e (2) Katawixi. De acordo com o quadro seguinte:

19 | Família Katukina

Línguas	Localização	Número de falantes
Katukina-Kanamari dialetos: -Kanamari (incluindo a variedade Tyohon dyapa)	rios Juruá, Japurá, Xeruã, Itacoaí, Jutaí, Jandiatuba	1700
-Katukina do Biá	rios Biá, Ipixuna, Jutaí	550
Katawixi	rio Mucuí	(10?)

Quadro 4: língua Katukina e seus dialetos.

Em seguida, apresentaremos um quadro composto por vocábulos do Katukina-Kanamari e vocábulos Katawixi. Ressaltamos que os dados referentes à língua Katawixi, aqui utilizados, foram extraídos da lista recolhida por Tastevin (1920). Os dados estão organizados da seguinte maneira: primeiro apresentaremos vocábulos idênticos entre as duas línguas; em seguida, mostraremos vocábulos que apresentam semelhanças e terminaremos com uma amostra composta por vocábulos dessemelhantes.

Katukina-Kanamari	Katawixi	Glosa
<i>mimi</i>	<i>mimi</i>	‘sangue’
<i>i:</i>	<i>éé</i>	‘pé’
<i>pu</i>	<i>po</i>	‘ovo’
<i>ba</i>	<i>ba</i>	‘folha’
<i>pu:li</i>	<i>kori</i>	‘costas’
<i>kapayu</i>	<i>kawayui</i>	‘mamão’
<i>walikama</i>	<i>wahököha</i>	‘cavivara’
<i>taukala</i>	<i>akara</i>	‘galinha’
<i>taukala paiku</i>	<i>hakara botsö</i>	‘galo’
<i>wakaK</i>	<i>uruhi</i>	‘abacaxi’
<i>baK</i>	<i>ahã</i>	‘ser bom’
<i>nuK</i>	<i>kirahi</i>	‘boca’
<i>makuna</i>	<i>aka</i>	‘cará’
<i>upaK</i>	<i>uhi</i>	‘nariz’
<i>i:ku</i>	<i>lada</i>	‘olho’
<i>ki:taŋ</i>	<i>taghi</i>	‘dormir’
<i>hipaŋ</i>	<i>pagö</i>	‘cobra’
<i>kamudza</i>	<i>kabaro</i>	‘macaco barrigudo’
<i>wa:dzu</i>	<i>upe</i>	‘macaco prego’
<i>inaŋ</i>	<i>murihi</i>	‘morcego’

Quadro 5: comparação entre vocábulos da língua Katukina-Kanamari e Katawixi.

1.5 Estudos sobre a Família Katukina

Até o momento, grande parte dos estudos linguísticos realizados sobre essa família linguística concentrou-se sobre o dialeto Kanamari. Entre esses estudos, há quatro artigos da missionária da New Tribes Christine Groth (1977a, 1977b, 1985, 1988) que versam sobre pontos de sintaxe.

No que se refere à fonologia, o linguista e antropólogo Márcio Silva et al. produziram um artigo sobre fonologia (1986), tendo como base a variante Kanamari.

Queixalós tem trabalhado com o dialeto Kanamari desde 1994, produzindo artigos sobre pontos de sintaxe, principalmente, temas como ergatividade e relações gramaticais.

Até o momento, há poucos estudos sobre o dialeto Katukina do Biá. Em 2005, foi elaborada uma dissertação de mestrado com a primeira descrição fonológica desse dialeto (Dos Anjos, 2005). Nesse trabalho, também foi feita uma comparação fonético-fonológica entre Katukina do Biá e Kanamari. Existe ainda, um artigo de Queixalós & Dos Anjos (2007) que apresenta uma visão geral da língua em seus aspectos fonológicos e morfossintáticos.

Uma proposta de filiação genética entre a língua peruana isolada Harakmbut e as línguas da família Katukina foi apresentada por Adelaar (2000). Neste trabalho, o autor apresenta semelhanças gramaticais e lexicais entre os dois

grupos e propõe uma possível filiação. Adelaar apud Queixalós (2000) sugere que a língua Harakmbut é mais semelhante à língua Katawixi. Posteriormente, Adelaar (2007) apresenta um estudo histórico comparativo entre a língua Katukina e Katawixi. Sua conclusão é de que o Katawixi apresenta maiores semelhanças com o dialeto Kanamari.

No que se refere aos estudos etnográficos, sobre Kanamari temos quatro teses de doutorado: Costa (2007), Santos (2002), Carvalho (2000) e Reesink (1993) e duas dissertações de mestrado: Labiak (1997) e Neves (1996). Há, ainda, um artigo de Monteiro (2002) sobre a demarcação das terras indígenas Kanamari.

Sobre Katukina do Biá há um relatório produzido pela antropóloga Deborah Lima e pelo biólogo Vitor Py-Daniel (2000), ressaltando aspectos da demografia e organização político-econômica da sociedade Katukina do Biá.

Em 2009, o antropólogo Jeremy Deturche defendeu a tese de doutorado *Les Katukina du Rio Biá* que versa sobre a história, organização social e cosmologia das comunidades Katukina. Esse é o único trabalho sobre etnografia Katukina do Biá.

1.6 Comunidades Katukina do Biá

1.6.1 Localização geográfica e demografia

Os Katukina do Biá, que se auto-denominam *tukuna* “gente, ser humano”, estão situados nos cursos dos rios Jutaí, no rio Biá, que é afluente do rio Jutaí, e no rio Ipixuna, tributário do rio Biá. De acordo com os dados da OPAN (2000) e Lima (2000), eles eram, em 2000, cerca de 290 pessoas distribuídas pela Terra Indígena Rio Biá, como podemos observar no censo demográfico elaborado por Lima (2000):

Distribuição dos grupos Katukina do rio Biá em 2000				
ALDEIA	IGARAPÉ	RIO	NÚMERO DE CASAS	NÚMERO DE HABITANTES
Boca do Biá		Biá	8	40
Gato		Biá	18	96
Janela		Biá	11	57
Sororoca		Biá	5	20
João Surucucu	Dumã	Biá	4	26
Bela Vista		Ipixuna	5	21
Manduca	Pilão	Ipixuna	9	23
Dario Curumim	Branco	Ipixuna	2	6

Quadro 6: censo demográfico aldeias Katukina do Biá (Lima:2000).

Em cinco anos, a população aumentou para cerca de 400 pessoas e a organização das aldeias também foi modificada. Sendo assim, em 2005 identificamos seis aldeias: Boca do Biá, Gato, Janela, Pilão, Pedral e João Surucucu. De acordo com as informações fornecidas pelos funcionários do convênio FUNASA/Uni-Tefé, em 2005, a população Katukina estava organizada da seguinte maneira:

Aldeias Katukina Dados de 04/2005		
Aldeias: Boca do Biá, Gato, Janela, Pilão, Pedral (?) 6, João Surucucu		
ALDEIAS	NÚMERO DE FAMÍLIAS	NÚMERO DE PESSOAS
Boca do Biá	22	85
Gato	27	110
Janela	27	127
Pilão	8	39
Pedral	?	12
João Surucucu	±7	?
Total	91	401

Quadro 7: população Katukina do Biá em 2005.

⁵Dados gentilmente fornecidos por Antônio Francisco Torres da Silva, auxiliar de enfermagem, convênio FVS/ Uni-Tefé em 07/2005.

⁶A existência da aldeia Pedral era questionável naquele momento, visto que parte dos índios que residia nessa aldeia mudou-se para a aldeia Pilão.

Segundo dados do último censo realizado pela FVS (2007), a população Katukina ultrapassa 500 habitantes⁷.

Adiante, apresentaremos dois mapas que localizam geograficamente a Terra Indígena Rio Biá. O primeiro mapa representa a localização da Terra Indígena Rio Biá no contexto nacional. O segundo mapa, a Terra Indígena em escala maior, ressaltando a distribuição das aldeias Katukina. Em seguida será mostrada uma foto da aldeia mais próxima do município de Jutai, a aldeia Boca do Biá, na qual desenvolvemos grande parte de nossa pesquisa.

⁷Agradecemos ao senhor José Edinelson Ramos, chefe do posto FVS município de Jutai por ter gentilmente cedido os dados do último censo e ao antropólogo Jeremy Deturche por disponibilizar os mapas da TI Rio Biá utilizados neste trabalho.

Figura1: Terra Indígena Rio Biá.

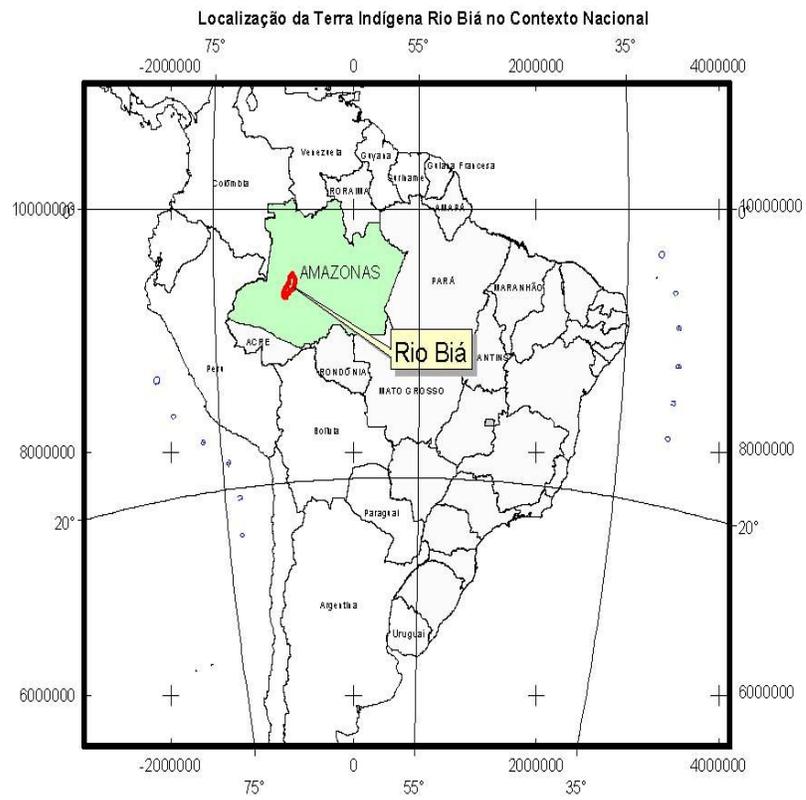


Figura2: Distribuição das aldeias na Terra Indígena Rio Biá.

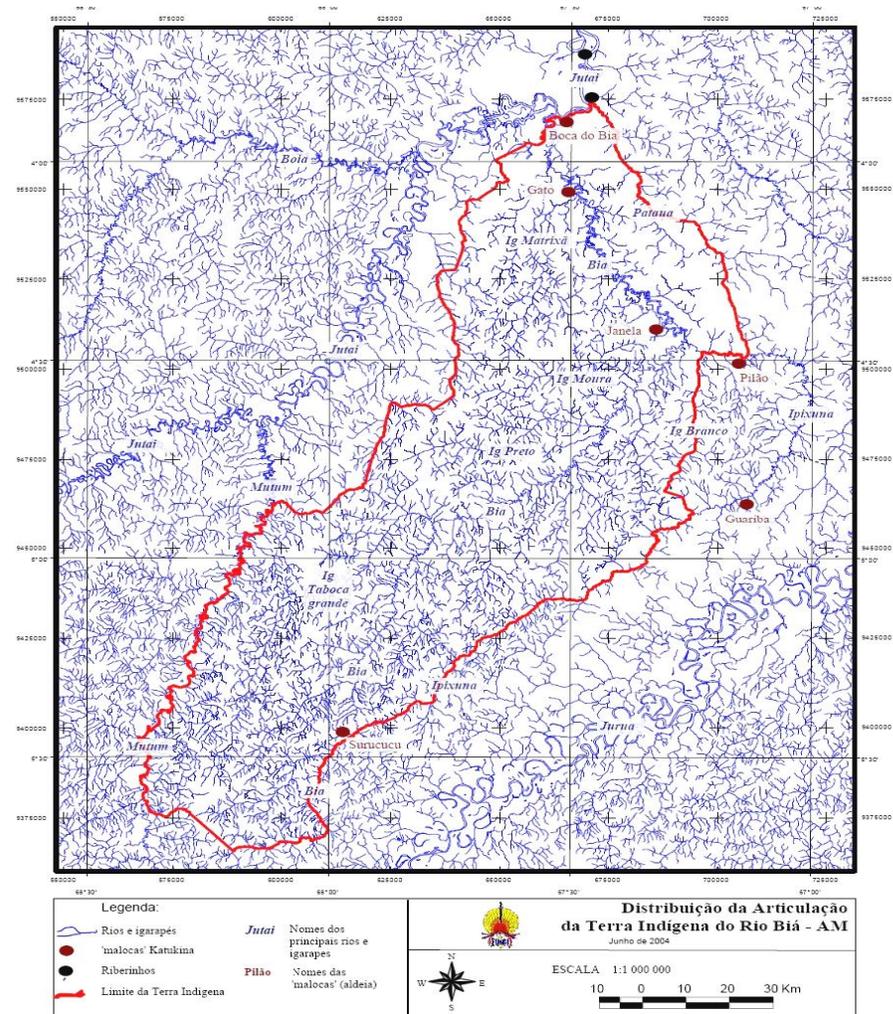




Figura3: aldeia Boca do Biá (foto: Francisco Queixalós, 2003)

1.6.2 Organização social

Tendo em vista que a organização social de acordo com o dyapa não é mais vigente, as comunidades Katukina podem ser divididas em três grupos politicamente diferenciados: as aldeias do baixo rio Biá (aldeias Gato e Boca do Biá), as aldeias do médio rio Biá (Sororoca, Boca do Ipixuna e Bacuri) e a aldeia do alto rio Biá, isolada do convívio com os não-indígenas (Deturche, 2009, p.145).

A chefia da aldeia não é definida por hereditariedade. Sendo assim, o chefe é escolhido entre os membros da aldeia de

acordo com a capacidade de liderança e os conhecimentos sobre os rituais e a mitologia. Os conhecimentos sobre o mundo não-indígena também são levados em consideração na escolha.

A organização em blocos define a realização dos casamentos. Esses acontecem preferencialmente entre pessoas de uma mesma aldeia ou de um mesmo bloco. O casal é a unidade fundamental na vida social e ritual dos Katukina.

A divisão das tarefas entre homens e mulheres também cria uma espécie de “liderança” na aldeia que é compartilhada pelo casal chefe. De um lado, os homens e o grupo em geral são liderados pelo chefe. As decisões acerca dos assuntos femininos são tomadas pelo líder da aldeia e sua esposa. A importância do casal é percebida também nos rituais, pois apenas casais podem participar das cerimônias.

1.6.3 Cosmologia

O mundo no qual os Katukina vivem é um patamar intermediário entre dois céus e mundos subterrâneos⁸ que pode ser dividido em três grandes ambientes: o *ityonin*, isto é, a floresta na qual vivem os humanos; o mundo subaquático, domínio dos espíritos da água, os *hi:manya*; e o mundo de dentro da terra, que é habitado pelos espíritos *baradyahi*. A

⁸Segundo Deturche (2009, p.150) podem existir vários mundos subterrâneos, contudo só foi possível coletar informações sobre o mundo dos *Donmi:n Pohniki*.

interação entre esses três ambientes constitui o cotidiano dos Katukina.

O primeiro e o segundo céu

O primeiro céu é o *Kododik*, que é formado por uma parte que foi arrancada do "nosso mundo" por *Tamakori* e *Kirak*. Nesse primeiro patamar, as almas vivem como na terra. Ali as almas dançam (o que provoca trovoadas), comem, caçam, têm roçados grandes e com muitas frutas. No momento da morte, as almas verdadeiras vão diretamente a esse mundo, mas elas podem voltar para beber água que foi deixada em cima do túmulo onde se encontra seu corpo. Nessa subida para o céu, as almas chegam, são recebidas com festas, casam rapidamente e passam a viver felizes.

O segundo céu, que está acima do primeiro, é chamado de *Ipina*. Para esse lugar, vão as pessoas que foram mordidas por cobras, aqueles que foram assassinados bem como seus assassinos. Na primeira versão desse mito, as vítimas de assassinato chegam primeiro para vingar a sua morte. O assassino é flechado e cai de novo na terra transformando-se em cogumelos encontrados nas árvores podres. Somente uma parte da alma do assassino volta para o *Ipina*, com tamanho menor.

Na segunda versão da história, as almas não se vingam e passam a ser responsáveis de *Tupana*, o que ocorre fora do *Ipina*. Quando as almas chegam ao céu, depois de terem evitado uma onça predadora, são recebidas por *Tupana*, que vai furar-lhes os olhos. Quando o líquido dos olhos verter, a alma

transformar-se-á em chuva⁹. No caso dos assassinos, Tupana se recusa a furar-lhes os olhos e os manda de volta à terra em forma de cogumelo. Apesar de ser colocada numa posição importante no céu, a figura de *Tupana* não se encontra presente na principal ligação que une os vivos com o mundo celeste: os rituais.

O mundo subterrâneo

O primeiro mundo subterrâneo é o domínio dos *Don Min Pönhiki*, "gente das vísceras de peixe". Esse é similar ao mundo dos Katukina, todavia, as reservas de água são transparentes e límpidas e caça e pesca são limitadas. Os humanos que habitam esse mundo têm a pele branca e são basicamente pescadores.

As passagens que ligam esse mundo ao dos Katukina são as cabeceiras dos igarapés, chamadas de *wi:rimi*, "buraco da queixada". Esses lugares servem como ponto de fuga para as queixadas e para outras presas. No patamar inferior, cogita-se a existência de humanos. Contudo, não há muitas informações sobre esse mundo entre os Katukina.

⁹Trovoadas e chuva são tidas como sinal que a alma chegou ao céu, teve seus olhos furados e celebra.

Os espíritos da terra

O primeiro tipo de espírito que pode se encontrar no patamar onde vivem os Katukina é os ogros *baradyahi* e *hi:manyá*. Esses seres não moram na terra, mas podem ser vistos caçando na floresta. Os *baladyahi* moram dentro da terra em aldeias grandes, são pretos e podem subir na terra pelos barrancos. Os *hi:manyá* são a contra-parte aquática dos *baradyahi*, responsáveis pelas turbulências nas águas. São descritos ora como cobra grande, ora como boi (quando saem da água), mas podem também ter aparência humana (especialmente para o xamã). De fato, existem vários tipos de *hi:manyá* e esse termo designa, em determinado momento, todos os espíritos da água, ou em momentos quaisquer, um espírito específico associado às piranhas que aparece em forma de cobra. Existem também o espírito *hi:dak*, protetor dos quelônios, e o espírito *kutumuknin*, protetor das antas. Os *baladyahi* eram Tukuna, mas por terem matado e queimado *Kilak*, *Tamakuli* os levou ao barranco e os deixou afundarem no barro. Os *hi:manyá* moram na água, sendo o tracajá seu assento, a sucuri sua corda e o jacaré sua “avó”.

No mato, vivem os *owi*, “espíritos” que são relacionados a algumas espécies de árvores. O casal de espíritos habita as árvores, sendo que o macho ocupa a copa da árvore enquanto a fêmea instala-se nas raízes. Normalmente, esses seres são invisíveis, mas podem ser ouvidos e até mesmo vistos à noite no mato. São temidos pelos Katukina em virtude de seus poderes xamânicos e pela capacidade de roubar almas para

transformá-las em espíritos tais como o *hi:manya* e *baradyahi*. Se algum animal protegidos por ele for morto, os *owi* são atraídos pelo sangue. Isso faz com que os Katukina tomem grande cuidado na hora de cortar presas ou peixes (o que é feito longe da água, pois a correnteza levaria o cheiro de sangue para lugares aonde existem espíritos). Durante o período pós-parto e durante o ciclo menstrual as Katukina não tomam banho no rio e evitam as idas à floresta.

Ao contrário dos dois primeiros, o terceiro tipo de espírito denominado “*owi* alma” é menos temido. Esse é um dos componentes do ser humano que se separa do corpo no momento da morte.

Os espíritos celestes

Esses são bem diferentes daqueles dos patamares inferiores, pois não são espécies, mas sim personagens individualizados. Apesar de serem chamados também de *owi*, esses espíritos têm nomes e aparência específicos. Por exemplo, o *Kudumari* é um espírito que possui aparência humana, alto, com pele branca e cabelos pretos e longos.

Os espíritos celestes são considerados poderosos e são muito temidos pelos Katukina, pois podem mandar *dyoko* “pedra”¹⁰ potentes. No entanto, esses não são deuses caçadores

¹⁰Como veremos na sub-seção sobre 1.6.6 Xamanismo, *dyoko* é a representação dos feitiços que se manifestam em forma de doença e são lançados por um xamã.

de humanos, e descem à terra apenas nos rituais. Em virtude da ligação com as festas, esses espíritos são nomeados em função da festa na qual atuam. Assim, na festa *pi:da*, “onça” o espírito dominante chama-se *pi:da-wara*. Aqui se reconhece a mesma formação com *wara* (corpo-dono) usado para nomear os espíritos das árvores. Os deuses descem às aldeias para verificar se os Katukina estão realizando os rituais de forma correta.

1.6.4 Mitologia

A mitologia Katukina faz parte do complexo regional amazônico e gira em torno de dois heróis criadores do mundo, dos Katukina, dos outros índios e dos não-índigenas: *Tamakori* e *Kirak*. Em consonância com os Kanamari, *Tamakori* exerce na mitologia Katukina o papel do sábio ao passo que *Kirak* assume o papel de tolo, desleixado, responsável pelo insucesso nos acontecimentos. Contudo, o comportamento de *Kirak* desencadeia a criação do mundo tal como ele é. Como exemplo disso, Deturche (2009:135) cita um exemplo:

“por chorar a morte do seu filho, Kirak condenou os Tukuna a não ressuscitarem após a morte”.

A jornada de *Tamakori* e *Kirak* entre os Katukina se diferencia da identificada entre os Kanamari por não ser relacionada diretamente à criação dos rios e não ocorrer durante uma viagem rio abaixo. A origem da água terrestre é relatada em um mito no qual não aparecem nem *Tamakori* nem *Kirak*.

Todavia, esses heróis são responsáveis pela criação do céu, ação que ocorreu quando os dois arrancaram parte de um pedaço de terra que foi transportado pouco a pouco, ao som dos cantos do *Kohana*¹¹. O mito da criação finaliza-se com a separação dos heróis. *Tamakori* vai morar no leste e *Kirak* no oeste, cada um com seu povo. A morada dos heróis é o local no qual céu e terra se encontram. Nesse local, os heróis não influem diretamente na vida dos Katukina, estando presentes nos ciclos da lua e do sol que comandam, ou durante eventos meteorológicos como a chuva e o arco-íris.

Além do ciclo de mitos, existem vários outros mitos protagonizados por animais com forma humana ou humanos propriamente ditos, chamados de *paiki:dak*, termo de parentesco pelo qual são chamados os homens da geração dos avós. Esses mitos tratam das relações com animais, com espíritos de árvores ou seres poderosos como o *adyabai: tyai* (um ogro devorador de crianças, "adyaba de dente comprido") e o *adyabatiri* (dono do poder de caça). Segundo os Katukina, esses mitos explicam como os bichos se transformaram em animais e explicam, também, a diferença entre espécies num mundo em que animais têm atributos humanos, o que permite a comunicação entre espécies humanas e não-humanas.

A mitologia Katukina também incorpora histórias presentes no folclore brasileiro. Um exemplo identificado encontra-se num mito que relaciona a história de Pedro

¹¹*Kohana* é o ritual mais importante para os Katukina.

Malazarte, figura do folclore brasileiro conhecido por ser extremamente astuto, fanfarrão, desprovido de escrúpulos ou remorso, com um índio Katukina. Para os Katukina, Pedro é um índio que tem a habilidade de enganar o “branco”. As aventuras da personagem na versão indígena são as mesmas de Pedro na versão não-indígena com exceção do desfecho da trama na qual o índio vai ao céu e encontra Adão e Tupana. O último manda Pedro retornar à terra para verificar o que aconteceu depois de um dilúvio. Na terra, Pedro começa a alimentar-se de cadáveres e transforma-se em urubu, enquanto Topana desce com o livro em que estavam anotadas as características de cada espécie para recriar a humanidade e os animais.

1.6.5 Rituais

Os Katukina consideram os rituais momentos privilegiados de comunicação com o patamar superior que se dão por meio da chegada dos espíritos celestes, que como foi dito anteriormente, supervisionam a realização do ritual. Existem seis rituais ligados ao mundo superior envolvendo espíritos celestes: (1) *Kiok dyoko*; (2) *Barakohana*; (3) *Kohana*; (4) *Pida*; (5) *Adyaba* e (6) *Alao*.¹²

Os rituais acontecem sempre à noite e são constituídos de um repertório fixo de cantos. A preparação da cerimônia começa durante o dia com a busca dos produtos que serão

¹²Para mais detalhes sobre os rituais Katukina, consultar Deturche (2009).

utilizados na preparação das bebidas não fermentadas. Ressaltamos que a fabricação dos mingaus é uma tarefa feminina.

Quando as bebidas estão preparadas, os homens vêm bebê-las juntos num espaço localizado entre ou atrás das casas. Depois disso, eles deslocam-se para uma espécie de praça (*hokanin* "espaço limpo") localizada fora da aldeia que é construída em caminhos alternativos de acesso ao roçado ou à rota de caçada. Nesse local, os homens vão contar mitos, histórias, comer e se vestir para as festas. A vestimenta é composta por saias feitas de folhas, que são escolhidas de acordo com o ritual. Nessa praça, se encontra um tipo de mesa *hokanin o:man ton kiori ki:dak*¹³, feita de um tronco batido que tem aproximadamente um metro de altura no qual são depositadas as saias depois das festas. Embaixo do *o:man ton kiori ki:dak*, os espíritos celestes dormem quando estão na terra. É também nessa praça que acontece boa parte da iniciação do pajé.

Os cantos e as danças começam com o pôr do sol. Os homens que se reuniram no *hokanin* chegam à aldeia e reúnem-se no espaço entre ou atrás das casas. O "dono-corpo" da festa vai liderar todos os cantos, e os parentes próximos, isto é, genro(s) e cunhado(s), serão os primeiros a cantar depois do dono da festa. Os homens se dispõem alinhados. Numa ponta,

¹³ *o:man* "árvore, pau"; *ton* "superessivo"; *kiori* "saia do ritual"; *ki:dak* "coisa velha".

encontra-se o cantor, "dono-corpo" da festa, que canta a música que os outros integrantes repetem. Quando o cantor inicia a canção, sua esposa posiciona-se em sua frente e responde ao canto. Depois de alguns minutos, o cantor transmite o canto ao homem que está imediatamente ao seu lado. Nesse momento, a esposa do segundo homem se posiciona na frente dele, ao lado da mulher do "dono-corpo" e começa a cantar. Essa prática se repete até que todos os homens presentes liderem o canto. Durante a canção, as linhas de mulheres e homens giram em torno de um centro que corresponde ao cantor/dono. Movimentos de frente para trás e de trás para frente também podem ser realizados durante a dança.



Figura4: dança.

Cada ritual pode ter um mínimo de quarenta e cinco e um máximo de oitenta cantos, que versam sobre um animal ou uma espécie de uma planta ou árvore. Os cantos geralmente são curtos e algumas palavras são repetidas para dar a impressão de que ocorre um diálogo entre o homem e a mulher que cantam. Próximo do amanhecer, os cantos param e várias “brincadeiras” são realizadas. Uma delas é feita pelos homens que chegam às aldeias cobertos por galhos que têm frutas em lugar de folhas. Cada mulher deve procurar as frutas do marido entre os galhos.

O "dono-corpo" da festa é sempre o mesmo homem, e cada aldeia tem um dono para cada ritual (com exceção do *Kohana*, por ser a festa mais importante e necessitar da reunião de várias aldeias).

1.6.6 Xamanismo

O xamanismo Katukina é muito parecido com o xamanismo Kanamari, ambos chamados de xamanismo de "pedra", pois os agentes patogênicos têm a aparência de *dyoko* “pedra”. O *dyoko* provoca a doença e, para que ocorra a cura, o xamã tem de extraí-lo do corpo do paciente a fim de assegurar sua recuperação.

Para se tornar xamã, um jovem precisa aprender a controlar um *dyoko* colocado por outro xamã. Esse controle vai permitir a comunicação com o mundo dos espíritos e a

aquisição de mais *dyoko*, que é feita sugando a pele dos pacientes ou mediante a troca de *dyoko* com outros pajés.

A principal diferença entre o xamanismo Katukina e Kanamari está no fato de que, para os primeiros, os *dyoko* não são as únicas ferramentas dos primeiros xamãs, pois eles têm a possibilidade de controlar e até criar espíritos principalmente a partir das almas.

Com exceção das almas celestes, todas as almas podem ser familiarizadas, isto é, controladas pelo xamã por meio de técnicas específicas. Assim, para conseguir uma alma-onça ele vai ter que lutar e capturá-la, o que só é possível aos *baohi tan* (*baohi* “pajé” *tan* “verdadeiro”). Com as outras almas basta conversar e negociar que se obtém o controle sobre essas. Mas essa familiarização é só o início do processo que vai converter essas almas em auxiliares do xamã. Uma vez que as almas estão sobre controle, dentro da barriga do xamã, esse deve pouco a pouco moldá-las, colocando-lhes *dyoko*. São esses espíritos auxiliares que o pajé envia para espionar uma aldeia inimiga, ou para dizimá-la. O poder do xamã Katukina está na capacidade que possui em conseguir espíritos auxiliares, e não nas coleções de *dyoko* que possa adquirir.

1.6.7 Língua e Educação

Os Katukina fazem parte de uma comunidade formada, em sua maioria, por falantes monolíngues. Grande parte das mulheres e das crianças falam somente Katukina. Essa situação

é diferente para a parte masculina da população, sobretudo para os chefes das aldeias e para os homens que trabalham como agentes indígenas de saúde ou professores contratados pela prefeitura do município de Jutai. Observamos que esses são falantes bilíngues tendo como segunda língua o português. Todavia, a situação de monolinguismo entre mulheres e crianças tem sido modificada drasticamente nos últimos sete anos, tendo em vista que o contato com a população não-indígena tem crescido, sobretudo, nas aldeias mais exteriores localizadas no rio Biá, isto é, aldeia Boca do Biá e Gato.

Os conhecimentos tradicionais da sociedade Katukina são repassados oralmente pelos mais velhos aos mais novos. Todavia, com a intensificação do contato com a sociedade não-indígena, as comunidades Katukina foram inseridas no plano de expansão escolar promovido pelo município de Jutai (AM), a partir de 2003. Convém ressaltarmos que, até esse ano, as comunidades do Biá eram ágrafas. A prefeitura municipal contratou, a partir de 2003, professores indígenas que eram sempre oriundos de outra etnia, em sua maioria falantes monolíngues de português, mas que tinham como auxiliares professores Katukina escolhidos nas comunidades. Também foram enviados exemplares dos livros didáticos, mesas e cadeiras utilizadas nas escolas municipais. Contudo, o sistema educacional oferecido aos Katukina mostrou-se ineficiente por ter sido transferido tal qual como era utilizado na comunidade

municipal que apresenta uma realidade cultural/linguística totalmente diferente da realidade dos indígenas.

Diante da constatação da ineficácia desse sistema, foram realizadas algumas ações que objetivaram a adequação do sistema escolar à realidade Katukina. A organização não-governamental OPAN (Operação Amazônia Nativa) que trabalha tanto com os Katukina quanto com os Kanamari desde 1980, promoveu em 2006, a primeira etapa de discussão sobre alfabetização e ortografia para as comunidades Katukina do Biá. Como assessores linguísticos no projeto, desenvolvido pela OPAN, Zoraide dos Anjos e Francisco Queixalós apresentaram aos índios Katukina um panorama da fonologia da língua organizado a partir da sistematização/descrição da fonologia Katukina, advindo da dissertação de mestrado *Fonologia Katukina (dialeto Katukina do Biá)* produzida por Zoraide dos Anjos. Visto que o dialeto Kanamari já possuía uma grafia proposta pelos missionários da Missão Novas Tribos e que poderia ser utilizada no dialeto Katukina, explicou-se aos Katukina do Biá os aspectos positivos de adotar-se a grafia existente: utilização de material didático já produzido em Kanamari; unificação da ortografia. Após discussão entre as lideranças presentes no curso, ficou acertado que os Katukina do Biá teriam uma grafia independente daquela utilizada pelos Kanamari. Dessa forma, os consultores linguísticos apresentaram uma proposta de grafia que foi aceita pelos índios Katukina do Biá e que está em uso nas escolas. Atualmente, em algumas comunidades, como na aldeia Gato, o professor antes monolíngue em português e pertencente a outra

etnia foi substituído por seu auxiliar falante Katukina que ministra aulas para adultos e crianças na língua materna.

1.7 Comunidades Kanamari

Originalmente, a população Kanamari habitava as margens dos tributários do alto-médio rio Juruá, no estado do Amazonas (Costa, 2007). A maioria da população, que atualmente é formada por cerca de 1700 indivíduos¹⁴, ocupa o médio rio Juruá e está distribuída em três diferentes terras indígenas (TIs) no estado do Amazonas: (i) TI Vale do Javari na qual as comunidades ocupam os rios Curuçá, Javari, Itaquai e Jutai; (ii) TI Mawetek contígua ao sul da terra indígena Vale do Javari e que compreende os tributários da margem esquerda do médio Juruá; (iii) TI Kanamari, situada nos tributários da margem direita do Juruá, rio localizado abaixo da cidade de Eirunepé. As comunidades Kanamari ainda ocupam duas pequenas áreas nos rios Japurá, Maraã e Paraná do Paricá. Há, ainda, um grupo formado por sessenta indígenas Kanamari morando em uma comunidade em Umariacú, no alto Solimões. Foram identificadas também duas comunidades com cerca de cem indivíduos no alto rio Jutai e uma comunidade próxima à cidade de Carauari. Apresentaremos, adiante, um mapa que situa, geograficamente, as comunidades indígenas Kanamari

¹⁴De acordo com as informações da Fundação de Vigilância de Saúde (FVS).

localizadas no estado do Amazonas. Em seguida, uma foto de umas das aldeias Kanamari.

Figura6: aldeia Flexal (foto: Rogério Sávio Link, 2010).



1.7.1 Organização social

Os Kanamari se dividem em sub-grupos que recebem o nome de um animal seguido pelo sufixo *-dyapa*. Os nomes dos sub-grupos antigamente eram associados a rios específicos e seus afluentes. Os indígenas conhecem um número razoável de sub-grupos nomeados, mas dizem que sempre podem haver mais sub-grupos nos limites do território. Assim, a sociedade

Kanamari não se concebe de forma totalizada, mas em sua fragmentação, pluralidade e dispersão (COSTA, 2007, p. 93).

Antes da chegada dos não-indígenas, os Kanamarí afirmam que os *-dyapa* estavam circunscritos a alguns tributários do rio Juruá, com o qual ainda são identificados. Os Kanamarí afirmam que, no passado, esses sub-grupos não realizavam casamentos entre si e mantinham relações ritualísticas e comerciais que, ocasionalmente, se tornavam hostis.

Por razões históricas, iniciou-se um processo de rompimento da hegemonia dos sub-grupos. A presença de não-indígenas e rivalidades internas levaram a intercasamentos e deslocamentos, resultando em novas configurações em que o *-dyapa* deixou de ser uma norma. Atualmente é mais difícil distinguir os sub-grupos que são mais próximos daqueles sub-grupos mais distantes.

Os sub-grupos são definidos pela distância que estabelecem entre si. Enquanto alguns sub-grupos formam estreitas alianças, eles o fazem expelindo de tais alianças outros *-dyapa*. Essa dinâmica de proximidade e distância é parte integral da configuração social Kanamarí e, apesar da aproximação entre alguns sub-grupos ter uma considerável profundidade temporal, a maioria das alianças tende a ser efêmera. Com frequência, alianças reiteradas entre sub-grupos *-dyapa* resultam na assimilação de um pelo outro, como ocorreu com os *Don-dyapa* (Peixe-*dyapa*), hoje quase totalmente considerados uma parte dos *Bi:n-dyapa* (Mutum-

dyapa) (Costa, 2007, p. 95). Estes casos ocorrem, frequentemente, quando morre o chefe de um subgrupo, evento que leva os sobreviventes a migrarem em busca de novos chefes, mesmo que esses sejam associados a outros sub-grupos.

As fronteiras entre os sub-grupos já não são precisas, e os constantes intercasamentos desenvolveram pessoas que se identificam e são identificadas com uma pluralidade de *-dyapa*. Assim, embora os Kanamari digam que pessoas de outros sub-grupos não são parentes ou são parentes distantes, eles sabem que a convivência fez com que as gradações entre “parente verdadeiro” e “não-parente” ficassem menos claras.

Os Kanamari vêm lançando mão de duas soluções contrastantes para essa situação. No Itaquai, por exemplo, as aldeias maiores e mais antigas estão sendo divididas em outras menores com feições variadas, mas que constituem tentativas de criar sub-grupos. Assim, pequenas aldeias são formadas para aglomerar pessoas do mesmo subgrupo ou de sub-grupos aliados, de modo que hoje o Itaquai é dividido em três agrupamentos baseados, a grosso modo, no pertencimento a sub-grupos.

A outra solução também remete a uma tentativa de restabelecer a autonomia dos sub-grupos, mas isso é feito em outra direção, já que pessoas viajam para rios mais distantes para buscar viver com pessoas do mesmo subgrupo. Um exemplo recente disso foi o movimento conjunto dos *Bi:n-dyapa* (*Mutum-dyapa*), grupo que veio do *Kumarunhu*, na TI Mawetek, para o Itaquai, a maioria se estabelecendo em local próximo à aldeia *Bi:n-dyapa* do Massapê.

A mobilidade Kanamari serve assim a dois propósitos: (1) aparentar pessoas que eles afirmam que antes não deveriam se aparentar; (2) levar pessoas que estão se aparentando para longe, na tentativa de recriar a integridade que eles imaginam que os sub-grupos *-dyapa* mantinham.

1.7.2 Cosmologia

O mundo em que vivem os Kanamari é o resultado da queda do Céu Antigo (*Kodo Ki:dak*) e da subsequente presença do herói criador *Tamakori*. Eles dizem que o sapo *Piyoyon* atirou uma flecha no Céu Antigo, que era muito baixo, bem em cima da cabeça das pessoas, despedaçando-o. Os vestígios do céu que veio abaixo criaram a floresta e o chão que pisamos. Por trás do Céu Antigo, surgiu o Céu Novo (*Kodo Abowawa*) que fica muito longe da terra.

Os Kanamari vivem no *ityonin*, termo que pode significar “mundo” e “floresta”, mas também “tempo”. Dentro do céu, existe o Céu Interior, *Kodo naki*¹⁵, onde vivem as divindades *Kohana*. Quando alguém morre, os *Kohana* vêm para a Terra para levar a alma (*ikonanin*) para o Céu Interior seguindo o arco-íris (ou, de acordo com outros Kanamari, viajando rio acima). A viagem é longa e, no caso dos adultos,

¹⁵*kodo-na iki* “dentro do céu”.

corresponde a um processo de rejuvenescimento. Todos que estão no Céu Interior são jovens.

Assim que a alma chega ao Céu, encontra sua rede pronta, podendo descansar da viagem. Lá, a alma bebe a caiçuma (*koya*) dos Kohana, que é o vômito do Urubu Rei Velho, um ser que só existe no Céu Interior. Depois de consumir a bebida celestial, ela recebe um corpo feito de folhas de palmeira de buriti e lhe é dito: “Nós cuidaremos de você a partir de agora. Você não voltará para a floresta”. A partir de então, a alma passa a ser considerada Kodoh-warah, ‘Corpo/Chefe/Dono Celeste’, assim como os demais Kohana.

O tempo entre a morte e a aquisição de um novo corpo no Céu Interior é equivalente ao tempo do luto (*mahua*) na Terra. As almas Kanamari possuem duas características inter-relacionadas: são intensamente móveis e sempre tentam vincular-se a corpos. O trabalho dos corpos é conter o trânsito das almas, assim como os chefes de aldeia na terra controlam o trânsito dos Kanamari.

Durante o período de luto, a alma se move incessantemente entre a Terra e o Céu. Quando está na Terra, ela se aproxima dos corpos de seus parentes, particularmente das crianças pequenas, causando-lhes doença. A alma precisa ser “assoprada” (*topoman*) por um homem que tenha bebido o suco do *omamdak*, uma capacidade acessível a todos os homens adultos.

O termo genérico para “almas” – tanto de animais como de humanos – é *tukuna ikonanin*, que significa “pessoa-alma”. A maioria dos animais possui destino equivalente. Na morte, as

almas vão para o Céu Interior, onde também, após um período de descanso, recebem um novo corpo. Mas, no intervalo entre a morte e a aquisição do novo corpo, a alma de animais, assim como a de humanos – ambas sendo *tukuna ikonanin* – tentam atacar os corpos dos vivos.

1.7.3 Xamanismo

Depois da queda do Céu Antigo, que criou o mundo atual, a distância entre a Terra e o Céu se tornou muito grande para ser alcançada em condições normais. Entretanto, o poderoso xamã *Dyanin* foi, há pouco tempo, capaz de ascender ao Céu Interior com a ajuda de seus espíritos familiares (*dyoko*). É de lá que ele contou aos Kanamari o que soube sobre a vida dos Kohana. Ele disse que tudo que existe na Terra também existe lá, com a única diferença que depois da morte todos são parentes. Não existem sub-grupos no Céu Interior, tampouco diferenças entre as pessoas. Lá vivem juntos, sem conflitos: os Kanamari, os grupos falantes de línguas Pano com quem os Kanamari brigam na Terra; os Kulina, com quem os Kanamari mantêm relações tensas e ambíguas; e os brancos, que causaram aos Kanamari a maior parte de seu sofrimento nos últimos 150 anos. São todos feitos parentes entre si através de seus “Corpos/Chefes/Donos” Celestes.

Os xamãs possuem um suplemento de alma em seus *dyoko*-familiares. Os *Dyoko* são espíritos poderosos e antigos, que enviam flechas mágicas que enfeitiçam as vítimas. O corpo

do xamã é impregnado com a substância *dyoko*, que lhe permite extrair flechas-*dyoko* de seus pacientes. O xamã tem também um número de *dyoko*-familiares, que assumem a forma de uma pedra resinosa, a qual, no entanto, não pode manter em seu corpo sob o risco de perder a razão. Por isso, ele mantém tais seres em uma bolsa, onde devem ser regularmente alimentados com fumaça de tabaco. Estes *dyoko* são frequentemente espíritos-animais que estão na Terra desde o começo dos tempos e foram anteriormente familiarizados por xamãs que já morreram.

Esses familiares designam os xamãs de *i-wara*, “meu ‘corpo-dono’”, e o processo de familiarização corresponde à redução do espírito e a sua transformação em uma pedra que pode ser guardada com segurança. Com a morte de um xamã, esses familiares recuperam seus corpos e sua consciência, que precisam ser refamiliarizados por outro xamã, caso contrário, começarão a atacar os vivos. O próprio xamã tem uma alma *dyoko*, chamada *Pi:da diwakon* (“Coração do Jaguar”), que assume forma de Jaguar quando o corpo do xamã morre. É necessário que essa alma seja familiarizada por outro xamã para que ela não aflija os vivos.

O “Coração de Jaguar” do xamã também é chamado de *Kohana*. Alguns Kanamari acreditam que a alma do xamã, em vez de ir para o Céu Interior, permanece na Terra, onde vira *Kohana*. Outros dizem que o xamã é capaz de familiarizar os *Kohana* celestes, transformando-os em grandes pedras que são usadas no ritual de ‘Devir *Kohana*’. Tal contradição parece expressar uma propriedade fundamental dos *Kohana*, que é sua

capacidade de atravessar reinos que deveriam ser separados, como o Céu e a Terra, os mortos e os vivos, Jaguares e Humanos.

1.7.4 Rituais

Os *dyoko* são essenciais no ritual de ‘Devir Kohana’. Nesses rituais, um xamã introduz o *Kohana-dyoko* em homens vivos, trajados com uma vestimenta de palmeira de buriti chamada *wakwama*, que tem a forma dos corpos dos *Kohana*. Os homens ficam em um estado chamado de *parok*, período em que perdem a consciência, sendo os *dyoko* que cantam através deles. As canções que os *Kohana* cantam são entoadas para as mulheres, que as aprendem para a humanidade. Essas canções são fundamentais para o processo de regeneração da vida.

As canções que compõem o ritual Kohana são chamadas de *Kodo-warah*, “corpos/chefes/donos celestes”, sendo assim diferenciadas das canções do Jaguar, que são chamadas de *Ityonin-wara*, “corpos/ chefes/donos da floresta”. Estas últimas são cantadas nos rituais *Pi:da-pa* (“Devir Jaguar”) e também são conhecidas, simplesmente, como *Pi:da* “Jaguar”. A maioria delas é antiga, embora novas canções sejam aprendidas pelos *Pi:da nawa noman* “Cantores do Jaguar”.

Um dos propósitos das canções de Jaguar é efetuar o estágio final do período de luto. Com a morte de um indivíduo, uma mecha de cabelo é cortada e guardada por um parente co-

sanguíneo próximo. Quando se decide que o período de luto está concluído, é realizado o ritual *Pi:da Nyanin* (“Grande Jaguar”) no qual os homens, agora chamados “Jaguars”, enterram a mecha de cabelo no pátio da aldeia. O ritual continua por dias, durante os quais as canções de Jaguar são cantadas, lideradas pelos “cantores do Jaguar” e repetidas pelas mulheres. O objetivo do ritual é garantir a regeneração da floresta e da sociedade através da morte dos humanos.

Tanto no caso dos rituais de ‘Devir Kohana’, como naquele do ‘Devir Jaguar’, os cantos e danças ocorrem à noite. Durante o dia, os homens fazem expedições de caça e pesca. Essas canções também são entoadas durante a produção de bebida de mandioca e pupunha, assim como nas expedições de coleta de frutos.

1.7.5 Língua e Educação

O uso da língua materna, apesar da pressão exercida pela sociedade não-indígena, é valorizado e difundido entre os Kanamari sobretudo entre as crianças que são monolíngues. Todavia, essa situação parece ser um pouco diferente, sobretudo, nas comunidades que vivem próximas à cidade de Eirunepé nas quais o contato com a sociedade não-indígena é mais intenso.

Ao lado do sistema de transmissão oral dos conhecimentos tradicionais, observa-se que a educação bilíngue já faz parte do cotidiano dos Kanamari. Os primeiros projetos

em educação com essas comunidades foram desenvolvidos pela organização Missão Novas Tribos do Brasil entre 1980 e 1990. Essa organização trabalhou com os Kanamari nos primeiros projetos educacionais criando uma primeira proposta de sistema ortográfico para esse dialeto que até hoje é utilizado por várias comunidades.

As primeiras cartilhas de alfabetização Kanamari, das quais temos conhecimento, foram produzidas com essa grafia. Outras organizações missionárias e não governamentais têm trabalhado com os Kanamari desenvolvendo projetos educacionais bilíngues. Entre elas, citamos o CTI (Centro de Trabalho Indigenista) e a organização missionária COMIN (Conselho de Missão entre índios) que têm promovido cursos de formação bilíngue e produzido, juntamente com os indígenas, cartilha de alfabetização na língua materna e em português e coletâneas sobre a tradição oral em versão bilíngue.

II Fonologia

Introdução

Este capítulo tem por objetivo apresentar os aspectos fonológicos e morfofonológicos identificados na língua Katukina. Na primeira parte desse capítulo, denominada Fonemas, trataremos dos segmentos consonantais e vocálicos apresentando suas oposições fonológicas e respectivas manifestações fonéticas.

Em Estrutura silábica, segunda parte desse capítulo, trabalharemos com os ambientes organizadores dos fonemas, que, nessa língua, são a sílaba e o vocábulo fonológico. No que se refere à sílaba, apresentaremos, primeiramente, o resumo da estrutura silábica e o inventário dos padrões silábicos. Em seguida, demonstraremos quais são as consoantes que ocupam posição de ataque silábico, as que ocupam a posição de coda e as vogais que ocupam a posição de núcleo. Demonstraremos as realizações fonéticas das consoantais e vocálicas.

No que se refere à palavra, apresentaremos as diferenças existentes entre palavra gramatical e palavra fonológica e trataremos especificamente do processo fonológico de sandhi.

Na seção destinada ao acento, trataremos de seus correlatos fonéticos.

A segunda parte do capítulo, denominada Morfofonologia é dedicada aos processos morfofonológicos, tais como a alomorfia dos prefixos pessoais e a cliticização dos sufixos *-na*, *-nin* e *-hi*.

2.1 Fonemas

2.1.1 Consoantes

Os fonemas consonantais, que são quatorze, estão organizados em dois subsistemas: o primeiro é formado pelos segmentos [-soantes] e o segundo pelos segmentos [+soantes], como podemos observar no quadro seguinte:

		Labial	Alveolar	Palatal	Velar	Laringal
[-soante]	[-voz]	p	t	tʃ	k	h
	[+voz]	b	d	dʒ		
[+soante]	[+nasal]	m	n	ɲ		
	[-nasal]		l			

Quadro 8: fonemas consonantais

Os segmentos obstruintes estão divididos pelo traço [voz]. Verificamos a existência de fonemas obstruintes [-voz] e [+voz], sendo que /p/, /t/, /tʃ/, /k/, /h/ são [-voz] enquanto /b/, /d/ e /dʒ/ são [+voz]. No que se refere ao ponto de articulação, os segmentos obstruintes distribuem-se em cinco pontos: labial, alveolar, palatal, velar e laringal.

Os segmentos do subsistema [+soante] contrastam pelo traço de nasalidade. Dessa forma, temos segmentos soantes [+nasal] e [-nasal], sendo que /m/, /n/ e /ɲ/ são [+nasal] enquanto e /l/ é [-nasal].

Os fonemas soantes [+nasal] distribuem-se em três pontos de articulação: labial, alveolar e palatal, respectivamente, /m/, /n/ e /ɲ/. O segmento soante [-nasal] é a consoante lateral alveolar /l/.

A seguir ilustramos as oposições entre os fonemas consonantais.

(1) **p/b**

/pa:da/	[pa: . 'da]	"cuia"
/ba:da/	[ba: . 'da]	"catipuru"
/u:ba/	[o: . 'ba]	"tabaco"
/kupa/	[ko ^h . 'pa]	"paxiubinha"

(2) **t/d**

/tuŋ ¹⁶ /	[tõŋ]	"cesto"
/duŋ/	[dõŋ]	"peixe(sp)"
/ti:ti/	[ti: . 'ti]	"lavar"
/ti:di/	[ti: . 'di]	"atravessar"

¹⁶Os símbolos K e ŋ representam os arquifonemas em posição de coda silábica. Ver seção 2.2 Estrutura silábica.

(3) **tʃ/ dʒ**

/tʃaŋ/	[tʃãŋ]	"sol"
/dʒaŋ/	[dʒãŋ]	"caminho"

/kamudʒa/	[ka . mu . 'dʒa]	"macaco barrigudo"
/amutʃa/	[a . mu . 'tʃa]	"fugir"

(4) **t/ tʃ**

/tu:/	[to:]	"descansar"
/tʃu:/	[tʃo:]	"pupunha"

/kitana/	[ki . ta . 'na]	"socó"
/kitʃana/	[ki . tʃa . 'na]	"gato do mato"

(5) **d/ dʒ**

/daŋ/	[dãŋ]	"caminho"
/dʒaŋ/	[dʒãŋ]	"caçar"

/pa:da/	[pa: . 'da]	"cuiá"
/pa:dʒa/	[pa: . 'dʒa]	"tamanduá"

(6) **m/n**

/makuna/	[ma . ku . 'na]	"cará"
/nukunana/	[no . ku . na . 'na]	"tucunaré"
/uamulu/	[wa . mo . 'lu]	"matrinxã"
/uanama/	[wa . na . 'ma]	"macaco mambira"

(7) **n/ɲ**

/naɲ/	[nãɲ]	"carapanã"
/ɲa/	[ɲa]	"seio"
/mana/	[ma . 'na]	"procurar "
/maɲa/	[ma . ɲa]	"coisa grande"

(8) **n/l**

/nu:lu/	[no: . 'lu]	"macaco zogue-zogue"
/lu:bu/	[lu: . 'bu]	"ir"
/manulu/	[ma . no . 'lu]	"mosca"
/malu/	[ma . 'lu]	"tatu"

(9) **i/ɲ**

/ialikuŋ/	[ja . i . 'kõŋ]	"jaraqui"
/ɲadiŋhi:ŋ/	[ɲa . ðiŋ . 'hí:ŋ]	"tempestade"

/maɲa/	[ma . 'ɲa]	"coisa grande"
/maiaŋ/	[ma . 'jãŋ]	"parentes"

(10) **dʒ/ɲ**

/dʒaŋ/	[dʒãŋ]	"caçar"
/ɲa/	[ɲa]	"seio"

/uadʒa/	[wa . 'dʒa]	"lua"
/aɲa/	[a . 'ɲa]	"mulher"

(11) **b/u**

/bamaK/	[ba . 'makʔ]	"pacu"
/uanama/	[wa . na . 'ma]	"macaco mambira"

/bibiK bibiK/	[bi . 'bikʔ bi . 'bikʔ]	"trovejar"
/bi:uiK/	[bi: . 'wikʔ]	"chupar "

(12) **u/i**

/u <u>u</u> /	[wu]	"querer"
/i <u>u</u> /	[ju]	"interrogativo"
/ma <u>u</u> i/	[ma . 'wi]	"preguiça"
/maia <u>u</u> /	[ma . 'jãu]	"parentes"

(13) **d/l**

/d <u>u</u> :hau/	[du : . 'hãu]	"descer"
/l <u>u</u> :bu/	[lu : . 'bu]	"ir"
/ku: d i/	[ko : . 'di]	"tomar banho"
/u: l i/	[o : . 'li]	"corda"

(14) **b/m**

/bala/	[ba . 'a]	"caça"
/malu/	[ma . 'lu]	"tatu"
/babud <u>z</u> u/	[ba . bu . 'dz u]	"carauçu"
/am <u>u</u> /	[a . 'mu]	"macaco parauacu"

(15) **k/h**

/ki:/	[ki:]	"cabeça"
/hi:uaŋ/	[hi: . 'wãŋ]	"chamar"

/bakuŋ/	[ba . 'kõŋ]	"dedo da mão"
/mahuki/	[ma . ho . 'ki]	"avisar"

2.1.2 Vogais

O sistema vocálico é composto por oito fonemas como podemos observar no quadro seguinte:

	Palatal	Velar	
		[-labial]	[+labial]
[+alto]	i i:	u u:	u u:
[-alto]		a a:	

Quadro 9: fonemas vocálicos

Os traços duração e abertura sub-dividem o sistema vocálico. No que se refere ao traço duração, temos quatro fonemas breves que se opõem a quatro fonemas longos. Os segmentos vocálicos breves

identificados são: /i/¹⁷, /u/, /u/, /a/ e os segmentos longos são: /i:/, /u:/, /u:/, /a:/.

Observemos os espectrogramas das palavras /**ka:ki**/ “cair”, /**kapaju**/ “mamão”, /**tʃu:**/ “pupunha”, /**tʃu**/ “imperativo”, /**i:tʃu**/ “arco” e /**ikau**/ “chorar” para analisarmos a duração das vogais longas e breves.

¹⁷Como veremos mais adiante, na seção 2.3.1, as vogais altas /i/ e /u/ realizam-se como os glides [w] e [j] em posição de ataque silábico.

Figura7: espectrograma do vocábulo /ikau/ “chorar”

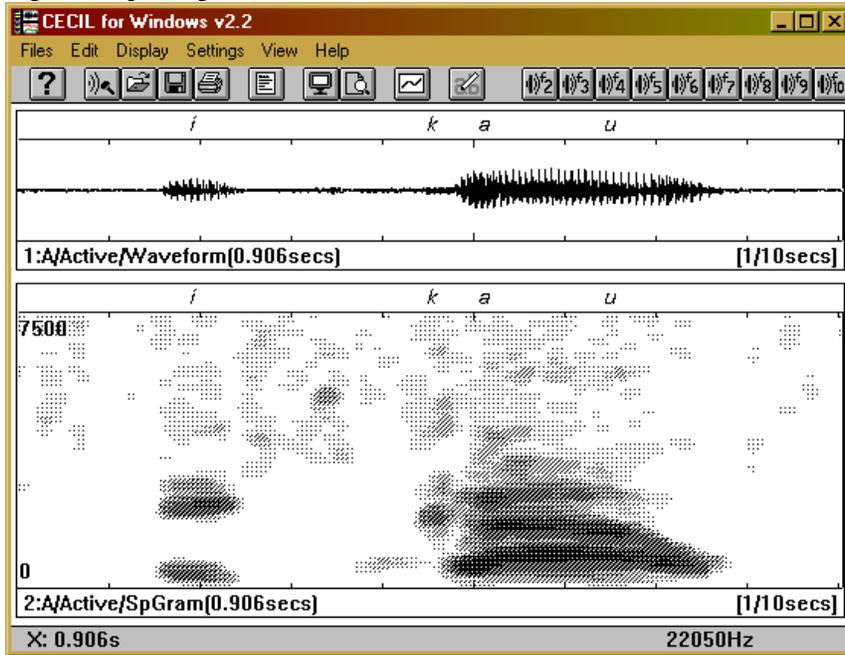
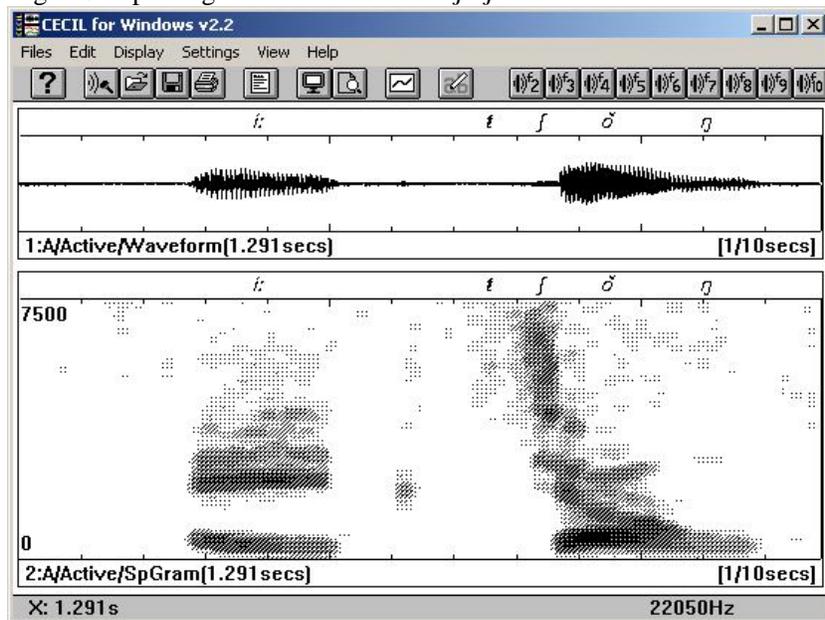


Figura8: espectrograma do vocábulo /i:'tʃuŋ/ “arco”



Nas palavras /i'kau/ “chorar” e /i:'tʃuŋ/ “arco”, /i/ e /i:/ têm, respectivamente, 076 e 198 milésimos de segundo de duração.

Figura9: espectrograma do vocábulo /tʃu/ “exortativo”

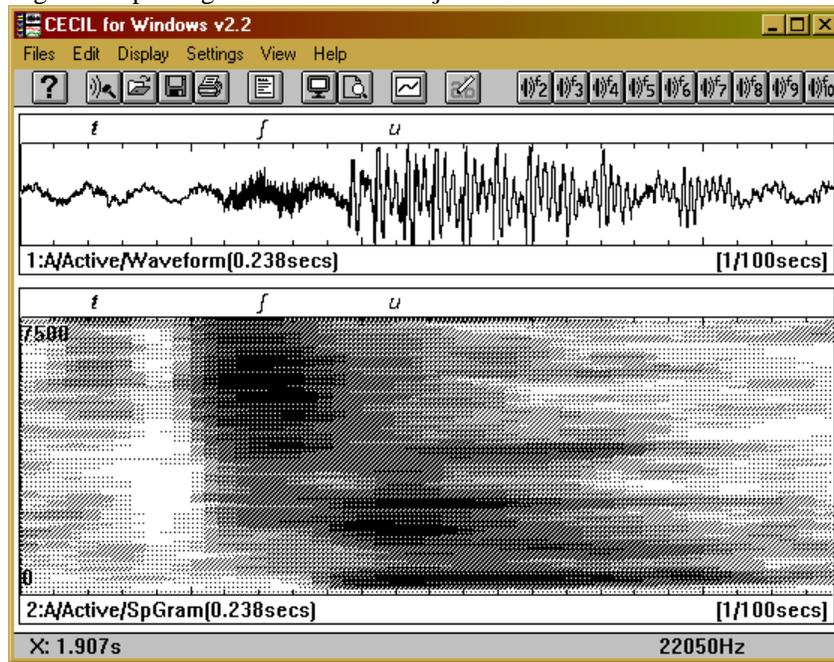
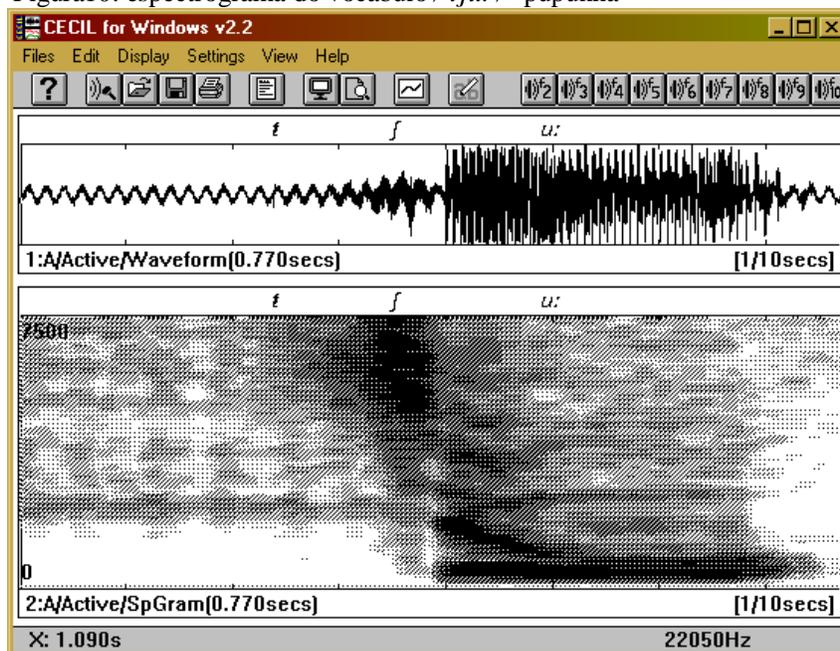


Figura10: espectrograma do vocábulo /tʃu:/ “pupunha”



No par /tʃu/ “imperativo” e /tʃu:/ “pupunha” as vogais /u/ e /u:/ tiveram a seguinte duração: /u/, 092 milésimos de segundo e /u:/ 211 milésimos de segundo.

Figura 11: espectrograma do vocábulo /kapaiu / “mamão”

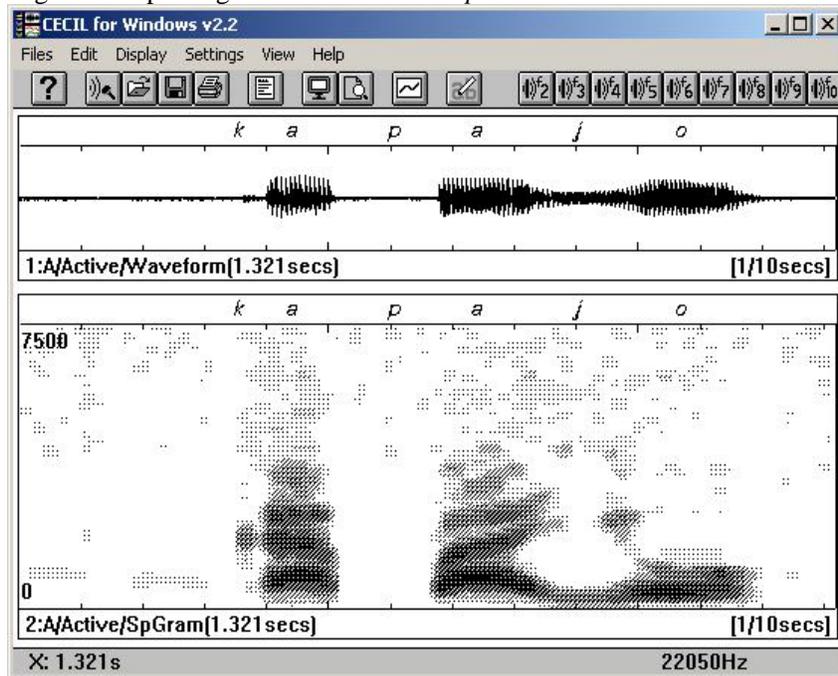
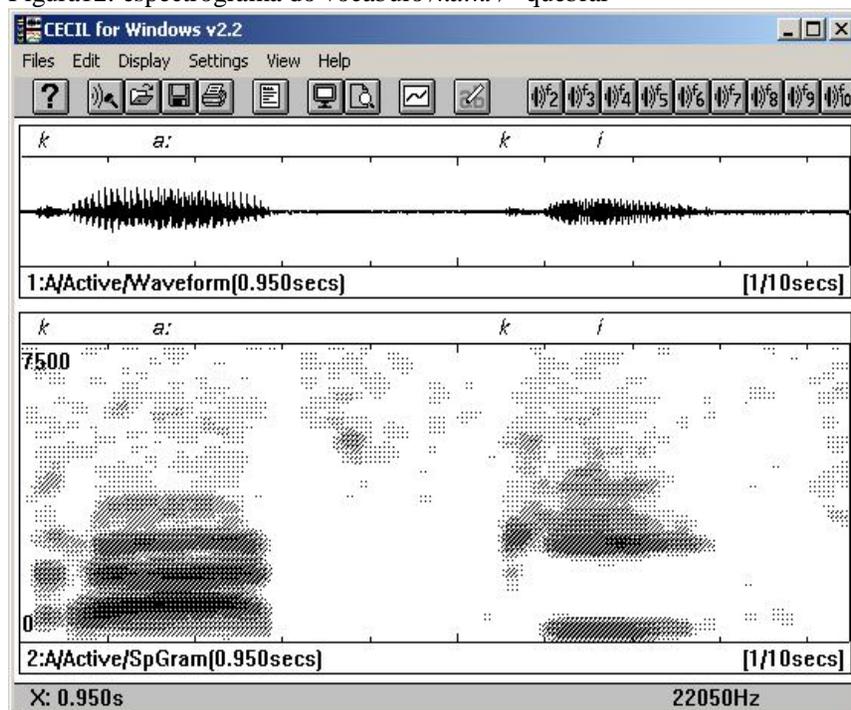


Figura12: espectrograma do vocábulo /ka:ki / “quebrar”



Notamos que nas palavras /**ka:ki**/ “quebrar” e /**kapaiu**/ “mamão” a duração das vogais, em milésimos de segundo, /**a:**/ e /**a**/ é, respectivamente, 201 e 097 .

Tendo como base esses exemplos, podemos concluir que a duração de uma vogal longa corresponde à duração de duas vogais breves.

As vogais em Katukina contrastam dois graus de abertura. Como vogais [+alto] temos /i/, /ɯ/ e /u/ e como [-alto] a vogal /a/. O contraste de abertura aqui descrito aplica-se tanto para os fonemas breves quanto para suas contrapartes longas.

Em relação ao ponto de articulação, as vogais são palatais ou velares. Identificamos como vogais palatais /i/ e /i:/ e como vogais velares /ɯ/, /ɯ:/, /u/, /u:/, /a/, /a:/.

No que se refere à protusão dos lábios, temos fonemas [+labial] e [-labial]. Classificamos /ɯ/, /ɯ:/, /a/, /a:/ como segmentos [-labial] e /u/, /u:/ como [+labial].

Em seguida, apresentamos as oposições fonológicas vocálicas:

(16) **i/i:**

/i/	[i]	"dente"
/i:/	[i:]	"pé"

(17) **ɯ/ɯ:**

/wɯ/	[wɯ]	"querer"
/wɯ:lɯ/	[wɯ: . 'lɯ]	"garganta"

(18)	u/u:		
	/t <u>f</u> u/	[t <u>f</u> o]	"exortativo"
	/t <u>f</u> u:/	[t <u>f</u> o:]	"pupunha"
(19)	a/a:		
	/w <u>a</u> paŋ/	[wa . 'pãŋ]	"marí"
	/w <u>a:</u> paŋ/	[wa: . 'pãŋ]	"ter fome"
(20)	i/u		
	/i/	[i]	"pé"
	/u/	[o]	"beber"
(21)	u/ɯ		
	/p <u>u</u> /	[p <u>u</u>]	"ovo"
	/p <u>ɯ</u> /	[p <u>ɯ</u>]	"comer"
(22)	i/ɯ		
	/ba <u>K</u> ti/	[bak ⁷ . 'ti]	"perto"
	/ba <u>K</u> ɯ/	[bak ⁷ . 'ɯ]	"ruim"

(23) **ʉ/a**

/bʉK/	[bʉkʔ]	"fazer"
/baK/	[bakʔ]	"ser bom"

Foram identificados também os ditongos fonológicos /ui/, /ai/ e /au/ que ilustramos nos exemplos seguintes:

(24) **/ui/**

/uuikaŋ/	[woi . 'kãŋ]	"remar"
/tʃauabuiK/	[tʃa . wa^h . 'boikʔ]	"comer"
/puiK/	['poikʔ]	"descascar"
/hui/	['hoi]	"ser muito"

(25) **/ai/**

/uai/	['wai]	"vespa"
/paiku^{KAN}/	[pai . 'ko]	"pai"
/kaiKna/	[kaikʔ . 'na]	"macaco mambira"
/dauaikaŋ/	[da . wai . 'kãŋ]	"cair"

(26) /au/

/uauK/	['waok']	"chegar"
/taukala/	[tao . ka . 'a]	"galinha"
/ikau/	[i . 'kao]	"chorar"
/bauhi/	[bao . 'hi]	"pajé"

Ressaltamos que esses ditongos fonológicos não variam com as vogais longas [+alto] /i:/ e /u:/ como podemos observar nos exemplos seguintes:

(27) i:/ui

/pi:/	['pi:]	"espinho"
/pui/	['poi]	"pêlo"

(28) i:/ai

/hi:K/	['hi:k]	"ver"
/hai/	['hai]	"carne"

(29) **u:/au**

/tu:k/	[tu:kʔ]	"limpar"
/tauKdʒa/	[taukʔ . dʒa]	"lugar"

(30) **u:/ai**

/tʃu:/	[tʃu:]	"pupunha"
/tʃai/	[tʃai]	"ser cumprido"

2.2 Estrutura Silábica

Nesta parte do capítulo, trataremos dos ambientes organizadores dos fonemas, que, nessa língua, são a sílaba e o vocábulo fonológico.

No que se refere à sílaba, apresentaremos, primeiramente, o resumo da estrutura silábica e o inventário dos padrões silábicos. Em seguida, demonstraremos quais são as consoantes que ocupam posição de ataque silábico, quais as que ocupam a posição de coda e as vogais que ocupam a posição de núcleo.

No que se refere à palavra, apresentaremos as diferenças existentes entre palavra gramatical e palavra fonológica e trataremos especificamente do processo fonológico de sandhi.

2.2.1 Distribuição dos fonemas

Podemos representar a estrutura silábica por meio da fórmula geral $(C_1) V_1 (V_2) (C_2)$, na qual **V** é o elemento constituinte do núcleo silábico, que pode ser simples V_1 , ou complexo V_1V_2 ; C_1 representa a consoante em posição de ataque silábico; e C_2 representa a consoante que ocupa a posição de coda silábica.

Os padrões silábicos identificados foram: V, VV, CV, CVV, VC, VVC, CVC, CVVC como podemos observar nos exemplos seguintes:

V

(31)	/ikau/	[i' . kao]	"chorar"
(32)	/puaku/	[po. a. 'ko]	"remo"
(33)	/tuu/	[to. 'o]	"outro"

VV

(34)	/i:ku/	[i: . 'ko]	"olho"
(35)	/u:ba/	[u: . 'ba]	"tabaco"
(36)	/dai:/	[da . 'i:]	"carregar"

CV

- | | | | |
|------|-----------|----------------|--------------------|
| (37) | /matuli/ | [ma. to. 'i] | "louro preto" |
| (38) | /kamudʒa/ | [ka. mu. 'dʒa] | "macaco barrigudo" |

CVV

- | | | | |
|------|-------------|---------------|----------------------|
| (39) | /taukala/ | [tao. ka. 'a] | "galinha" |
| (40) | /ki:dai/ | [ki. 'dai] | "cabelo" |
| (41) | /hu: . dʒa/ | [hu: . 'dʒa] | "macaco prego preto" |

VC

- | | | | |
|------|--------|------------|---------|
| (42) | /aŋ/ | [ãŋ] | "perna" |
| (43) | /tiuK/ | [ti. 'ɔkʔ] | "saber" |

VVC

- | | | | |
|------|-------|--------|------------|
| (44) | /i:ŋ/ | [i:ŋ] | "piranha" |
| (45) | /auK/ | [aukʔ] | "buraco" |
| (46) | /u:ŋ/ | [u:ŋ] | "sapo(sp)" |

CVC

(47)	/hi:paŋ/	[hi: . pãŋ]	"cobra"
(48)	/uakaK/	[wa. 'kak']	"abacaxi"
(49)	/baK/	['bak']	"ser bom"
(50)	/muŋ/	[mõŋ]	"tio"

CVVC

(51)	/mi:ŋ/	[mĩ:ŋ]	"estômago"
(52)	/na:tu:K/	[na: . 'tu:k']	"cará"
(53)	/ti:ŋhi/	[tĩ:ŋ . 'hi]	"descer"
(54)	/mi:daik/	[mi: . 'daik']	"neta"

Utilizando os traços abaixo, temos a seguinte classificação para as classes maiores de fonemas:

	/p/ /b/ / t/ /d/ /tʃ/ /dʒ/ /k/ /h/	/m/ /n/ /ɲ/	/l/	/w/ ¹⁸ /j/	/i/ /i:/ /u/ /u:/ /ɯ/ /ɯ:/ /a/ /a:/
[vocóide]	-	-	-	-	+
[aproximante]	-	-	+	+	+
[soante]	-	+	+	+	+
[silábico]	-	-	-	-	+

Quadro 10: classe maiores de fonemas.

¹⁸ Apesar de não serem fonemas, os glides [w] e [j] foram integrados a esse esquema.

As restrições identificadas na estrutura silábica fonológica podem ser resumidas da seguinte maneira:

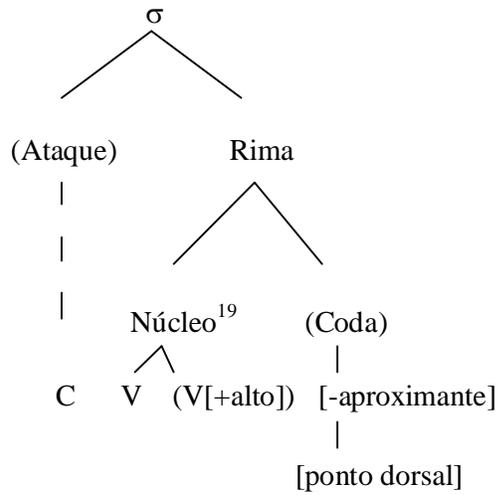


Figura13: estrutura silábica.

¹⁹As restrições identificadas no núcleo complexo serão discutidas na seção 2.5 Núcleo.

2.3 Ataque

Todas as consoantes ocupam a posição de ataque silábico, como podemos observar nos exemplos que seguem:

(55) /p/

/piia/	[pi . 'ja]	"homem"
/wa:pu/	[wa: . 'po]	"pronto"

(56) /t/

/tu:li/	[tu: . 'li]	"cesto de cipó"
/ita/	[i . 'ta]	"lenha"

(57) /tʃ/

/tʃukw/	[tʃu . 'ku]	"morrer"
/batʃi/	[ba . 'tʃi]	"veado"

(58) /k/

/kauad <u>ʒu</u> /	[ka . wa . 'dʒo]	"coati"
/ualik <u>ama</u> /	[wa . [i . ka . 'ma]	"capivara"

(59) /b/

/ba: <u>da</u> /	[ba: . 'da]	"catipuru"
/ubau <u>a</u> /	[o . ba . 'wa]	"par"

(60) /d/

/du <u>ŋ</u> /	['dõŋ]	"peixe(sp)"
/pa: <u>da</u> /	[pa: . 'da]	"cuia"

(61) /dʒ/

/dʒ <u>uku</u> /	[dʒo . 'ko]	"pedra"
/hu: <u>dʒa</u> /	[hu: . 'dʒa]	"macaco mambira"

(62) /m/

/mimi/	[mi . 'mi]	"sangue"
/kamudza/	[ka. mo . 'dʒa]	"macaco barrigudo"

(63) /n/

/na:tʃi/	[na: . 'tʃi]	"milho"
/buni/	[bo . 'ni]	"furar"

(64) /ɲ/

/ɲa/	[ɲa]	"seio"
/maɲa/	[ma . ɲa]	"coisa grande"

(65) /ɭ²⁰/

/ɭu:buw/	[ɭo: . 'buw]	"ir"
/wa:ɭu/	[wa: . 'ɭu]	"papagaio"

²⁰Destacamos que essa é a única ocorrência do fonema /ɭ/ em início de palavra identificada em nossa base de dados.

(66) /h/

/hai/	[hai]	"carne"
/mahuki/	[ma . ho . 'ki]	"avisar"

(67) /u/

/uili/	[wi . 'i]	"queixada"
/maui/	[ma . 'wi]	"preguiça"

(68) /i/

/ialikuŋ/	[ja . i . 'kõŋ]	"jaraqui"
/kapaiu/	[ka . pa . 'jo]	"mamão"

Ressaltamos que, em Katukina-Kanamari, a ocorrência de ataques complexos não é permitida.

2.3.1 Realizações em posição de ataque

Os fonemas [-soante] /p/, /b/, /t/, /d/, /tʃ/, /dʒ/ e /h/ realizam-se, respectivamente, como os fones labial [p] e [b], alveolar [t] e [d], palatal [tʃ] e [dʒ] e laringal [h]:

- (69) /p/ → [p]
- | | | |
|---------|------------|----------------|
| /paŋ/ | [pãŋ] | "braço" |
| /wa:pu/ | [wa: . pu] | "estar pronto" |
- (70) /t/ → [t]
- | | | |
|----------|-----------------|---------|
| /tuŋ/ | [tõŋ] | "cesto" |
| /i:taku/ | [i: . ta . 'ku] | "pedra" |
- (71) /tʃ/ → [tʃ]
- | | | |
|-----------|------------------|------------------|
| /tʃu:/ | [tʃu:] | "pupunha" |
| /kitʃana/ | [ki . tʃa . 'na] | "gato doméstico" |

(72)	/h/	→	[h]	
	/hu:haŋ/		[hu: . 'hãŋ]	"ser forte"
	/wihaŋ/		[wi . 'hãŋ]	"terminar"
(73)	/b/	→	[b]	
	/baK/		['bãk']	"ser bom"
	/wad3uba/		[wa . d3u . 'ba]	"abano"
(74)	/d/	→	[d]	
	/daŋ/		[dãŋ]	"caminho"
	/pa:da/		[pa: . 'da]	"cuia"
(75)	/d3/	→	[d3]	
	/d3aŋ/		['d3ãŋ]	"caçar"
	/ka:d3u/		[ka: . 'd3o]	"jacaré"

O fonema obstruinte velar /k/ realiza-se, em ataque silábico, como o fone [k]:

(76) /k/ → [k]

/kapaju/	[ka . pa . 'jo]	"mamão"
/diwakuŋ/	[di . wa . 'kõŋ]	"miçanga"

No ataque silábico, as vogais altas periféricas /u/ e /i/ realizam-se, respectivamente, como o fone aproximante labiovelar [w] e como o fone aproximante palatal [j]:

(77) /u/ → [w]

/uapaŋ/	[wa . 'pãŋ]	"marí"
/mukaua]	[mo . ka . 'wa]	"espingarda"

(78) /i/ → [j]

/ialikuŋ/	[ja . [j . 'kõŋ]	"jaraqui"
/kapaiu]	[ka . pa . 'jo]	"mamão"

A lateral /l/ realiza-se como o fone lateral retroflexo [ɭ] em ataque silábico como podemos observar nos exemplos a seguir:

(79)	/l/	→	[ɭ]	
	/lu:buw/		[ɭu: . 'bu]	"ir"
	/dʒili dʒili/		[dʒi . ɭi dʒi . ɭi]	"periquito"

No caso dos fonemas [+nasal] /m/, /n/, /ɲ/ observamos que esses se realizam, respectivamente, como o fone labial [m], alveolar [n] e palatal [ɲ] em posição de ataque silábico:

(80)	/m/	→	[m]	
	/mimina/		[mi . mi . 'na]	"mulher branca"
	/tʃulumidaK/		[tʃo . ɭo . mi . 'dakʰ]	"umbigo"

(81)	/n/	→	[n]	
	/nukulaŋ/		[no . ko . ɭãŋ]	"queixo"
	/kanalu/		[ka . na . ɭo]	"desenho, letra"

- (82) /ɲ/ → [ɲ]
- | | | |
|--------|-----------|----------------|
| /ɲa/ | [ɲa] | "seio" |
| /maɲa/ | [ma . ɲa] | "coisa grande" |

Sílabas sem ataque podem, opcionalmente, realizar-se como oclusão glotal. Vejamos alguns exemplos:

- (83) [ʔi:] ~ [i:] "pé"
- (84) [ʔu: . 'ba] ~ [u: . 'ba] "tabaco"
- (85) [to . ʔo] ~ [to . 'o] "outro"

2.4 Coda

Em coda silábica observamos que podem ocorrer somente consoantes [-aproximante]. Deste grupo, tanto /p/, /t/, /tʃ/, /k/, /b/, /d/, /dʒ/, /h/ quanto os fonemas [+soante] /m/, /n/, /ɲ/ e /l/ têm um só representante fonético. Em nossa proposta, a vogal alta que figura como segundo elemento de um ditongo integra-se ao núcleo e não à coda.

Nos segmentos [-soante] /p/, /t/, /tʃ/, /k/, /b/, /d/, /dʒ/, /h/ notamos que a neutralização afeta além do ponto de articulação, o

traço [voz]. As consoantes desse grupo sempre realizam o traço [-voz] e o ponto velar.

Igualmente, nos segmentos [+soante] /m/, /n/, /ɲ/ observamos a ocorrência da neutralização do ponto de articulação. Os segmentos desse grupo também são neutralizados em favor do ponto dorsal.

Temos, então, dois arquifonemas na posição de coda: **K** que representa os fonemas [-soante] e **ŋ** que representa os fonemas [+soante].

2.4.1 Realizações em posição de coda

No que se refere ao arquifonema **K** esse realiza-se como fone velar não explodido²¹ [kʷ]:

/K/

- | | | | | |
|------|-------------------|---|--------------------|-----------|
| (86) | /uakaK/ | → | [wa . 'kakʷ] | "abacaxi" |
| (87) | /hi:K-na/ | → | [hi:kʷ . 'na] | "ver" |
| (88) | /tauKdʒa/ | → | [taokʷ . 'dʒa] | "lugar" |
| (89) | /ki:dapaK/ | → | [ki: . da . 'pakʷ] | "roupa" |

²¹Nesta seção sobre realizações, só será ilustrado o fenômeno em questão.

Com referência ao arquifonema **ŋ** (ou seja, o subsistema dos segmentos soantes em posição de coda silábica), esse realiza-se como fone nasal velar [ŋ]:

/ŋ/

- | | | | | |
|------|------------------|---|-------------------------|----------------|
| (90) | /paŋ/ | → | [pãŋ] | "braço" |
| (91) | /duŋ/ | → | [dõŋ] | "peixe(sp)" |
| (92) | /mi:ŋ/ | → | [mĩ:ŋ] | "estômago" |
| (93) | /udzaŋka/ | → | [u . dʒãŋ . 'ka] | "fruta amarga" |

Convém ressaltar que, a neutralização das consoantes nasais, tendo como realização um som dorsal pode ser encontrada em certos dialetos do espanhol.²²

Frisamos ainda que, em fala rápida, K e ŋ podem ser apagados em final de palavra:

²²De acordo com Piñeros (2007: 150-153), nos dialetos falados nas cidades de Caracas e na Cidade do Panamá, encontra-se processo de neutralização semelhante ao identificado em Katukina-Kanamari.

/K/(94) **/uakaK/** → [wa . 'kakʷ] ~ [wa . 'ka] "abacaxi"(95) **/du:K/** → [dɔ:kʷ] ~ [dɔ:] "defecar"**/ŋ/**(96) **/paŋ/** → [pãŋ] ~ [pã] "braço"(97) **/i:ŋ/** → [ĩ:ŋ] ~ [ĩ:] "piranha"

Em seguida, apresentamos o quadro com os fones consonantais.

Quadro fonético consonantal ²³								
	Labial	Lábiovelar	Alveolar	Pós-alveolar	Retroflexo	Palatal	Velar	Glotal
Oclusiva	p b		t d				k kʷ	ʔ
Nasal	m		n			ɲ	ŋ	
Fricativa								h
Africada				tʃ dʒ				
Lateral					l			
Aprox.		w				j		

Quadro 11: fones consonantais

²³Utilizamos os símbolos do Alfabeto Fonético Internacional - IPA (1996).

2.5 Núcleo

Todas as vogais podem constituir um núcleo silábico simples como podemos observar nos exemplos que seguem:

- | | | | |
|-------|--------------|--------|---------|
| (98) | /ba/ | [ba] | "folha" |
| (99) | /bi/ | [bi] | "pus" |
| (100) | /pu/ | [po] | "ovo" |
| (101) | /bɯK/ | [bɯk̚] | "fazer" |

Os núcleos complexos têm a seguinte formação:

(1) segunda posição do núcleo ocupada pela segunda parte de uma vogal longa (anotada **V:**):

- | | | | |
|-------|-----------------|-------------|---------------|
| (102) | /ua:pa / | [wa: . 'pa] | "cachorro" |
| (103) | /ki:ua/ | [ki: . 'wa] | "paca" |
| (104) | /u:maŋ/ | [u: . 'mãŋ] | "árvore, pau" |
| (105) | /uɯ:lɯ/ | [wɯ: . 'lɯ] | "garganta" |

(2) vogal /a/ seguida das vogais [+alto] /i/ e /u/ (anotada: VV (vogal-vogal)):

(106) /**ki:dai**/ [ki: . 'dai] "cabelo"

(107) /**taukala**/ [tau . ka . 'a] "galinha"

(3) sequência das vogais [+alto] /u/ e /i/ sempre na ordem velar-palatal (anotada: VV (vogal - vogal)):

(108) /**uikaŋ**/ [wui . 'kãŋ] "remar"

(109) /**numui**/ [no . 'mui] "piauí"

2.5.1 Realizações em posição de núcleo

Nesta sub-seção apresentaremos as realizações fonéticas das vogais, estabelecendo a diferença entre as realizações dos núcleos silábicos simples e complexos. Primeiro apresentamos o quadro fonético com as realizações dos núcleos simples e dos núcleos complexos e teceremos alguns comentários.

Variação fonética das vogais orais breves e longas				
	Palatal		Velar	
			[+labial]	[-labial]
Alto	i	i:	u	u:
		ei		ou
	ε	εi	ɔ	ɔu
Baixo		ai	a a:	au

Quadro 12: fones vocálicos orais breves e longos.

As vogais altas /i/ e /u/ apresentam um amplo leque de variação livre na escala de abertura. Representamos o espaço existente entre [i] a [ε] e [u] e [ɔ] como um contínuo de variação, pois não identificamos nenhuma realização preferencial. Assim, utilizamos uma linha vertical para ligar as realizações que abrangem o grau de abertura:

- (110) /i/
 /pukuniŋ/ → [po . kɔ . 'níŋ] ~ ... ~ [pɔ . ko . 'nɛŋ] "paxiubão"
- (111) /u/
 /talu/ → [ta . 'lu] ~ ... ~ [ta . 'lɔ] "lençol"

No que se refere às vogais longas, estas apresentam ditongação: a primeira parte pode percorrer todos os graus de abertura:

- (112) /i:/
 /i:ku/ → [i: . 'ko] ~ [ei . 'ko] ~ [ɛi . 'ko] ~ [ai . 'ko] "olho"
- (113) /u:/
 /u:maŋ/ → [u: . 'mãŋ] ~ [ou . 'mãŋ] ~ [ɔu . 'mãŋ] ~ [au . 'mãŋ]
 "árvore"

(1) no núcleo palatal, a ditongação se realiza pela variação no grau de abertura da primeira parte da vogal longa criando um ditongo decrescente:

- /i:/
 /i:ku/ → ... ~ [ɔi . 'ko] ~ [oi . 'ko] "olho"

(2) além do processo de ditongação exemplificado em (112), no núcleo velar, a realização longa pode ser feita como um monotongo com grau de abertura variável:

/u:/
/u:maŋ/ → ... ~ [o: . 'mãŋ] ~ [ɔ: . 'mãŋ] "árvore"

É importante salientar que a ditongação opcional dos núcleos longos é uma inovação diacrônica exclusiva do dialeto do Biá. O dialeto Kanamari mantém intacta a realização uniforme desses núcleos.

Uma sequência de vogais representando um núcleo longo distingue-se de uma sequência de vogais breves idênticas e heterosilábicas. No último caso, insere-se uma oclusão glotal entre as duas vogais. Observemos os exemplos seguintes:

(114) [to . ʔo] "outro"

(115) [da . ʔãŋ] "sair"

(116) [da . ʔi:] "carregar"

Codas silábicas que não são preenchidas pelos arquifonemas citados anteriormente, têm, de forma opcional, como ocorrência o fone fricativo glotal [h]. Vejamos alguns exemplos:

- (117) [ba^h . 'tʃi] ~ [ba . 'tʃi] "veado"
- (118) [ko^h . 'pa] ~ [ko . 'pa] "paxiubinha"
- (119) [pi: . 'da^h] ~ [pi: . 'da] "onça"
- (120) [pi . o . 'lɯ^h] ~ [pi . o . 'lɯ] "caju"
- (121) [hi:^h . 'na] ~ [hi: . 'na] "arraia"
- (122) [bo:^h . 'tʃãŋ] ~ [bo: . 'tʃãŋ] "aranha"
- (123) [ɲa . da^h . 'gõŋ] ~ [ɲa . da . 'gõŋ] "cobra cipó"

Concluimos que as vogais (breves ou longas) em sílabas desprovidas de coda são produzidas, de forma opcional, com ensurdecimento²⁴.

Outra característica da realização das vogais é sua nasalização em sílabas com coda ocupada pelo arquifonema nasal. Apresentamos alguns exemplos das realizações nasais.

²⁴Daqui por diante representaremos a realização ensurdecida das vogais da seguinte forma : [v^h].

- (124) /i/
 /pukuniŋ/ → [po . ko . 'niŋ] "paxiubão"
- (125) /u/
 /duŋ/ → [dõŋ] "peixe(sp)"
- (126) /a/
 /ki:taŋ/ → [ki: . 'tãŋ] "dormir"
- (127) i:
 /i:ŋ/ → [i:ŋ] "piranha"
- (128) u:
 /u:ŋ/ → [õ:ŋ] "sapo (sp) "

Não foram encontradas realizações nasais para as vogais dorsais /u/ e /u:/ e /a:/, pois não há sílabas fechadas com o arquifonema nasal em que essas vogais figurem.

Salvo as lacunas apontadas, o quadro de segmentos nasais é semelhante ao dos segmentos orais como podemos observar a seguir.

Variações fonéticas nasais breves e longas			
Alto	Palatal		Velar [+labial]
		ĩ	ĩ:
		ẽĩ	õũ
	ẽ	ẽĩ	oũ
Baixo [-labial]		ãĩ	ãũ

Quadro 13: fones vocálicos nasais.

2.6 Vocábulo fonológico

Para definir o vocábulo fonológico dessa língua, consideraremos, inicialmente, as ocorrências de palavras simples, constituídas de um só morfema, que apresentam uma ou mais sílabas sendo uma delas tônica, que sempre está na última posição.

No âmbito da palavra sem estrutura morfológica interna, no qual coincidem o vocábulo fonológico e o vocábulo gramatical, encontramos vocábulos monossilábicos, dissilábicos e trissilábicos.

Nos vocábulos **monossilábicos**, encontram-se todos os tipos de sílabas como podemos observar nos exemplos seguintes:

V

(129) /u/ [o] "beber"

(130) /i/ [i] "dente"

V:

(131) /i:/ [i:] "pé"

CV

(132) /ma/ [ma] "fígado"

(133) /po/ [po] "ovo"

CV:

(134) /tʃu:/ [tʃo:] "pupunha"

CVV

(135) /pui/ [poi] "pêlo"

(136) /hai/ [hai] "carne"

VC

(137) /aŋ/ [ãŋ] "perna"

(138) /uK/ [ɔkʰ] "produzir"

V:C

(139) /i:ŋ/ [ˈi:ŋ] "piranha"

VVC

(140) /auK/ [ˈaokˀ] "buraco"

CVC

(141) /muŋ/ [ˈmõŋ] "tio"

(142) /haK/ [ˈhakˀ] "casa"

CV:C

(143) /mi:ŋ/ [ˈmĩ:ŋ] "estômago"

CVVC

(144) /uaik/ [ˈwaikˀ] "música"

No caso da sílaba V:, a palavra /i:/ 'pé' foi o único monossílabo identificado. Quanto às sílabas com vogais longas fechadas, ressaltamos que estas só foram encontradas em palavras monossilábicas como podemos observar nos exemplos que seguem:

(145) /u:ŋ/ [ˈũŋ] "sapo(sp)"

(146) /i:ŋ/ [ˈĩŋ] "piranha"

Vocábulos de tipo V:C com as vogais /a:/ e /ɔ:/ não foram identificados assim como palavras no padrão VC com a vogal /ɔ/. Concluí-se que, com exceção da vogal breve /a/, nenhuma sílaba com núcleos formados por vogais dorsais é fechada. Uma possível explicação seria que a combinação entre um núcleo longo dorsal e uma coda dorsal não é permitida.

No que se refere ao monossílabos de tipo V₁V₂C identificamos, até o momento, o seguinte exemplo:

(147) /auK/ [aokʰ] “buraco”

Nos vocábulos **dissilábicos**, encontramos as seguintes combinações²⁵:

V. __	VV. __	CV. __	CVV. __	CVVC. __
----	----	CV.V	CVV.CV	CVVC.CV
V.CV	VV.CV / VV.CVV	CV.CV	CVV.CVV	----
V.CVC	VV.CVC	CV.CVC	CVV.CVC	----
V.CVVC	VV.CVVC	CV.CVVC	CVV.CVVC	----

Quadro 14: padrões silábicos em vocábulos dissilábicos.

²⁵A notação VV utilizada no quadro das combinações silábicas, representa os núcleos silábicos complexos anotados como V: e VV.

Salientamos que a ocorrência do padrão CV:C fora da última sílaba do vocábulo foi identificado somente em dois exemplos: /**ti:ŋ . hi**/ “descer” e /**ki:ŋ . hi**/ “voltar”. Encontramos o padrão CVVC vocábulos somente nos vocábulos dissilábicos /**tauK . dʒa**/ “lugar” e /**kaiK . na**/ “macaco guariba”.

Identificamos, também de forma pouco comum, o encontro de vogais em limite de sílaba, como na seqüência CV.V /**uu . a**/ [**wu.a**] “cotia pequena”.

Quanto aos vocábulos **trissilábicos**, constatamos que, embora existam lacunas, os encontros de sílabas correspondem às mesmas possibilidades encontradas nos padrões dos vocábulos dissilábicos: CV:CV.CVC /**ma:pi.kəŋ**/ “escutar”; V:CV.CV /**i.ta.ku**/ “trabalhar”, CV:CV.CV /**hu: ki. tʃa**/ “solução”; VV.CV.CVVC /**tʃa . ua. boiK**/ [**tʃa . wa. 'boik**] “comer” e V:CV. CV:C /**u:mi.ti:K**/ “escurecer”.

Existem cerca de dez vocábulos com mais de três sílabas na língua. A maioria têm como combinação silábica CV.CV.CV.CV, como nos exemplos: /**nu.ku.na.na**/ “tucunaré” e /**ua.pi.ka.lu**/ “boto cor de rosa”. Entretanto, acreditamos que estes sejam historicamente combinações de mais de um morfema, que, todavia, não podem ser segmentados sincronicamente.

2.7 Acento

Nesta seção trataremos do acento e de suas características fonéticas. Como podemos observar nos exemplos seguintes, a

intensidade (quadro inferior à esquerda) e a altura (pitch) (quadro do lado inferior à direita) coincidem na última sílaba:

Figura14: intensidade e altura no vocábulo /i:tʃuŋ/ “arco”

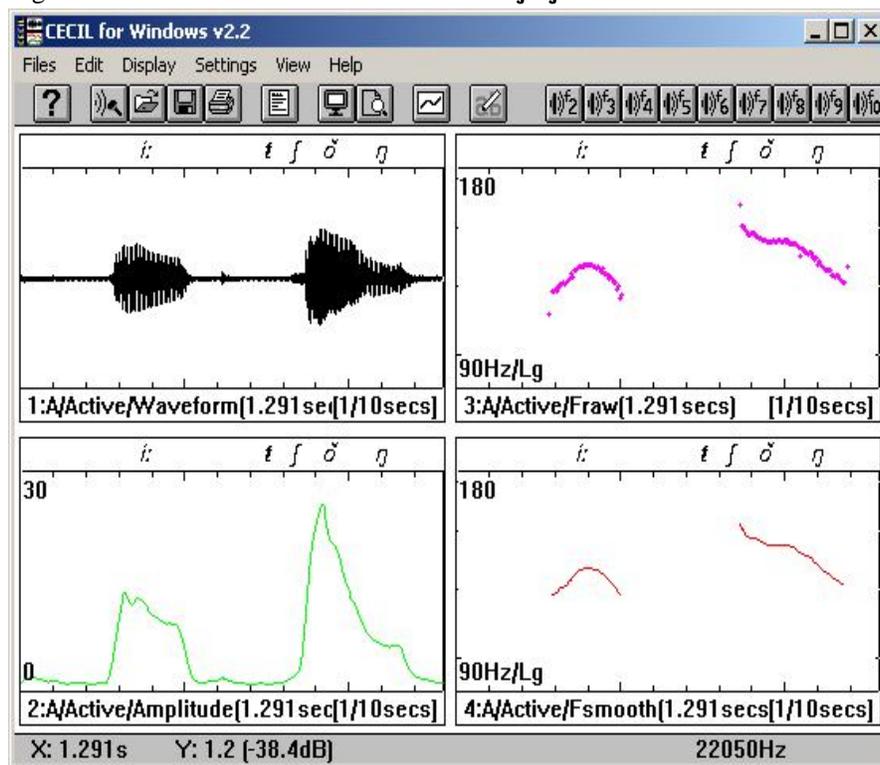


Figura15: intensidade e altura no vocábulo **/manati/** “ontem”

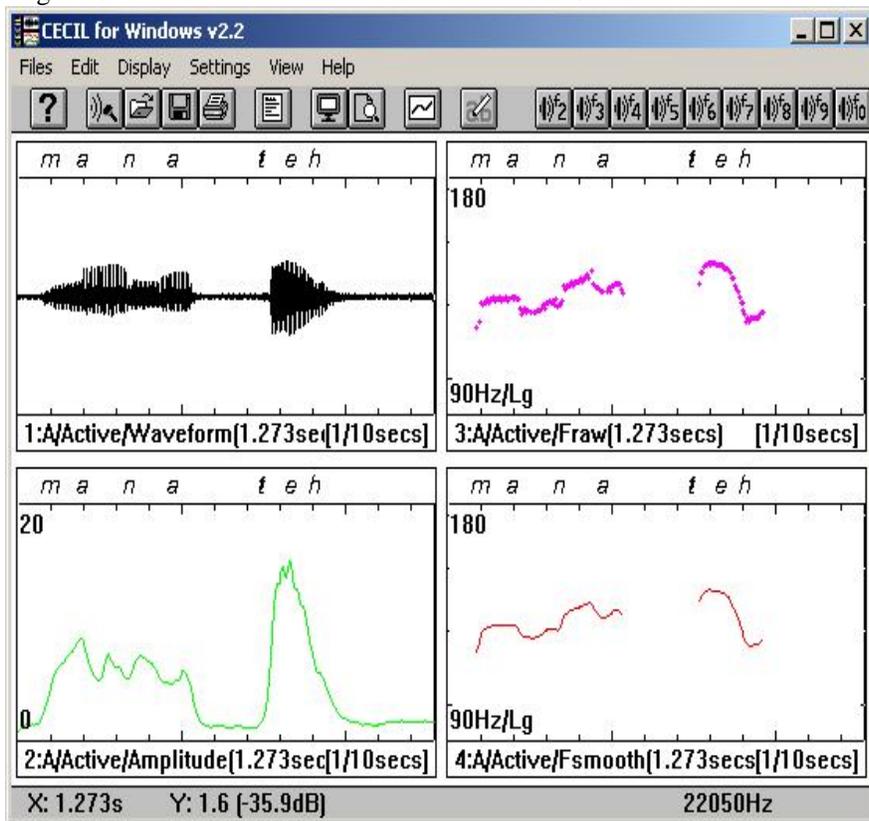
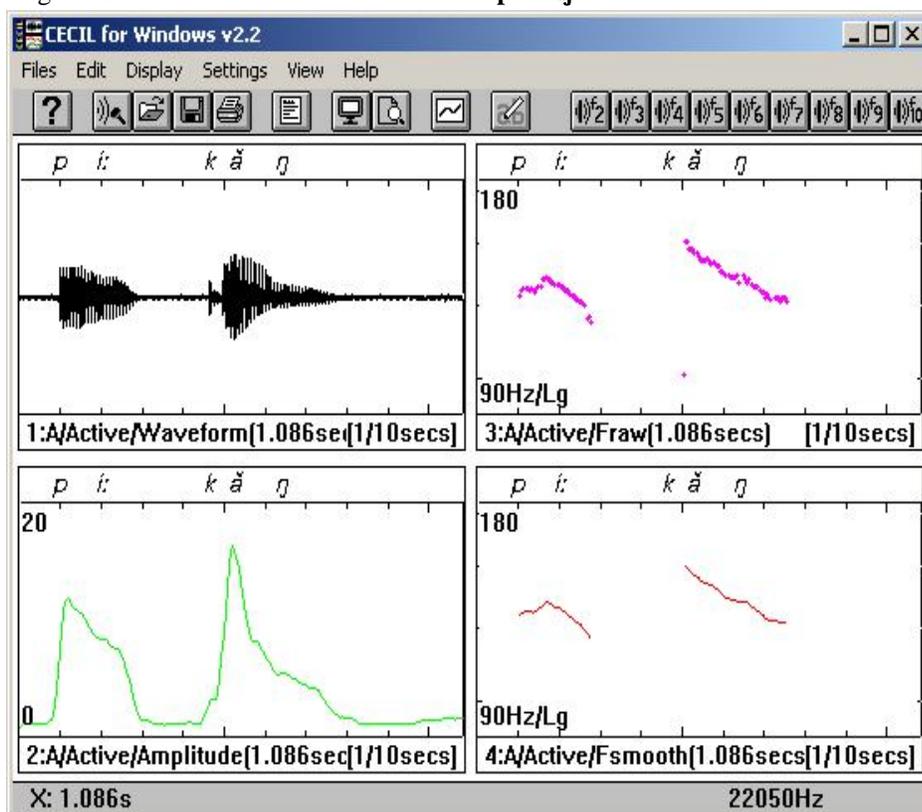


Figura16: intensidade e altura no vocábulo /pi:kaŋ/ “deitar”



A constância da altura é sempre na última sílaba dos vocábulos, mesmo quando a intensidade não esteja nessa sílaba como podemos observar nos vocábulos /**buni**/ → [bo^hne] “furar” e /**hu:maŋ**/ → [hu:ˈmãŋ] “pegar”:

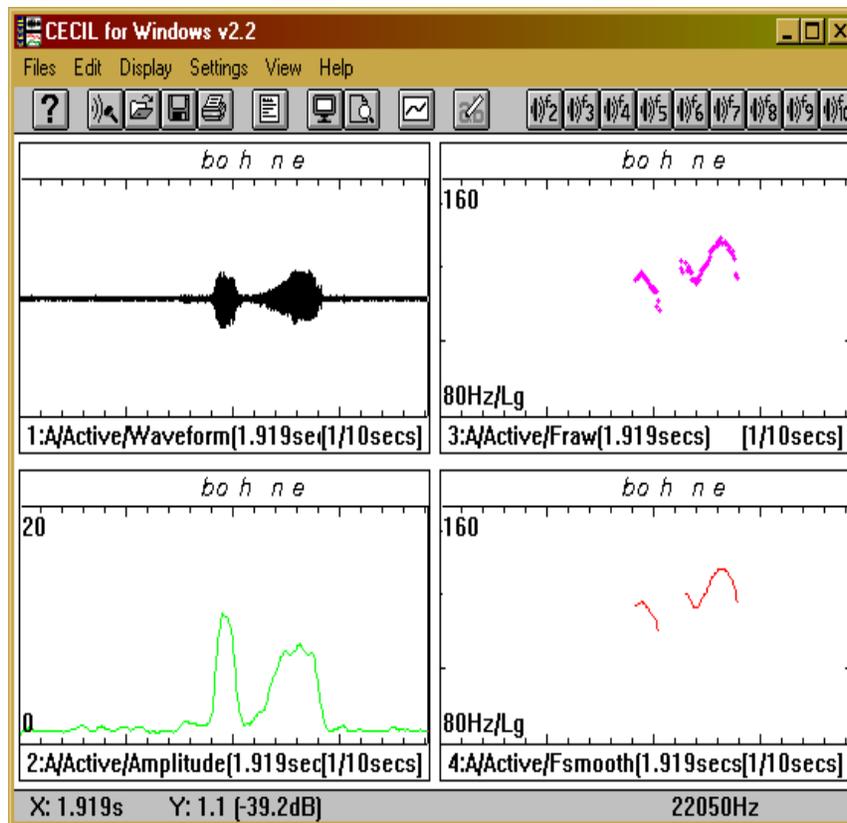
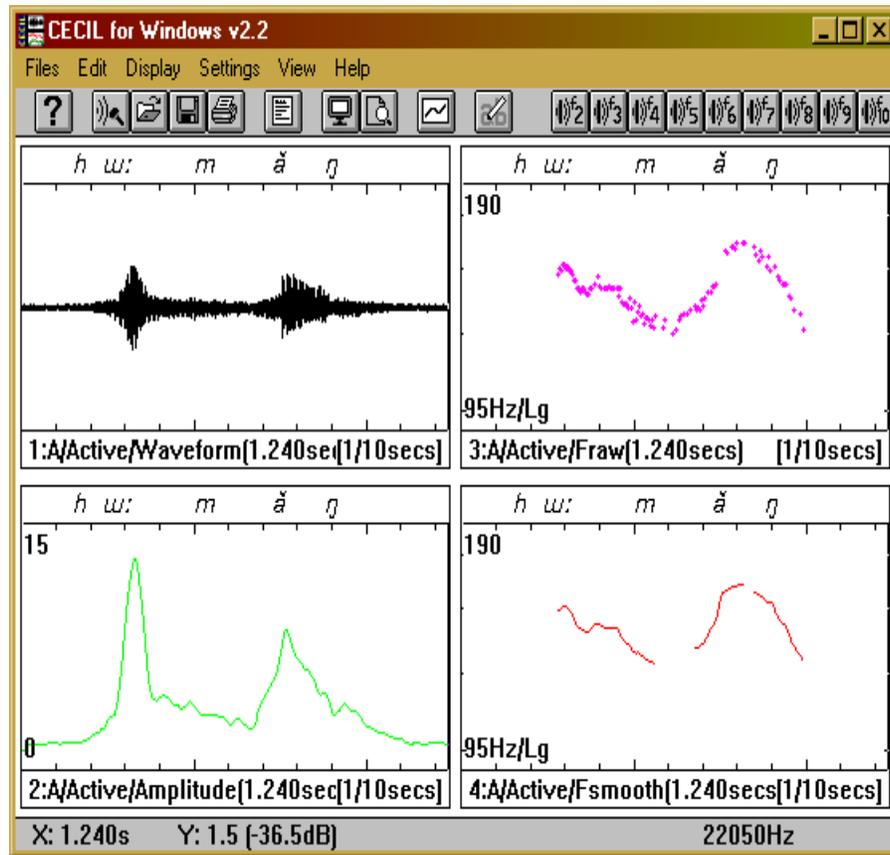
Figura17: intensidade e altura no vocábulo /**buni**/ “furar”

Figura18: intensidade e altura no vocábulo /**hw:maŋ**/ “pegar”



Tendo em vista que os sufixos são desprovidos de acento próprio, seu acréscimo às raízes verbais e nominais faz como que o acento do vocábulo fique na última sílaba da palavra fonológica. Dessa forma, a sufixação não causa alterações no padrão acentual como podemos verificar nos exemplos que seguem nos quais apresentamos raízes verbais e nominais em sua forma básica seguidas pela associação de sufixos:

- (148a) /**ki:taŋ**/ → **[ki:tãŋ]**
dormir
"(Ele) dorme".
- (148b) /**ki:taŋ-niŋ**/ → **[ki:tãŋniŋ]**
dormir-DUR
"(Ele) está dormindo".
- (149a) /**mimi**/ → **[mimi]**
sangue
"O sangue".
- (149b) /**mimi-uK**/ → **[mimi'ɔk]**
sangue-VRBLZ
"Sangrar".

(150a) /**pi:da**/ → [**pi:da**]
 onça
 "A onça".

(150b) /**pi:da-pa**/ → [**pi:da'pa**]
 onça-VRBLZ
 "Agir como onça".

Concluimos essa sub-seção relembrando que o correlato básico do acento é a altura e que a tonicidade encontra-se na última sílaba dos vocábulos. Consideramos, então, que o acento é previsível na língua.

2.8 Frase fonológica

Em Katukina-Kanamari cada palavra fonológica é provida de um acento. Entretanto, quando palavras fonológicas estão justapostas no nível da frase fonológica, ao lado de uma realização com um acento para cada palavra, encontramos na fala mais rápida a realização da seqüência com apenas um acento na última sílaba do conjunto:

(151) [**ki:tãŋ a'du**] → [**ki:ta'du**]
 dormir 1SNG
 "Eu durmo"

(152) [dado:hi i di:k' =tʃo] → [dado:hi:di:k'ʃo]
 correr, fugir 2SNG EXORT
 "Corra você! "

Nas construções gramaticais apresentadas acima, observamos a ocorrência do fenômeno de sandhi que ocorre obedecendo as seguintes regras:

Regra 1: perda da oclusão nasal ŋ

$\eta \rightarrow \emptyset / ((__)_{\text{pal.fon.}} (\dots)_{\text{pal.fon.}})_{\text{frasefon.}}$

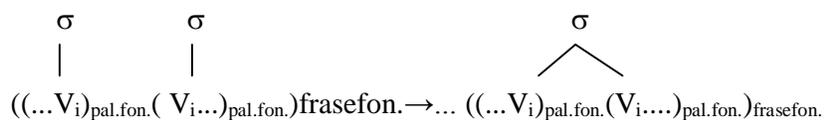
[ki:'tãŋ a'dw] → [ki:'ta a'dw]

Regra 2: acento atribuído à última sílaba da frase fonológica

$((\dots \sigma!)_{\text{pal.fon.}} (\dots \sigma!)_{\text{pal.fon.}})_{\text{frasefon.}} \rightarrow ((\dots \sigma)_{\text{pal.fon.}} (\dots \sigma!))_{\text{pal.fon.}})_{\text{frasefon.}}$

[ki:'tãŋ a'dw] → [ki:'ta a'dw]

Regra 3: fusão de vogais idênticas (duas vogais idênticas heterosilábicas tornam-se tautossilábicas)



[ki:ta a'du] → **[kiitaa'du]**

Como foi dito anteriormente²⁶, o arquifonema do subsistema [-soante] em posição de coda é realizado como o fone velar não-explodido [k⁷]. Entretanto no dialeto Kanamari, quando a raiz é associada a um morfema iniciado por consoante vozeada ou por vogal esse arquifonema é realizado como o fone velar sonoro [g] como podemos observar nos exemplos seguintes:

(153^{KAN}) **haK-ba** → **[hag'ba]**
 casa-plano
 "telhado"

(154^{KAN}) **nadaK-uŋ** → **[nada^hgõŋ]**
 cobra-cipó
 "cobra cipó"

²⁶Na seção 2.4.1 Realizações em posição de coda.

(155^{KAN}) **hi-duK-niŋ** **ualapi** → [i-dug'niŋ wa|a'pi]
 1SNG-pegar-DUR fruta(sp)
 "Eu estou pegando fruta".

A sonorização do arquifonema obstruinte não foi identificada em Katukina do Biá.

Concluimos que na sonorização do arquifonema [-soante] /K/, no dialeto Kanamari observa-se a ocorrência de sandhi externo (cf. exemplos (153-154)) e interno (cf. exemplo (155)) que ocorre obedecendo as seguintes regras:

$K \rightarrow g / _ \{+, \# \} [+voz]$

2.9 Morfofonologia

A segunda parte desse capítulo é dedicada à apresentação dos processos morfofonológicos nos dialetos Katukina do Biá e Kanamari. Identificamos dois processos dessa natureza: (i) alomorfia e (ii) proclitização que serão apresentados nas sub-seções seguintes.

2.9.1 Alomorfia

Um processo de alomorfia foi identificado na primeira e na terceira pessoa singular do paradigma dos prefixos pessoais assim como no sufixo intransitivizador *-hiK*.

2.9.1.1 Prefixos pessoais

No que se refere à primeira e a terceira pessoas do singular, o paradigma prefixal apresenta alomorfes no dialeto Kanamari. Trataremos de cada caso separadamente.

Em Katukina do Biá, o prefixo indicador de primeira pessoa é **iuK-**. Diante de palavras iniciadas por vogal, com exceção de /u/, ou consoante, tem-se a forma *iuK-* como podemos observar nos exemplos seguintes:

iuK- __ C/V

(156) **iuK-tʃaua**
1SNG-comida
"Minha comida".

(157) **iuK-i:ku**
1SNG-olho
"Meu olho".

(158) **iuK-tumaŋ pi:da**
 1SNG-atirar onça
 "Eu atirei na onça".

(159) **iuK-nuhuK doŋ Kupa-na= ama**
 1SNG-dar peixe(sp) Kopa-OBJPOSP DEST
 "Eu dei o peixe a Kopa".

Como foi dito anteriormente²⁷, o fonema /k/ realiza-se como o fone não explodido [k⁷] em coda silábica²⁸. Nos casos em que a palavra associada ao prefixo de primeira pessoa singular inicia-se com a vogal /u/, observamos a queda da consoante /k/ e em consequência a fusão da vogal do prefixo com a vogal da palavra seguinte:

²⁷ Na sub-seção 2.4.1 Realizações em posição de coda.

²⁸ Apenas em um caso encontramos o alomorfe /-i/ no dialeto Katukina do Biá. Diante do vocábulo *bu* "cunhado":

i-bu

1SNG-cunhado

"Meu cunhado".

Acreditamos que esta forma tenha sido gerada antes da separação dos dialetos, tendo em vista que, como veremos adiante, em Kanamari, a primeira pessoa do singular é *i-*. Uma provável explicação seria que essa forma tenha se cristalizado no Katukina do Biá com o decorrer do tempo. Em outros exemplos em que a palavra que precede o prefixo inicia-se com a consoante /b/, utilizam-se sempre *iuk-*.

(160) **iuK-upatfi:ŋ** → **iu-upatfi:ŋ** → **iu-patfi:ŋ**
1SNG-criança
"Meu filho (Lit: minha criança)".

(161) **iuK-uuamuK** → **iu-uuamuK** → **iu-uamuK**
1SNG-esposa
"Minha esposa".

No dialeto Kanamari identificamos dois alomorfes para o prefixo de primeira pessoa singular: *i-* e *hi-*. O alomorfe *i-* ocorre diante de vocábulos iniciados por consoantes, enquanto *hi-* é utilizado diante de palavras iniciadas por vogal:

i- __ C

(162) **i-tʃu**
1SNG-filha
"Minha casa".

(163) **i-bakuŋ**
1SNG-dedo
"Meu dedo".

(164) **i-buħuK** **puaku**
1SNG-fazer, produzir remo
"Eu fiz o remo".

- (165) **i-hi:K** **pi:da**
1SNG-ver onça
"Eu vi a onça".

hi- __ V

- (166) **hi-i**
1SNG-dente
"Meu dente".

- (167) **hi-u** **kuia**
1SNG-beber caiçuma
"Eu bebo caiçuma".

- (168) **hi-itun** **niama** **uauK-dzi** **pi:da**
1SNG-PRVT CONEC chegar-CTRP onça
"Na minha ausência, então, chegou a onça".

Para representar o prefixo pessoal de primeira pessoa singular em Kanamari, optamos pelo alomorfe *i-*.

Para o prefixo pessoal de terceira pessoa singular identificamos os mesmos alomorfes nos dois dialetos: *a-* e *ha-*. A-

ocorre diante de vocábulos iniciados por consoantes enquanto o alomorfe *ha-* foi registrado diante de palavras iniciadas por vogal como podemos observar nos exemplos que seguem:

a- __ C

- | | |
|--|--|
| (169) a-uabala
3SNG-esposo
"O esposo dela". | (170) a-tja
3SNG-rabo, calda
"O rabo dele". |
| (171) a-hi:K bi:ŋ
3SNG-ver mutum
"Ela viu o mutum". | |
| (172) a-mapikaŋ uaiK
3SNG-escutar canto, música
"Ela escutou a música". | |

ha- __ V

- | | |
|---|---|
| (173) ha-aŋ
3SNG-perna
"A perna dele". | (174) ha-i:
3SNG-pé
"O pé dele". |
|---|---|

(175) **ha-u-niŋ** **mimi**
 3SNG-beber-DUR sangue
 "Ele está bebendo o sangue".

(176) **bułtu** **ha-uuamuK**
 ter preguiça 3SNG-esposa
 "A esposa dele tinha preguiça".

Para a representação do prefixo pessoal de terceira pessoa singular utilizaremos *ha*²⁹.

Concluimos então que o paradigma de prefixos pessoais apresenta diferenças quanto à primeira pessoa. Por essa razão, representaremos o paradigma prefixal em cada dialeto como ilustramos no quadro abaixo. A forma para o prefixo de primeira pessoa apresentada à esquerda corresponde ao dialeto Katukina do Biá e a forma à direita é proveniente do dialeto Kanamari:

	singular	plural
1 ^a	iuK/i-	tʃu-
2 ^a	nu-	na-
3 ^a	ha-	ma-

Quadro 15: paradigma de prefixos pessoais

²⁹ Optamos pela forma *-ha* para a representação do prefixo de terceira pessoa para diferenciá-lo do prefixo indefinido *a-* que será apresentado no capítulo IV Sintaxe.

2.9.1.2 Sufixo intransitivizador

Outro morfema com realizações fonéticas diferentes é o sufixo intransitivizador³⁰ que apresenta três alomorfes: *-i*, *-k*, *-hiK*. A seleção das formas é condicionada pelo último fonema da raiz verbal ao qual o sufixo em questão é associado. Quando o morfema verbal termina em K, utiliza-se o alomorfe *i-*:

(177^{KAN}) **haK-i** **adu**
 flechar-INTRNZ 1SNG
 "Eu me furei".

(178) **Kupa hi:K-i**
 Kopa ver-INTRNZ
 "Kopa viu a si mesmo".

A ocorrência do alomorfe *-hik* foi identificada em dois ambientes. No primeiro deles, a raiz verbal termina com o arquifonema das consoantes [+nasal], isto é, **ŋ** como podemos observar nos exemplos seguintes:

³⁰Como veremos no capítulo IV Sintaxe, no sub-capítulo 7 Mudanças na estrutura argumental da oração, além de decrescer a valência de um verbo divalente, o sufixo intransitivizador é utilizado na formação de construções reflexivas.

ŋ _ *-hiK*

(179) **tupuhaŋ-hiK** **idi:K**
soprar-INTRNZ 2SNG
"Você soprou".

(180) **uaikmaŋ-hiK** **dʒa**
furar-INTRNZ rijú
"O rijú furou".

Enquanto que no segundo ambiente, a raiz verbal tem como último fonema uma vogal (com exceção da vogal alta dorsal /u/):

(181^{KAN}) **kwuni-hiK** **adu**
morder-INTRNZ 1SNG
"Eu mordi a mim mesma".

(182^{KAN}) **hi-tuhi:K** **ikubalama-hiK-niŋ** **Maioŋ**
1SNG-ver mirar-INTRNZ-DUR Mayon
"Eu vi Mayon mirando nele mesmo".

Quando o último fonema da raiz verbal é a vogal dorsal /u/, o alomorfe do sufixo intransitivizador identificado é *-k*:

(183) **tuu pu-k nuK**
 outro comer-INTRNZ grupo
 "As pessoas comeram outrém".

(184) **uu-k adu**
 querer, gostar-INTRNZ 1SNG
 "Eu gosto de mim".

Concluimos que os alomorfes do morfema intransitivizador, isto é, *-i, -k, -hik* estão em distribuição complementar cujo condicionamento segue as regras seguintes:

$$\begin{aligned} /-hik/ &\rightarrow K _ -i \\ &V_u _ -k \\ &V \neq u _ -hik \\ &\eta _ -hik \end{aligned}$$

Doravante utilizaremos a forma *-hik* que acreditamos ser a forma arcaica desse morfema para representar o sufixo intransitivizador.

2.9.2 Procliticização

Como veremos no capítulo III Morfologia³¹, há dois grupos de clíticos em Katukina. O primeiro deles tem como função marcar tempo, aspecto e modalidade nos eventos. Enquanto que o segundo grupo, que trataremos nessa sub-seção, é constituído pelos clíticos *-na=*, *-hi=* e *-nin=*³².

Essas três formas clíticas apesar de serem gramaticalmente ligadas ao nome (*-na=* e *-hi=*) ou ao verbo (*-nin=*) que os antecede, realizam-se fonologicamente ligando-se ao elemento que os sucede.

Observemos os exemplos (185) e (186) nos quais o proclítico *-nin=* precede os verbos *uuw* “querer” e *baK* “ser bom” que funcionam como núcleo sintático de construções verbais auxiliares:

(185^{FQ}) **Oui-na= buhuK-niŋ= uuw kuia**
 Owi fazer-MDP querer caiçuma
 "Owi quer fazer caiçuma".

(186) **ki:taŋ-niŋ= baK**
 dormir-MDP ser bom
 "(Ele) dormiu muito".

Nas construções auxiliares apresentadas nos exemplos (185) e (186), o clítico *-nin=* está gramaticalmente ligado ao verbo

³¹Nas seções 3.3 Morfologia verbal e 3.4 Morfologia nominal.

³²Os clíticos *-na=* e *-hi=* serão descritos na sub-seção 3.4 Morfologia nominal e o clítico *-nin=* será descrito na seção 3.3 Morfologia verbal.

subordinado que o precede, isto é, *buhuk* “fazer” em (185) e *ki:taŋ* “dormir” no exemplo (186). Todavia, *-niŋ=* realiza-se fonologicamente ligado ao verbo auxiliar:

(185') [O'wi nabu'huk' (niŋ'wu)_{pal.fon.} koja]

(186') [ki:tãŋ (niŋbak')_{pal.fon.}]

-Niŋ= liga-se prosodicamente ao elemento que o sucede, isto é, o núcleo da construção, ou seja, o verbo auxiliar *uu* “querer” em (185) e *baK* “ser bom” no exemplo (186) e forma com esses verbos uma palavra fonológica.

Nas construções cujos núcleos são um verbo divalente, um nome alienável ou uma posposição, o argumento interno do núcleo é marcado com caso estrutural. Essa marcação é feita com o uso do clítico *-na=*. Assim como *-niŋ=*, *-na=* realiza-se prosodicamente ligado ao elemento núcleo na construção, como podemos observar nos exemplos abaixo, nos quais um verbo divalente (187), um nome inalienável (188) e uma posposição (189) são núcleo da construção e têm como argumento interno um nome marcado com caso:

(187) **ua:pa-na= ti: taukala**
cachorro-ERG matar galinha
"O cachorro matou a galinha".

[wa:'pa (na'ti:)_{pal.fon.} tauka[a^h]

- (188) **Kupa-na= ubatfaua**
 Kopa-GEN esposa
 "A esposa do Kopa".

[ko^hpa (naobatja'wa)_{pal.fon.}]

- (189) **Iaku-na= katu Dyulaidi**
 Yako-OBJPOSP SOC2 Zoraide
 "Zoraide está com o Yako".

[ja'ko (naka'tu)_{pal.fon.} dzo[ai'di]

O terceiro clítico em que observamos o processo de procliticização é *-hi=*. Sua função é indicar que o nome ao qual se associa representa um grupo de elementos. Apesar de sintaticamente estar ligado ao sintagma nominal que o precede, esse clítico realiza-se prosodicamente associado ao nome *nuk* "grupo" que o sucede como podemos observar nos exemplos seguintes:

- (190) **tywku ha-tfu-hi= nuK**
 morrer 3SNG-filha-COL grupo
 "As filhas dele morreram".

[tʃu'ku ha'tʃo (hi'nuK')_{pal.fon.}]

- (191) **dadu:hi** **itfalu-hi=** **nuK**
correr, fugir mulher-COL grupo
"A mulherada fugiu".

[**dadu:hi itfa]o (hi^hnuK^h)_{pal.fon.}]**

Observamos nos exemplos acima que apesar de *-hi=* estar ligado sintaticamente ao nome que o precede, ou seja, *tfu* “filha” em (190) e *itfalu* “mulher” no exemplo (191) prosodicamente procliticizasse ao elemento que o sucede, isto é, o nome *nuK* “grupo” formando com esse uma palavra fonológica.

Nos testes realizados com os falantes do Katu-kina, a inserção de uma pausa entre os clíticos *-na=*, *-hi=*, *-nin=* e o elemento que os precedem é sempre aceita. Todavia, quando a pausa ocorre entre os clíticos e os elementos que os sucedem, os falantes sistematicamente corrigem a pronúncia produzindo o clítico associado ao elemento que o sucede.

III Morfologia

Introdução

Este capítulo é dedicado ao estudo dos aspectos morfológicos em Katukína-Kanamarí. Primeiramente, apresentaremos a definição tipológica dessa língua tendo como base os parâmetros utilizados nesse tipo de definição. Em seguida, dividiremos o capítulo em duas seções: (1) classe de palavras e (2) morfologia das classes flexionáveis.

Na primeira seção (Classes de Palavras), faremos a apresentação e definição das quatro classes identificadas com base em suas propriedades morfológicas: nomes, verbos, posposições e advérbios. De acordo com a habilidade que as classes léxicas identificadas possuem de acessar ou não os processos flexionais, dividimo-las em dois grupos: (a) palavras flexionáveis e (b) palavras não-flexionáveis.

Na segunda seção (Morfologia das Classes Flexionáveis), apresentaremos os processos flexionais e derivacionais identificados nos nomes, verbos e posposições. Iniciaremos a seção com a descrição dos processos de flexão que são comuns às três classes. E em seguida, trabalharemos com a flexão e derivação dos nomes, verbos e posposições de forma separada.

Daqui em diante, utilizaremos a seguinte grafia para representar os fonemas consonantais e vocálicos:

ty	=	/tʃ/
dy	=	/dʒ/
ny	=	/ɲ/
y	=	/i/ ³³
w	=	/u/
r	=	/l/
k	=	/K/
n	=	/ŋ/
u	=	/ʉ/
o	=	/u/

Do ponto de vista da classificação tipológica, Katukina-Kanamari apresenta características encontradas nas línguas de tipo isolante (cf. Aikenvald:2007). Para explicar esta terminologia, observemos os exemplos seguintes:

(192a) **ki:nhi** **wu:dyon**
 voltar lontra
 "A lontra voltou".

(192b) **ki:nhi** **wu:dyon** **manati**
 voltar lontra ontem
 "A lontra voltou ontem".

³³Em posição de ataque silábico, como vimos no capítulo II Fonologia, os fonemas /i/ e /u/ realizam-se como os glides [j] e [w].

Nos exemplos (192a) e (192b) cada palavra corresponde a um morfema. Notamos que não há marcação temporal sobre o verbo *ki:nhi* “voltar”. Sendo assim, a referência temporal é entendida no contexto do discurso. Dessa forma, a sentença pode ser traduzida como: “A lontra volta” ou “A lontra voltou”. Quando se faz necessária a marcação temporal, essa é feita com uso de advérbios de tempo como verificamos no exemplo (192a) e/ou com clíticos indicadores de aspecto ou de tempo conforme exemplo (192c):

(192c) **ki:nhi** **wu:dyon** **tyi:n**
 voltar lontra FUTPROX
 "A lontra voltará".

Levando em consideração a tendência do Katukina em manter a correspondência de um para um entre morfema e palavra, essa língua enquadraria-se no grupo de línguas tipologicamente **isolantes**. Todavia Katukina-Kanamari apresenta características identificadas nas línguas de tipo aglutinante. Apesar da grande maioria dos vocábulos ser constituído por um morfema, encontramos palavras constituídas por vários morfemas. Nesses casos, a fronteira entre os morfemas é transparente do ponto de vista da estrutura sonora e do significado:

(193a) **ki:nhi-na** **wu:dyon**
 voltar-CTRF lontra
 "A lontra voltou para lá".

(193b) **ki:nhi-dik-nin** **wu:dyon**
 voltar-CTRP-DUR lontra
 "A lontra está voltando para cá".

Concluimos que Katukína é uma língua fortemente isolante, mas que apresenta características encontradas nas línguas aglutinantes.

3.1 Classes de palavras

A primeira parte desse capítulo é dedicada à apresentação e definição das classes de palavras em Katukína-Kanamari. Foram identificadas quatro classes léxicas: nome, verbo, posposição e advérbio. Tomando como base o critério flexional, isto é, as classes que podem ou não ser flexionadas, dividimo-las em dois grupos: (i) flexionáveis e (ii) não-flexionáveis. No primeiro grupo encontram-se Nomes, Verbos e Posposições enquanto que o segundo grupo é formado pelos Advérbios.

3.1.1 Palavras flexionáveis

As palavras que classificamos como **flexionáveis** estão habilitadas a selecionar afixos indicadores de pessoa, e/ou afixo casual, e/ou aspectual, e/ou sufixos dêiticos. Esse grupo de vocábulos é formado por três classes léxicas: nomes, verbos e posposições.

Os vocábulos que constituem a classe dos nomes admitem a associação de um afixo cuja função é indicar que um movimento é feito em direção a algo ou alguém como podemos observar nos exemplos seguintes:

(194) **kaya** **hak-na**
ir casa-ALT
"Vamos à casa".

(195) **daan** **Yutai-na**
sair Jutai-ALT
"Saiu para o Jutai".

Doravante chamaremos essas classes de **Nomes**. Os elementos que constituem essa classe léxica denotam **entidades**. O termo **entidade** engloba pessoas, lugares e coisas.

As palavras que constituem a classe léxica que chamamos de **verbos** selecionam um afixo de aspecto que tem por função indicar a duração de um evento. Observemos os exemplos seguintes:

(196) **mimi** **ha-o-nin**
sangue 3SNG-beber-DUR
"Ele está bebendo o sangue".

(197) **dato:hi-nin** **niama** **wu:dyon** **=ka**
correr, fugir-DUR CONEC lontra PERFEC
"Então, a lontra foi correndo".

Os elementos dessa classe codificam **eventos**³⁴. O termo **evento** é utilizado nesse trabalho para representar processos, estados e ações.

A classe de palavras que chamamos de **posposições** não admite a associação nem do afixo casual associado aos nomes nem do afixo aspectual associados aos verbos como podemos verificar nos exemplos seguintes:

(198) **Dyoaki hi:ri o:man wa-na**
Joaquim subir árvore, pau PRL-CTRF
"Joaquim subiu pela árvore".

(199) **anyaiki katu daan**
mulheres SOC2 sair
"(Ele) Saiu com as mulheres".

Os vocábulos que compõem a classes das posposições têm por função ligar entidades estabelecendo entre essas relações como: localização, privação e associação³⁵.

Como veremos nas seções seguintes (veja na seção 3.2.1), a classe das posposições e uma das sub-classes dos nomes e dos verbos

³⁴A definição utilizada nesse trabalho para o termo **evento** tem como base as considerações feitas por Frawley (1992) acerca dos verbos. Para o autor, a diferença entre estados, processos e ações encontra-se na representação temporal que esses podem apresentar.

³⁵A apresentação detalhada das noções semânticas indicadas pelas posposições encontra-se no capítulo IV Sintaxe, sub-capítulo 6 Adjuntos.

selecionam o mesmo paradigma pessoal. Esse paradigma é apresentado no quadro 16 sendo seguido por alguns exemplos.

	singular	plural
1 ^a	yok-	tyo-
2 ^a	no-	na-
3 ^a	ha-	ma-

Quadro 16: prefixos pessoais

Nomes

(200) **yok-owamok**
1SNG-esposa
"Minha esposa".

(201) **ha-i:**
3SNG-dente
"O dente dele".

Verbos

(202) **yok-hak** **no:ru**
1SNG-flechar macaco zogue-zogue
"Eu flechei o macaco zogue-zogue".

(203) **ha-pu** **don**
3SNG-comer peixe(sp)
"Ele comeu o peixe".

Posposições

(204) **ma-iton** **dado:hi**
3PL-PRVT correr, fugir
"Na ausência deles, (ela) fugiu".

(205) **ha-katu** **Aiobi**
3SNG-SOC2 Aiobi
"O Aiobi está com ela".

Os nomes *owamok* “esposa” e *i*: “dente” nos exemplos (200) e (201), assim como os verbos *hak* “flechar” e *pu* “comer” em (202) e (203) e as posposições *iton* “privativo” no exemplo (204) e *katu* “sociativo2” no exemplo (205) associam-se aos prefixos *yok* “primeira pessoa singular”, *ha-* “terceira pessoa singular” e *ma-* “terceira pessoa plural” que integram o paradigma pessoal.

3.1.1.1 Nomes

Como foi dito anteriormente³⁶, a classe dos nomes está subdividida em duas sub-classes. O critério que divide as duas sub-classes nominais é a habilidade que um nome possui para selecionar o

³⁶Na seção 3.1.1 Palavras Flexionáveis.

paradigma de prefixos pessoais. De acordo com esse critério, identificamos duas sub-classes nominais. A primeira delas está habilitada a selecionar o paradigma de prefixos pessoais enquanto que a segunda não possui essa característica.

Nos exemplos abaixo apresentamos nomes que compõem a primeira sub-classe, ou seja, selecionam o paradigma pessoal:

(206a) **ha-i:ko**

3SNG-olho

"O olho dele".

(206b) **ha-ponhanya**

3SNG-irmã mais nova

"A irmã dele".

(207) **ha-wadi:k Kamo**

3SNG-nome Kamo

"O nome dele é Kamo".

Doravante chamaremos a sub-classe nominal flexionável pela pessoa de **nomes inalienáveis**. Semanticamente, essa sub-classe é constituída por termos de parentesco, de partes do corpo e nomes de entidades que devem necessariamente estar associadas à outra entidade³⁷, tais como *wadi:k* "nome" (cf.(207)) e *ipori* "superfície". No caso dos nomes inalienáveis, a relação estabelecida entre as entidades que esses codificam é possuído-possuidor.

³⁷Nem sempre a divisão entre nomes alienáveis e inalienáveis é previsível semanticamente. Um exemplo que comprova essa situação é o nome *nayo* "mãe". Tendo em vista que esse é um termo de parentesco, pertenceria à sub-classe dos inalienáveis. Entretanto, o nome *nayo* em Katukína-Kanamari é alienável.

A segunda sub-classe nominal não seleciona o paradigma pessoal como podemos verificar nos exemplos seguintes:

(208) **tyuku pa:dya**
morrer tamanduá
"O tamanduá morreu".

(209) **ki:nhi-na wa:pa**
voltar-CTRF cachorro
"O cachorro voltou para lá".

(210) **dado:hi pi:da**
correr, fugir onça
"A onça fugiu".

A sub-classe nominal que não é flexionada segundo a pessoa será chamada de **nomes alienáveis**.

Identificamos também um pequeno grupo de nomes constituído por cinco formas: *an*, *ba*, *hai*, *hi*, *kon*. Chamaremos esse grupo de **nomes genéricos**. Quando esses ocorrem como o segundo elemento de uma forma nominal composta têm por função indicar a forma ou substância das entidades que denotam. Os três primeiros expressam forma: "cumprido", "plano" e esférico" enquanto que os

dois últimos indicam substância: “polpa”, “líquido”. Utilizamos o termo “polpa” para descrever elementos compostos por substâncias de consistência semi-mole. No que diz respeito à sua posição dentro da forma composta, esse nomes ocupam a segunda posição que, como veremos adiante³⁸, é ocupada pelo elemento núcleo (determinado) do composto:

an "cumprido"

- (211) **ha-pi:k ita-an**
 3SNG-cortar lenha-cumprido
 "Ele cortou o palito de fósforo".

ba "plano"

- (212) **Bada-na= bi:k kana-an**
 Bada-ERG chupar cana de açúcar- cumprido
 "Bada chupa cana de açúcar".

- (213) **Kopa-na= buhuk hak-ba**
 Kopa-ERG fazer casa-plano
 "Kopa fez o telhado".

- (214) **yok-hi:k taro-ba**
 1SNG-ver folha-plano
 "Eu vi a folha".

³⁸Veja na seção 3.4 Morfologia nominal, sub-seção morfologia derivacional.

kon "esférico"

(215) **ha-bi:k** **warapi-kon**
3SNG-chupar fruta(sp)-esférico
"Ele chupou fruta do mato".

(216) **yok-ti:** **pi:da-kon**
1SNG-matar onça-esférico
"Eu matei a onça pintada".

hai "polpa"

(217) **no-pan-hai**
2SNG-braço-polpa
"O teu biceps".

hi "líquido"

(218) **ma-o** **don-hi**
3PL- beber peixe(sp)-líquido
"Eles bebem o caldo de peixe".

- (219) **Dyoaki-na= buhuk pihi-hi**³⁹
 Joaquim-ERG fazer veneno-líquido
 "Joaqui fez o veneno".

Esse tipo de formação é bastante produtivo, sendo utilizado inclusive em empréstimos tal como *kana* “cana de açúcar” no exemplo (212).

Tendo em vista que essas formas exercem as funções identificadas nos sistemas de classificadores, poderíamos analisar essa série não como formas nominais, mas sim como sufixos classificadores. Todavia ressaltamos que, como exceção de *hi*, esses vocábulos possuem a mesma forma dos nomes *an* “perna”, *ba* “mão”, *hai* “carne” e *kon* “caroço, semente” que coexistem no estágio atual da língua. Outra questão que dificulta a análise dessas formas como sufixos está no fato de que essas ocupam nas formas compostas a posição de núcleo da composição que é tipicamente ocupada por um nome.

Assumiremos a idéia de que esse grupo de nomes em Katukína está, no estágio atual da língua, em processo de gramaticalização rumo à formação de um sistema de sufixos classificadores. Baseamos nossa análise nas considerações feitas por Grinevald (2000). De acordo com a autora, uma das características de um sistema de classificadores novo é a transparência da origem de seus elementos. No estágio atual do Katukína encontramos esses nomes ocorrendo ora como raízes independentes ora como compostos. Notamos também que o

³⁹Tipo de veneno utilizado em flechas.

semantismo desses nomes nas formas compostas é construído com base nas noções semânticas expressas pelos nomes independentes. Tendo como base as características descritas acima, assumimos que o processo de gramaticalização dos nomes genéricos rumo a um sistema de classificação nominal é recente. Consideramos o grupo dos nomes genéricos como uma sub-classe nominal.

Foram identificados ainda três grupos pronominais que, por demonstrar comportamento semelhante ao dos nomes, podem ser considerados sub-classes nominais.

O primeiro grupo pronominal é formado por uma série composta de seis formas que combinam três pessoas e dois números. Doravante chamaremos esse grupo de **pronomes livres**. Tais pronomes apresentam algumas das propriedades identificadas nos nomes. Entre elas citamos; (i) a habilidade de associar-se ao proclítico casual *-na=* e (ii) a possibilidade de ocupar a posição de argumento interno ou externo numa construção verbal. Observemos o quadro seguinte no qual apresentamos as formas pronominais livres seguidas por alguns exemplos:

	singular	plural
1 ^a	adu	adi:k
2 ^a	idi:k	idi:ki
3 ^a	ityian	atyian⁴⁰

Quadro 17: formas pronominais livres

(220) **idi:ki-na= tyara dak, anyaiki**
 2PL-ERG⁴¹ torrar couro mulherada
 "Vocês vão torrar couro, mulherada".

(221) **idi:k-na= hak pi:da**
 2SNG-ERG flechar onça
 "Tu flechastes a onça".

(222) **Pityira-na= ho:han adu**
 Pityira-ERG gritar, chamar 1SNG
 "Pityira chamou-me".

⁴⁰Ressaltamos que, no dialeto Kanamarí, as formas pronominais livres para a terceira pessoa singular e plural são respectivamente: *anyan* e *anyan hinuk* (cf. Queixalós & Dos Anjos: 2007).

⁴¹ERG significa caso estrutural ergativo. Para mais detalhes sobre *-na=* consultar a seção 3.4 Morfologia nominal.

Diferentemente dos nomes que são infinitos, isto é, pertencem a uma classe aberta, os pronomes livres, que se restringem a seis, pertencem a uma classe fechada. Além disso, os últimos apresentam uma série de restrições para a seleção dos afixos, fato que não ocorre com os primeiros. Concluímos que as formas pronominais livres são, assim como nomes inalienáveis e alienáveis, uma sub-classe nominal.

O segundo grupo pronominal cujo comportamento é semelhante ao dos nomes é constituído pelas formas que chamamos de **demonstrativos**. Esses pronomes têm por função: (1) guiar a atenção do interlocutor na direção de um referente; (2) indicar a distância espacial de uma entidade em relação aos interlocutores do discurso. Tendo como base o critério da distância, os demonstrativos estão divididos em dois sub-grupos: (i) proximal e (ii) distal. As formas pronominais pertencentes ao sub-grupo proximal indicam que a entidade a qual o falante se refere está próxima. Em contrapartida, as formas que indicam que a entidade está distante do falante compõem o sub-grupo distal. No dialeto Kanamarí, os demonstrativos são *ityowun* “proximal” e *ityian* “distal”. Em Katukína do Biá, as formas pronominais demonstrativas correspondem às formas pronominais livres de terceira pessoa singular e plural, isto é, *ityian* “proximal” e *atyian* “distal”.

Os pronomes demonstrativos estão habilitados a ocupar a posição típica dos nomes como podemos observar nos exemplos abaixo nos quais apresentamos, primeiramente, as formas demonstrativas no dialeto Kanamari e, em seguida, as formas identificadas em

Katukína do Biá na posição de argumento externo numa construção verbal:

(223) [**Dyano-na= katu**] **ityowun**
Dyano-OBJPOSP SOC2 PROX
"Esse está com Dyano".

(224) [**dapoki**] **ityian**
cair DIST
"Aquele caiu".

(225) [**Pityira-na= hi:k**] **ityian**
Pityira-ERG ver PROX
"Pityira viu esse".

(226) [**tyuku**] **atyian**
morrer DIST
"Aqueles morreram".

Tendo em vista que os demonstrativos podem ocupar a posição tipicamente ocupada pelos nomes, como demonstra a série de exemplos (223-226), concluímos dizendo que os pronomes demonstrativos são uma sub-classe nominal.

O terceiro grupo pronominal identificado é constituído por seis formas que combinam três pessoas e dois números. Esses pronomes têm como função indicar a posse de uma determinada entidade. Chamaremos esse grupo de **pronomes possessivos**:

	singular	plural
1 ^a	atya	tyowa
2 ^a	idi:k nowa	idi:ki nowa
3 ^a	awa	mawa

Quadro 18: formas possessivas

Como podemos observar no quadro (18), as formas pronominais possessivas são resultado da associação do paradigma de prefixos pessoais (veja quadro 16) com o nome relacional *wa* que significa “coisa, bem”.

Na terceira pessoa singular e plural é possível observar essa combinação de maneira clara: *a-wa*; *ma-wa*.

Nas formas de segunda pessoa a formação é irregular. Nesse caso, o possessivo é constituído pela associação da forma pronominal livre (*idi:k* ou *idi:ki*), à forma prefixal *no*⁴² que é associada ao clítico

⁴²A forma prefixal para segunda pessoa do plural é *na-*. Dessa forma, a sequência **PRN-na= wa** na segunda pessoa do plural é **na-na= wa**. Todavia, ocorre o processo de assimilação da vogal /a/ diante da vogal /u/. Assim, tem-se a realização *nowa*.

-na= e, por fim, ao nome relacional *wa*. Mesmo com essa segmentação mais difícil, *wa* ainda é identificado.

No dialeto Katukína do Biá, a presença do nome relacional é totalmente opaca. Entretanto, para a 1ª pessoa do plural identificamos a forma *atyowa*. No dialeto Kanamarí a forma de primeira pessoa plural identificada é *ityowa*. Sendo assim, ainda é possível observar a presença do nome relacional *wa*.

Assim como os pronomes livres e os demonstrativos, as formas possessivas podem ocupar a posição de argumento externo numa construção verbal como podemos observar nos exemplos seguintes:

(227) **Pioru-na= ti: ma-wa**
 Pioru-ERG matar 3PL-NR
 "Pioru matou o deles".

(228) **wihan atyowa**
 terminar 1POSS
 "Terminou o nosso".

Assumimos a idéia de que os demonstrativos são uma subclasse nominal.

Existe também um pequeno grupo de vocábulos cuja função é indicar o número de entidades que um nome denota. Essas palavras compõem o grupo que chamamos de **numerais**. No quadro seguinte, apresentamos as formas identificadas bem como seu significado:

iki:k	unidade
obawa	par
obawaninti	trio
wihanoti	quarteto
wihan	quinteto
dohan	sexteto

Quadro 19: numerais.

No que se refere à formação morfológica, as formas *obawaninti* “par” e *wihanoti* “quarteto” são constituídas por meio da associação de uma raiz nominal a um ou mais sufixos. Em *obawaninti*, a raiz nominal *obawa* é associada aos sufixos *-nin* e diminutivo *-ti*. Enquanto *wihanoti* “quarteto” é o resultado da associação da raiz *wihan* ao sufixo *-ti*.

Tendo em vista que esses processos de formação são pouco produtivos, consideraremos que *obawaninti* “par” e *wihanoti* “quarteto” são, respectivamente, formas lexicalizadas da raiz *obawa* com os sufixos *-nin* e *-ti* e da raiz *wihan* com o sufixo diminutivo *-ti*.

Como veremos posteriormente⁴³, além de ocupar a posição típica dos nomes, como mostram os exemplos seguintes de, os numerais podem funcionar como modificadores nominais:

⁴³No capítulo IV Sintaxe, na seção 4.2 Modificadores do Nome.

(229) **Li-na= pu obawa**
Li-ERG comer par
"Li comeu dois (Lit: Li comeu o par)".

(230) **obawa-na= pu don**
par-ERG comer peixe(sp)
"As duas comeram o peixe (Lit: O par comeu o peixe)".

(231) **waok-na iki:k**
chegar-CTRF unidade
"Um chegou".

Tendo em vista que os numerais apresentam características identificadas nos elementos da classe nominal, concluímos que essa é uma sub-classe nominal.

Concluímos essa sub-seção lembrando que de acordo com a habilidade que os nomes possuem em flexionar-se segundo a pessoa, dividimos a classe léxica dos nomes em duas sub-classes: (i) nomes inalienáveis e (ii) nomes alienáveis. Como vimos também nessa sub-seção, as sub-classes pronominais compostas pelas formas livres, pelos demonstrativos e pelos possessivos e ainda a subclasse dos numerais apresentam características típicas dos nomes. Por essa razão, são classificados como sub-classes nominais.

3.1.1.2 Verbos

Tendo como critério de identificação a habilidade que um verbo possui em selecionar o paradigma de prefixos pessoais, dividimos os verbos em duas sub-classes. Os verbos que compõem a primeira sub-classe estão habilitados a selecionar o paradigma de prefixos pessoais enquanto os verbos que constituem a segunda subclasse não possuem essa característica. Observemos os exemplos seguintes nos quais apresentamos verbos que pertencem a sub-classe que seleciona o paradigma pessoal:

(232) **tyo-dyuman ta:hi**
1PL-derramar água
"Nós derramamos água".

(233) **ha-bubu wa:pa**
3SNG-bater cachorro
"Ele bateu no cachorro".

(234) **ma-ti: Nara**
3PL-matar Nara
"Eles mataram Nara".

Chamaremos a primeira subclasse verbal de **divalente**. Assim como os nomes de posse inalienável, os verbos divalentes estão ligados a duas entidades como é possível verificar nos exemplos

(232), (233) e (234). Nos verbos divalentes, a relação semântica prototípica estabelecida entre as entidades envolvidas no evento é agente-paciente.

A segunda sub-classe verbal não está habilitada à seleção do paradigma de prefixos pessoais como podemos verificar nos exemplos que seguem:

- (235) **dato:hi-na** **adu**
correr, fugir-CTRF 1SNG
"Eu corri para lá".
- (236) **ki:ni-na-tu** **owamok**
voltar-CTRF-NEG esposa
"A esposa não voltou para lá".
- (237) **waok-dik** **idi:k**
chegar-CTRP 2SNG
"Você chegou".
- (238) **tyuku-dik** **tyopuna**
morrer-CTRP peixe-boi
"O peixe-boi morreu para cá".
- (239) **nok:-na** **Tokaniri**
estar com raiva-CTRF Tokaniri
"Tokaniri ficou com raiva para lá".

A sub-classe verbal cujos elementos não são flexionáveis pela pessoa doravante será chamada de **monovalente**. Os verbos que compõem essa sub-classe são associados a uma entidade como podemos verificar na série de exemplos (235-239) na qual os verbos *dado:hi* “correr” no exemplo (235), *ki:nhi* “voltar” em (236), *waok-dik* “voltar” em (237), *tyuku* “morrer” em (238) e *no:k* “estar com raiva” no exemplo (239) são associados às entidades representadas por *adu* “eu”, *owamok* “esposa”, *idi:k* “você”, *tyopuna* “peixe-boi” e *Tokaniri*. A tentativa de associação de raízes verbais monovalentes ao paradigma pessoal tem como resultado construções agramaticais.

A classe léxica dos adjetivos inexistente nessa língua. De forma geral, atributos físicos e psicológicos das entidades são expressos por verbos monovalentes como podemos observar nos exemplos que seguem:

- (240) **no:k** **opatyi:n**
 estar com raiva criança
 "A criança está brava".
- (241) **buru** **ha-owamok**
 ter preguiça 3SNG-esposa
 "A esposa dele tinha preguiça".
- (242) **hu:han** **piya**
 ser gordo homem
 "O homem é gordo".

Contudo, identificamos alguns vocábulos da classe dos nomes que expressam noções que nas línguas como o português são expressas por adjetivos. São eles *o:puk* “filhote”, *manya* “coisa grande”, *ki:dak* “coisa velha”:

(243) **wa:pan** **kamodya** **o:puk**
 estar com fome macaco barrigudo filhote
 "O filhote de macaco barrigudo está com fome".

(244) **yok-hi:k** **ibatyi** **manya**
 1SNG-ver paneiro coisa grande
 "Eu vi o grande paneiro (Lit: Eu vi a coisa grande que é o paneiro)".

(245) **tyo** **ki:dak** **waikbuhuk**
 moça coisa velha canto-fazer
 "A velha moça cantou (Lit: A coisa velha que é a moça cantou)".

Como veremos adiante⁴⁴, Katukína-Kanamarí é uma língua que apresenta a ordem [modificador + núcleo]. Ao considerarmos que *o:puk* “filhote” no exemplo (243) modifica *kamodya* “macaco

⁴⁴No capítulo IV Sintaxe, veja no sub-capítulo 4 Estrutura interna dos sintagmas a seção 4.2 Modificadores do nome.

barrigudo”, assim como *manya* “coisa grande” modificaria *ibatyi* “paneiro” em (244), assim como *ki:dak* “coisa velha” funcionaria como modificador de *tyo* “moça” em (245) estariamos supondo a existência da ordem [núcleo + modificador]. Essa ordem justifica-se somente para acomodar a estrutura da tradução do português. *O:puk* “filhote”, *manya* “coisa grande” e *ki:dak* “coisa velha” instituem sozinhos um sintagma nominal. Sendo assim, devem ser analisados como formas nominais em posição de núcleo.

As noções de dimensão, espessura e cores que nas línguas do mundo são indicadas, de forma geral, pela classe léxica dos adjetivos em Katukína-Kanamari têm sua indicação feita por meio dos seguintes nomes: *nyanin* “coisa grande”; *tyainin* “coisa cumprida”; *hu:nin* “coisa azul”; *wurunin* “coisa amarela”; *ponin* “coisa vermelha”; *oparanin* “coisa branca” e *ti:knin* “coisa preta”. Observemos os exemplos seguintes:

(246) **Ba:da-na= ka:ki wan nyanin**
 Bada-ERG quebrar panela coisa grande
 "Bada quebrou a grande panela".

(247) **ha-hi:k maratyinin tyainin**
 3SNG-ver, achar praia coisa cumprida
 "Ele viu a cumprida praia".

- (248) **Li-na= hak don hu:nin**
Li-ERG flechar peixe(sp) coisa verde
"Li flechou o peixe verde".
- (249) **tyuku hipan wurunin**
morrer cobra coisa amarela
"A cobra amarela morreu".
- (250) **no-ti: inan ponin**
2SNG- matar morcego coisa vermelha
"Você matou o morcego vermelho".
- (251) **yok-nuhuk di:wakon oparanin Tyo:ma ton**
1SNG-dar miçanga coisa branca Tyoma SUPS
"Eu dei miçanga branca para Tyoma".
- (252) **tyuku i:n ti:knin**
morrer piranha coisa preta
"A piranha preta morreu".

Analisamos o grupo de vocábulos apresentado acima como formas nominais resultantes da associação das raízes verbais monovalentes *nya* "ser grande"; *tyai* "ser comprido"; *hu:* "ser azul"; *wuru* "ser amarelo"; *po* "ser vermelho"; *opara* "ser branco" e *ti:k* "ser preto" ao sufixo nominalizador *-nin*. Todavia, convém ressaltar que o processo de lexicalização já não permite, no estágio atual da

língua, identificar a forma verbal fora dessa associação com exceção de *ti:k* “ser preto” e *opara* “amanhecer” que ainda são identificados em Katukína sem a associação ao nominalizador *-nin*.

3.1.1.3 Posposições

Assim como a sub-classe dos nomes inalienáveis e a sub-classe dos verbos divalentes, as posposições flexionam-se segundo a pessoa. Essa classe léxica é constituída por palavras de natureza relacional cuja função é ligar dois elementos estabelecendo entre esses elementos diferentes tipos de relações, tais como: privação, associação e diferentes maneiras de localização espacial. No quadro seguinte, apresentamos o inventário de posposições identificadas juntamente com seu significado. Em seguida apresentamos alguns exemplos.

<i>ama</i>	destinatário
<i>han</i>	sociativo1
<i>katu</i>	sociativo2
<i>iki</i>	inessivo
<i>iton</i>	privativo
<i>hon</i>	causa
<i>patu</i>	alativo1
<i>to</i>	alativo2
<i>ton</i>	superessivo
<i>tona</i>	sublativo
<i>to:na/to:dik</i>	subessivo
<i>wana/wadik</i>	perlativo

Quadro20: posposições

ama “destinatário”

(253) **to:dahuna ha-ni-na= ama**
 patauí-pegar 3SNG-irmã mais velha-OBJPOSP DEST
 "Pegou patauí para a irmã dele".

(254) **no:k pi:da ha-ama-dik**
 estar bravo onça 3SNG-DEST-CTRP
 "A onça está brava com ele (Lit: A onça está brava para ele)".

No exemplo (254) observamos que a posposição *ama* “destinatário” está associada ao sufixo dêitico centrípeto *-dik*⁴⁵.

han “sociativo1”

(255)^{KAN} **anyan-na= man ma-han**
3SNG-ERG fazer 3PL-SOC1
"Ele o fazia com eles".

(256) **daan mintyai oparanin han**
sair cintura coisa branca SOC1
"Saiu com a coisa branca (miçanga) na cintura".

katu “sociativo2”

(257)^{KAN} **Tirin-na= katu Pioru**
Tirin-OBJPOSP SOC2 Pioru
"Pioru está com Tirin".

(258) **ha-hak tabi maripu-na= katu**
3SNG-flechar jacu sarabatana-OBJPOSP SOC2
"Ele flechou o jacu com a sarabatana".

⁴⁵A descrição detalhada dos sufixos dêiticos encontra-se na seção 3.2 Morfologia das classes flexionáveis, sub-seção 3.2.1.2 Sufixos dêiticos. No dialeto Kanamari, identificamos o alomorfe *-dyi*.

Convém ressaltar que a posposição sociativa *han* foi identificada apenas nos exemplos aqui apresentados, sendo que o primeiro pertence ao Kanamarí e o segundo ao dialeto Katukína do Biá.

hon “causa”

(259)^{KAN} **tyuku opaty:n no-hon**
morrer criança 2SNG-CAUS
"A criança morreu por tua causa".

(260)^{KAN} **ityaro hon ma-hakhak niama pi:da**
mulher CAUS 3PL-flechar CONEC onça
"Por causa da mulher, então, eles flecharam a onça".

iki “inessivo”

(261) **ho:modak iki Antonio**
rede INSS Antonio
"Antonio está dentro da rede".

(262) **dadyoran manuru hak iki-na**
entrar mosca casa INSS-CTRF
"A mosca entrou na casa".

A associação do sufixo dêítico *-na* à posposição inessiva *iki* observado no exemplo (262) faz com que *iki* torne-se dinâmica e indique o movimento “para dentro de”⁴⁶.

iton “privativo”

(263) **ha-iton** **kodi:k-na**
3SNG-PRVT tomar banho-CTRF
"Na ausência dele, ela tomou banho".

(264)^{KAN} **pi:da-na=** **iton** **wa:dyo** **waok-dyi**
onça-OBJPOSP PRVT macaco prego chegar-CTRP
"Na ausência da onça, o macaco prego chegou".

patu “alativo1”

(265)^{KAN} **yok-dahu** **pi:na** **Dyano-na=** **patu**
1SNG-levar anzol Dyano-OBJPOSP ALT1
"Eu levei o anzol em direção ao Dyano".

(266) **daan Kopa wi:ri** **patu-na**
sair Kopa queixada ALT1-CTRF
"Kopa saiu em direção à queixada".

⁴⁶Como veremos na segunda parte desse capítulo, assim como os nomes e os verbos, as posposições estão habilitadas a selecionar os sufixos dêíticos *-na* e *-dik*.

to “alativo2”

- (267) **waok-na hak to**
chegar-CTRF casa ALT2
"Chegou à casa".

ton “superessivo”

- (268) **yok-hi:k pi:da kitan-nin o:man ton**
1SNG-ver onça dormir-DUR árvore, pau SUPS
"Eu vi a onça dormindo sobre o pau".

- (269) **ha-to-ho:ki no-ton**
3SNG-APLC-falar 2SNG-SUPS
"Ele falou para você".

tona “sublativo”

- (270) **daan tukuna o:man tona**
sair pessoa árvore, pau SUBLT
"A pessoa saiu por baixo da árvore".

- (271) **dadyoran hak tona**
entar casa SUBLT
"(Eles) entraram por baixo da casa".

to:-na “subessivo”

- (272) **mirik adu hon to:na**
agarrar 1SNG terra SUBS
"Eles agarraram-me no fundo da terra".

to:-dik “subessivo”

- (273) **pi:da-na= hi:k anyai: o:man to:-dik**
onça-ERG ver mulher-pé árvore, pau SUBS
"A onça viu a pegada da mulher embaixo da árvore".

wa-na/wa-dik “perlativo”

- (274) **Dyoaki hi:ri o:man wa-na**
Joaquim subir árvore, pau PRLT-CTRF
"Joaquim subiu pela árvore".

- (275) **haokikihi dan wa-dik**
conversar caminho PRLT-CTRP
"Conversaram para cá pelo caminho".

As posposições perlativas *wa-na* e *wa-dik* são formadas pela associação da posposição *wa* aos sufixos *-na* e *-dik*. De acordo com essa hipótese, *wa*, cuja ocorrência em isolado não é mais identificável no estágio atual da língua, expressa a noção de perlativo. Por sua vez,

ao ser associada aos sufixos *-na* e *-dik*, a posposição indicaria que o movimento ocorre com aproximação ou distanciamento em relação ao falante.

3.1.2 Palavras não-flexionáveis

A segunda seção desse capítulo é dedicada à apresentação das classes de palavras não-flexionáveis. Levando em consideração a habilidade que as classes léxicas possuem em acessar os processos flexionais e derivacionais, identificamos uma classe léxica que não está habilitada a acessar tais processos: advérbios.⁴⁷

3.1.2.1 Advérbios

Definimos os advérbios como palavras independentes, não-flexionáveis e que têm por função modificar um verbo ou uma oração. De acordo com as noções semânticas que expressam, podemos dividi-los em três sub-grupos: (a) advérbios de tempo; (b) advérbios locativos; (c) advérbios de modo.

(a) Advérbios de tempo

Os advérbios desse sub-grupo têm como função indicar o tempo em que determinado evento se realiza⁴⁸. Foram identificados

⁴⁷Todavia, convém ressaltar que identificamos também um vocábulo não-flexionável que é a partícula *niama* cuja função é conectar eventos dentro do discurso.

⁴⁸Em Katukína a informação temporal é marcada tanto pelos advérbios de tempo quanto pelos clíticos que serão apresentados posteriormente.

cinco advérbios temporais: *aninton*, *hururu*, *manati*, *paradi* e *paikadati*.

Aninton é o advérbio que assinala o intervalo de tempo “hoje”. No que se refere à sua formação morfológica, acreditamos que esse advérbio é o resultado da associação de três elementos: (1) a cópula existencial *an*; (2) o sufixo nominalizador *-nin* e (3) a posposição superessiva *ton*⁴⁹.

aninton “hoje”

(276) **aninton tyo-warabuk nayo**
hoje 1PL-matar mãe
"Hoje nós matamos a mãe".

(277) **tyuku pi:da aninton**
morrer onça hoje
"A onça morreu hoje".

⁴⁹A cópula existencial *an* e a posposição superessiva *ton* serão descritas no capítulo IV Sintaxe, mais precisamente na seção 5.1 Predicados e no sub-capítulo 6 Adjuntos. O sufixo nominalizador *-nin* é tratado, nesse capítulo, na seção 3.3 Morfologia verbal.

O advébio *hururu* indica o período formado pelas primeiras horas de um dia, isto é, “alvorada”:

(278) **Tyo:ma-na= ti: inan hururu**
Tyoma-ERG matar morcego alvorada
"Tyoma matou o morcego na alvorada".

(279) **hururu waok-na adu**
alvorada chegar-CTRF 1SNG
"Na alvorada, eu cheguei".

Manati indica a noção temporal "ontem":

(280) **yok-hak kamodya manati**
1SNG-flechar macaco barrigudo ontem
"Eu flechei o macaco barrigudo ontem".

(281) **manati tyuku Konhu**
ontem morrer Konhu
"Ontem Konhu morreu".

Paikadati é o advérbio que assinala o intervalo de tempo "de manhã":

(282) **Nara-na= pu don paikadati**
Nara-ERG comer peixe(sp) de manhã
"Nara comeu o peixe de manhã".

(283) **paikadati daan Tokaniri**
de manhã sair Tokaniri
"De manhã, Tokaniri saiu".

O último advérbio identificado nesse sub-grupo é *paikadati* que indica o lapso temporal "meia-noite" como podemos observar nos exemplos seguintes:

(284) **paikadati daan Tokaniri**
de manhã sair Tokaniri
"De manhã, Tokaniri saiu".

(285) **ma-pi:k mok paikadati**
3PL-cortar anta de manhã
"Eles cortaram a anta de manhã".

(b) Advérbios locativos

Os advérbios desse segundo sub-grupo têm como função indicar a distância espacial em relação aos interlocutores do discurso. Identificamos cinco advérbios locativos: *kodo*, *bakti*, *baktitu*, *datanti* e *tanti*. Tendo como base o critério proximidade, é possível classificar os quatro últimos advérbios em dois sub-grupos: (i) [+próximo] e (ii) [-próximo] como podemos observar no quadro seguinte:

[+próximo]	[-próximo]
<i>tanti</i> “aqui”	<i>datanti</i> “ali”
<i>baktitu</i> “perto”	<i>bakti</i> “longe”

Quadro 21: advérbios locativos

No que diz respeito à formação morfológica, notamos que grande parte dos advérbios locativos são formas derivadas dos verbos *bak* “ser bom” e *tan* “estar”⁵⁰.

Os advérbios que compõem o sub-grupo [+próximo], isto é, *tanti* “aqui” e *baktitu* “não longe, perto” são formados morfolo-

⁵⁰Os verbos *bak* “ser bom” e *tan* “estar” serão descritos no capítulo IV Sintaxe, mais precisamente na seção 5.1 Predicados.

gicamente pela associação dos verbos *tan* “estar” e *bak* “ser bom” ao sufixo diminutivo *-ti*⁵¹:

tan + *-ti* → *tanti* "aqui"

(286) **tyuku adu tanti**
 morrer 1SNG aqui
 "Eu vou morrer aqui".

(287) **dadyoran-nin tanti =tyo**
 entrar-DUR aqui EXORT
 "Vá entrando aqui!".

O advérbio *baktitu* “perto” é composto através da associação da raiz verbal *bak* “ser bom” ao sufixo diminutivo *-ti* e ao sufixo de negação *-tu* como podemos observar nos exemplos seguintes:

bakti + *-tu* → *bakti-tu* "não longe, perto"

(288) **baktitu adu**
 longe 1SNG
 "Eu não estou longe".

⁵¹Na seção 3.3 Morfologia Verbal, veremos que o sufixo diminutivo *-ti* indica a ênfase na marcação da noção.

- (289) **baktitu mawa hak**
 longe 3POSS casa
 "A casa deles não é longe, é perto".

Tendo em vista que esse tipo formação é pouco produtivo na língua, consideraremos que o diminutivo *-ti* está lexicalizado às raízes verbais *tan* e *bak* assim como o sufixo de negação *-tu* está associado à *bakti*.

No que se refere à formação morfológica dos advérbios do sub-grupo [-próximo], isto é, *datanti* "ali" e *bakti* "longe", identificamos dois processos de composição.

A forma adverbial *datanti* é constituída pela associação do prefixo deslocativo *da-* ao advérbio *tanti* "aqui" como podemos observar nos exemplos (290) e (291):

da- + *tanti* → *da-tanti* "ali"

- (290) **kaya datanti adu**
 ir ali 1SNG
 "Eu vou ali".

- (291) **datanti dawuhan =ka**
 ali cair PERFEC
 "Caiu ali".

Enquanto o advérbio *bakti* “longe” é formado mediante a associação do sufixo de negação *-tu* ao advérbio *bakti* “perto” como é possível verificar nos exemplos (292) e (293):

bak + *-ti* → *bakti* "perto"

(292) **bakti to:**
 longe descansar
 "(Ele) Descansou longe".

(293) **bakti an i-bo**
 longe COP 1SNG-cunhado
 "Meu cunhado está longe".

Visto que esses processos de formação são pouco produtivos em Katukína, consideramos que o prefixo deslocativo *da*⁵² está lexicalizado à raiz adverbial *tanti* “aqui” e o sufixo diminutivo *-ti* está lexicalizado à raiz verbal *bak* “ser bom”.

Outro advérbio locativo identificado é *kodo* que traduzimos como "em cima":

(294)^{KAN} **odyahi kodo o:man-kitok katu**
 esconder-se em cima árvore, pau-pedaço SOC2
 "Escondeu-se lá em cima com o cacete".

⁵²Descrito na seção 3.3 Morfologia verbal.

- (295) **dawaikan o:man kodo kamodya**
cair árvore, pau em cima macaco barrigudo
"O macaco barrigudo caiu em cima da árvore".

Como veremos mais adiante⁵³, a sub-classe dos verbos divalentes, dos nomes inalienáveis e a classe das posposições possuem a habilidade de selecionar os sufixos dêiticos *-na* e *-dik*. Todavia o advérbio *kodo* também seleciona esses sufixos como podemos observar nos exemplos seguintes:

- (296) **kodo-na mimi dadakan**
em cima-CTRF sangue pingar
"Lá em cima, o sangue pingava".

- (297) **ha-pityikman hak kodo-dik**
3SNG-saltar casa em cima-CTRP
"Ele saltou para cá, para cima da casa".

Não foi identificado nenhum tipo de condicionamento que possa explicar a associação dos sufixos dêiticos ao advérbio *kodo*. Dessa forma, consideraremos que esse advérbio apresenta formação atípica quando seleciona os sufixos dêiticos *-na* e *-dik*.

⁵³Consultar 3.2 Morfologia das classes flexionáveis, sub-seção 3.2.1.2 Sufixos dêiticos.

(c) Advérbio de modo

Identificamos um advérbio nesse grupo: *kudu*. Semanticamente, *kudu* indica: (i) a repetição de um dado evento ou (ii) a repetição de uma entidade. Doravante passaremos a chamar *kudu* de **iterativo**. Observemos os exemplos abaixo nos quais apresentamos o advérbio iterativo indicando a repetição de um evento (298-299) e a repetição de um entidade (300):

(298) **dyo:kan-na** **wu:dyon** **kudu**
 aparecer, chegar-CTRF lontra ITRV
 "A lontra apareceu lá de novo".

(299) **ha-hi:k-na** **ipidi** **kudu**
 3SNG-ver-CTRF macaco zogue-zogue ITRV
 "Ele viu zogue-zogue de novo".

(300) **Yakoari** **kudu**
 Yakoari ITRV
 "É Yakoari de novo".

No que se refere à posição dos advérbios na oração, podemos dizer que apesar de possuírem grande mobilidade, de forma geral, sua posição de ocorrência mais frequente é em final de sentença:

tanti "aqui"

(301) **waok-dik tanti**
chegar-CTRF aqui
"(Ele) Chegou aqui".

bakti "longe"

(302) **ha-hi:k wi:ri bakti**
3SNG-ver queixada longe
"Ele viu a queixada longe".

hururu "alvorada"

(303) **ha-ti: mok hururu**
3SNG-matar anta alvorada
"Ele matou a anta na alvorada".

Os advérbios podem ocorrer também no começo da sentença ou entre o predicado e o argumento externo⁵⁴:

(301') **tanti waok-dik**
aqui chegar-CTRF
" Aqui (ele) chegou ".

⁵⁴Para mais detalhes sobre a distribuição dos advérbios, consultar no capítulo IV Sintaxe 6 Adjuntos.

(302') **ha-hi:k bakti wi:ri**
3SNG-ver longe queixada
"Ele viu, longe, a queixada".

(303') **hururu ha-ti: mok**
alvorada 3SNG-matar anta
" Na alvorada, ele matou a anta".

Identificamos ainda o vocábulo *niama*⁵⁵. Esse possui grande mobilidade dentro da oração, podendo ocorrer, por exemplo, entre o verbo e seu argumento externo (veja exemplo (304b)) ou no final da sentença (cf. (305b)). Sua função é indicar a concatenação de eventos no interior do discurso.

Acreditamos que *niama* é uma forma lexicalizada resultante da combinação entre a cópula existencial *an*, o sufixo *-nin* e a posposição destinatária *ama*. Tendo em vista que não está habilitada a acessar os processos de flexão aos quais nomes, verbos e posposições têm acesso, *niama* é uma palavra não-flexionável. Chamamos *niama* de **conector discursivo**. Observemos os exemplos seguintes que foram extraídos de narrativas nos quais (304a/b) e (305a/b) formam um fragmento textual:

⁵⁵Nosso conhecimento sobre os conectores discursivos ainda é restrito e seu estudo deve ser aprofundado nas pesquisas posteriores.

(304a) **tyuku pi:da**
morrer onça
"A onça morreu".

(304b) **dado:hi niama adu =ka**
correr CONEC 1SNG PERFEC
"Então, eu corri".

(305a) **ma-papaman dak**
3PL-bater casca, pele
"Eles bateram na casca".

(305b) **baki dak niama**
partir casca, pele CONEC
"Então partiram a casca".

No fragmento que engloba os exemplos (304a) e (304b), notamos que após a realização do evento expresso pelo verbo *tyuku* “morrer” em (304a), ocorre o evento indicado pelo verbo *dado:hi* “correr, fugir” no exemplo (304b). A sequência dos eventos, isto é, a concatenação dos eventos no discurso é assinalada com o uso de *niama*. Situação semelhante é identificada nos exemplos (305a) e (305b), pois somente o evento descrito pelo verbo *papaman* “bater” em (305a) é seguido pelo evento descrito por *baki* “partir” no exemplo (305b).

Tomando como critérios de identificação suas características morfológicas, bem como sua distribuição na sentença, classificamos *niama* como uma **partícula**. Nossa definição para o termo **partícula** é baseada nas considerações feitas por Zwicky (1985). Para o autor, as partículas são palavras funcionais que não requerem ser listadas no léxico como palavras de conteúdo. De maneira geral, as partículas quando são analisadas como palavras, isto é, distintas dos afixos e clíticos, exibem as seguintes características: (i) acento próprio; (ii) certa liberdade na ordem de palavras; (iii) em alguns casos, podem ocorrer isoladamente; (iv) semanticamente indicam mais funções semânticas do que pragmáticas. Tendo em vista que *niama* possui acento próprio, apresenta liberdade na ordem de palavras e tem como função a concatenação de eventos no interior do discurso, assumimos que *niama* é uma partícula.

3.2 Morfologia das classes flexionáveis

A segunda parte desse capítulo é dedicada à apresentação dos processos flexionais e derivacionais identificados nas sub-classes nominais e verbais e na classe das posposições. Primeiramente, trataremos dos dois processos flexionais que são comuns aos nomes, verbos e posposições: (i) pessoa e número e (ii) sufixação dos dêiticos. Em seguida, trataremos dos processos flexionais e derivacionais de cada classe.

Para definir quais processos são flexionais e quais são derivacionais em Katukína-Kanamarí, tomamos como referência a listagem

apresentada por Aikenvald (2007:36)⁵⁶ que contém as características prototípicas dos processos flexionais e derivacionais. Dentre as características apresentadas, selecionamos a obrigatoriedade e produtividade que utilizaremos como critérios para nossa definição de flexão e derivação nesse trabalho.

Obrigatoriedade

De acordo com esse característica, de forma geral, os processos de flexão possuem ocorrência obrigatória. Em contrapartida, os processos derivacionais têm ocorrência opcional.

Produtividade

A segunda característica indica que os processos flexionais são altamente produtivos, tendo em vista que se aplicam a todos ou quase todos os elementos de uma classe. Na direção oposta, os processos derivacionais têm sua ocorrência restrita a algumas unidades dentro de uma classe.

Utilizando os dois critérios aqui apresentados, classificamos os processos de flexão e derivação Katukína-Kanamari em um sistema binário no qual um processo flexional é assinalado como [+obrigatório] e [+produtivo] ao passo que o processo derivacional é marcado como [-obrigatório] e [-produtivo] como demonstramos no quadro seguinte:

⁵⁶A tabela apresentada por Aikenvald reúne as características dos processos de flexão e derivação apresentados por Payne (1990:154); Anderson (1992:218–20); Bauer (1983:29)).

processos	obrigatoriedade	produtividade
marcação pessoa/número	+	+
sufixos dêiticos	+	+
tempo-aspecto-modalidade	+	+
marcação casual	+	+
negação	+	+
deslocativo	+	+
subordinação	+	+
verbalização	-	-
nominalização	-	-
diminutivo	-	-
coletivo	-	-

Quadro 22: processos flexionais e derivacionais.

As classes flexionais identificadas em Katukína são sete: (a) pessoa/número; (b) sufixos dêiticos; (c) tempo-aspecto-modalidade; (d) marcação casual; (e) negação; (f) deslocativo; (g) subordinação. Ao passo que as classes derivacionais são quatro: (g) verbalização; (h) nominalização; (i) marcação de diminutivo e (j) coletivo. Na sub-seção seguinte, apresentaremos os processos flexionais que são selecionados tanto pelas sub-classes dos nomes e dos verbos bem como pela classe posposicional.

3.2.1 Processos flexionais em comum

Identificamos dois processos de flexão aos quais nomes, verbos e posposições estão habilitados a acessar: (1) pessoa/número e (2) sufixos dêiticos.

3.2.1.1 Pessoa/número

Como visto anteriormente na seção Palavras flexionáveis, a classe das posposições assim como a sub-classe dos nomes inalienáveis e a sub-classe dos verbos divalentes estão habilitadas a flexionar segundo a pessoa e o número. Para tanto, selecionam o paradigma de prefixos pessoais que é composto por seis formas que combinam três pessoas e dois números conforme quadro (16) que rerepresentamos em seguida:

	singular	plural
1 ^a	yok- ⁵⁷	tyo-
2 ^a	no-	na-
3 ^a	ha-	ma-

⁵⁷Para mais detalhes sobre alomorfismos consultar o capítulo II Fonologia (seção 2.9).

Observemos os exemplos seguintes nos quais um nome inalienável, um verbo divalente e uma posposição selecionam o prefixo de terceira pessoa singular desse paradigma:

(306) **ha-wadi:k** **Hu**
3SNG-nome Hu
"Hu era o nome dela".

(307) **ha-hak** **tabi**
3SNG-flechar jacu
"Ele flechou o jacu".

(308) **ha-katu** **Tyo:ma**
3SNG-SOC1 Tyoma
"Tyoma está com ele".

O nome inalienável *wadik* “nome” em (306), o verbo divalente *hak* “flechar” no exemplo (307) e a posposição sociativa *katu* em (308) associam-se ao paradigma de prefixos pessoais, ou seja, flexionam-se segundo a pessoa e o número. Como vimos anteriormente, a sub-classe dos nomes alienáveis, dos verbos monovalentes e os advérbios não acessam o paradigma de prefixos pessoais.

3.2.1.2 Sufixos dêíticos

O segundo processo comum às três classes flexionáveis é o que envolve a associação dos sufixos que chamamos de **dêíticos**. Esses afijos têm como função indicar a direção espacial em relação ao falante. Identificamos dois sufixos que são associados aos verbos, nomes e posições: *-na* e *-dik*. O sufixo dêítico *-na* que chamamos de **centrífugo** assinala o distanciamento em relação ao falante. Enquanto o sufixo dêítico *-dik*⁵⁸, que chamamos de **centrípeto**, indica a aproximação em relação ao falante. Observemos os exemplos seguintes nos quais verbos, nomes e posições que selecionam os sufixos dêíticos:

-na “centrífugo”

verbos divalentes

- (309) **waik-buk-na** **Kamo**
 canto-fazer-CTRF Kamo
 "Kamo cantou para lá".
- (310) **ki:nhi-na-tu** **owamok**
 voltar-CTRF-NEG esposa
 "A esposa dele não voltou para lá".

⁵⁸No dialeto Katukína do Biá, o sufixo centrípeto possui dois alomorfes: *-di* e *-dik* que se encontram em variação livre. No dialeto Kanamarí, o centrípeto tem a forma *-dyi*. Optamos pela utilização da forma *-dik* para a representação do sufixo centrípeto no dialeto Katukína do Biá. Nos exemplos advindos do Kanamarí, utilizamos a forma *-dyi*.

nomes alienáveis

- (311) **dato:hi bainin-na**
correr, fugir roça-CTRF
"Correu lá para a roça".

- (312) **daan Tyuwuk-na**
sair Tyuwuk-CTRF
"(Eles) Saíram lá para o Tyowuk⁵⁹".

posposições

- (313) **pi:kan Tokaniri ho:mo iki-na**
deitar Tokaniri maqueira INSS-CTRF
"Tokaniri deitou lá na maqueira".

- (314) **dadyoran hak to-na**
entrar casa ALT-CTRF
"(Ele) Entrou lá na casa".

⁵⁹*Tyuwuk* é o nome de um igarapé localizado na TI Rio Biá.

-dik “centrípeto”

verbos divalentes

(315) **hoo dak-dik ha-ponhanya**
achar graça vir-CTRP 3SNG-irmã mais nova
"A irmã dele vem para cá achando graça".

(316) **dawio-dik Dyoaki**
descer-CTRP Joaquim
"Joaquim desceu para cá".

nomes alienáveis

(317) **daan wadak-dik**
sair lago-CTRP
"Saiu para cá, para o lago".

(318) **to:ri-dik ma-oktak**
paneiro-CTRP 3PL-colocar
"Eles colocaram no paneiro, para cá".

posposições

(319) **dato:hi adu bainin iki-dik**
correr, fugir 1SNG roça INSS-CTRP
"Eu corri no meio da roça".

(320) **no:k pi:da-kon ama-dik**
estar bravo onça-esférico DEST-CTRP
"A onça pintada está brava comigo".

Concluimos essa sub-seção lembrando que os processos flexionais que envolvem a marcação de pessoa/número e a sufixação dos dêiticos é compartilhado pela sub-classe dos nomes inalienáveis, pela sub-classe verbal divalente e pela classe das posposições.

As três seções seguintes são dedicadas à apresentação dos processos flexionais e derivacionais identificados nas classes verbais, nominais e posposicionais.

3.3 Morfologia Verbal

Esta seção que é dedicada à morfologia verbal está dividida em duas sub-seções. Na primeira delas, apresentaremos os processos flexionais: (i) tempo-aspecto-modalidade; (ii) durativo; (iii) negação; (iv) deslocativo; (iv) subordinação. Na segunda sub-seção, trataremos

dos processos derivacionais da nominalização, da ênfase sobre o evento e da composição.

3.3.1 Processos flexionais

3.3.1.1 Tempo-aspecto-modalidade

Para indicar as noções de tempo, aspecto e modalidade em Katukína-Kanamari, utiliza-se uma série de elementos que chamaremos de **clíticos**. Para definir o termo **clítico** tomamos como referência as considerações apresentadas por Bickel & Nichols (2007). Segundo os autores, o termo **clítico** é utilizado na literatura em dois sentidos: (1) como palavras de fronteiras fonológicas. Como exemplo, os autores citam as preposições em russo que são unidades sintáticas mas que fonologicamente dependem de seus objetos; (2) como formativos não-restritos categorialmente, ou seja, formativos que não apresentam restrição quanto a categoria sintática da palavra a qual se associam.

Utilizaremos nesse trabalho o termo **clítico** de acordo com o segundo sentido apresentado por Bickel & Nichols. Sendo assim, assumiremos a idéia de que os **clíticos** são elementos gramaticalmente dependentes cujo caráter é não-restrito em relação à seleção de seus hospedeiros. De acordo com a função que exercem, podemos dividir os clíticos Katukina em dois grupos. O primeiro deles que é constituído pelos elementos =wa, =tyi:n, =tya, =ka, =tyo, =yu e =dirin tem como função indicar as noções de tempo-aspecto-

modalidade⁶⁰. O segundo grupo de clíticos é composto pelas formas *na=*, *hi=* e *nin=* que indicam caso (*na=*), coletivo (*hi=*) e a dependência verbal em construções auxiliares (*nin=*)⁶¹.

O grupo de clíticos constituído pelas formas *=wa*, *=tyi:n*, *=tya*, *=ka*, *=tyo*, *=yu*, *=tu* e *=dirin* está dividido em três sub-grupos de acordo com as noções que indicam: (a) indicadores de tempo; (b) indicadores de aspecto e (c) indicadores de modalidade. A posição de ocorrência dos clíticos do primeiro grupo, isto é, *=wa*, *=tyi:n*, *=tya*, *=ka*, *=tyo*, *=yu*, *=tu* e *=dirin* é à extrema direita da sentença, associando-se ao vocábulo limítrofe da sentença seja qual for sua classe léxica.

(a) indicadores de tempo

Identificamos três clíticos que indicam a noção temporal nos eventos: *=wa*, *=tyi:n* e *=tya*.

=Wa tem por função indicar que o evento descrito ocorrerá imediatamente após o momento da fala. Doravante chamaremos *=wa* de indicador de **futuro imediato**. Observemos alguns exemplos:

⁶⁰Para Bickel & Nichols (2007:175), a não-restrição categorial dos clíticos é comprovada pelo fato de que esses elementos podem, de forma bastante comum nas línguas, associar-se a sentenças independentemente do tipo de palavra que ocorre em seus limites. Esses clíticos são denominados clíticos frasais. Um exemplo de clítico frasal citado pelos autores é o genitivo 's em Inglês. Esse é associado à direita do vocábulo limítrofe do sintagma nominal independente da classe léxica ao qual pertença: [NP [NP a guy you [_v know]]'s *idea*].

⁶¹Os clíticos *na=* e *hi=* serão descritos na seção 3.4 Morfologia nominal.

(321) **ko:dik adu =wa**
 tomar banho 1SNG FUTIMDT
 "Eu vou tomar banho".

(322) **pi:kan idi:k =wa**
 deitar 2SNG FUTIMDT
 "Você vai deitar".

A indicação de que o evento é iminente pode ser reforçada, de forma opcional, com o uso de advérbios de tempo tais como *aninton* "hoje, agora" como podemos verificar nos exemplos seguintes:

(323) **aninton ko:dik adu =wa**
 hoje, agora tomar banho 1SNG FUTIMDT
 "Agora eu vou tomar banho".

(324) **aninton pi:kan idi:k =wa**
 hoje, agora deitar 2SNG FUTIMDT
 "Agora você vai deitar".

O segundo clítico identificado nesse sub-grupo é *=tyi:n*. Diferentemente de *=wa*, que assinala uma ação iminente, *=tyi:n* indica que o evento em questão ocorrerá em algumas horas ou até mesmo no dia seguinte. Doravante chamaremos o clítico *=tyi:n* de **futuro próximo**. Observemos os exemplos que seguem:

(325) **aninton ha-dahu maripu =tyi:n**
hoje 3SNG-levar sarabatana FUTPROX
"Hoje ele vai levar sarabatana".

(326) **paikadati tyawaboi adu =tyi:n**
de manhã comer 1SNG FUTPROX
"De manhã eu vou comer".

Nos exemplos anteriores, podemos verificar que *=tyi:n* indica um intervalo de tempo maior do que o indicado pelo clítico *=wa* apresentado na série (321-324).

Essa indicação é reforçada pela presença dos advérbios *aninton* "hoje" em (325) e *paikadati* "de manhã" no exemplo (326). Convém ressaltar que o uso de um advérbio para reforçar a noção temporal é opcional. Quando esses não estão presentes na oração, *=tyi:n* codifica da mesma forma a noção de futuro próximo, como podemos verificar no exemplo (327):

(327) **dado:hi adu =tyi:n**
correr, fugir 1SNG FUTPROX
"Eu vou correr".

O terceiro clítico desse sub-grupo, isto é, =*tya* indica a possível ocorrência de um evento no futuro. Doravante chamaremos =*tya* de indicador de **futuro distante**:

(328) **kaya oroto kowu bi:k adi:k =tya**
 ir cacao chupar 1PL FUTDIST
 "Nós vamos chupar cacao".

(329) **ha-hi:k adi:k =tya**
 3SNG-ver, achar 1PL FUTDIST
 "Se ele nos achar".

Nos exemplos (328) e (329), a probabilidade de ocorrência dos eventos descritos é incerta.

Uma das evidências que confirmam a hipótese de que o clítico =*tya* marca futuro distante é sua utilização na composição de sentenças interrogativas, como podemos observar em (330):

(330) **hanian toman adi:k =tya =yu?**
 quem/qual/quem atirar 1PL FUTDIST INTERROG
 "Aonde nós vamos atirar? "

(b) indicador de aspecto

O segundo sub-grupo de clíticos é composto pelos elementos que marcam aspecto. Identificamos o clítico =*ka* cuja função é indicar

a conclusão do evento descrito na oração. Passaremos a chamá-lo de indicador de aspecto **perfectivo**:

(331) **daan Korihidi =ka**
sair Korihidi PERFEC
"Korihidi saiu".

(332) **waok-dik adi:k =ka**
chegar-CTRP 1PL PERFEC
"Nós chegamos".

Convém ressaltar que o aspecto **imperfectivo**, isto é, aquele que indica que o evento não foi concluído, não é marcado morfologicamente em Katukina-Kanamari como podemos verificar nos exemplos (333) e (334):

(333) **ho:han idi:k**
gritar, chamar 2SNG
"Você grita, chama".

(334) **waikbuhuk-nin Yakoari**
canto-fazer-DUR Yakoari
"Yakoari está cantando".

(c) indicadores de modalidade

No terceiro sub-grupo, existem três clíticos que indicam modalidade: =*tyo*, =*yu* e =*dirin*.

=*Tyo* é utilizado para indicar impelir ou motivar alguém a agir de certa maneira. Chamaremos esse clítico de **exortativo**⁶²:

(335) **no-po:ki dak =tyo**
 2SNG-arrancar casca, pele EXORT
 "Arranca a casca! "

(336) **kaya, daan adi:k =tyo**
 ir sair 1PL EXORT
 "Vamos sair".

Os clíticos =*yu* e =*tu* são utilizados nas construções interrogativas. Doravante chamaremos *yu* e *tu* de **interrogativos**:

(337) **adi:k wa-o =tya =yu?**
 1PL ANTP-beber FUTDIST INTERROG
 "Nós vamos beber? "

⁶²Para mais detalhes sobre os tipos de orações identificados em Katukína, consultar no capítulo IV Sintaxe, 9 Tipos Oracionais.

- (338) **tyanana ho:kanin iki =yu?**
conversar terreiro INSS INTERROG
"Quem conversa lá no terreiro? "

O terceiro clítico que integra esse subgrupo é =*dirin*. Sua função é indicar que a realização de um evento foi completa sem lograr o êxito esperado. Passamos a chamar =*dirin* de **frustrativo**:

- (339) **toman adu =dirin**
atirar 1SNG FRUST
"Eu atirei, mas não matei nada ".

- (340) **ho:han, ho:han, ho:han =dirin**
gritar gritar gritar FRUST
"(Ele) Gritou, gritou, gritou, mas não ouviram".

Concluimos essa sub-seção lembrando que os clíticos são elementos gramaticalmente dependentes que estão associados a um hospedeiro gramatical que é a sentença que tem um verbo como núcleo.

3.3.1.2 Durativo

A duração de um evento em Katukína-Kanamari é indicada mediante a associação do sufixo *-nin*, que chamamos de **durativo**, a uma raiz verbal. Nos exemplos seguintes, observaremos o durativo *-nin* sendo associado aos verbos *pok* “juntar”, *haok* “pular” e *ka:ki* “quebrar”:

(341) **ha-pok-nin** **tyirinka-kon**
 3SNG-juntar-DUR seringa-carçoço
 "Ele está juntando carçoço de seringa".

(342) **nomoi haok-nin**
 piau pular-DUR
 "O piau está pulando".

(343) **no-ka:ki-nin** **wakak o:man-kitok katu**
 2SNG-quebrar-DUR abacaxi árvore-pedaço SOC2
 "Você está quebrando abacaxi com pedaço de pau".

Ao associarmos as raízes verbais *pok* “juntar” em (341), *haok* “pular” no exemplo (342) e *ka:ki* “quebrar” no exemplo (343) ao durativo *-nin* notamos que esse indica a duração dos eventos expressos pelos verbos.

Convém dizermos que o sufixo durativo apresenta a mesma forma fonológica dos sufixos nominalizador e subordinador *-nin*.

3.3.1.3 Negação

A negação de um evento é feita mediante a associação do sufixo *-tu* a uma raiz verbal. Observemos os exemplos abaixo nos quais apresentamos um verbo em sua forma básica seguido pela forma associada ao sufixo de negação *-tu*:

(344) **no:k** **adi:k, i-bo**
estar bravo 1PL 1SNG-cunhado
"Nós estamos bravos, meu cunhado".

(345) **no:k-tu** **adi:k, i-bo**
estar bravo-NEG 1PL 1SNG-cunhado
"Nós não estamos bravos, meu cunhado".

(346) **Kopa-na=** **ti: mok**
Kopa-ERG matar anta
"Kopa matou a anta".

(347) **Kopa-na=** **ti:-tu mok**
Kopa-ERG matar-NEG anta
"Kopa não matou a anta".

3.3.1.4 Deslocativo

Para indicar que após a realização de um evento as entidades envolvidas em sua execução deslocam-se do local em que o evento ocorreu, associamos o prefixo **deslocativo** *da-* à raiz verbal. Observemos nos exemplos que seguem o verbo em sua forma básica (348/349a) seguido pela associação do prefixo deslocativo (348/349b):

(348a) **Pityira-na= o ta:hi**
 Pityira-ERG beber água
 'Pityira bebe água'.

(348b) **ha-da-o ta:hi**
 3SNG-DESLOC-beber água
 "Ele bebeu água e saiu".

(349a) **piyaiki-na= tohi:k kotyia**
 homens-ERG ver ariranha
 "Os homens viram a ariranha".

(349b) **ma-da-tohi:k kotyia**
 3SNG-DESLOC-ver ariranha
 "Eles viram a ariranha e saíram".

Aos adicionarmos o prefixo deslocativo *da-* às raízes verbais *o* "beber" e *tohi:k* "ver", notamos que as entidades que realizam os

eventos e que são expressas pelas formas prefixais de terceira pessoa singular *ha-* em (348b) e plural *ma-* no exemplo (349b) deslocam-se do espaço em que o evento ocorreu.

3.3.1.5 Subordinação

Nas construções subordinadas, a indicação de dependência entre a sentença dependente e a matriz é marcada por meio da associação do sufixo *-nin* ao verbo da sentença dependente. Observemos os exemplos seguintes nos quais representamos entre colchetes a sentença matriz (PRINC nas glosas) e a sentença dependente (SUBDNDA) na qual o verbo é associado ao sufixo *-nin*:

(350) [[[Bada-na=] babu]PRINC [Iobi]] [dyan-nin]SUBDNDA
 Badá-ERG mandar Aiobi caçar-SUBD
 "Badá mandou Aiobi caçar".

(351) [[[ma-]hi:k-tu]PRINC [mok]] [do:k-nin o:man ton]SUBDNDA
 3PL-ver-NEG anta defecar-SUBD árvore SUPS
 "Eles não viram que a anta defecou sobre a árvore".

No exemplo (350), a sentença subordinada tem como núcleo o verbo monovalente *dyan* “caçar”. Esse verbo é associado ao sufixo *-nin* para indicar a dependência em relação à sentença principal que é *Bada-na= babu* “Badá mandou”. Situação semelhante é observada no

exemplo (351), no qual o verbo subordinado, isto é, *do:k* “defecar” é associado a *-nin* que assinala a relação de dependência entre a sentença que contém o verbo *do:k* e a oração principal que é *ma-hi:k-tu* “Eles não viram”. Observamos ainda que a oração subordinada exerce a função de complemento verbal da sentença matriz⁶³.

3.3.2 Processos derivacionais

3.3.2.1 Nominalização

O processo derivacional pelo qual um verbo assume forma e características de um nome é feito mediante a associação do sufixo *-nin*, que doravante chamaremos de **nominalizador**, à uma raiz verbal. Nos exemplos abaixo apresentamos a construção verbal em sua forma básica seguida pela nominalização com *-nin*:

(352) **Laidi-na= tyara tawabi**
 Laidi-ERG torrar farinha
 "Laidi torrou a farinha".

(353) **yok-pu tyara-nin**
 1SNG-comer torrar-NOMNLZ
 "Eu como o torrado".

⁶³Para mais detalhes sobre a subordinação, consultar no capítulo IV Sintaxe, 8 Oração complexa.

(354) **Kopa-na= hak don**
Kopa-ERG flechar peixe (sp)
"Kopa flechou o peixe".

(355) **waok-na wa-hak-nin**
chegar-CTRF ANTP-flechar-NOMNLZ
"O flechador chegou".

Como notamos nos exemplos (353) e (355), a nominalização de participantes é feita com o uso do sufixo *-nin*.

No dialeto Katukína do Biá, a nominalização de eventos é realizada com a sufixação de *-nin*⁶⁴ a uma raiz verbal:

(356)^{KAN} **Dyoraidi-na= wu wapikaru tyuku-nin**
Dyoraidi-ERG querer boto morrer-NOMINLZ
"Dyoraidi quer a morte do boto".

⁶⁴Convém ressaltar que a nominalização de participantes no dialeto Kanamarí é feita com a posposição do elemento *nyan*. Para mais detalhes sobre nominalização, consultar no capítulo IV Sintaxe, 5 Sintaxe da oração.

3.3.2.2 Sufixo *-ti*

O sufixo *-ti* cuja função básica é marcar diminutivo, assume diferentes sentidos de acordo com a classe lexical a qual esse se associa. Quando o associamos a uma raiz verbal, esse enfatiza o evento descrito pelo verbo. Observemos os exemplos seguintes nos quais apresentamos a construção verbal básica (357/359) seguida pela associação do sufixo *-ti* enfatizando o evento (358/360):

- (357) **Pioru-na= hak don**
Pioru-ERG flechar peixe(sp)
"Pioru flechou o peixe".
- (358) **Pioru-na= hak-ti don**
Pioru-ERG flechar-DMNT peixe(sp)
"Pioru flechou mesmo o peixe".
- (359) **nuk adi:k =tyi:n**
ficar 1PL FUTPROX
"Nós vamos ficar".
- (360) **nuk-ti adi:k =tyi:n**
ficar-DMNT 1PL FUTPROX
"Nós vamos ficar mesmo".

3.3.2.3 Composição

Os compostos verbais em Katukína-Kanamari são originados por meio do processo de incorporação nominal no qual um verbo divalente incorpora um nome de tipo alienável⁶⁵. Como resultado da incorporação, o verbo passa a ser monovalente. Tendo em vista que esse processo é pouco produtivo, consideramos que as raízes nominais alienáveis lexicalizaram-se junto com as raízes verbais divalentes.

O primeiro elemento da forma verbal composta gerada, isto é, o nome incorporado é o elemento determinante enquanto a raiz verbal, ou seja, o segundo elemento do composto é o determinado. Identificamos dois verbos divalentes habilitados a formar esse tipo de composto: *man* “fazer, mandar” e *buhuk* “fazer” como podemos observar nos exemplos que seguem nos quais apresentamos, primeiramente, os verbos *man* e *buhuk* em suas formas básicas e, em seguida, na forma composta.

Nos exemplos (363) e (364), o verbo divalente *man* “fazer, agir, falar” incorpora os nomes alienáveis *don* “peixe(sp)” e *bara* “caça”. Como resultado dessa incorporação formam-se os compostos verbais monovalentes *donman* “pescar peixe(sp)” em (363) e *baraman* “trazer caça” em (364):

⁶⁵Para mais detalhes sobre incorporação nominal, veja no capítulo IV Sintaxe, a subseção 7.1 Recessivos.

man “fazer, agir, falar”

- (361) **pi:da-na= man adu**
onça-ERG agir 1SNG
"A onça pegou-me (Lit: A onça agiu em mim)".

buhuk “fazer”

- (362) **Ba:da-na= buhuk ton**
Bada-ERG fazer cesto
"Bada fez o cesto".

incorporação nominal com *man*:

- (363) **donman idi:k**
peixe(sp)-fazer 2SNG
"Você pesca (Lit: você peixe fazer)".

- (364) **baraman atyian**
caça-fazer 3PL
"Eles pescaram (Lit: eles caça trazer)".

Situação semelhante é observada nos exemplos (365) e (366) nos quais observamos a raiz verbal divalente *buhuk* “fazer” incorporar os nomes alienáveis *waik* “canto” e *kanaro* “desenho, letra”. Dessa

maneira, formam-se os compostos verbais monovalentes *waikbuhuk* “cantar” em (365) e *kanarobuhuk* “desenhar, escrever” no exemplo (366):

incorporação nominal com *buhuk*:

(365) **waikbuhuk adu =wa**
canto-fazer 1SNG FUTIMDT
"Eu vou cantar (Lit: eu canto fazer)".

(366) **kanarobuhuk adi:k**
desenho, letra-fazer 1PL
"Nós desenhamos (Lit: nós desenho fazer)".

3.4 Morfologia nominal

Essa seção, que está dividida em duas sub-seções, tratará dos processos flexionais e derivacionais identificados nos nomes. A flexão é o tema abordado na primeira sub-seção na qual apresentaremos a marcação de caso: (i) ergativo; (ii) genitivo; (iii) objeto de posposição e (iv) alativo. Na segunda sub-seção, trataremos os processos derivacionais de: (a) verbalização; (b) diminutivo; (c) coletivo e (d) composição.

3.4.1 Processos flexionais

Esta sub-seção é dedicada à apresentação dos casos estruturais ergativo, genitivo, objeto de posposição e do caso alativo.

3.4.1.1 Casos estruturais

Como foi dito anteriormente, os nomes inalienáveis, os verbos divalentes e as posposições selecionam o mesmo paradigma de prefixos pessoais. No exemplo (202) apresentado anteriormente e que rerepresentamos logo abaixo, temos uma construção divalente (ou transitiva) em que o prefixo *yok-* ocupa a posição de argumento interno do verbo:

(202) **yok-hak** **no:ru**
1SNG-flechar macaco zogue-zogue
"Eu flechei o macaco zogue-zogue".

O elemento representado pelo prefixo *yok-* também pode ser expresso por meio de um sintagma nominal, como demonstramos em (202'):

(202') **Kopa-na=** **hak** **no:ru**
Kopa-ERG flechar macaco zogue-zogue
"Kopa flechou o macaco zogue-zogue".

Ao inserirmos o sintagma nominal *Kopa*, notamos que o clítico *-na=* é associado ao nome *Kopa*. Esse clítico (que na pronúncia

procliticiza-se ao elemento núcleo que o segue) tem por função, na construção de padrão **ergativo-absolutivo**⁶⁶, tal como em (202), indicar que o sintagma nominal ao qual está ligado é o argumento interno do verbo. Sendo assim, dizemos que o sintagma *Kopa* é marcado com o caso estrutural **ergativo** por meio do clítico *-na=*.

Nos sintagmas nominais de tipo divalente, cujo núcleo é um nome inalienável⁶⁷, o elemento dependente, quando representado por um sintagma nominal, é associado ao clítico *-na=*:

(367) **Tirin-na= tyo Tyo:ma**
Tirin-GEN filha Tyo:ma
"Tyo:ma é filha de Tirin".

No exemplo acima, o sintagma nominal *Tirin* está associado ao clítico *-na=* que procliticiza-se ao núcleo do predicado que é o nome inalienável *tyo* "filha". Nesse caso, dizemos que *Tirin* é marcado para o caso estrutural **genitivo** com a utilização do clítico *-na=*.

Em sintagmas posposicionais, o objeto da posposição é manifestado por meio de um sintagma nominal que é marcado com o caso **objeto de posposição** por meio da associação do clítico *-na=*:

⁶⁶As construções de padrão ergativo serão tratadas mais detalhadamente no capítulo sobre Sintaxe.

⁶⁷Como veremos no capítulo IV Sintaxe, na sub-seção 5.1 Predicados.

- (368) **Tokaniri-na= katu Hu**
Tokaniri-OBJPOSP SOC2 Hu
"Hu está com Tokaniri".

Como veremos adiante⁶⁸, as posposições regem o caso. No exemplo (368) é possível verificar que o clítico *-na=* procliticiza-se à posposição sociativa *katu*.

Convém ressaltar que somente os elementos da classe léxica dos nomes possuem a habilidade de selecionar o clítico indicador de caso estrutural ergativo, genitivo e objeto de posposição *-na=*.

3.4.1.2 Caso alativo

O processo flexional pelo qual se indica que um movimento é feito em direção a algo ou alguém é o que chamamos de **alativo**. Esse caso é marcado sobre as raízes nominais com o uso do sufixo *-na* que doravante chamaremos de **alativo**:

- (369) **daan awayan-hi-na**
sair parente-COL-ALT
"(Eles) saíram para os parentes (Lit:(Eles) saíram na direção dos parentes".

⁶⁸Idem 30.

- (370) **dato:hi nayo-na**
correr, fugir mãe-ALT
"Corre para a mãe (Lit: Corre na direção da mãe)".

Assim como os casos ergativo, genitivo e objeto de posposição, a seleção do caso alativo é permitida somente aos elementos da classe dos nomes e vedada tanto aos verbos quanto às posposições.

3.4.2 Processos derivacionais

Nesta sub-seção trataremos os processos derivacionais de: (a) verbalização; (b) diminutivo; (c) coletivo e (d) composição.

3.4.2.1 Verbalização

O processo de derivação no qual se formam verbos monovalentes a partir de raízes nominais utiliza dois sufixos: *-pa* e *-ok*. Esses afixos têm como função conceder dinamicidade à noção nominal.

No estágio atual da língua ainda é possível identificar os sufixos verbalizadores *-pa* e *-ok* e dos verbos *pa* e *ok* dos quais os primeiros originaram-se.

O verbo *pa* tem o sentido de agir sobre algo ou alguém enquanto o verbo *ok* exprime a noção de produzir. Essas noções também são expressas pelos verbalizadores. Observemos os exemplos abaixo nos quais apresentamos exemplos com as formas verbais *pa* e *ok* seguidos por exemplos com as formas sufixais *-pa* e *-ok* :

pa “agir sobre algo ou alguém”

(371) **ha-pa** **niama** **Adyabaki:dak**
3SNG-agir CONEC Adyabaki:dak
"Ele cantou, então, Adyabaki:dak".

(372) **ma-pa**
3PL-agir
"Eles o bateram".

verbo *ok* “produzir”

(373) **ma-ok** **tyawa**
3PL-produzir comida
"Eles fizeram, produziram comida".

Observemos os exemplos abaixo nos quais apresentamos as formas sufixais *-pa* e *-ok*:

-pa "agir como ou sobre alguém"

(374) **tyuku kaikna**
morrer macaco guariba
"O macaco guariba morreu".

(375) **o:para kaikna-pa**
amanhecer macaco guariba-VRBLZ
"Ao amanhecer, (ele) agia como o macaco guariba".

Em (374), temos o nome *kaikna* "macaco guariba". Ao associarmos a essa raiz o sufixo *-pa* forma-se o verbo *kaikna-pa* "agir como macaco guariba" em (375).

-ok "produzir"

(376) **koni an**
palavra COP
"Tinha palavra".

(377) **no-ma-koni-ok** **nayo**
2SNG-APLC-palavra-VRBLZ mãe
"Tu vais falar com a tua mãe".

No exemplo (376), temos *koni* que é o nome “palavra”. Ao adicionarmos *-ok* a essa raiz nominal no exemplo (377), forma-se o verbo *koni-ok* “falar”. Uma das evidências que comprovam nossa hipótese de que *koni-ok* tem estatuto de verbo é a presença do prefixo aplicativo *ma-* nessa construção. Esse aplicativo tem como função aumentar a valência verbal⁶⁹⁷⁰.

3.4.2.2 Sufixo diminutivo *-ti*

Como vimos a sub-seção morfologia verbal, apesar do sufixo *-ti* codificar a noção de *diminutivo*, pode assumir diferentes sentidos de acordo com a classe léxica da raiz a qual se associa. Dessa maneira, podemos dividir os sentidos que indica em dois grupos semânticos: (i) restrição e (ii) ênfase. No primeiro grupo, o sufixo *-ti* indica os sentidos (a) afetivo e (b) diminutivo.

Diminutivo

Quando *-ti* indica essa noção, o tamanho da entidade expressa pelo nome ao qual o sufixo se associa é diminuído. Observemos os exemplos abaixo nos quais apresentamos inicialmente o nome no grau

⁶⁹Mais detalhes sobre os sufixos aplicativos podem ser consultados no capítulo IV Sintaxe, na seção 7 Mudanças na estrutura argumental da oração, sub-seção 7.2 Incrementais.

⁷⁰Na língua Inuit, a hipótese de que os verbalizadores teriam sua origem em verbos reforça nossa hipótese para o Katukina-Kanamari. Entretanto em Inuit não se identificam, no estágio atual da língua, as formas verbais e os sufixos verbalizadores em coexistência. Todavia acredita-se que essa hipótese pode ser confirmada diacronicamente. (Nicole Ternis - comunicação pessoal).

normal seguido pela forma associada ao sufixo-*ti* indicando o diminutivo:

(378a) **Kopa-na= hi:k hak**
Kopa-ERG ver casa
"Kopa viu a casa. "

(378b) **Kopa-na= hi:k hak-ti**
Kopa-ERG ver casa-DMNT
"Kopa viu a casinha. "

(379a) **dawaikan-dik opaty:i:n**
cair-CTRP criança
"A criança caiu".

(379b) **dawaikan-dik opaty:i:n-ti**
cair-CTRP criança-DMNT
"A criancinha caiu".

 Hipocorístico

Outro sentido que o sufixo diminutivo *-ti* pode marcar é o que chamamos de *afetivo* ou *hipocorístico*. Nesse caso, *-ti* expressa atitudes afetivas (carinho, admiração, desprezo) em relação à entidade a qual o sintagma nominal se refere. Observemos os exemplos seguintes em que apresentamos, o nome em sua forma básica seguido pela forma associada ao sufixo *-ti* com sentido hipocorístico:

- (380a) **yok-hi:k** **yok-onomok**
 1SNG-ver 1SNG-nora
 "Eu vi minha nora".
- (380b) **yok-hi:k** **yok-onomok-ti**
 1SNG-ver 1SNG-nora-DMNT
 "Eu vi minha norinha".
- (381a) **opatyi:n-na=** **tohi:k** **payo**
 criança-ERG procurar pai
 "A criança procurou o pai".
- (381b) **opatyi:n-na=** **tohi:k** **payo-ti**
 criança-ERG procurar pai-DMNT
 "A criança procurou o paizinho".

Ao compararmos os exemplos (380a) e (380b) observamos que ao associar-se o sufixo diminutivo *-ti* ao nome *onomok* “nora” esse sufixo faz com que o nome passe para o grau diminutivo. Entretanto, essa associação não demonstra a diminuição do tamanho da entidade, mas sim expressa atitude de carinho, apreço do falante para com essa entidade. Situação semelhante é identificada nos exemplos (381a) e (381b) tendo em vista que ao associar-se o sufixo *-ti* ao nome *payo* “pai” o sentido indicado pelo sufixo *-ti* é de afeição pela entidade a qual o nome representa.

Restritivo

Quando o sufixo *-ti* é utilizado com o significado *restritivo* faz com que o domínio da referência do nome ao qual se associa seja restringida:

(382a) **ki:nhi-na Tamakori**
 voltar-CTRF Tamakori
 "Tamakori voltou".

(382b) **ki:nhi-na Tamakori-ti**
 voltar-CTRF Tamakori-DMNT
 "Somente Tamakori voltou".

-
- (383a) **waikbuk-na** **adi:k**
 fazer festa-CTRF 1PL
 "Nós fizemos festa'.
- (383b) **waikbuk-na** **adi:k-ti**
 fazer festa-CTRF 1PL-DMNT
 "Somente nós fizemos festa'.

Ao associarmos *-ti* ao nome *Tamakori* e à forma pronominal livre⁷¹ de primeira pessoa plural *adi:k* “nós”, esses têm a referência restringida, como podemos verificar nos exemplos (382b) e (383b).

Concluimos que *-ti* com significação restritiva estreita a referência do nome ao qual está associado. Apesar de marcar a noção de restrição, *-ti* não confere ao sintagma nominal caráter contrastivo. *Ti-* sempre associa-se diretamente ao sintagma nominal.

3.4.2.3 Coletivo

Outro processo derivacional identificado nos nomes é o que chamamos de **coletivo**. No dialeto Katukína do Biá, a associação do sufixo *-hi* a uma raiz nominal indica que o nome em questão representa um grupo de elementos, como podemos observar nos exemplos abaixo nos quais apresentamos, primeiramente, o nome em

⁷¹Como dissemos anteriormente na seção 3.1.1.1 Nomes, as formas pronominais livres são uma sub-classe nominal.

seu grau normal sendo seguido pela forma associada ao sufixo *-hi* indicador de coletivo:

(384a) **kotya-pa** **opatyi:n**
ariranha-VRBLZ criança
"A criança agia como ariranha".

(384b) **kotya-pa** **opatyi:n-hi**
ariranha-VRBLZ criança-COL
"A criançada agia como ariranha".

(385a) **anya-na=** **pu** **warapi**
mulher-ERG comer fruta(sp)
"A mulher come a fruta".

(385b) **anya-na=** **pu** **warapi-hi**
mulher-ERG comer fruta(sp)-COL
"A mulher come as frutas".

Como vimos no capítulo sobre fonologia, há um grupo de sufixos que possuem a habilidade de se procliticizarem ligando-se ao elemento que os segue. Um desses elementos é *-hi=* que foi identificado somente no dialeto Kanamarí. No estágio atual da língua,

a indicação de coletivo nesse dialeto é feita mediante a associação do clítico *-hi=* ao nome *nuk* “grupo”⁷²:

(386)^{KAN} **daan ityaro**
 sair mulher
 "A mulher saiu".

(387)^{KAN} **daan ityaro-hi= nuk**
 sair mulher-COL grupo
 "A mulherada saiu".

(388)^{KAN} **dyan paiko**
 fugir velho
 "O velho fugiu".

(389)^{KAN} **dyan niama paiko-hi= nuk pi:da ama**
 fugir CONEC velho-COL grupo onça DEST
 "Então o grupo de velhos fugiu por causa da onça".

3.4.2.4 Composição

Para se formar um nome composto, duas raízes nominais são associadas em justaposição. A primeira raiz nominal é o determinante

⁷²Acreditamos que no momento anterior à cisão dos dialetos, a indicação de coletivo era realizada com o uso do sufixo *-hi*. Uma evidência que corrobora com nossa hipótese é a existência no estágio atual do sufixo *-hi* em Katukina do Biá que indica coletivo.

e o segunda é o determinado⁷³da forma composta. O padrão acentual das formas compostas é idêntico ao identificado nos vocábulos simples, isto é, um acento por palavra que recaí na última sílaba do vocábulo como podemos observar nos exemplos abaixo:

(390) **i: dak → i:'dak**
 pé couro, pele "sandália, sapato (Lit: couro do pé)"

(391) **na:tyi i → na:ty'i**
 milho dente "grão de milho (Lit: dente de milho)"

(392) **an ki: → an'ki:**
 perna cabeça "joelho (Lit: cabeça da perna)"

(393) **pan poi → pan'poi**
 braço pêlo "pêlo do braço"

(394) **ho:n mi → ho:n'mi**
 terra, barro buraco "buraco do barro"

⁷³A ordem determinante-determinado identificada nos compostos está em consonância com a estrutura interna identificada nos sintagmas, isto é, dependente-núcleo. Para mais detalhes, consultar o capítulo IV Sintaxe na seção Estrutura interna dos sintagmas.

 3.5 Morfologia posposicional

3.5.1 Ênfase na localização

O processo flexional que chamamos de ênfase na localização reforça a noção semântica que uma posposição indica. Essa indicação é feita mediante a associação do sufixo diminutivo *-ti* a uma posposição. Observemos os exemplos abaixo nos quais apresentamos, primeiramente, uma posposição em sua forma básica e em seguida a forma associada ao sufixo *-ti* com sentido de ênfase na localização:

(395a) **dado:hi adu dan wana**
 correr, fugir 1SNG varadouro PRLT
 "Eu corri pelo varadouro".

(395b) **dado:hi adu dan wana-ti**
 correr, fugir 1SNG varadouro PRLT-DMNT
 "Eu corri pelo varadouro mesmo".

(396a) **piya-na= dukni Adao ho:n to:dik**
 homem-ERG pegar Adao terra SUBS
 "O homem pegou Adão embaixo da terra".

(396b) **piya-na= dukni Adao ho:n to:dik-ti**
 homem-ERG pegar Adao terra SUBS-DMNT
 "O homem pegou Adão embaixo da terra mesmo".

IV Sintaxe

Introdução

Esse capítulo é dedicado à apresentação da estrutura sintática identificada em Katukina e está dividido em seis sub-capítulos: (4) Estrutura interna dos sintagmas; (5) Sintaxe da oração; (6) Adjuntos; (7) Mudanças na estrutura argumental; (8) Oração complexa; (9) Tipos oracionais.

O sub-capítulo *Estrutura interna dos sintagmas* está organizado em duas seções. Na primeira seção, apresentaremos os tipos de sintagma identificados ressaltando as características que esses têm em comum. Na segunda seção, trataremos de cada tipo de sintagma com suas respectivas propriedades.

Em *Sintaxe da oração*, apresentaremos a estrutura sintática do Katukina em três seções. Na primeira delas, trataremos dos tipos de predicados identificados bem como suas características. A segunda seção será dedicada ao tratamento dos argumentos internos e externos da oração assim como as características de comportamento e controle que esses possuem. Na terceira seção desse sub-capítulo, apresentaremos os sintagmas adverbiais e posposicionais detalhando sua composição morfológica bem como sua distribuição posicional.

No sub-capítulo *Adjuntos*, divididos em duas seções, trataremos dos elementos que exercem funções gramaticais não-nucleares

que são os sintagmas posposicionais, apresentados na primeira seção, e os advérbios que apresentaremos na segunda seção.

Em *Mudanças na estrutura argumental*, nos dedicaremos à descrição dos mecanismos que modificam a estrutura argumental dos verbos. Dividimos a apresentação desse sub-capítulo em duas partes. Na primeira parte, trataremos dos mecanismos que decrescem a valência verbal ao passo que na segunda parte, apresentamos os mecanismos que aumentam a valência verbal.

No sub-capítulo *Oração Complexa* os temas abordados serão a subordinação e a coordenação. Ressaltamos que a subordinação está organizada em quatro níveis: (i) sintagma nominal; (ii) sintagma verbal; (iii) núcleo oracional e (iv) oração. No que se refere à coordenação, apresentaremos as orações coordenadas por justaposição.

Encerramos a descrição sintática do Katukina-Kanamari com o sub-capítulo *Tipos Oracionais* no qual trataremos das orações declarativas, imperativas e interrogativas.

4 Estrutura interna dos sintagmas

Na primeira seção desse capítulo, apresentaremos os tipos básicos de sintagmas identificados e as características que esses têm em comum.

4.1 Sintagma: tipos básicos, características em comum

Assumiremos que o *sintagma* é uma palavra ou um grupo de palavras que funcionam como um bloco em um certo nível da estrutura. Katukina é uma língua de tipo configuracional (Hale: 1983), ou seja, tem a propriedade de instituir sintagmas. Levando em consideração que uma das características recorrentes entre línguas de tipo configuracional é a ordem de palavras fortemente rígida, o critério de identificação para identificar os tipos sintagmáticos básicos foi observar quais classes de palavras têm ocorrência na posição de núcleo. Esse critério também é interessante, pois a palavra em posição nuclear tende a apresentar distribuição sintática semelhante a do constituinte do qual ela é núcleo (cf. Creissels: 2001- 20).

De acordo com o critério de ocorrência das palavras em posição nuclear, identificamos as classes léxicas dos **nomes**, **verbos**, **advérbios** e **posposições** ocorrendo em posição de núcleo de sintagma. Dessa maneira, dizemos que os três tipos básicos de sintagmas dessa língua são: (a) **verbal**, (b) **nominal**, e (c) **adverbial**.⁷⁴

No que se refere à constituição interna do sintagma, observamos que esse é formado, basicamente, de um *núcleo* e seu *dependente*.⁷⁵ Os dependentes em Katukina-Kanamari estão divididos em dois sub-grupos: (i) argumentos e (ii) modificadores. Os primeiros são argumentos internos do núcleo enquanto os últimos não. Convém

⁷⁴Assumiremos que o sintagma posposicional é uma sub-classe dos sintagmas adverbiais. Para mais detalhes, consultar, neste capítulo, a seção 4.1 Sintagmas.

⁷⁵Como veremos mais adiante nessa seção, há uma forma de sintagma mais simples que se contrapõe às formas descritas acima.

ressaltarmos também que há núcleos que precisam expressar seus dependentes ao passo que outros não. Nos parágrafos seguintes, trataremos da formação interna e da distribuição posicional no sintagma do núcleo e do dependente.

O *núcleo* sintagmático é expresso pelas classes léxicas dos nomes, verbos e posposições. Enquanto o *dependente*, identificado como argumento interno do núcleo e que ocorre à esquerda desse, tem sua formação interna representada pela fórmula **NOME-CESTRT** na qual o núcleo lexical é expresso por um nome e a marca de dependência que está à direita do dependente (ERG/GEN/OBJPOSP nas glosas) é o **clítico -na**⁷⁶= . Gramaticalmente *-na*= está associado ao dependente do núcleo sintagmático. Contudo, fonologicamente esse afixo procliticiza-se ao núcleo do sintagma⁷⁷. A marca de dependência tem como função indicar o tipo de relação existente entre o dependente e o núcleo. A relação que a marca de dependência indica é composta por dois tipos de casos: os **estruturais** e os **inerentes**.

A definição adotada nesse trabalho para **casos estruturais** e **inerentes**⁷⁸ segue aquela apresentada por Blake (1994). A distinção feita por esses dois tipos de casos demonstra que os primeiros

⁷⁶Tendo em vista que *na* está gramaticalmente ligado ao dependente que o antecede, mas procliticiza-se em direção ao núcleo que o sucede, adotamos a seguinte representação: *-na*= em que o traço à esquerda indica a ligação gramatical com o elemento que precede *-na*. O símbolo = indica a procliticização de *-na* ao núcleo que o sucede.

⁷⁷Consultar capítulo II Fonologia, seção 2.9 Morfofonologia.

⁷⁸Apesar de assumirmos a idéia defendida por Blake, optamos por utilizar os termos casos estruturais e casos inerentes introduzidos por Chomsky (1981). Conforme Haspelmath (2006:32), diferentes termos têm sido utilizados para essas duas classes de casos. Entre esses citamos: *casos abstratos/casos concretos* (Lyons: 1968); *casos gramaticais-casos semânticos* (Blake:1994, p.32).

expressam relações sintáticas dos argumentos nucleares⁷⁹ enquanto os últimos expressam papéis semânticos específicos dos argumentos periféricos.

Visto que tanto os casos estruturais quanto os casos inerentes representam grupos de casos, podemos estabelecer rótulos diferentes para cada caso identificado dentro desses grupos. Dessa forma, dizemos que o grupo dos casos estruturais, representado pelo clítico *-na=*, nessa língua, abrange: (a) o *ergativo* em sintagmas cujo núcleo é um verbo divalente; (b) o *genitivo* nos sintagmas cujo núcleo é um nome inalienável; (c) e o *objeto de posposição* em sintagmas cujo núcleo é uma posposição.

Podemos dizer que os sintagmas descritos acima compartilham certas características. Observemos os exemplos seguintes (nos quais devem ser considerados os sintagmas representados entre colchetes) em que, respectivamente, apresentamos sintagmas cujo núcleo é um *verbo divalente* (397), um *nome inalienável* (398) e uma *posposição* (399):

- (397) [**Kopa-na= ti:] pi:da**
Kopa-ERG matar onça
"Kopa matou a onça".

⁷⁹Blake cita como exemplo de casos gramaticais sujeito e objeto. Para os casos semânticos, o exemplo citado engloba as relações espaciais.

(398) [**Pityira-na= tyo**] **Tikon**
 Pityira-GEN filha Tikon
 "Tikon é filha do Pityira".

(399) [**Pioru-na= katu**] **Tirin**
 Pioru-OBJPOSP SOC2 Tirin
 "Tirin está com Pioru".

Os sintagmas exemplificados em (397), (398) e (399) apresentam o mesmo padrão de formação interna: **NOME-CESTR** **NÚCLEO** na qual o **núcleo** é expresso no exemplo (397) pelo verbo divalente *ti*: “matar”; no exemplo (398) pelo nome inalienável *tyo* “filha”; e no exemplo (399) pela posposição *katu* “em companhia de”.

Na posição à esquerda do núcleo, o **dependente** é expresso, respectivamente, pelos nomes *Kopa* (397); *Pityira* (398); e *Pioru* (399) sendo associado ao clítico de caso gramatical *-na=* (ergativo no sintagma verbal divalente; genitivo no sintagma nominal inalienável e objeto de posposição no sintagma posposicional).

A denominação diferenciada para o clítico casual *-na=* é utilizada tendo em vista que a natureza da relação estabelecida entre o núcleo e seu dependente difere nos três tipos de sintagmas. Nos sintagmas cujos núcleos são um verbo divalente, o argumento interno está habilitado a ocupar a posição de argumento externo por meio do mecanismo de mudança de voz (antipassiva). Todavia, tal processo é vedado ao argumento interno de um núcleo nominal. Por questões pragmáticas, o objeto da posposição ora é ou não é marcado com o proclítico de caso *-na=*. Tal situação não foi observada quando se tem

um sintagma de tipo nominal. O clítico *-na=* será nomeado em função dos exemplos em que esse ocorrer.

Concluimos que os sintagmas cujos núcleos são uma posposição, um nome inalienável e um verbo divalente compartilham a estrutura interna. Chamaremos essa característica comum a esses tipos de sintagmas de **isomorfia estrutural**.

Quando o dependente de um sintagma verbal divalente, de um sintagma de nome inalienável ou de um sintagma posposicional como os demonstrados nos exemplos de (397) a (399) não é expresso lexicalmente, (isto é mediante o sintagma formado por **NOME-CESTRIT**), sua representação passa a ser realizada por meio do paradigma de prefixos pessoais que apresentamos no quadro abaixo:

	singular	plural
1 ^a	yok-	tyo-
2 ^a	no-	na-
3 ^a	ha-	ma-

Quadro 23 : prefixos pessoais

Observemos os exemplos (397), (398) e (399) aqui reapresentados entre colchetes (para delimitar a constituição sintagmática) em que apresentamos o dependente do núcleo sintagmático expresso lexicalmente e, em seguida, sua representação com o uso do paradigma de prefixos pessoais:

sintagma verbal

(397a) [**Kopa-na= ti:] pi:da**
Kopa-ERG matar onça
"Kopa matou a onça".

(397b) [**ha-ti:] pi:da**
3SNG-matar onça
"Ele matou a onça".

sintagma nominal

(398a) [**Pityira-na= tyo] Tikon**
Pityira-GEN filha Tikon
"Tikon é filha do Pityira".

(398b) [**ha-tyo] Tikon**
3SNG-filha Tikon
"Tikon é filha dele".

sintagma posposicional

(399a) [**Pioru-na= katu] Tirin**
Pioru-OBJPOSP SOC2 Tirin
"Tirin está com Pioru".

- (399b) [**ha-katu**] **Tirin**
3SNG-SOC2 Tirin
"Tirin está com ele".

Os três tipos de sintagmas demonstrados acima utilizam o mesmo tipo de representação lexical do dependente do núcleo sintagmático. Quando o dependente não é expresso lexicalmente, isto é, por meio dos sintagmas verbal, nominal e posposicional faz-se uso do paradigma de prefixos pessoais que remetem aos referentes antes representados lexicalmente.

Identificamos, também, a existência de três formas de sintagmas que se contrapõem àquelas cujo núcleo é um verbo divalente, um nome alienável e uma posposição. Nesses sintagmas o *núcleo* é formado, respectivamente, por um verbo monovalente, um nome alienável, e um advérbio como podemos observar nos exemplos (400), (401) e (402) em que se devem observar os vocábulos representados entre colchetes:

- (400) [**tyuku**] **wa:pa**
morrer cachorro
"O cachorro morreu".

- (401) [**tukuna**] **idi:k**
ser humano 2SNG
"Tu és ser humano".

- (402) [kodo] pi:da
em cima onça
"Tem onça lá em cima".

Ao compararmos os sintagmas dos exemplos (397), (398) e (399) com os sintagmas de (400), (401) e (402) observamos que os últimos apresentam estrutura mais simples que a dos primeiros, pois como podemos verificar no exemplo (397), o sintagma cujo núcleo é um verbo monovalente é formado apenas pelo verbo *tyuku* “morrer”. De forma semelhante, no exemplo (398), o constituinte cujo núcleo é um nome alienável é formado somente pelo nome *tukuna* “ser humano”. Por fim, no exemplo (399), o sintagma adverbial é composto apenas pelo advérbio *kodo* “em cima”. Ressaltamos ainda que o predicado apresentado em (402) não deve ser interpretado como nominal, pois como veremos adiante, a predicação nominal de tipo existencial requer obrigatoriamente a utilização da cópula *an*.

Os tipos de sintagmas ilustrados nos exemplos (400), (401) e (402) não apresentam dependentes internos, diferentemente do padrão de formação encontrado em (397), (398) e (399) que apresenta estrutura interna complexa.

Concluimos essa sub-seção, lembrando que os tipos básicos de sintagma, em Katukina, foram definidos de acordo com as classes de palavras que ocupam a posição de núcleo. Dessa forma, identificamos três tipos sintagmáticos básicos (verbal, nominal e posposicional). Cada tipo de sintagma apresenta duas formas: (i) uma mais complexa em que o núcleo é constituído por verbo divalente,

nome inalienável e posposição e seus respectivos dependentes expressos lexicalmente por um sintagma nominal cuja formação interna é NOME_{-CESTR}; (ii) uma forma mais simples em que o núcleo é um verbo monovalente, um nome alienável e um advérbio que não possuem dependentes nucleares.

Na sub-seção seguinte, passamos a tratar cada tipo de sintagma de forma separada salientando suas características específicas.

4.1.1 Sintagmas

4.1.1.1 Posposicional

O sintagma posposicional é constituído pelo núcleo que tem seu dependente expresso à sua esquerda:

- (403) **[[*anyaiki-na=* *katu*] Nara**
mulherada-OBJPOSP SOC2 Nara
"Nara está com a mulherada".

Na construção apresentada em (403), o dependente é regido pela posposição *katu*. A regência exercida pelo núcleo sobre seu dependente é marcada gramaticalmente com o uso do clítico de caso objeto de posposição *-na=*.

Tendo como base essas considerações, dizemos que a posposição está habilitada a reger o caso *objeto de posposição* como

demonstram os exemplos seguintes nos quais apresentamos, respectivamente, posposições como núcleo de predicado e como adjunto:

- | | | | | |
|-------|----------------------|------|--------------|------------------|
| | OBJPOSP | | NÚCLEO | |
| (404) | [[mapiri-na=] | | katu] | paiki:dak |
| | sucuriju-OBJPOSP | SOC2 | | avô |
- "O avô está com a sucuriju ".

- | | | | | |
|-------|-------------|-------------------------|------|--------------|
| | | OBJPOSP | | NÚCLEO |
| (405) | no:k | [[ha-owamok-na=] | | iton] |
| | estar bravo | 3SNG-esposa-OBJPOSP | CAUS | |
- "Estava bravo por causa da esposa dele ".

Todavia como exceção a essa regra, identificamos exemplos nos quais não a regência de caso por parte da posposição não é exercida. Nos exemplos seguintes, retirados de uma mesma narrativa observamos que em (406) a posposição rege o caso e por essa razão seu objeto expreso pelo sintagma nominal *mokawa* "espingarda" é marcado com *-na=*:

- | | | | | |
|-------|------------------------|----------------------|------|--------------|
| | | OBJPOSP | | NÚCLEO |
| (406) | yok-toman wi:ri | [[mokawa-na=] | | katu] |
| | 1SNG-atirar queixada | espingarda-OBJPOSP | SOC2 | |
- "Eu atirei na queixada com a espingarda".

No decorrer da narrativa, identificamos um segundo exemplo no qual o nome *mokawa* é objeto da posposição sociativa *katu*, porém, não se observa a regência do caso:

- | | OBJPOSP | NÚCLEO |
|-------|---|-------------------------|
| (407) | yok-ti: wi:ri | [[mokawa] katu] |
| | 1SNG-matar queixada | espingarda SOC2 |
| | "Eu matei a queixada com a espingarda". | |

Uma hipótese que poderia explicar essas ocorrências seria a de que com nomes [-humano] a regência de caso faz-se de maneira opcional. Todavia, encontramos sintagmas cujo objeto da posposição é um nome [+humano] e a posposição não rege o caso:

- | | OBJPOSP | NÚCLEO |
|-------|-------------------------------|-----------------------------|
| (408) | daan | [[anyaiki-na=] katu] |
| | sair | mulherada-OBJPOSP SOC2 |
| | "(Ele) Saiu com a mulherada". | |

- | | OBJPOSP. | NÚCLEO |
|-------|-------------------------------|-------------------------|
| (409) | daan | [[anyaiki] katu] |
| | sair | mulherada SOC2 |
| | "(Ele) Saiu com a mulherada". | |

Uma possível explicação para essas ocorrências seria que de acordo com o grau de saliência discursiva do nome que está à esquerda do núcleo, isto é, o objeto posposicional, as posposições regem ou não o caso. Quando esse nome apresenta saliência alta no discurso a posposição rege o caso e clítico *-na=* e é associada ao objeto da posposição como podemos constatar nos exemplos (404), (405) e (406). Quando o nome apresenta saliência baixa no discurso, a marcação causal não se faz necessária. Por essa razão, a posposição não rege o caso nas construções exemplificadas em (407) e (409).

Após realizarmos a conferência de toda a nossa base de dados, a hipótese de que a saliência discursiva do nome objeto de posposição determina a regência do caso por parte da posposição foi confirmada em todos os exemplos identificados.

4.1.1.2 Verbal

Núcleo verbal divalente

Nos sintagmas verbais cujos **núcleos** são formados por verbos divalentes o **dependente** é o argumento interno do verbo e codifica o papel semântico prototípico de agente como podemos observar nos exemplos seguintes:

	ARGINTERNO	NÚCLEO	
(410)	[[pi:da-na=]	pu]	don
	onça-ERG	comer	peixe(sp)
	"A onça comeu o peixe".		

- | | ARGINTERNO | NÚCLEO | |
|-------|---------------------------------------|--------------|-----------------|
| (411) | [mapiri-na=] | ti:] | amu |
| | sucuriju-ERG | matar | macaco parauacu |
| | "A sucuriju matou o macaco parauacu". | | |

Nos exemplos acima, o núcleo do sintagma é expresso pelos verbos divalentes *pu* “comer” (em (410)) e *ti:* “matar” (em (411)). O dependente (argumento interno do núcleo ao qual se associa) ocorre à esquerda do núcleo. Quando expresso lexicalmente, utiliza-se um sintagma nominal cuja formação interna é: nome + clítico de caso ergativo *-na=*. No exemplo (410), o dependente nuclear é expresso pelo sintagma [*pi:da-na=*], enquanto que em (411) identifica-se o sintagma nominal [*mapiri-na=*]. Quando o argumento interno do núcleo não é expresso de forma lexical, o clítico de caso ergativo *-na=* não pode mais ser associado ao argumento interno do verbo divalente agora representado pela forma prefixal.

Uma prova dessa impossibilidade de combinação está no fato de que ao tentar-se combinar um prefixo pessoal com o clítico de caso gramatical *-na=* tem-se como resultado uma construção agramatical como a do exemplo (412b):

- | | | |
|--------|-------------------|--------------|
| (412a) | ha-hi:k | pi:da |
| | 3SNG-ver, achar | onça |
| | "Ele viu a onça". | |

(412b) ***ha-na= hi:k** **pi:da**

Concluimos relembrando que o argumento interno do núcleo verbal divalente pode ser expresso de duas maneiras: (i) lexicalmente por meio de um sintagma nominal marcado com o caso ergativo ou (ii) com o uso do paradigma de prefixos pessoais.

Núcleo verbal monovalente

Os sintagmas verbais cujos **núcleos** são constituídos por verbos monovalentes selecionam um único argumento que é **externo** ao núcleo. Sua posição canônica é à direita do núcleo sintagmático, como podemos observar nos exemplos seguintes:

NÚCLEO ARGEXTERNO
(413) [**dado:hi:**] **Kopa**
 correr, fugir Kopa
 "Kopa correu".

NÚCLEO ARGEXTERNO
(414) [**tyuku**] **wa:pa**
 morrer cachorro
 "O cachorro morreu".

Em (413), o núcleo do sintagma é expresso pelo verbo monovalente *dado:hi* “correr, fugir” que seleciona um argumento manifestado como o sintagma nominal *Kopa* “Kopa”. Seu papel semântico é de agente. No exemplo (414), o verbo *tyuku* “morrer” seleciona um argumento externo que é manifestado pelo sintagma nominal *wa:pa* “cachorro”, cujo papel semântico é de paciente.

A realização do argumento externo dos verbos monovalentes sempre se dá por meio de um sintagma ou por umas das formas que compõem as sub-classes nominais⁸⁰. A tentativa de associar o paradigma de prefixos pessoais aos verbos monovalentes, tem como resultado construções agramaticais:

(413') ***ha- dado:hi**

Sintagma auxiliar

Outro tipo de sintagma verbal identificado tem como núcleo um **verbo** que seleciona outro verbo. Doravante chamaremos o primeiro verbo de **auxiliar** e o segundo de **lexical**. Esse sintagma apresenta a mesma estrutura interna do sintagma verbal divalente: núcleo expresso por um verbo que tem à sua esquerda o elemento dependente. O elemento dependente é associado à marca de dependência. Essa marca de dependência procliticizasse ao núcleo. Assumimos a idéia de que a relação existente entre verbo lexical e

⁸⁰Apresentadas no capítulo III Morfologia.

verbo auxiliar é de dependência na qual o verbo auxiliar é o núcleo sintático do sintagma tendo como seu dependente o verbo lexical.

Nossa hipótese tem como base as três análises apresentadas por Heine (1993) para relação sintática e funcional entre verbo principal e auxiliar.

Na primeira análise, verbos auxiliares são subordinados aos verbos principais. Os primeiros funcionam como núcleo do sintagma verbal ao passo que os últimos funcionam como determinantes. Para Crystal (1980:38) [apud Heine:1983], há dois critérios utilizados para definir os auxiliares. O primeiro é seu estatuto de subordinado. O segundo critério consiste no fato de que os auxiliares colaboram nas distinções de modo, aspecto e voz.

A segunda análise é oriunda da vertente gerativa (Chomsky: 1957, 1965) e alguns de seus seguidores que advogam a favor da idéia de que as categorias sintáticas dos auxiliares (AUX) e Verbo ou sintagma verbal (SV) estão num mesmo nível sintático e constituem uma estrutura coordenada na qual os constituintes estão concatenados. Nessa análise, o modelo estrutural é baseado no sintagma e não na relação de dependência. Sendo assim, não se identifica um verbo em função de núcleo e outro como dependente tendo em vista que o auxiliar e o verbo “principal” estão num mesmo nível sintático.

Por fim, na terceira análise o verbo lexical e o auxiliar estão em relação de dependência. Autores nessa vertente defendem a idéia de que a relação entre verbos lexical e auxiliar é dependente-núcleo (ou argumento-função) na qual o auxiliar é núcleo sintagmático. Para este trabalho adotamos a terceira análise apresentada, pois como veremos nessa seção, o verbo auxiliar ocupa a posição de núcleo do sintagma e seleciona como elemento dependente um verbo lexical.

A posição de **núcleo** nesse tipo de sintagma é ocupada pelo verbo divalente *wu* "querer" (volitivo) ou pelo monovalente *bak* "ser bom" (intensivo). Frisamos que, apesar de ser monovalente, o verbo *bak* quando é núcleo do sintagma auxiliar está habilitado a selecionar um dependente.

No que se refere ao **dependente**, dizemos que este é um verbo lexical cuja estrutura interna pode ser resumida pela fórmula **verbo lexical**-marca de dependência (MDP nas glosas) na qual o verbo é associado ao clítico *-nin=*.

Observemos os exemplos seguintes em que apresentamos o sintagma verbal monovalente e o sintagma auxiliar cujo núcleo é o verbo *bak*:

sintagma verbal monovalente

	NÚCLEO	ARGEXTERNO
(415a)	[no:k]	opatyi:n
	estar bravo	criança
	"A criança está brava".	

sintagma auxiliar

	DEPDTE	NÚCLEO	
(415b)	[[no:k-nin=]	bak	opatyi:n
	estar bravo-MDP	ser bom	criança
	"A criança está bem brava".		

Em (415b), o **núcleo** do sintagma auxiliar é constituído pelo **verbo auxiliar** *bak* “ser bom”. Seu **dependente**, disposto à sua esquerda, expresso por meio do **verbo lexical** *no:k* “estar bravo” associado à **marca de dependência** *-nin*⁸¹.

O segundo verbo auxiliar identificado é *wu* “querer”. Nos exemplos seguintes observaremos, respectivamente, uma construção verbal monovalente e em seguida uma construção cujo núcleo é o verbo *wu*:

sintagma verbal monovalente

	NÚCLEO	ARGEXTERNO
(416a)	[dyan]	adu
	caçar	1SNG
	"Eu caço".	

sintagma auxiliar

	DEPDTE	NÚCLEO	ARGEXTERNO
(416b)	[dyan-nin=	wu]	adu
	caçar-MDP	querer	1SNG
	"Eu quero caçar".		

⁸¹Tendo em vista que *nin* está gramaticalmente ligado ao verbo lexical que o antecede, mas procliticiza-se em direção ao verbo auxiliar que o sucede, assim como *-na=*, adotamos a seguinte representação: *-nin=* na qual o traço à esquerda indica a ligação gramatical com o verbo que precede *-nin*. O símbolo = indica a procliticização de *-nin=* rumo ao núcleo verbal que o sucede. O mesmo processo é observado no clítico *-na=*. Para mais detalhes sobre a procliticização, consultar o capítulo II Fonologia, seção 2.9 Morfofonologia.

Em (416a), o sintagma verbal monovalente é constituído pelo verbo *dyan* “caçar”. No exemplo (416b), temos o sintagma auxiliar no qual o **núcleo** é o verbo *wu* “querer” que tem como **dependente** o verbo lexical *dyan* “caçar” seguido pela **marca de dependência** *-nin=*.

Concluimos que apesar das construções auxiliares terem como núcleos verbos auxiliares com valência distinta (mono e divalentes) seu comportamento é idêntico, pois esses selecionam como dependente um verbo monovalente.

As construções auxiliares com verbo lexical divalente apresentam a mesma estrutura interna do sintagma verbal divalente no qual o verbo divalente é núcleo do sintagma e tem como dependente um sintagma nominal formado por um nome lexical seguido por sua marca de dependência. Observemos os exemplos abaixo nos quais ilustramos, primeiramente, um sintagma verbal divalente seguido pelo sintagma auxiliar. No exemplo (415b) o núcleo do sintagma auxiliar é o verbo monovalente *bak* e em (416b) o núcleo sintagmático é o verbo divalente *wu*.

sintagma verbal divalente:

	ARGINTERNO	NÚCLEO	
(417a)	[[Pityira-na=]	hak	tyatyara
	Pityira-ERG	enfiar	terçado
	"Pityira enfiou o terçado".		

sintagma auxiliar:

DEPDTE	NÚCLEO	
(417b) [[[Pityira-na=]	hak-nin=]	bak] tyatyara
Pityira-ERG	enfiar-MDP	ser bom terçado
"Pityira enfiou bem o terçado".		

sintagma verbal divalente:

ARGINTERNO	NÚCLEO	
(418a) [[[pi:da-na=]	pu] Nara =tyi:n	
onça-ERG	comer	Nara FUTPROX
"A onça comerá Nara".		

sintagma auxiliar:

DEPDTE	NÚCLEO	
(418b) [[[pi:da-na=]	pu-nin=]	wu] Nara
onça-ERG	comer-MDP	querer Nara
"A onça quer comer Nara".		

Ao compararmos (417a) e (417b) percebemos que o sintagma verbal divalente em (427a), isto é, o verbo divalente *hak* “enfiar”, passa a ser o dependente do verbo auxiliar *bak* “ser bom” que é núcleo em (417b).

Situação semelhante é identificada nos exemplos (418a) e (418b) em que o sintagma verbal de (418a) *pu* “comer” é o dependente do núcleo no sintagma auxiliar apresentado em (418b) cujo núcleo é *wu* “querer”.

Concluimos que os verbos auxiliares *bak* e *wu* apesar de serem, respectivamente, monovalente e divalente, têm comportamento idêntico enquanto núcleo do sintagma auxiliar, pois selecionam como dependente um sintagma verbal divalente.

4.1.1.3 Nominal

Sintagmas genitivos

O sintagma nominal cujo núcleo é um nome inalienável compartilha a mesma estrutura interna dos sintagmas verbais divalentes e dos sintagmas posposicionais. A relação estabelecida entre o dependente e o núcleo nominal é de tipo genitiva sendo marcada pelo clítico casual *-na=* como mostra o exemplo (419a):

	ARGINTERNO	NÚCLEO	
(419a)	[[Pityira-na=]	owamok]	Wano
	Pityira-GEN	esposa	Wano

"Wano é esposa do Pityira".

Quando o argumento interno do núcleo não é expresso pelo sintagma nominal com marca de caso, utiliza-se um dos prefixos do

paradigma pessoal associado diretamente ao núcleo como podemos verificar em (419b):

ARGINTERNO	NÚCLEO	
(419b) [[ha-]	owamok]	Wano
3SNG-esposa		Wano
"Wano é esposa dele".		

Adotaremos nesse trabalho a hipótese de que os nomes (assim como os verbos) possuem valência em sua estrutura lexical (Queixalós: 2005)⁸².

Os nomes alienáveis possuem **valência 1**, ou seja, para saturação da valência selecionam um argumento que é externo ao seu sintagma.

Os nomes inalienáveis por sua vez possuem **valência 2**, isto é, precisam selecionar dois argumentos para saturar sua valência sendo que um argumento é interno e o outro é externo ao seu sintagma como podemos observar no exemplo (419a) aqui representado:

ARGINTERNO	NÚCLEO	ARGEXTERNO
(419a) [[Pityira-na=]	owamok]	[Wano]
Pityira-GEN	esposa	Wano
"Wano é esposa do Pityira".		

Owamok, que possui valência 2, seleciona dois argumentos. Um argumento que é interno ao núcleo é manifestado como o

⁸²Ressaltamos que os nomes que o autor denomina como **monovalentes** e **divalentes** são os que chamamos, respectivamente **alienáveis** e **inalienáveis**.

sintagma nominal marcado para o caso genitivo. Contudo, esse argumento interno também pode ser representado com uma das formas do paradigma de prefixos pessoais:

	ARGINTERNO	NÚCLEO	ARGEXTERNO
(419b)	[[ha-]	owamok]	Wano
	3SNG-esposa		Wano
	"Wano é esposa dele".		

O outro argumento selecionado pelo núcleo é o sintagma nominal representado pelo nome *Wano*. Consideramos, pelos motivos que veremos em seguida, que o sintagma genitivo cujo nome inalienável figura como núcleo é a forma não-marcada da expressão de “posse” dentro do sintagma nominal (Queixalós: 2005).

O segundo tipo de sintagma genitivo existente é aquele em que o núcleo é um nome alienável. Como dissemos na página anterior, os nomes alienáveis possuem valência 1, pois são habilitados a selecionar somente um argumento externo ao seu sintagma como demonstram os exemplos seguintes:

	NÚCLEO	ARGEXTERNO
(420) ^{KAN}	[poako]	ityowun
	remo	PROX
	"Esse é (um) remo".	

NÚCLEO ARGEXTERNO

- (421) [**hak** **atyian**
 casa DIST
 "Aquela é (uma) casa".

Para que um núcleo monovalente, tal como *poako* “remo” no exemplo (420) e *hak* “casa” no exemplo (421), seja habilitado a seleccionar um argumento interno faz-se necessária a utilização de *wa* que chamaremos de **nome relacional** (NR nas glosas).

Dizemos que *wa* cujo significado é "coisa, bem" pode ser classificado como um nome tendo em vista que apresenta distribuição típica dos nomes ocorrendo, por exemplo, como núcleo de sintagma nominal como podemos verificar no exemplos (422) e (423):

- (422) [**Yakoari-na= owamok**]
 Yakoari-GEN esposa
 "A esposa de Yakoari".

- (423) [**Yakoari-na= wa**]
 Yakoari-GEN coisa, bem
 "A coisa de Yakoari".

Ao utilizarmos *wa*, gera-se um sintagma nominal do qual esse é o núcleo e seu argumento interno é o possuidor como podemos observar nos exemplos seguintes que estão entre colchetes para representação dos constituintes:

- (424) **[[a-]_{ARG.INT.}wa_{NÚCLEO}] [hak_{ARG.EXT.}]**
 3SNG-NR casa
 "A casa dele".

Convém salientar que [*a-wa hak*] apresenta estrutura de oração divalente⁸³. Dessa forma convém analisar a construção da seguinte maneira: temos o núcleo da oração que é constituído por [possuidor + *wa*]; nessa sequência, o núcleo do sintagma é o nome relacional *wa*. Esse por sua vez tem como argumento interno o sintagma nominal possuidor representado pelo prefixo pessoal *a-* ou por um sintagma nominal marcado com caso. O argumento externo do núcleo oracional é manifestado com o sintagma nominal formado pelo nome *hak*. Visto que o sintagma como um todo apresenta estrutura oracional justifica-se o fato do argumento externo do núcleo *wa* estar dentro do sintagma nominal mais abrangente.

Como foi visto no capítulo III Morfologia, o paradigma de formas possessivas habilitadas a instituir um sintagma nominal, que é aqui rerepresentado, é constituído por seis formas que se dividem em três pessoas e dois números:

⁸³Queixalós (2005) argumenta em favor da idéia de que o sintagma genitivo deve ser analisado como a combinação de sintagmas encaixados o que demonstra que há hierarquização entre seus elementos e não a simples aposição que indica que a estrutura do sintagma é plana, isto é, sem sintagmas hierarquizados, que é a análise comum para a construção genitiva como a demonstrada no exemplo (424) que apresenta a sequência: [possuidor-bem] [casa]. Um exemplo de análise do sintagma genitivo como aposição é encontrado na língua Panará (Dourado: 2002).

	singular	plural
1 ^a	atya	tyowa
2 ^a	idi:k nowa	idi:ki nowa
3 ^a	awa	mawa

Quadro 24: formas possessivas.

Dizemos que a seqüência formada nesse paradigma é *prefixo pessoal + wa*. Na terceira pessoa singular e plural, respectivamente, vê-se essa combinação de maneira clara: *a-wa*; *ma-wa*. Entretanto, nas formas para a segunda pessoa identificamos um tipo de formação irregular. Nesse caso observemos que há, em seqüência, um nome (*idi:k* ou *idi:ki*), a forma prefixal *no-*⁸⁴ seguida pelo clítico *-na=* que indica o caso genitivo e por fim o nome relacional *wa*. Mesmo com segmentação mais difícil, *wa* ainda é identificado:

- (425) **ma-ok-no:k** **awa** **waik**
 3PL-APLC-estar bravo 3POSS canto, música
 "Eles estavam bravos com a música dele".

⁸⁴A forma prefixal para segunda pessoa do plural é *na-*. Dessa forma, a seqüência **PRN-na= wa** na segunda pessoa do plural é **na-na= wa**. Todavia, no dialeto Katukina do Biá, identificamos a ocorrência do processo de assimilação da vogal /a/ diante da consoante /w/. Assim, tem-se a realização *nowa*. No dialeto Kanamari, identificamos a forma *nawa*.

- (426) **waok-na mawa bainin**
chegar-CTRF 3POSS roça
"Chegaram lá na roça deles".

No dialeto Katukina do Biá, a presença do nome relacional é totalmente opaca na forma de primeira pessoa singular. Entretanto, para a 1ª pessoa do plural identificamos a forma *atyowa* em Katukina do Biá e no dialeto Kanamari a forma *ityowa* nas quais ainda é possível observar a presença do nome relacional *wa*.

4.2 Modificadores do nome

Esta seção tratará do segundo sub-tipo de dependentes do núcleo do sintagma nominal, isto é, os modificadores e está organizada da seguinte maneira: primeiramente apresentaremos os critérios utilizados para definir os modificadores. Em seguida, trataremos da classificação estabelecida para os modificadores identificados e, por fim, demonstraremos como cada um deles modifica o núcleo nominal.

O sintagma nominal é composto pelo núcleo e seu(s) dependente(s). Como foi dito no início desse capítulo, os dependentes estão divi-didos em dois sub-grupos: (i) argumentos internos do núcleo e (ii) modificadores. Em Katukina, o núcleo é exposto à direita como um nome lexical que é, geralmente, precedido por seus modificadores.

Os modificadores nominais têm a função básica de especificar ou restringir o domínio da referência do núcleo ao qual estão associados⁸⁵. Essa restrição ou especificação feita pelos modificadores é necessária, pois os nomes, a princípio, referem a tipos ou grupos de entidades. Ao associar os dependentes, percebemos que os sintagmas nominais adquirem a capacidade de tornarem-se expressões referenciais e assim podem referir a entidades específicas.

Assumimos a idéia de que os modificadores são formados por uma palavra lexical ou um afixo. Identificamos dois tipos de modificadores: (i) sub-classes nominais e (ii) indefinido. Nas sub-seções seguintes trataremos desses elementos de forma separada, especificando sua distribuição posicional em relação ao núcleo nominal bem como o tipo de modificação que esses exercem sobre o núcleo ao qual se associam.

4.2.1 Nomes demonstrativos

Identificamos em cada dialeto duas formas pronominais que têm como função indicar a distância de uma determinada entidade em relação ao falante: *ityian* e *atyian* no dialeto Katukina do Biá e *ityowun* e *ityian* no dialeto Kanamari. Classificamos as formas demonstrativas como (i) proximal e (ii) distal. No que se refere à sua posição em relação ao núcleo, os demonstrativos estão dispostos à esquerda do núcleo nominal como podemos observar nos exemplos

⁸⁵ Analisamos os modificadores do nome tendo como base a proposta desenvolvida por Givón (2001).

seguintes em que apresentamos, respectivamente, o demonstrativo proximal e distal:

(427) **pi:kan ityian opatyi:n**
deitar PROX criança
"Essa criança deitou".

(428) **tyuku atyian bo:tyan**
morrer DIST aranha
"Aquele aranha morreu".

Os demonstrativos associam-se a núcleos nominais constituídos tanto por nomes [+animados], tais como *opatyi:n* “criança” em (427) e *bo:tyan* “aranha” em (428) quanto por nomes [-animados] como podemos verificar no exemplo (429):

(429)^{KAN} **yok-hoki ityian o:man**
1SNG-colocar PROX árvore, pau
"Eu que coloquei esse pau".

Os núcleos nominais aos quais os demonstrativos associam-se podem ser tanto [+animados] quanto [-animados].

4.2.2 Nomes indicadores de quantidade

Há um grupo composto por seis vocábulos⁸⁶ cuja função é indicar o número de referentes que o sintagma nominal ao qual se associa denota e que chamamos de **numerais**.

Como foi dito no capítulo III Morfologia, um fato que também pode servir como indicação favorável à hipótese de que os numerais são formas nominais em posição de núcleo é que esses podem formar sozinhos (assim como os nomes) um sintagma nominal. Observemos os exemplos seguintes:

(430) **daan obawa**
sair par
"Saiu o par".

(431) **mimi-ok-tu** **obawaninti**
sangue-VRBLZ-NEG trio
"O trio não sangrava".

Ao observarmos os exemplos (430) e (431), notamos que *obawa* “par” e *obawaninti* “trio” ocupam nessas construções a posição do sintagma nominal que exerce a função de argumento único do verbo intransitivo *daan* “sair”(cf.(430)) e *mimiok* “sangrar” (cf.(431)). Convém ressaltarmos que não há razão particular para afirmar que *obawa* é nominalizado e muito menos para assumir a idéia de que

⁸⁶Como descrevemos no capítulo III Morfologia na sub-seção 3.1.1.1 Nomes.

existe um sintagma nominal com núcleo diferente de *obawa* realizado como zero.

No que se refere à posição, os numerais precedem o núcleo do qual são modificadores como podemos verificar nos exemplos seguintes:

(432) **obawa wa:dya poki-nin**
par lua terminar-DUR
"Dois meses⁸⁷ estavam terminando (Lit: duas luas estavam terminando)".

(433) **yok-dahu obawaninti wa:pa**
1SNG-levar trio cachorro
"Eu vou levar três cachorros".

Como podemos observar nos exemplos acima, os numerais ocorrem antecendo o núcleo nominal aos quais estão associados. Em (432) *obawaninti* “trio” e em (433) *obawa* “dupla” indicam a quantidade de referentes que o sintagma denota.

Conforme dissemos anteriormente⁸⁸, a posição canônica dos modificadores, nessa língua, é pré-nuclear. Entretanto, identificamos alguns exemplos nos quais os numerais ocupam posição diferente no

⁸⁷ Nesse exemplo, lua tem o sentido de ciclo lunar.

⁸⁸ Veja no sub-capítulo 4 Estrutura interna dos sintagmas.

sintagma nominal e que poderiam ser contrários ao padrão modificador-núcleo:

(434) **koni** **obawa**
palavra, fala par
"Falava de dois jeitos (Lit: Par de falas (masculina e feminina))"

(435) **waok-na** **wayan** **obawa**
chegar-CTRF turma, parente par
"Chegaram duas turmas (Lit: Chegou dois pares de parentes)".

Nos exemplos (434) e (435), observamos que *obawa* ocupa a posição final.

Tendo em vista as considerações apresentadas acima, assumiremos que os numerais são uma sub-classe nominal que está habilitada a formar sintagmas nominais. Esses podem ocupar a posição de núcleo sintagmático ou funcionar como modificadores nominais.

Concluimos essa seção ressaltando que nos sintagmas nominais formados por [nome-nome], o primeiro nome funciona como modificador do segundo.

4.2.3 Indefinido

Identificamos um afixo que é associado aos nomes e tem como funções indicar a introdução de novos participantes no discurso e

apagar a identidade de um referente. Essa forma é o prefixo *a-* que ocorre à esquerda do núcleo nominal ao qual se associa. Para classificarmos esse modificador, tomamos como referência as funções que os modificadores nominais chamados na literatura de **artigos (definidos e indefinidos)** exercem nas línguas do mundo⁸⁹. Apresentaremos de forma breve a descrição dessas funções e em seguida ilustraremos nossa interpretação para o Katukina-Kanamari.

Segundo Dryer (2007:153) há pelo menos três funções comuns que são associadas aos artigos definidos: (a) o uso anafórico; (b) o uso não-anafórico e (c) o uso intermediário.

Ao exercer a função anafórica o definido faz a indicação de que a entidade a qual o sintagma nominal refere foi mencionada anteriormente no discurso. Em função não-anafórica, o definido assinala que o sintagma nominal refere a uma entidade que não foi mencionada anteriormente no discurso, mas é conhecida tanto pelo falante quanto pelo ouvinte.

No que se diz respeito aos **artigos indefinidos**, sua função básica é assinalar que o sintagma nominal faz referência a uma entidade não-específica. Entretanto, também é possível que tanto artigos definidos quanto indefinidos assumem funções mais restritas nas línguas do mundo. Os indefinidos, mais especificamente, marcam um referente como proeminente no discurso. (Dryer 2007: 153).

⁸⁹ Adotamos a idéia apresentada por Dryer (2007: 152-154) para a definição das funções desse tipo de modificador nominal.

O prefixo *a-* apresenta características que levam a associá-lo aos artigos de tipo indefinido. Por essa razão, doravante *a-* será chamado de *indefinido*.

Convém ressaltarmos que a base de dados apresenta poucos exemplos do prefixo indefinido *a-* tendo em vista que a elicitación não é utilizada no levantamento desse tipo de dados. No exemplo (446), retirado de uma narrativa, a entidade cujo o nome *tukuna* “ser humano”. Por essa razão e pelo fato de que a referência dessa entidade não é recuperável pelo receptor, o falante associa o *indefinido a-* ao núcleo nominal *tukuna*:

(436)^{KAN} **waok-dyi a-tukuna**
 chegar-CTRP INDEF-pessoa
 "Uma pessoa chegou".

Um fato que está em consonância com nossa hipótese é que, nas ocorrências que seguem a primeira, o núcleo do mesmo sintagma nominal figura sem o prefixo *a-*. De maneira semelhante àquela observada em (31), *a-* indica essa é a primeira citação no discurso da entidade *tukuna* “pessoa”.

Convém dizer que, até o momento, identificamos o indefinido *a-* associados somente aos núcleos nominais constituídos por nomes [+humanos] (cf.(436)) e como podemos verificar no exemplo que segue:

(437)^{KAN} **tyuku a-paiko**
 morrer INDEF-velho, avô
 "Um velho morreu".

Identificamos apenas *a*⁹⁰ em função de indefinido. Em contrapartida, os sintagmas nominais definidos são não-marcados morfologicamente.

As entidades referidas pelos sintagmas nominais definidos, estão presentes no discurso e são identificadas pelos interlocutores como podemos observar nos exemplos seguintes:

(438) **ma-buhuk hak**

3PL-fazer casa

"Eles fizeram a casa".

(439) **dado:hi no:ru**

correr, fugir macaco zogue-zogue

"O macaco zogue-zogue correu".

Nos exemplos (438) e (439), respectivamente, identificamos as entidades referidas pelos nomes *hak* "casa" e *no:ru* "macaco zogue-

⁹⁰A existência de apenas um dos artigos (definido ou indefinido) é bastante comum nas línguas do mundo. Todavia, Dryer ressalta que, de forma menos comum, encontra-se línguas em que há um artigo indefinido, mas não há um artigo definido. Um exemplo semelhante ao que descrevemos em Katukina-Kanamari é encontrado na língua Amele descrita por Roberts (1987) na qual há o artigo indefinido *oso*, mas não há artigo definido (cf. Dryer: 2007-152). Outro exemplo no qual apenas a existência do indefinido é encontrada está na língua Sikuani. Segundo Queixalós (1998: 94), o prefixo *itsa-* marca a indefinição dos nomes. Contudo, o definido não possui marca explícita.

zogue”. As duas entidades citadas encontram-se presentes no discurso e ao mesmo tempo são identificáveis para os interlocutores.

Em (438) e (439) os sintagmas nominais definidos apresentam núcleos formados por nomes [-humanos]. Entretanto, também identificamos a ocorrência de sintagma nominal definido cujo núcleo é um nome [+humano] como demonstra o exemplo seguinte:

(440) **ha-human** **o:bi:n**
 3SNG-chamar marido
 "Ela chamou o marido".

Concluimos que o indefinido *a-* que associa-se a núcleos nominais [+humanos] tem como função marcar a introdução de uma entidade pela primeira vez no discurso. No que se refere ao sintagmas nominais definidos, não existe marcação morfológica. Esses têm como núcleo nomes de natureza [+] ou [-] humana.

“Particípio”

Ressaltamos ainda que o *particípio* cuja função é codificar noções atributivas da entidade cujo sintagma nominal poderia funcionar como modificador nominal. No que diz respeito à sua formação, dizemos que os *particípios* são formas verbais nominalizadas resultado da lexicalização de um verbo monovalente com o sufixo nominalizador *-nin*⁹¹. De maneira geral, o *particípio* é

⁹¹Veja capítulo III morfologia, na seção 3.1.1.1 Nomes.

formado a partir de verbos que denotam noções adjetivais⁹². Apesar de pouco comum, identificamos a ocorrência de particípio gerado a partir de um verbo que indica mudança de estado como podemos observar no exemplo seguinte:

- (441) [**ba tyuku-nin** **katu**] **ma-dokman**
 folha morrer-NOMNLZ SOC2 3PL-fogo-fazer
 "Eles fizeram fogo com folha morta".

Tendo em vista que essa lexicalização resulta em uma forma nominal, assumiremos a idéia de que os particípios são formas nominais que possuem a habilidade de instituir sintagmas. Por essa razão, ocupam a posição de núcleo sintagmático. Observemos os exemplos (442) e (443) em que devem ser considerados os sintagmas entre colchetes:

- (442) **ha-to:ku** [**o:man** **nya-nin**]
 3SNG-derrubar árvore, pau ser grande-NOMNLZ
 "Ele derrubou o grande pau (Lit: Ele derrubou a coisa grande que é o pau)".

⁹²No capítulo Morfologia (cf. seção 3.1.1.1 Nomes) defendemos a idéia de que o Katukina-Kanamari não possui a classe dos Adjetivos. As noções comumente expressas por formas adjetivais tais como qualidades, sensações físicas são codificadas, em Katukina-Kanamari, por verbos intransitivos.

-
- (443) **waok-dik** [**inan** **pu-nin**]
 chegar-CTRF morcego ser vermelho-NOMNLZ
 "Chegou o morcego vermelho (Lit: Chegou a coisa
 vermelha que é o morcego)".

No exemplo (442), o particípio *nyanin* “coisa grande” resultado da associação da raiz verbal *nya* “ser grande” ao sufixo nominalizador *-nin* cuja tradução é “coisa grande” ocupa a posição nuclear, isto é, à extrema direita do sintagma tipicamente ocupada pelos nomes. O nome *o:man* “árvore, pau” disposto à esquerda do núcleo funciona como seu modificador.

Processo semelhante é identificado em (443), no qual a raiz verbal *pu* “ser vermelho” é associada ao nominalizador *-nin* resultando na forma participial *punin* “coisa vermelha”. Tendo em vista suas propriedades nominais, *punin* ocupa a posição nuclear no sintagma nominal tendo como seu modificador o nome *inan* “morcego”.

5 Sintaxe da oração

Esse sub-capítulo está dividido em duas partes. Na primeira delas, trataremos da formação interna da oração que apresenta um predicado e seu(s) argumento(s). Primeiro definiremos os tipos de predicados existentes levando em consideração o tipo de núcleo identificado. Em seguida, trataremos do(s) tipo(s) de argumento(s) que o núcleo está habilitado a selecionar. Na segunda parte desse sub-capítulo, dedicaremos atenção aos adjuntos que nessa língua são os

sintagmas posposicionais e as partículas. Apresentaremos sua distribuição na oração bem como sua significação semântica.

Ao iniciarmos este sub-capítulo convém ressaltarmos em que sentido o termo **oração** é utilizado nesse trabalho como o conjunto formado por um **predicado** que pode ter **argumento(s)** (predicados verbais) ou não (predicados nominais existenciais). Ressaltamos que o termo argumento é utilizado para referir-se aos elementos nucleares.

Na sub-seção seguinte, apresentaremos os tipos de predicados identificados nessa língua, bem como o critério utilizado no processo de identificação dos mesmos.

5.1 Predicados

Núcleo oracional

Para definir os tipos de predicados existentes, utilizamos como critério de identificação as classes léxicas que podem ocupar a posição de núcleo do predicado. Dessa forma, encontramos verbos, nomes, advérbios e posposições em posição nuclear. Sendo assim, assumimos que os três tipos básicos de predicados, nessa língua, são: **verbal**, **nominal** e **adverbial**⁹³.

De acordo com o número de argumentos selecionados pelo núcleo do predicado, esse pode ser de dois tipos: **monovalente** e **divalente**. Nos predicados monovalentes, o núcleo está habilitado a selecionar um argumento externo, isto é, realizado fora do sintagma

⁹³Os predicados posposicionais são classificados como um sub-tipo de predicado adverbial.

instituído pelo núcleo do predicado. Enquanto que nos predicados divalentes o núcleo do predicado seleciona dois argumentos sendo que um argumento é interno e o outro é externo ao predicado. Nos exemplos seguintes apresentamos entre colchetes, respectivamente, predicados verbais, nominais e adverbiais em suas formas monovalentes:

predicado verbal

monovalente:

- (444) [**dado:hi**] **wa:pa**
 correr, fugir cachorro
 "O cachorro correu".

predicado nominal

nome alienável:

- (445) [**tukuna**] **adi:k**
 humano, gente 1PL
 "Nós somos gente".

predicado adverbial

- (446) [**kodo**] **pi:da**
 em cima onça
 "A onça está em cima".

Nos exemplos acima, verificamos que o predicado é formado pelo verbo monovalente *dado:hi* “correr, fugir” em (444); pelo nome alienável *tukuna* “ser humano” no exemplo (445) e pelo advérbio *kodo* “em cima” no exemplo (446). A ordem básica identificada é predicado inicial sendo seguido pelo sintagma nominal, respectivamente, *wa:pa* “cachorro” no exemplo (444); *adi:k* “nós” em (445) e *pi:da* “onça” no exemplo (446). O sintagma nominal é argumento único desses tipos de predicado.

Quando o predicado é de tipo divalente, isto é, o núcleo é expresso por um verbo divalente, um nome inalienável e uma posposição, seleciona dois argumentos. À sua esquerda está o argumento interno que é manifestado ou por um sintagma marcado com caso ou por um prefixo pessoal. O argumento externo ao núcleo é expresso por meio de um sintagma nominal como podemos verificar nos exemplos que seguem:

predicado verbal divalente:

- (447) **Tyiko-na= pu kapayo**
Tyiko-ERG comer mamão
"Tyipari comeu mamão".

predicado nominal (nome inalienável):

- (448) **Pityira-na= tyo Tikon**
Pityira-GEN filha Tikon
"Tikon é filha de Pityira".

predicado adverbial (posposição):

- (449) **Kopa-na= katu Kontan**
Kopa-OBJPOSP SOC2 Kontan
"Kontan está com Kopa".

Os núcleos dos predicados expressos, respectivamente, nos exemplos (447), (448) e (449), pelo verbo divalente *pu* “comer”, pelo nome inalienável *tyo* “filha” e pela posposição *katu* comitativo”, ocorrem na posição final do predicado do qual são núcleos e são antecedidos por seus respectivos argumentos internos.

Os argumentos internos dos núcleos são expressos ou por um sufixo ou por um sintagma nominal com marcação de caso gramatical feita com o uso do clítico *-na=*. No exemplo (447), observamos que o sintagma nominal *Tyikon* é o argumento interno do núcleo. Esse sintagma é marcado com o caso ergativo. Em (448), o sintagma nominal é expresso pelo nome *Pityira* que recebe a marca de caso genitivo. Por fim, no exemplo (449) notamos que o nome *Kopa* forma o sintagma nominal e é marcado com o caso objeto de posposição.⁹⁴

No que se refere aos argumentos externos aos núcleos, esses são expressos por sintagmas nominais ou como zero. Em (447) o argumento externo é manifestado pelo sintagma nominal *kapayo*

⁹⁴Para detalhes sobre os casos estruturais, bem como a justificativa da existência de três casos representados por *-na=* consultar 4 Estrutura interna dos sintagmas, subseção 4.1 Sintagmas, características em comum.

“mamão”; em (448) o sintagma nominal formado pelo nome próprio *Tyikon* é o argumento externo do núcleo; e em (449) o argumento externo é expresso pelo nome próprio *Kontan*. Como é possível verificar, de maneira diferente da identificada argumentos internos, os argumentos externos não apresentam nenhum tipo de marcação morfológica⁹⁵.

As sub-seções seguintes são dedicadas ao tratamento de cada tipo de predicado de forma separada.

5.2 Predicado verbal

De acordo com o número de argumentos que o verbo em função de núcleo seleciona, temos dois tipos de predicados verbais: monovalentes e divalentes. Ressaltamos que, nessa língua, não identificamos verbos divalentes que tenham um de seus argumentos marcado por uma posposição bem como a existência de verbos trivalentes.

⁹⁵As características dos argumentos serão tratadas mais detalhadamente nas seções seguintes.

5.2.1 Monovalente

A posição de núcleo de predicado é ocupada por um verbo monovalente, como podemos observar nos exemplos (450), (451) e (452):

(450) [**ki:tan** NÚCLEO] **anya** ARG. EXT.
dormir mulher
"A mulher dormiu".

(451) [**ikao** NÚCLEO] **opaty:n** ARG. EXT.
chorar criança
"A criança chora".

(452) [**dado:hi** NÚCLEO] **idi:k** ARG. EXT.
correr, fugir 2SNG
"Você correu".

O argumento único desse núcleo monovalente é expresso, no exemplo (450), pelo sintagma nominal *anya* “mulher” em (451) pelo sintagma nominal *opaty:n* “criança” e no exemplo (452) pelo forma pronominal livre de segunda pessoa singular *idi:k* “você”.

Ainda é possível identificar um nome [-animado] como argumento externo de um núcleo monovalente:

- (453) [**dawaikan-dik** NÚCLEO] **o:man** ARG.UNC.
cair-CTRP árvore, pau
"A árvore caiu".

No que diz respeito à ordem dos elementos que compõem a unidade oracional, observamos que a ordem básica nas orações é predicado-argumento⁹⁶. Contudo é possível encontrar o argumento único precedendo o predicado como demonstram os exemplos seguintes:

- (450') **anya** ARGUNC [**ki:tan** NÚCLEO]
mulher dormir
"A mulher dormiu".

- (451') **opatyi:n** ARGUNC [**ikao** NÚCLEO]
criança chorar
"A criança chora".

- (452') **idi:k** ARG.EXT [**dado:hi** NÚCLEO]
2SNG correr, fugir
"Você correu".

⁹⁶Veja na seção 5.5.3 Comportamento e Controle da correferência.

De acordo com os dados que servem de base para nossa análise, entre cada dez orações com núcleo monovalente, sete apresentam a ordem básica descrita acima.

5.2.2 Divalente

O núcleo do predicado é um verbo divalente que seleciona dois argumentos para saturar sua valência como podemos observar nos exemplos seguintes:

(454) [**mapiri-na=** **bini**] **paiki:dak**
 cobra d'água-ERG engolir avô
 "A cobra d'água engoliu o avô".

(455) [[**no:ru-na=**] **hi:k**] **pi:da**
 macaco zogue zogue-ERG ver onça
 "O macaco zogue-zogue viu a onça".

Em (454), o núcleo do predicado é o verbo divalente *bini* “engolir”. Esse verbo seleciona dois argumentos. Um deles é interno ao núcleo e está expresso pelo sintagma nominal *mapiri* “cobra d'água” marcado com o caso gramatical ergativo por meio do clítico *-na=*. O outro argumento é externo ao predicado e está representado pelo sintagma nominal *paiki:dak* “avô”.

Situação semelhante é identificada no exemplo (455). O núcleo do predicado é o verbo divalente *hi:k* “ver” que seleciona dois argumentos. Um deles é interno ao núcleo e está expresso pelo sintagma nominal *no:ru* “macaco zogue zogue” *mapiri* marcado com o caso gramatical ergativo por meio do clítico *-na=*. O outro argumento é externo ao predicado e está representado pelo sintagma nominal *paiki:dak* “avô”.

No que se refere à ordem, nas orações divalentes (ou transitivas), o núcleo figura na posição final do predicado sendo antecedido por seu argumento interno. O argumento externo, tipicamente, ocupa a posição à direita do predicado, mas pode ser movido⁹⁷.

5.2.3 Alinhamento nos predicados verbais

Essa seção é dedicada à descrição e definição das características dos argumentos do predicado verbal divalente.

5.2.3.1 Codificação

O argumento interno do núcleo verbal divalente, como já foi dito na sub-seção anterior, é expresso ou por um prefixo pessoal ou por um sintagma nominal que recebe marca de caso gramatical. Esse argumento está posicionado à esquerda do núcleo ao qual se associa.

⁹⁷Como podemos verificar na sub-seção 5.5.4 Movimento.

O papel semântico protípico assumido por esse argumento é o de **agente**, isto é, o participante que faz algo de forma preferencialmente intencional.

O núcleo divalente também está habilitado a selecionar um outro argumento que é externo e se manifesta como um sintagma nominal e assume o papel de **paciente**, isto é, o participante que é afetado por uma ação ou acontecimento como podemos verificar no exemplo seguinte:

- (456) [[**anyaiki-na=**]_{ARGINT} **toti:k**_{NÚCLEO}] **ha-mimi**_{ARGEXT}
mulherada-ERG enterrar 3SNG-sangue
"A mulherada enterrou o sangue dela".

5.2.3.2 Constituência

Ao observarmos o argumento externo no exemplo (456), notamos que esse é expresso pelo sintagma nominal *ha-mimi* “o sangue dela” e apresenta as mesmas propriedades do argumento único do núcleo verbal monovalente em (453) que são a posição após o predicado e a não marcação de caso.

Quando passamos a observar o argumento interno do predicado divalente, percebemos que esse apresenta posição e marcação morfológica diferentes daquelas encontradas no argumento externo verbal divalente e no argumento único do predicado monovalente, pois no exemplo (456) o argumento interno é representado pelo sintagma nominal *anyaiki* “mulherada” e recebe a marca de caso ergativo por meio do clítico *-na=*.

Assumimos a idéia de que existe um alinhamento de tipo **ergativo-absolutivo** entre as **orações verbais monovalentes e divalentes**. Como dissemos no parágrafo anterior, o **argumento único da oração monovalente** e o **argumento externo da oração divalente** compartilham a mesma posição e marcação morfológica. Dessa forma, dizemos que esse apresentam padrão absoluto. No que se refere ao **argumento interno na oração divalente**, este recebe marcação morfológica diferente. Por essa razão, dizemos que o argumento interno apresenta padrão ergativo como demonstra a figura seguinte:

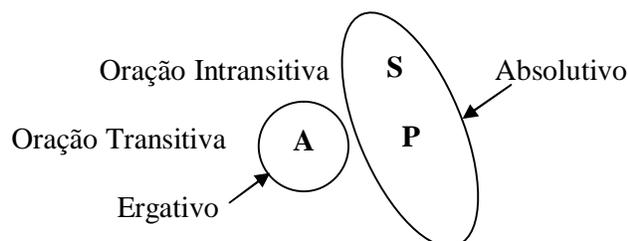


Figura 19: alinhamento ERGATIVO-ABSOLUTIVO.

Convém dizer que existe uma construção, apesar de sua ocorrência ser pouco comum, com padrão acusativo que demonstramos em (457). O núcleo do predicado é o verbo divalente *hak* “flechar” que seleciona dois argumentos para saturar sua valência. Um argumento é expresso pelo sintagma nominal *nokonana* “tucunaré” que possui as mesmas propriedades do argumento externo

das construções divalentes, isto é, posição pós-predicativa, sem marcação de caso. O segundo argumento, representado com o sintagma nominal *Aiobi* é interno ao núcleo do predicado, porém, não leva marca de caso:

- (457) **Aiobi hak nokonana**
 Aiobi flechar tucunaré
 "Aiobi flechou tucunaré".

Ao compararmos as construções monovalentes e divalentes, observamos que essas manifestam um alinhamento de tipo acusativo. Concluímos que as construções verbais divalentes estão cindidas apresentando duas estruturas: uma com padrão ergativo e a outra com padrão acusativo. Contudo, a construção de padrão ergativo é a forma básica.

O fato que parece motivar a existência da construção verbal divalente acusativa está nas propriedades semânticas do participante no papel de “flechado”, isto é, a entidade *nokonana* cuja referência é genérica. Entretanto a existência das construções acusativas bem como sua origem são temas que necessitam de maior aprofundamento.

5.3 Predicado Nominal

Como vimos anteriormente⁹⁸, a oração básica é formada por um predicado e seus argumentos. Em Katukina-Kanamari, qualquer nome pode ser núcleo de um predicado sem que se utilize elemento

⁹⁸Veja na sub-seção 5.1 Predicados.

verbal comparável a uma cópula. Todavia, em predicados que indicam a existência de uma entidade (veja sub-seção predicado existencial) o predicado é formado obrigatoriamente por um nome e um elemento copular. Dessa maneira, assumiremos que o predicado nominal, de acordo com sua formação, apresenta dois tipos: o primeiro formado somente por um nome e o segundo formado por um nome e uma cópula.

A habilidade que o nome em posição nuclear possui para selecionar um sintagma nominal como argumento externo define os subtipos de predicados nominais básicos existentes. Dessa maneira, foram identificados núcleos que estão habilitados à seleção de um argumento externo e núcleos que não são habilitados a realizar essa seleção.

No que se refere à ordem, assim como nos predicados verbais, o constituinte predicativo ocorre primeiro sendo seguido pelo argumento externo como podemos observar nos exemplos seguintes:

(458) **pi:da Tyapi**
onça Tyapi
"Tyapi é onça".

(459)^{KAN} **piya adu**
homem 1SNG
"Eu sou homem".

O núcleo do predicado é expresso pelo sintagma nominal *pi:da* “onça” no exemplo (458) e por *piya* “homem” em (459). No que se refere ao argumento selecionado pelo núcleo do predicado, esse é externo sendo manifestado por meio de um sintagma nominal que em (458) é representado pelo nome *Tyapi* e em (459) por *adu* “eu”.

Apesar dos nomes terem a habilidade de gerar predicados sem o uso de um elemento copular, identificamos predicados nominais nos quais as cópulas *an* e *tan* são utilizadas. Trataremos primeiramente dos predicados formados com a cópula *an*.

A predicação nominal instituída com *an* tem por função indicar a existência de uma determinada entidade. Esse tipo de predicado é constituído pelo núcleo e pela cópula *an*. O núcleo é manifestado por meio de um sintagma nominal que refere à entidade cuja existência é indicada pela cópula *an*. A ordem mais comum observada no predicado existencial é cópula-núcleo:

(460) **an** **diwakon**
COP miçanga
"Tinha miçanga".

(461) **an** **hak**
COP casa
"Tinha casa".

Todavia, a ordem sintagma nominal – cópula *an* também é identificada:

(460') **diwakon an**
miçanga COP
"Tinha miçanga".

(461') **hak an**
casa COP
"Tinha casa".

As construções existenciais com a cópula *an* apresentam interpretação locativa quando são acompanhadas por uma expressão que indica localização:

(462) **bakti an i-bo**
longe COP 1SNG-cunhado
"Meu cunhado está longe".

(463) **too an o:man ton**
outro COP árvore, pau SUPS
"Outro estava na árvore".

- (464) **ita-puru an =ka**
lenha-pedaco COP PERFEC
"Tinha um pedaço de lenha".

Defendemos a idéia de que cópula-núcleo formam um único constituinte. A evidência favorável a essa hipótese encontra-se no fato de que entre a cópula e o núcleo não é possível inserir nenhum tipo de elemento. Ao tentativa de posicionar o sintagma posposicional *o:man ton* dentro do sintagma predicativo, isto é, *too* "outro" cria uma construção agramatical:

- (464') ***too o:man ton an**

O segundo elemento copular identificado é *tan*. A predicação instituída com *tan* tem por função indicar a localização de uma determinada entidade num dado espaço. Esse tipo de predicado é constituído pelo núcleo e pela cópula *tan*. O núcleo é manifestado por meio de um sintagma nominal que refere à entidade cuja localização é indicada pela cópula *tan*. A ordem mais comum observada no predicado locativo é cópula-núcleo como podemos observar nos exemplos seguintes:

- (465) **tan pi:da hak iki**
COP onça casa INSS
"A onça está dentro da casa".

- (466) **tan mokdo:k-nin o:man ton**
COP anta-defecar-NOMNLZ árvore, pau SUPS
"O excremento de anta está sobre o pau".

Na seção seguinte, trataremos das cópulas *an* e *tan* apresentando suas características.

5.3.1 Cópula

Como dissemos anteriormente, *an* é a cópula utilizada nos predicados existenciais e a cópula *tan* é utilizada em predicados locativos. Para definir se as cópulas em Katukina são ou não formas verbais, tomamos como base as características que essas compartilham com os verbos.

A primeira propriedade em comum entre as cópulas *an* e *tan* e as formas verbais é a habilidade que as primeiras possuem em associar-se com o sufixo durativo *-nin* tipicamente associado aos verbos:

- (467) **datanti an-nin =ka**
ali COP-DUR PERFEC
"(Ele) estava ali".

- (468) **tan-nin pi:da hak iki**
COP-DUR onça casa INSS
"A onça está dentro da casa".

A segunda propriedade em comum identificada entre as cópulas *an* e *tan* e os verbos é a capacidade de associação ao sufixo de negação *-tu*. Como vimos anteriormente⁹⁹, esse sufixo é associado a raízes verbais:

- (469) **an-tu ita**
COP-NEG lenha
"Não existia lenha".

- (470) **tan-tu pi:da hak iki**
COP-NEG onça casa INS
"Não havia onça dentro da casa".

Levando em consideração as características acima citadas, dizemos que as cópulas *an* e *tan* são formas verbais.

⁹⁹ No capítulo III Morfologia, seção 3.3 Morfologia verbal.

5.3.2 Existencial

O predicado existencial em Katukina-Kanamari é aquele constituído por um núcleo nominal e pela cópula *an*. O núcleo é manifestado por meio de um sintagma nominal que refere à entidade cuja existência é indicada pela cópula *an*. A função desse tipo de predicado é indicar a existência de uma entidade no tempo e ou no espaço como podemos observar nos exemplos (460) e (471) nos quais o núcleo do predicado ocupa a posição à direita sendo antecedido pela cópula *an*:

(460) **an** **diwakon**
ter, haver, existir miçanga
"Tinha miçanga".

(471) **an-tu** **ita**
COP-NEG lenha
"Não existia lenha".

A localização específica que é muito usual nos predicados existenciais não é obrigatoriamente expressa nos predicados existenciais do Katukina. Contudo, quando essa é expressa utiliza-se um sintagma adverbial¹⁰⁰ locativo que está à direita do predicado como podemos observar nos exemplos seguintes:

¹⁰⁰Tanto de sub-tipo monovalente quanto de subtipo divalente.

(472) **an pihih bakon ton**
 COP veneno-líquido dedo SUPS
 "Há veneno sobre o dedo ".

(473) **an kiwadyo kodo-na**
 COP jacu em cima-CTRF
 "Há jacu lá em cima ".

Tendo em vista que esse sintagma é externo ao predicado, pode ser movido para a posição pré-predicado:

(473') **kodo-na an kiwadyo**
 em cima-CTRF COP jacu
 "Lá em cima há jacu ".

Convém observar que o sintagma posposicional em (473') ao mover-se fica à frente do constituinte formado por *an kiwadyo*. Caso esse sintagma posposicional seja movido para dentro do sintagma predicativo, isto é, entre *an* e *kiwadyo* tem-se uma construção agramatical:

***an kodo-na kiwadyo**

Esse movimento só é possível se o sintagma nominal em posição de núcleo estiver elidido e puder ser recuperado no contexto

um sintagma nominal sem marca. A função desse tipo de predicado é apresentar uma entidade que é inserida entre a classe de itens denotados no predicado nominal. De forma usual, o sujeito de uma construção nominal indicando inclusão é específico ao passo que o predicado nominal é genérico. Observemos exemplos de predicados inclusivos:

(476) [[**ma-** ARGINT] **tyo**NÚCLEO] [**Katyikari** ARGEXT]
 3PL- filha Katyikari
 "Katyikari é filha deles".

(477) [[**yok-** ARGINT] **ponhanya**NÚCLEO] [**Tyo:ma** ARGEXT]
 1SNG- irmã mais nova Tyoma
 "Tyoma é minha irmã mais nova".

(478) [[**yok-** ARGINT] **ni**NÚCLEO] [**Tyikon** ARGEXT]
 1SNG- irmã mais velha Tyikon
 "Tyikon é minha irmã mais velha".

As construções **equativas** apresentam estrutura idêntica àquela identificada nos predicados inclusivos. Na construção equativa, o referente em posição de sujeito é idêntico ao referente especificado no predicado nominal:

(479) [[**ha-** ARGINT] **owamok**NÚCLEO] [**Ba:da** ARGEXT]
 3SNG- esposa Bada
 "Bada é a esposa dele".

Tendo em vista que na sociedade Katukina o casamento é monogâmico, o predicado nominal apresentado no exemplo (491) tem significação equativa, pois a entidade expresso pelo sintagma nominal *Bada* é idêntica àquela expressa pelo predicado *ha-owamok* “a esposa dele”.

Concluimos que em Katukina-Kanamari os predicados nominais sem cópula podem assumir significação **inclusiva e equativa**.

5.4 Predicado Adverbial

Assim como os nomes e os verbos, as expressões adverbiais, isto é, advérbios e posposições estão habilitadas a gerar predicados sem utilizar um elemento copular. De acordo com o número de argumentos que selecionam, os predicados adverbiais estão divididos em dois sub-tipos: (a) **monovalentes** e (b) **divalentes**. Os predicados adverbiais de sub-tipo monovalente selecionam um argumento enquanto os de subtipo divalente selecionam dois argumentos.

5.4.1 Monovalente

Os predicados **adverbiais monovalentes têm** como núcleo um advérbio que está habilitado a selecionar um sintagma nominal que é seu argumento externo. A predicação adverbial tem por função indicar

a localização espacial ou temporal da entidade a qual se referem. Na oração adverbial, a ordem básica é a mesma identificada nos outros tipos de predicação, ou seja, predicado-argumento como podemos observar nos exemplos seguintes:

(480)^{KAN} [**kodo**_{NÚCLEO}] [**kamodya**_{ARG.EXT.}]
 em cima macaco barrigudo
 "O macaco barrigudo está lá em cima".

(481) [**bakti**_{NÚCLEO}] [**adu**_{ARG.EXT.}]
 longe 1SNG
 "Eu estou longe".

Os predicados adverbiais de sub-tipo monovalentes apresentam estrutura mais simples do que a dos divalentes, visto que são formados somente pelo núcleo e selecionam um argumento. Como veremos na seção seguinte, a predicação divalente apresenta estrutura interna mais complexa que a dos predicados monovalentes.

5.4.2 Divalente

Este sub-tipo de predicado cuja posição de núcleo é ocupada por uma posposição seleciona dois argumentos. Um argumento é interno e é marcado com o clítico casual *-na=*. O outro argumento não recebe marcação morfológica e é externo ao sintagma posposicional. No que se refere à ordem, temos: núcleo à direita sendo antecedido pelo objeto da posposição; sintagma posposicional predicativo sucedido por seu argumento externo. O predicado adverbial divalente

tem por função básica marcar o tipo de relação estabelecida entre a entidade cujo o sintagma nominal em posição objeto de posposição refere e a entidade cujo o sintagma nominal em função de argumento externo se refere. Essa relação pode ser por exemplo, comitativa, detrimetária ou beneficiária:

(482) **[[*anyaiki-na=* *katu*] [*Dyoraidi*]**
mulherada-OBJPOSP SOC2 Zoraide
"Zoraide está com as mulheres".

(483) **[[*ho:modak-na=*] *iki*] [*Tyapi*]**
rede-OBJPOSP INSS Tyapi
"Tyapi está dentro da rede".

Concluimos essa seção lembrando que o predicado adverbial de subtipo monovalente na qual o advérbio em posição nuclear seleciona um argumento externo apresenta formação mais simples, compacta do que o predicado de sub-tipo divalente cujo núcleo é uma posposição e que seleciona dois argumentos para saturar sua valência.

5.5 Argumentos

Esta seção é dedicada à apresentação dos argumentos externo e interno e está dividida em duas partes. Na primeira delas, estabeleceremos a distinção entre eles detalhando a codificação dos tipos de argumentos referidos bem como o alinhamento identificado. Na segunda parte da seção, trataremos das propriedades de comportamento e controle que os argumentos externos e internos exibem bem como o alinhamento nesse nível.

Como vimos anteriormente, há dois tipos de argumentos: (i) interno e (ii) externo. O argumento de tipo **interno** faz parte do sintagma predicativo enquanto o **externo** está fora desse tipo de sintagma¹⁰¹. No que diz respeito aos papéis semânticos expressos por esses argumentos, diremos que no predicado verbal de tipo divalente (veja seção predicados), o argumento **interno** assume com o papel prototípico de **agente** enquanto o argumento externo exerce o papel de **paciente**. Definimos **agente** como sendo o participante que faz, performa, executa algo de forma preferencialmente intencional. O argumento externo do predicado verbal divalente é marcado com o papel de **paciente**. **Paciente** é definido como o participante que é afetado por uma ação ou acontecimento. Convém dizer que nem todos os verbos associam-se aos papéis semânticos prototípicos. O papel semântico de um argumento numa dada oração é resultado da associação da expressão do argumento e da estrutura argumental do verbo.

¹⁰¹O argumento interno é definido como o argumento de um verbo que deve ser realizado dentro da projeção máxima do verbo. Enquanto que o argumento externo é aquele que não está contido na projeção máxima desse predicado. (Williams: 1981)

5.5.1 Alinhamento e constituição

Como foi dito anteriormente¹⁰², o padrão de alinhamento morfológico em Katukina entre as **orações verbais monovalentes e divalentes** é de tipo **ergativo-absolutivo**. Dessa forma, os argumentos externo e interno das construções divalentes estão alinhados da seguinte maneira: o argumento externo do predicado divalente apresenta as mesmas propriedades que o argumento externo (único) da construção monovalente, isto é, posição pós-predicativa e marcação morfológica zero como podemos observar nos exemplos seguintes:

(484) **Tyo:ma**_{ARG.INT.} **-na=** **ti:**_{NÚCLEO} **inan**_{ARGEXT}
 Tyo:ma-ERG matar morcego
 "Tyoma matou o morcego".

(485) **dado:hi**_{NÚCLEO} **wa:pa**_{ARGEXT}
 correr, fugir cachorro
 "O cachorro correu".

Em (484), o argumento externo ao predicado é expresso pelo sintagma nominal *inan* “morcego”. Esse participante que assume o papel de paciente ocorre após o predicado e a marcação morfológica é zero. No exemplo (485), o argumento selecionado pelo verbo é expresso pelo sintagma nominal *wa:pa* “cachorro”. Assim como o participante paciente da construção divalente, esse também ocorre em

¹⁰²Na seção 5.2.3 Alinhamentos nos predicados verbais.

posição pós-predicativa e sua marcação morfológica é zero. Tendo em vista que ambos argumentos são marcados com o caso **absolutivo**, os chamamos de **externos**.

O argumento interno da construção divalente é expresso ou por um sintagma nominal marcado com caso gramatical ou por um prefixo pronominal. No exemplo (484), o argumento interno do verbo *tí*: “matar” é expresso pelo sintagma nominal *Tyo:ma*. Esse por sua vez é marcado com o clítico de caso ergativo *-na=*. Esse argumento ocorre em posição pré-nuclear.

Ao compararmos as propriedades dos argumentos externos com as propriedades do argumento interno, notamos que os primeiros compartilham propriedades que o último não compartilha. Dizemos que o argumento interno é marcado com o caso **ergativo**.

Concluimos essa seção lembrando que os argumentos externos são assinalados com o caso absolutivo. Enquanto o argumento interno das construções divalentes é marcado com o caso ergativo. Sendo assim, o alinhamento das construções verbais monovalentes e divalentes é de padrão ergativo-absolutivo.

5.5.2 Codificação

Os argumentos externos das construções verbal monovalente e divalente, da construção genitiva com nome inalienável bem como a construção com núcleo posposicional são codificados por meio de um sintagma nominal ou com o paradigma de pronomes livres¹⁰³ que observamos no quadro (25) seguido por alguns exemplos:

¹⁰³Apresentados no capítulo III Morfologia, na seção 3.1.1.1 Nomes.

	singular	plural
1 ^a	adu	adi:k
2 ^a	idi:k	idi:ki
3 ^a	ityian ¹⁰⁴	atyian

Quadro 25: formas pronominais livres.

(486) **pi:da-na= pu idi:ki =tyi:n**
 onça-ERG comer 2PL FUTPROX
 "A onça vai comer vocês".

(487) **Kopa-na= owamok Raimunda**
 Kopa-GEN esposa Raimunda
 "Raimunda é a esposa de Kopa".

(488) **Pityira-na= katu adu**
 Pityira-OBJPOSP SOC2 1SNG
 "Eu estou com Pityira".

¹⁰⁴No dialeto Kanamari, temos como forma pronominal de terceira pessoa singular e plural, respectivamente, *anyan* e *anyan hinuk*.

Os argumentos internos da construção verbal divalente e da construção genitiva com nome inalienável assim como o objeto da posposição são codificados de duas formas. Na primeira delas, a codificação é feita com um sintagma nominal marcado com caso gramatical (de forma respectiva: ergativo, genitivo e objeto de posposição¹⁰⁵) como podemos observar nos exemplos seguintes:

- (489) **Ba:da-na= pi:k mok**
 Ba:da-ERG cortar anta
 "Ba:da corta a anta".
- (490) **Kon-na= tyo Dyoronin**
 Kon-GEN filha Dyoronin
 "Dyoronin é a filha de Kon".
- (491) **Yako-na= katu Dyoraidi**
 Yako-OBJPOSP SOC2 Dyoraidi
 "Dyoraidi está com Yako".

A segunda forma de codificação dos argumentos internos é feita com o uso do paradigma de prefixos pessoais aqui reapresentado¹⁰⁶ e que é seguido pelos exemplos (489'), (490') e (491')

¹⁰⁵Sobre a multifuncionalidade do clítico *-na=*, bem como sua nomenclatura distinta, consultar no início desse capítulo a seção 4.1 Sintagma: tipos básicos, características em comum.

¹⁰⁶Idem nota 98.

	singular	plural
1 ^a	yok-	tyo-
2 ^a	no-	na-
3 ^a	ha-	ma-

(489') **ha-pi:k mok**
 3SNG-cortar anta
 "Ela cortou a anta".

(490') **no-tyo Tyikon**
 2SNG-filha Tyikon
 "Tyikon é tua filha".

(491') **yok-katu Dyoraidi**
 1SNG-SOC2 Zoraide
 "Zoraide está comigo".

Em (489'), o prefixo pessoal de terceira pessoa *ha-* "ele/ela" é utilizado para representar o argumento interno do verbo *pi:k* "cortar". No exemplo (490'), o argumento interno da construção genitiva é codificado pelo prefixo pessoal de segunda pessoa *no-* "tu". E no exemplo (491'), o objeto da posposição codifica-se como o prefixo de primeira pessoa *yok-* "eu".

5.5.3 Comportamento e Controle da correferência

A segunda parte dessa seção é dedicada ao tratamento das propriedades de comportamento e controle dos argumentos externos e internos.

Para Givón (2001:177), as propriedades de comportamento e controle podem ser entendidas como uma lista de construções sintáticas ou “processos” cujo comportamento é regido, pelo menos de forma potencial, pelas relações gramaticais sujeito e/ou objeto direto.

Diremos que os processos que Givón pontua, em Katukina-Kanamari, são controlados pelos argumentos externos e/ou internos.

Na constituição da lista de processos relevantes, tomamos como referência as construções gramaticais¹⁰⁷ que Keenan (1976a) indica como sendo as que mais comumente têm comportamento governado pelo argumento em função de sujeito tais como a correferência anafórica, a relativização e a interrogação.

Com base nos critérios apresentados por Keenan, identificamos a seguinte lista de processos cujo comportamento é distinto com os argumentos externos e internos em Katukina: (a) movimento; (b) elisão; (c) pronominalização; (d) focalização; (e) coordenação; (f) interrogação; (g) nominalização e (h) relativização.

¹⁰⁷Ou processos na terminologia de Givón.

5.5.3.1 Movimento

Uma das distinções existentes entre argumento externo e interno refere-se ao comportamento que esses apresentam ao movimentar-se dentro da oração. Somente o argumento de tipo externo pode ser movido de sua posição típica que é pós-predicado para a posição pré-predicado. Essa habilidade de movimentação é compartilhada pelo argumento externo das construções verbais divalentes e monovalentes como demonstram os exemplos seguintes:

(492) **tabi Kopa-na= hak manati**
 jacu Kopa-ERG flechar ontem
 "Kopa flechou jacu ontem".

(493) **Tyikon Pityira-na= tyo**
 Tyikon Pityira-GEN filha
 "Tyikon é a filha de Pityira".

(494) **opatyi:n ikao**
 criança chorar
 "A criança chora".

Nenhum tipo de movimento é permitido ao argumento interno sem que ocorram outras mudanças formais. Observemos os exemplos

seguintes nos quais demonstramos a forma básica da construção verbal divalente seguida pela movimentação do argumento interno do verbo:

(495) **Ba:da-na= toman ha-obi:n**
Ba:da-ERG atirar 3SNG-marido

(496) **ha-toman Ba:da ha-obi:n**
3SNG-atirar Ba:da 3SNG-marido

(497) **Ba:da ha-toman ha-obi:n**
Ba:da 3SNG-atirar 3SNG-marido
“Bada atirou no marido dela”.

Ao retirar-se o agente do sintagma nominal o verbo divalente *toman* “atirar” seleciona uma das formas do paradigma de prefixos pessoais que é prefixada a esse. Esse prefixo pessoal associado ao verbo refere ao seu argumento interno. Não é possível movimentar o argumento interno da predicação sem que isso acarrete mudanças na estrutura formal da sentença.

A presença do prefixo pessoal e não do clítico *-na=* (marcador de caso gramatical) serve como evidência para a idéia de que o sintagma nominal *Ba:da* no exemplo (497) não faz parte do sintagma verbal.

5.5.3.2 Elisão

A segunda distinção identificada no comportamento dos argumentos externo e interno é a possibilidade desses serem ou não

elididos. Os argumentos externos podem ser elididos como demonstram os exemplos que seguem:

(498) **Nara-na= hadi**
Nara-ERG pegar
"Nara a pegou".

(499) **tyuku**
morrer
"Ele morreu".

Quando tentamos elidir um argumento interno, um prefixo pessoal é associado ao verbo como podemos verificar nos exemplos seguintes em que apresentamos, respectivamente, a forma básica do sintagma verbal divalente seguida da elisão de seu argumento interno:

(500a) **Pioru-na= bi:k kapayo**
Pioru-ERG chupar mamão
"Pioru chupou mamão".

(500b) **ha-bi:k kapayo**
3SNG-chupar mamão
"Ele chupou mamão".

Ao elidir-se o argumento interno expresso em (500a) pelo sintagma nominal *Pioru*, o núcleo do predicado verbal *bi:k* “chupar” associa-se ao prefixo pessoal de terceira pessoa singular *ha-* “ele, ela” como mostra o exemplo (500b).

Tanto a extração quanto a elisão do argumento interno tem o mesmo resultado, isto é, apagar o sintagma nominal em posição de argumento interno que passa a ser representado por uma das formas do paradigma de prefixos pessoais.

5.5.3.3 Pronominalização

A terceira distinção existente entre o comportamento dos argumentos externos e internos ocorre no processo de pronominalização. Observamos que apenas os argumentos externos podem ser substituídos pelos pronomes que chamamos de *demonstrativos* que, como vimos anteriormente¹⁰⁸, estão divididos em dois grupos: (i) proximal e (ii) distal. Observemos os exemplos seguintes.

Demonstrativo como modificador:

(501) **dawaikan ityian anya**
 cair PROX mulher
 "Essa mulher caiu".

(502) **tyuku atyian wa:pa**
 morrer DIST cachorro
 "Aquele cachorro morreu".

¹⁰⁸No capítulo III Morfologia, seção 3.1.1.1 Nomes.

Demonstrativo como argumento externo:

(503) **ki:nhi-dik** **ityian**
voltar-CTRP PROX
"Esse voltou para cá'.

(504) **pi:da-na=** **man** **atyian**
onça-ERG pegar DIST
"A onça pegou aqueles'.

No exemplo (501), o demonstrativo proximal *ityian* “esse, essa” funciona como modificador do sintagma nominal *anya* “mulher” que é argumento externo ao predicado verbal monovalente *dawaikan* “cair”. Da mesma maneira, no exemplo (502), o demonstrativo distal *atyian* “aqueles, aquelas” modifica o sintagma nominal *wa:pa* “cachorro” que por sua vez é argumento externo do núcleo do predicado verbal *tyuku* “morrer”.

Os demonstrativos *ityian* no exemplo (503) e *atyian* em (504) ocupam, de forma respectiva, a posição de argumento externo do predicado verbal monovalente *ki:nhi-dik* “voltar” em (503) e do predicado verbal divalente *man* “pegar” no exemplo (504).

5.5.3.4 Focalização

O quarto processo em que o comportamento dos argumentos de tipo externo e interno é distinto é o da focalização. A focalização é feita com o uso do clítico de foco *na=*¹⁰⁹ que precede o elemento focalizado. Somente os argumentos externos têm acesso a esse processo sintático como podemos observar nos exemplos seguintes:

(505) **waok-dik na= konmini**
 chegar-CTRP FOC irmã
 "Foi a irmã que chegou'.

(506) **pi:da-na= ti: na= Konhu:**
 onça-ERG matar FOC Konhu:
 "Foi o Konhu que a onça matou".

O argumento único da construção verbal monovalente expresso pelo sintagma nominal *konmini* “irmã” em (505) é focalizado

¹⁰⁹Segundo Queixalós (2010), no dialeto Kanamari a focalização é realizada com o uso das partículas *kana* e *na*. Essas são pospostas ao constituinte que se quer focalizar como demonstram os exemplos seguintes:

(31^{ITQ}) **wa:ro kana ki:tan-nin**
 parrot FOCUS sleep-DURATIVE
 "it is the parrot that is sleeping".

(32^{ITQ}) **wi:ri na tyo-ikihak**
 WildPig FOCUS 1PLURAL-spear
 "it is a wild pig that we speared".

com o uso da partícula *na* assim como ocorre com *Konhu*: que é argumento externo da predicação verbal divalente demonstrada em (506).

Quando o sintagma nominal em função de argumento externo é movido para a posição pré-predicativa, a partícula de foco continua precedendo o argumento externo¹¹⁰:

(507) **na= an no-huna**
 FOC osso 2SNG-trazer
 "Foi o osso que você trouxe".

¹¹⁰Queixalós apresenta alguns exemplos oriundos de sessões de elicitación em que se tenta focalizar o argumento interno da construção verbal divalente. Todavia, ao se realizar a focalização do argumento interno nessas construções, as mesmas são rejeitadas pelos informantes:

(33^{ITQ}) **mapiri-na= duni takara**
 anaconda-MKCase catch hen
 "the anaconda caught the hen".

(34^{ITQ}) ***mapiri-na= (ka)na duni takara**

(35^{ITQ}) ***mapiri (ka)na na=duni takara**

(508) **na= bara paha-nin**
FOC caça estar podre-DUR
"É a caça que está apodrecendo".

(509) **na= pudak dyo:**
FOC canoa encher
"Foi a canoa que encheu".

5.5.3.5 Coordenação

Outro processo em que argumento externo e interno apresentam comportamentos diferentes é o da coordenação. Essa é feita com a simples concatenação de sintagmas nominais. Apenas argumentos externos acessam à coordenação como demonstram os exemplos que seguem:

(510)^{KAN} **tyuku Nodia Owi**
morrer Nodia Owi
"Nodia e Owi morreram".

(511) **Dyahirima-na= dai: ha-owamok uonpo**
Dyahirima-ERG carregar 3SNG-esposa timbó
"Dyahirima carregou a esposa e o timbó".

5.5.3.6 Interrogação

No processo que envolve a formulação de questões de constituinte (em (512)) e questões polares (em (513)) argumento externo e interno também apresentam comportamento distinto. Podemos fazer questões em Katukina somente sobre argumentos externos:

(512) **hanian** **ha-toman** **=yu?**
 que/quem/qual 3PL-atirar INTERROG
 "Em quem ele atirou?"

(513) **wa:pan** **=tu** **idi:k ?**
 ter fome INTERROG 2SNG
 "Você está com fome? "

5.5.3.7 Relativização

O processo no qual argumentos externo e interno apresentam comportamento distinto é o que envolve o mecanismo de relativização¹¹¹. Assim como nos processos sintáticos de focalização e interrogação, somente os argumentos externos têm acesso à relativização que é feita mediante a associação do subordinador *-nin*

¹¹¹Que será tratada no sub-capítulo 8 Oração complexa.

ao verbo que forma o predicado. As construções relativas possuem estrutura oracional, ou seja, recebem marcação tempo, aspecto e modalidade e recuperam os argumentos verbais como argumentos nucleares. Essas construções não ocorrem como núcleo de sintagma nominal, outrossim, ocupam a posição de modificador dentro do sintagma nominal:

(514) **yok-tiok** **dyara** **waok-dik-nin**
 1SNG-saber, conhecer homem branco chegar-CTRP-SUBD
 "Eu sei que foi o branco que chegou".

(515) **ma-hi:k-tu** **mok do:k-nin** **o:man** **ton**
 3PL-ver-NEG anta defecar-SUB árvore, pau SUPS
 "Eles não viram a anta que defecou sobre o pau".

As construções apresentadas nos exemplos (514) e (515) poderiam ser analisadas como nominalizações, tendo em vista verbos nominalizados também estão habilitados, assim como as construções relativas, a modificar um nome dentro do sintagma. Contudo, essa análise não é pertinente, pois nominalizações diferem de orações relativas por possuírem características de nome, ou seja, não recebem marcação de tempo, aspecto e modalidade e recuperam os argumentos do verbo como um modificador do sintagma nominal.

5.5.3.8 Nominalização

O último processo a ser apresentado é o que trata da nominalização dos verbos. Como dissemos anteriormente¹¹², tanto os verbos monovalentes quanto os divalentes podem ser nominalizados.¹¹³ No dialeto Katukina do Biá, a nominalização de participantes é feita mediante a associação do sufixo nominalizador *-nin* à raiz verbal monovalente ou divalente que se quer nominalizar. Observemos os exemplos seguintes nos quais apresentamos, primeiramente, verbos monovalentes em sua forma básica e em seguida a forma nominalizada com o sufixo *-nin* e com o dêitico *nyan*:

(516) **dyan adu =wa**
 caçar 1SNG PROSPEC
 "Eu vou caçar".

(517) **bara to:di dyan-nin**
 caça-trazer caçar-NOMNLZ
 "O caçador trouxe a caça".

¹¹²Veja no capítulo III, seção 3.3.2.1 Nominalização.

¹¹³Convém lembrar que no dialeto Kanamari, a nominalização é feita mediante a posição do elemento dêitico *nyan* ao verbo que se quer nominalizar.

(518) **no:k** **opatyi:n**
 estar bravo criança
 "A criança está brava".

(519) **an** **no:k-nin** **ityonin iki**
 COP estar bravo-NOMNLZ mato INSS
 "Existe (índio) bravo no mato".

Ao associar-se o sufixo *-nin* à raiz verbal monovalente *dyan* “caçar”, temos como resultado a forma nominal *dyan-nin* “caçador”. No exemplo (517) *dyan-nin* é o agente do evento expresso nessa construção.

Situação semelhante é encontrada no exemplo (519). A adição de *-nin* ao verbo *no:k* “estar bravo” faz com que essa raiz verbal torne-se o nome *no:k-nin* “o bravo”. Uma evidência de que *no:k-nin* é um nome está no fato de que essa forma pode ocupar a posição típica dos nomes, como podemos verificar no exemplo (519) no qual *no:k-nin* “bravo”, constitui um predicado existencial com a cópula existencial *an*.

Nas construções verbais divalentes, a nominalização é orientada, na sua forma menos marcada, rumo ao paciente. Observemos os exemplos abaixo nos quais apresentamos, de maneira respectiva, a construção com verbos divalentes seguida pelas formas nominalizadas com o sufixo *-nin*:

- (520) **Laidi-na= tyara tawabi**
Laidi-ERG torrar farinha
"Laidi torrou a farinha".
- (521) **yok-pu tyara-nin**
1SNG-comer torrar-NOMNLZ
"Eu como o torrado".
- (522) **Ba:da-na= wando:ki don**
Ba:da-ERG cozinhar peixe(sp)
"Badá cozinhou peixe".
- (523) **wihan ha-wando:ki-nin**
acabar 3SNG-cozinhar-NOMNLZ
"Acabou o cozido dela".

No exemplo (520), temos o verbo divalente *tyara* "torrar" selecionando dois argumentos: um interno expresso pelo sintagma nominal *Laidi* que é marcado com o caso ergativo pelo clítico casual *-na=*. Um argumento externo ao sintagma predicativo cuja expressão é feita por meio do sintagma nominal *tawabi* "farinha". Na construção demonstrada em (521), ao associar-se o sufixo nominalizador *-nin* ao

verbo *tyara* tem-se como resultado a forma nominalizada *tyara-nin* “torrado”. Esse nome representa o paciente da construção divalente demonstrada em (521). Situação idêntica é observada nos exemplos (522) e (523) em que temos o verbo *wando:ki* “cozinhar” (cf.(522)) que ao ser associado ao sufixo *-nin* origina a forma nominal *wando:ki-nin* “cozido” em (523) que representa o paciente da construção básica verbal divalente.

Ao compararmos os exemplos (517/519) e (521/523) observamos que a nominalização do argumento único da construção monovalente em (517) e (519) é realizada morfológicamente da mesma maneira que a nominalização do participante paciente da construção divalente demonstradas nos exemplos (521) e (523). Por essa razão, assumiremos a idéia de que a nominalização nas construções monovalentes e divalentes é orientada ergativamente, isto é, rumo ao paciente. Como vimos nos exemplos acima, a nominalização menos marcada de participantes é feita com a associação direta sobre o verbo do sufixo nominalizador *-nin*. Todavia, a nominalização do agente de uma construção divalente não se realiza sem que ocorram outras mudanças formais na construção. Para que o agente acesse a nominalização, deve-se utilizar o mecanismo de antipassiva no qual associamos o prefixo de antipassiva *wa-* a uma raiz verbal divalente. Dessa maneira o verbo estará habilitado a associar-se ao sufixo nominalizador *-nin* como podemos observar nos exemplos abaixo nos quais apresentamos a construção divalente básica seguida pela nominalização do participante agente:

- (524) **Paiki:dak-na= hak tyipo**
 avô-ERG flechar nambu
 "O avô flechou nambu".

- (525) **waok-na** **wa-hak-nin**
chegar-CTRF ANTP-flechar-NOMNLZ
"O flechador chegou".

No exemplo (525), observamos que o verbo divalente *hak* “flechar” é associado ao prefixo de antipassiva *-wa*¹¹⁴. Essa associação faz com que a seleção do argumento interno representado em (524) pelo sintagma nominal *paiki:dak* “avô” marcado com caso ergativo seja bloqueada. Em consequência, o verbo *hak* “flechar” passa de divalente a monovalente e associa-se ao sufixo nominalizador *-nin*. Essa associação tem como resultado a forma nominal *wa-hak-nin* “flechador” que é o participante agente da construção verbal em (525).

A nominalização de participantes em Katukina do Biá apresenta alinhamento ergativo, ou seja, os argumentos externos são nominalizados da mesma maneira enquanto o argumento interno, agente, é nominalizado de forma distinta.

Assim como no dialeto Katukina do Biá, em Kanamari a nominalização apresenta orientação ergativa (Queixalós: 2009, 2010). O processo de nominalização de participantes em Kanamari é feito com a uso do elemento *nyan* que é posposto à raiz verbal tanto em construções monovalentes quanto divalentes. Observemos os exemplos seguintes nos quais primeiramente apresentamos a forma verbal básica seguida pela nominalização com *nyan*:

¹¹⁴Para mais detalhes sobre antipassiva consultar o sub-capítulo 7 Mudanças na estrutura argumental (sub-seção Recessivos).

- (526) **ki:tan opaty:n**
dormir criança
"A criança dormiu".
- (527) **tyuku ki:tan nyan**
morrer dormir NOMNLZ
"O dormidor morreu".
- (528) **daan piya**
sair, andar homem
"O homem saiu".
- (529) **bak-tu daan nyan**
ser bom-NEG sair NOMNLZ
"O saidor é feio".

A nominalização do participante único em construções monovalentes é feita mediante a posposição do elemento *nyan* à raiz verbal. No exemplo (527), o verbo monovalente *ki:tan* “dormir” é associado ao elemento *nyan*. Essa associação gera a forma nominal *ki:tan-nyan* “dormidor” que funciona como o participante paciente da construção demonstrada em (527). Situação semelhante é observada no exemplo (529) no qual o verbo *daan* “sair” é associado ao elemento *nyan* gerando a forma nominal *daan-nyan* participante paciente da construção verbal apresentada em (529).

Nas construções verbais divalentes, a nominalização do paciente é feita da mesma forma que nas construções monovalentes, isto é, com a posposição de *nyan* à raiz verbal como podemos verificar nos exemplos abaixo:

(530) **Nodia-na= wahak bara-hai**
Nodia-ERG cozinhar caça-carne
"Nodia cozinhou carne de caça".

(531) **bak-tu yok-wahak nyan**
ser bom-NEG 1SNG-cozinhar NOMNLZ
"O meu cozido não é bom".

(532) **ha-hak mok**
3SNG-flechar anta
"Ele flechou a anta".

(533) **waok-na hak nyan**
chegar-CTRF flechar NOMNLZ
"O flechador chegou".

O participante agente das construções divalentes em Kanamari tem acesso à nominalização somente por meio do processo de antipassiva:

-
- (534) **wa-wahak nyan-na= ti: wi:ri**
 ANTP-flechar NOMNLZ-ERG matar queixada
 "O flechador matou queixada".

A nominalização de participantes nos dois dialetos apresenta alinhamento ergativo. S e P são nominalizados da mesma maneira enquanto A é nominalizado de forma distinta.

5.6 Correferência

Esta seção é dedicada à apresentação das propriedades de controle correferencial dos argumentos externos e internos. Convém ressaltarmos que o controle da correferência em Katukina-Kanamari será tratado em três níveis distintos. O primeiro nível que chamamos de **núcleo oracional**, é composto pelo predicado e seus argumentos. O segundo nível que denominamos **oracional**, será dedicado à correferência identificada entre o núcleo e seus adjuntos. O terceiro nível, chamado de **sentencial**, apresentará a correferência entre a oração principal e as orações subordinadas.

Faz-se necessário primeiramente apresentar nossa definição para o termo pivô sintático (correferencial) que tem como base as considerações feitas por Dixon (1979,1994). Segundo o autor, um **pivô sintático** é um tipo específico de sintagma nominal que funciona como centro de um processo sintático. Em outras palavras, o **pivô** é o sintagma detentor da habilidade de controlar determinados processos sintáticos, tais como a correferência.

Como veremos adiante, há evidências que favorecem à idéia de que o sintagma nominal pivô em Katukina-Kanamari, tanto nas construções verbais monovalentes quanto nas divalentes, é aquele que ocupa a posição de argumento externo da construção. Sendo assim, defenderemos a idéia de que o pivô apresenta orientação ergativa. Entretanto, tal orientação não é identificada em todos os níveis em que se dá a correferência.

5.6.1 Nível do núcleo oracional

Neste nível, que é composto pelo predicado e seus argumentos, o pivô sintático parece ser inexistente. Nossa hipótese baseia-se na análise do controle da correferência das formas possessivas no nível do núcleo oracional, tendo em vista que, não é possível delimitar a existência do pivô sintático.

Quando as formas possessivas são precedidas por um argumento nuclear, esse argumento não exerce controle sobre a expressão anafórica:

(535) [Dyoronin₁-na= hi:k] ha₂-ponhanya
Dyoronin-ERG ver 3SNG-irmã mais nova
"Dyoronin₁ viu a irmã dela₂".

(536) [Kopa₁-na= pa] ha₂-bo
Kopa-ERG bater 3SNG-cunhado
"Kopa₁ bateu no cunhado dele₂".

No exemplo (535), o sintagma nominal *Dyoronin* precede a forma possessiva de terceira pessoa singular *ha-* mas não exerce controle sobre essa. Situação idêntica é observada em (536), em que temos o sintagma nominal *Kopa* precedendo a forma de terceira pessoa singular *ha-* sem exercer controle sobre a mesma.

Entretanto, quando o sintagma nominal segue a forma anafórica, esse exerce controle sobre a anáfora como podemos verificar nos exemplos seguintes:

- (537) [**ha₁-owamok-na= ok-homan**] **Dyahirima₁**
3SNG-esposa-ERG APLC-gritar Dyahirima
"A esposa dele₁ chamou Dyahirima₁".

- (538) [**ha₁-opatyi:n-na= hak**] **Pioru₁**
3SNG-filho-ERG flechar Pioru
"O filho dele₁ flechou Pioru₁".

Outra possibilidade identificada é da referência disjunta. Nesse caso, a referência da expressão anafórica não é nenhum dos argumentos nucleares como podemos observar nos exemplos seguintes:

- (539) **anya₁-na= toti:k ha₂-mimi**
mulher-ERG enterrar 3SNG-sangue
"A mulher₁ enterrou o sangue dela₂".

(540)^{KAN} **ha₂-obatyawa-na= ohoho Nodia₁**
3SNG-esposa-ERG chamar Nodia
"A esposa dele₂ chamou Nodia₁".

Sendo que o sintagma nominal antecede ou precede ou controla a expressão anafórica, não há alternativa para o controle da referência dos possessivos. Dizemos que no nível do núcleo oracional não há um sintagma nominal pivô.

5.7 Sujeito

Como foi dito anteriormente (seções Comportamento e Controle), o argumento externo das construções verbais monovalentes e divalentes apresentam comportamento distinto do argumento de tipo interno. O argumento externo demonstra acessibilidade aos processos sintáticos de movimento, elisão, pronominalização, focalização, coordenação, interrogação, nominalização e relativização.

O argumento interno da construção divalente tem acesso bloqueado a certos processos sintáticos, tais como a focalização e a interrogação. Em processos como a nominalização, sua acessibilidade somente é garantida mediante mudanças na estrutura formal da oração com a utilização do mecanismo de antipassiva.

Tomando como base a escala de acessibilidade aos processos de comportamento e controle proposta por Keenan (1976a), dizemos que, em Katukina, o argumento externo demonstra maior acessibilidade aos processos de comportamento e controle da correferência do que o argumento interno da construção divalente.

Tendo em vista que Keenan assume que o sintagma nominal em função de sujeito ocupa a posição mais alta no acesso aos processos sintáticos, é possível dizer que o argumento externo em Katukina, podem ser classificado como o sujeito. Sendo assim, a ordem nas construções em Katukina é predicado (monovalente ou divalente) – sujeito (argumento externo).

6 Adjuntos

Esta seção é dedicada à apresentação dos elementos que exercem funções gramaticais oblíquas, isto é, não-nucleares¹¹⁵. Primeiramente trataremos da definição adotada para o termo **adjunto**. Em seguida, apresentaremos os tipos de adjuntos identificados seguidos por sua caracterização semântica, morfológica bem como sua distribuição posicional.

Como dissemos no início desse capítulo (veja seção 4.1, Estrutura do sintagma), a marca de dependência tem como função indicar o tipo de relação existente entre o dependente e seu núcleo. Em geral, essa marca indica dois tipos de casos: os **estruturais** e os **inerentes**. De acordo com Blake (1994), os primeiros expressam relações sintáticas entre argumentos nucleares e núcleos enquanto os

¹¹⁵De acordo com Blake (1994).

últimos expressam papéis semânticos específicos dos argumentos periféricos.

Em Katukina-Kanamari, o grupo dos casos **estruturais** é composto pelos casos *ergativo-absolutivo*, *genitivo* e *objeto de posposição* como vimos anteriormente. Para tratarmos dos casos **inerentes**, apresentaremos, inicialmente, a definição adotada para o termo **oblíquo** (ou argumento periférico segundo Blake (1994)) tendo em vista que esses são marcados com os casos inerentes.

Para definir o termo **oblíquo** tomamos como base as considerações apresentadas por Andrews (2007:156-160) sobre as funções gramaticais oblíquas. Para o autor, esse tipo de funções gramaticais marcam mais comumente papéis semânticos específicos do que relações gramaticais nucleares. Em sua análise sobre os sintagmas oblíquos em inglês, isto é, os sintagmas preposicionais, Andrews inicialmente divide-os em duas grandes classes: **argumentos** e **adjuntos**.

Na primeira classe encontram-se os elementos oblíquos que têm sua distribuição regida, de forma potencial, pelas especificidades idios-sincráticas impostas pelos verbos ou por outros tipos de predicados. Os elementos da primeira classe são chamados de **argumentos**. Sua distribuição é determinada pela forma verbal de maneira semelhante àquela feita com os argumentos de tipo nuclear. Na segunda classe, encontram-se os oblíquos que são distribuídos de acordo com o papel semântico exigido para que a sentença tenha seu sentido completo. Esses oblíquos são denominados **adjuntos**. De forma distinta dos argumentos, os adjuntos parecem não exibir

comportamento semelhante ao encontrado nos argumentos nucleares, isto é, A, S e P. Em outras palavras, o verbo não determina a seleção desse argumento, apesar de Andrews admitir que o verbo pode exercer algum tipo de restrição sobre a seleção dos adjuntos.

Identificamos certos sintagmas que têm como função fornecer informações em complemento àquelas oferecidas pelo verbo que funciona como núcleo oracional. Esses sintagmas são os de tipo adverbial e posposicional. A seleção e distribuição desses sintagmas não é definida pelo verbo, mas sim pelo papel semântico.

Sendo assim, diremos que os sintagmas adverbiais e posposicionais são **oblíquos** e que de acordo com a classificação proposta por Andrews, pertencem à classes dos **adjuntos**. Doravante utilizaremos o termo **adjunto** para nos referirmos ao oblíquos em Katukina.

Trataremos nas seções seguintes dos sintagmas posposicionais e dos advérbios.

6.1 Sintagmas posposicionais

Esse tipo de sintagmas têm como núcleo uma posposição que seleciona como seu objeto manifestado ou por um sintagma nominal marcado com o clítico casual *-na=* ou por umas das formas do paradigma de prefixos pessoais. Os sintagmas posposicionais estão habilitados a ocupar três posições distintas na oração: (i) à esquerda do núcleo oracional; (ii) à direita do núcleo oracional e (iii) entre o predicado e o argumento externo.

Como foi dito no início desse capítulo, os casos inerentes são aqueles que expressam papéis semânticos específicos dos argumentos

periféricos, tais como os adjuntos. Os casos inerentes são marcados por posposições e pelo sufixo de caso *-na*. Para organizar a apresentação das posposições, dividimo-las, de acordo com a indicação semântica assinalada, em dois grandes grupos: (1) *espaciais* e (2) *não-espaciais*. No primeiro grupo encontramos as posposições que têm função indicar as noções de localização, movimento e direção. O segundo grupo é constituído pelas posposições que indicam todo tipo de noção semântica que não seja espacial, tais como as noções de instrumento, companhia, ausência ou privação.

6.1.1 Posposições espaciais

Em Katukina-Kanamari, as noções espaciais estão organizadas em um sistema de tipo dimensional que indica noções semânticas de **localização, movimento/trajetória** e que serão tratadas nas subseções seguintes.

6.1.1.1 Localização

As noções de localização são indicadas pelas posposições **inessiva, superessiva e subessiva**.

A posposição **inessiva** tem por função indicar que a entidade em questão está localizada no interior de um determinado espaço. Esse noção espacial é marcada em Katukina-Kanamari pela posposição *iki* como podemos observar nos exemplos que seguem:

(541) **mapiri-na= okduku kobo [tyama-kon iki]**
 sucuriju-ERG achar pássaro algodão-carço INSS
 "A sucuriju achou o pássaro dentro do carço de algodão".

(542) **ha-dahu [pada iki] don**
 3SNG-levar cuia INSS peixe(sp)
 "Ela levou o peixe dentro da cuia".

(543) **ha-pu kamodya [hi:wako iki]**
 3SNG-comer macaco barrigudo rio INSS
 "Ele comeu o macaco barrigudo dentro (no meio) do rio".

A segunda posposição que faz a indicação da localização de uma entidade é a que chamamos de **superessiva**. Esse têm por função indicar que dada entidade está sobre determinada superfície. Tal marcação é feita pela posposição *ton* como podemos observar nos exemplos abaixo em que se deve observar apenas os sintagmas representados entre colchetes:

(544) **piya-na= hi:k mok do:k-nin [o:man ton]**
 homem-ERG ver anta defecar-DUR árvore, pau SUPS
 "O homem viu que a anta defecou sobre o pau".

(545) **ha-do:ki [ha-ki:oan ton]**
 3SNG-colocar 3SNG-pescoço SUPS
 "A anta (macho) colocou o filho dela sobre seu pescoço".

Todavia, *ton* também está habilitado a indicar o destinatário de um dado evento. Nesse caso, a posposição *ton* indica que a entidade em questão é a destinatária de um dado evento. Identificamos *ton* sendo utilizada com acepção de destinatário com dois verbos: o monovalente *ho:ki* “falar” e o divalente *nuhuk* “dar”¹¹⁶. Observemos os exemplos que seguem em que apresentamos, de forma respectiva, construções nas quais a posposição *ton* indica o destinatário dos eventos expressos pelos verbos *ho:ki* e *nuhuk*:

(546) **ho:ki idi:k [yok-ton] =tyo**
falar 2SNG 1SNG-SUPS EXORT
"Fala tu para mim".

(547) **Kopa-na= nuhuk [no-ton] kapayo**
Kopa-ERG dar 2SNG-SUP mamão
"Kopa deu mamão para ti".

A possível confirmação da hipótese de que a posposição *ton* é utilizada especificamente para marcar o destinatário dos eventos expressos pelos verbos *ho:ki* e *nuhuk* reside no fato de que ao tentar-se utilizar a posposição *ama* para indicar o destinatário (em construções

¹¹⁶Conforme dissemos anteriormente, no capítulo III Morfologia, na seção 3.1.1.2 Verbos.

com os verbos apresentados acima), temos como resultado construções agramaticais:

***ha-to-ho:ki ha-wa nayo ama**

***Kopa-na= nuhuk kapayo no-ama**

Assumimos a idéia de que a posposição *ton* especializou-se em marcar o **destinatário** nas construções com os verbos monovalente *ho:ki* “falar” e os divalentes *toho:ki* “falar” e *nuhuk* “dar”.

Identificamos também duas posposições que indicam localização espacial e que chamaremos de **subessivas**. A primeira delas é *to:-dik* cuja função é indicar que a entidade em questão está localizada embaixo de determinado espaço. Observemos os exemplos seguintes:

(548) **ma-dukni ho:n to:-dik Adao**
 3PL- pegar terra SUBS Adão
 "Eles pegaram Adão embaixo da terra".

(549) **Dyahirima-na= hi:k mok-i: o:man to:-dik**
 Dyahirima-ERG ver anta-pé árvore, pau SUBS
 "Dyahirima viu a pegada da anta embaixo da árvore".

A segunda posposição **subessiva** é *to:-na* cuja função é indicar que uma entidade está localizada no fundo de um determinado espaço como podemos verificar nos exemplos que seguem:

(550) **ma-mirik adu ho:n to:-na**
3PL-agarrar 1SNG terra SUBS
"Eles agarraram-me no fundo da terra".

(551) **watapuru to:-na ma-oktohi:k no:k-nin**
barranco SUBS 3PL-procurar estar bravo-NOMNLZ
"No fundo do barranco, eles procuraram o índio bravo".

Ao compararmos os exemplos (549) e (551), observamos que a posposição *to:-dik* em (549) indica que a entidade expressa pelo sintagma nominal Adão está localizada na parte inferior da terra. No exemplo (551), a posposição *to:-na* faz a indicação de que a entidade que o pronome livre de primeira pessoa singular representa, isto é, *adu* "eu" encontra-se na parte mais interna da terra.

6.1.1.2 Movimento

As noções semânticas de movimento em Katukina apresentam duas dimensões. Na primeira delas, indica-se o deslocamento de uma

determinada entidade num determinado espaço, isto é, o movimento. Na segunda dimensão indica-se a direção na qual o deslocamento é realizado. Como veremos nessa sub-seção, as noções de deslocamento e direção estão combinadas e são marcadas por posposições **alativa**, **sublativa** e **perlativa**.

Deslocamento e direção

Há quatro posposições que indicam as dimensões de deslocamento e direção. Duas delas têm como função indicar que o deslocamento é feito aproximando-se de uma determinada entidade que funciona como alvo. Chamaremos essas posposições de **alativas**. A primeira é *patu* que ocorre em combinação com os sufixos dêiticos centrípeto *-dik* e centrífugo *-na* como podemos observar nos exemplos seguintes:

(552) **Rosa daan [Riozinho patu-dik]**
 Rosa sair Riozinho ALT-CTRP
 "Rosa saiu em direção ao Riozinho".

(553) **hi:ran adu [hi:tyan patu-na]**
 subir 1SNG porco do mato ALT-CTRF
 "Eu subi em direção ao porco do mato".

Convém ressaltar que o sufixo centrípeto *-dik* indica que o deslocamento ocorre em direção ao falante como é possível observar no exemplo (552).

A segunda posposição alativa é *to*. Deve-se ressaltar que enquanto a posposição *patu* associa-se a qualquer nome (cf. exemplos (552) e (553)) para formar um sintagma posposicional, a posposição *to* é identificada somente em associação com o nome *hak* “casa”:

(554) **dyokan-dik** [hak to]
aparecer-CTRP casa ALT
“(Eles) apareceram para cá, perto da casa”.

(555) **waok-dik Dyahirima** [hak to]
chegar-CTRP Dyahirima casa ALT
“Dyahirima chegou para cá, perto da casa”.

Para realizar a indicação de que o deslocamento é feito em direção à *hak* “casa” utiliza-se a posposição *to* como verificamos em (554). Situação semelhante é encontrada no exemplo (555) no qual a entidade *Dyahirima* desloca-se em direção ao alvo que é *hak* “casa”.

A terceira posposição que assinala deslocamento e direção é *tona* que chamaremos de **sublativa**. Quando a posposição é utilizada em construções com verbos de movimento, essa indica a trajetória do movimento que é realizado por baixo de uma entidade como podemos observar nos exemplos seguintes:

(556) **daan tukuna [o:man tona]**
sair Katukina árvore, pau SUBLT
"O Katukina saiu por baixo da árvore".

(557) **dadyoran [hak tona]**
entrar casa SUBLT
"(Ele) entrou por baixo da casa".

A quarta posposição indentificada é *wa* que ocorre sempre associada aos sufixos dêiticos centrífugo *-na* e centrípeto *-dik*. Essa posposição têm por função indicar o deslocamento dentro dos limites de uma porção do espaço. Doravante a chamaremos de **perlativa**. Seguem alguns exemplos:

(558) **hi:ri Dyoaki [o:man wa-na]**
subir Joaquim árvore, pau PRLT-CTRF
"Joaquim subiu pela árvore".

(559) **[dan wa-dik] daan**
varadouro PRLT-CTRP sair
"Pelo varadouro (ele) saiu".

6.1.2 Posposições não-espaciais

O segundo grupo de posposições é aquele em que se indicam noções semânticas **não-espaciais**. Esclarecemos que a expressão não-espaciais é utilizada nesse trabalho para referir-se a todo tipo de noção semântica que não remeta à localização, movimento de uma determinada entidade.

As posposições desse grupo, que são seis, indicam as seguintes relações: (i) destinatário; (ii) sociativo; (iii) privativo; (iv): causa.

6.1.2.1 Destinatário

Identificamos a posposição *ama* que tem como função indicar a noção de **destinatário**. A posposição em questão pode assumir acepções particulares, tais como a de beneficiário (560-561) ou detrimetário (562-563):

(560) **tyo-dahu dak [opatyi:n-na= ama] =tyi:n**
 1PL-levar casca, pele criança-OBJPOSP DEST FUTPROX
 "Nós vamos levar casca (de abacaxi) para a criança".

(561) **Dyoaki-na= do:ki bara-hai [pi:da-na= ama]**
 Dyoaki-ERG colocar caça-carne onça-OBJPOSP DEST
 "Dyoaki colocou carne de caça para a onça".

(562) **o:n-na= tyurukman o:ri [pi:da-na= ama]**
 sapo (sp)-ERG cortar corda onça-OBJPOSP DEST
 "O sapo cortou a corda à onça".

(563) **nok: i-bo [ma-ama-dik]**
 estar bravo 1SNG-cunhado 3PL-DEST-CTRP
 "Meu cunhado está bravo com eles (Lit: meu cunhado está
 bravo para eles)".

6.1.2.2 Sociativo

Identificamos a posposição *katu* indicando a noção que chamamos de **sociativo**. Todavia ressaltamos que *katu* assume dois significados. No primeiro deles, indica a associação de duas entidades na realização de um evento. Quando assume o segundo significado, essa posposição faz a indicação de que determinada entidade é utilizada como instrumento na execução do evento. Observemos os exemplos (564) e (565) nos quais *katu* tem significação comitativa e em (566) e (567) nos quais a posposição tem significação instrumental.

Nos exemplos (564) e (565), a posposição *katu* tem como seu objeto nomes [+animado], que representam as entidades *wayanhi* "parentes" em (564) e *ponhanya* "irmã mais nova" no exemplo (565). Essas entidades por sua vez realizam juntas os eventos expressos pelos verbos *waok* "chegar" e *horoki*: "andar". A posposição *katu* assume em (564) e (565) significação **comitativa**:

(564) **waok-dik [ha-wayanhi-na= katu]**
 chegar-CTRP 3SNG-parentes-OBJPOSP SOC2
 "(Ele) chegou junto com os parentes dele".

(565) **horoki: [ha-ponhanya-na= katu]**
 andar 3SNG-irmã mais nova-OBJPOSP SOC2
 "(Ele) andou junto com a irmã dele".

Todavia, quando *katu* tem como objeto nomes [-animados] tais como *mokawa* “espingarda” em (566) e *tyatyara* “terçado” no exemplo (567), a posposição indica que essas entidades são utilizadas para executar o evento indicado pelo verbos *toman* “atirar” (cf. (566)) e *pa* “agir sobre algo ou alguém” (cf. (567)). *Katu* assume, nos exemplos aqui citados, significação **instrumental**:

(566) **yok-toman pi:da [mokawa-na= katu]**
 1SNG-atirar onça espingarda-OBJPOSP SOC2
 "Eu atirei na onça com a espingarda".

(567) **ha-pa o:man [tyatyara-na= katu]**
 3SNG-agir sobre árvore, pau terçado-OBJPOSP SOC2
 "Ele bateu no pau com o terçado".

Uma segunda posposição sociativa foi identificada: *han* que foi encontrada somente em dois exemplos que aqui rerepresentamos:

(568)^{KAN} **anyan-na= man [ma-han]**
3SNG-ERG fazer 3PL-SOC1
"Ele o fazia com eles".

(569) **daan mintyai [oparanin han]**
sair cintura coisa branca SOC1
"Saiu com a coisa branca (miçanga) na cintura".

A posposição *katu* marca o caso **sociativo** e assume significado comitativo quando seu objeto é um nome [+animado] e significação instrumental quando seu objeto é um nome [-animado].

6.1.2.3 Privativo

A posposição *iton*, que chamamos de privativo, tem por função indicar a ausência ou privação de determinada entidade num evento:

(570) **no:k [ha-owamok-na= iton]**
estar bravo 3SNG-esposa-OBJPOSP PRVT
"Estava bravo na ausência da esposa dele".

- (571) [**mimi iton**] **tyuhu-tu**
sangue PRVT ter força-NEG
"Na ausência de sangue, ficou fraco.(Lit: Na ausência de sangue, não tinha força)".

6.1.2.4 Causa

A posição *hon* tem por função indicar que a entidade expressa por um argumento nuclear realiza um determinado evento em consequência da existência ou comportamento da entidade expressa pelo objeto da posição. Observemos os exemplos que seguem:

- (572)^{KAN} **tyuku opaty:n [no-hon]**
morrer criança 2SNG-CAUS
"A criança morreu por causa de ti".

- (573) [**ha-owamok-na= hon**] **ha-hak mok**
3SNG-esposa-OBJPOSP CAUS 3SNG-flechar anta
"Por causa da mulher dele (para vingá-la), ele flechou a anta".

O caso alativo marcado com o sufixo *-na* foi tratado no capítulo III, na seção sobre morfologia nominal (veja em 3.4.1 Processos flexionais).

6.2 Advérbios

O segundo grupo de adjuntos identificados em Katukina-Kanamari é constituído pelos **advérbios**.

Como já foi dito no capítulo anterior¹¹⁷, para facilitar a apresentação, dividimos os adjuntos de acordo com as noções semânticas que codificam em dois sub-grupos: (a) advérbios locativos e (b) advérbios de tempo. Assim como as posposições, os advérbios ocorrem (i) à esquerda do núcleo oracional; (ii) à direita do núcleo oracional ou (iii) entre o predicado e o argumento externo.

Nas sub-seções seguintes, trataremos de forma separada de cada um dos sub-grupos de advérbios identificados.

6.2.1 Advérbios locativos

Esses advérbios têm como função indicar o lugar em que determinado evento ocorre tomando como referência o lugar em que se encontram os interlocutores do discurso.

Com exceção do advérbio *kodo* “em cima”, os advérbios desse sub-grupo são formas lexicalizadas resultantes da associação do prefixo deslocativo *da-* ou dos sufixos de negação *-tu* e diminutivo *-ti* às raízes verbais *bak* “ser bom” e *tan* “estar” ao prefixo¹¹⁸. Identificamos quatro advérbios formados pelo processo descrito

¹¹⁷Veja capítulo III Morfologia, na seção 3.1.2.1 Advérbios: advérbios de tempo e advérbios locativos.

¹¹⁸Veja capítulo na seção 3.1.2.1 Advérbios: advérbios locativos.

acima: (i) *tanti*; (ii) *bakti*; (iii) *baktitu*; (iv) *datanti*. De acordo com a distância espacial que denotam em relação aos interlocutores do discurso, esses advérbios estão distribuídos em um sistema binário no qual os elementos codificam as noções espaciais de [+próximo] e [-próximo] como pudemos verificar no quadro (21)¹¹⁹ aqui reapresentado:

[+próximo]	[-próximo]
<i>tanti</i> “aqui”	<i>datanti</i> “ali”
<i>baktitu</i> “perto”	<i>bakti</i> “longe”

Observemos os exemplos seguintes, nos quais de forma respectiva, os advérbios *tanti*, *baktitu*, *datanti* e *bakti* denotam as noções espaciais agrupadas nos subsistemas [+próximo] e [-próximo]:

(574) **yok-wu-tu** **idi:k** **tanti**
 1SNG-querer-NEG 2SNG aqui
 "Eu não quero você aqui".

(575) **dawaikan-dik** **pi:da** **baktitu**
 cair-CTRP onça perto
 "A onça caiu perto".

¹¹⁹Apresentado no capítulo III Morfologia.

(576) **kaya datanti adu**
ir ali 1SNG
"Eu vou ali".

(577) **ha-hi:k hu:dya bakti**
3SNG-ver macaco barrigudo longe
"Ele viu o macaco barrigudo longe".

Notamos que nos exemplos (576) e (577) a noção semântica indicada é oposta àquela apresentada nos exemplos (574) e (575) observados anteriormente. Os eventos indicados pelos verbos *kaya* “ver” (cf. exemplo (576)) e *hi:k* “ver” (cf. exemplo (577)) ocorrem em um espaço [-próximo], isto é, distante dos interlocutores. Essa indicação é marcada pelos advérbios *datanti* “ali” no exemplo (576) e *bakti* “longe” no exemplo (577).

O quinto advérbio que compõe esse sub-grupo é *kodo*. Esse faz a indicação de que determinado evento ocorre na parte superior de um espaço como podemos observar nos exemplos que seguem:

(578) **Kopa-na= hi:k wa:ro kodo-na**
Kopa-ERG ver papagaio em cima-CTRF
"Kopa viu o papagaio lá em cima".

- (579) **dawaikan o:man kodo kamodya**
cair árvore, pau em cima macaco barrigudo
"O macaco barrigudo caiu em cima da árvore".

Convém ressaltarmos que as noções espaciais principais são aquelas que fazem referência a parte de um todo e que evoluíram para a função adverbial:

- (580) **Pityira-na= do:ki bara-hai kodo hak**
Pityira-ERG colocar caça-carne em cima casa
"Pityira colocou a carne de caça em cima da casa".

6.2.2 Advérbios de tempo

O segundo sub-grupo de advérbios faz a indicação do tempo em que determinado evento ocorre. De acordo com os intervalos temporais que codificam, identificamos nove advérbios de tempo. Nas sub-seções seguintes, apresentaremos cada uma dessas formas adverbiais com suas respectivas características morfológicas, bem como sua distribuição posicional e significação semântica.

O primeiro advérbio é *aninton* que como dissemos anteriormente¹²⁰, é morfológicamente formado mediante a associação da

¹²⁰Veja no capítulo III (Morfologia), na sub-seção Advérbios de tempo.

cópula *an* do sufixo *nin* da posposição *ton*, que indica a noção temporal “hoje, agora” como podemos observar nos exemplos seguintes nos quais observamos o advérbio em questão ocupando a posição à direita do núcleo oracional (581), à esquerda do núcleo oracional (582) e entre o predicado e o argumento externo (583):

(581) **Pioru-na= hak nokonana aninton**
 Pioru-ERG flechar tucunaré hoje
 "Pioru flecha tucunaré hoje".

(582) **aninton dado:hi idi:k =tyo**
 hoje, agora correr, fugir 2SNG EXORT
 "Hoje você corre".

(583) **daan aninton Pityira =tyi:n**
 sair hoje, agora Pityira FUTPROX
 "Pityira saiu hoje".

O segundo advérbio identificado é *manati* que indica a noção temporal “ontem”:

(584) **Kopa-na= hak don manati**
 Kopa-ERG flechar peixe(sp) ontem
 "Kopa flechou o peixe ontem".

(585) **manati ma-hi:k dyara**

ontem 3PL-ver homem branco
"Ontem eles viram o homem branco".

(586) **Tyapi-na= nuhuk manati na:tyi ma-ama**

Tyapi-ERG dar ontem milho 3PL-DEST
"Tyapi deu, ontem, milho para eles".

Hururu é o advérbio que indica o lapso temporal que traduzimos como "alvorada":

(587) **daan hururu Aiobi =ka**

sair alvorada Aiobi PERFEC
"Aiobi saiu na alvorada".

(588) **hururu waok-dik**

alvorada chegar-CTRP
"Na alvorada, ele chegou".

(589) **ha-hi:k hururu pi:da**

3SNG-ver alvorada onça
"Ele viu a onça na alvorada".

Paikadati indica o período de tempo correspondente às horas do dia que sucedem a alvorada:

- (590) **daan Tokaniri paikadati**
sair Tokaniri de manhã
"Tokaniri saiu de madrugada".
- (591) **paikadati yok-hi:k Kopa**
de madrugada 1SNG-ver Kopa
" De madrugada eu vi Kopa ".
- (592) **dyan paikadati adi:k =ka**
caçar de madrugada 1PL PERFEC
"Nós caçamos de madrugada".

Paradi expressa o lapso de tempo que traduzimos como “à meia-noite”:

- (593) **wa:pan opaty:i:n paradi**
estar com fome criança à meia-noite
"A criança estava com fome à meia-noite".
- (594) **yok-hi:k paradi dyurupari**
1SNG-ver à meia-noite fantasma
"Eu vi, à meia-noite, o fantasma:".

- (595) **paradi** **waok-na** **idi:k** =**tyi:n**
à meia-noite chegar-CTRF 2SNG FUTPROX
"À meia-noite, você vai chegar lá:".

6.2.3 Distribuição

Ao levarmos em consideração os constituintes oracionais, isto é, predicado (verbo monovalente, verbo divalente e seu argumento interno), argumento externo e adjuntos, podemos dizer que os adjuntos, isto é, os sintagmas posposicionais e os advérbios estão habilitados a ocupar três posições distintas na oração. Essas posições estão divididas em dois sub-grupos: (a) externo e (b) interno. No sub-grupo que chamamos de **externo** identificamos duas posições que correspondem às zonas externas do núcleo oracional que é formado pelo predicado e seus argumentos: (i) à esquerda do núcleo oracional; (ii) à direita do núcleo oracional. O sub-grupo denominado **interno**, apresenta a posição que ocorre nas zonas mais internas entre os constituintes da oração: (iii) entre o predicado e o argumento externo. As diferentes posições aqui citadas têm sua ocorrência determinada (i) pelo tipo de adjunto e (ii) por motivações semânticas ou pragmáticas.

Todavia, convém ressaltarmos que apesar de terem a habilidade de figurar nas três posições citadas, a posição mais recorrente dos adjuntos é à direita do núcleo oracional. Nos exemplos que seguem, nos quais devemos observar os sintagmas representados

entre colchetes, apresentamos os sintagmas posposicionais e os advérbios nas posições à direita do núcleo oracional, à esquerda do núcleo oracional e entre o predicado e o argumento externo:

Sintagmas posposicionais

Inessivo

- (596) **ha-hi:k pi:da [ityonin iki]**
3SNG-ver onça mato INSS
"Ele viu a onça no mato".

Superessivo

- (597) **[o:man ton] ki:tan-nin mok**
pau, árvore SUPS dormir-DUR anta
"Sobre o pau, a anta está dormindo".

Subessivo

- (598) **ma-dukni [ho:n to:-dik] Adao**
3PL-pegar terra SUBS-CTRP Adão
"Eles pegaram, embaixo da terra, Adão".
- (599) **ma-mirik adu [ho:n to:-na]**
3PL-agarrar 1SNG terra SUBS
"Eles me agarraram no fundo da terra".

Adessivo

- (600) [tyo: patu-na] dado:hi idi:ki =tyo!
 pupunha ADS-CTRF correr, fugir 2PL EXORT
 "Na direção da pupunha, vocês vão correr".

- (601) waok- dik [mawa hak to]
 chegar-CTRP 3POSS casa ADS
 "(Ele) Chegou perto da casa deles".

Perlatoivo

- (602) hi:ri [o:man wa-na] Dyoaki
 subir árvore, pau PRLT-CTRF Joaquim
 "Subiu, pela árvore, Joaquim".

Destinatário

- (603) tyo-dahu dak [opatyi:n-na= ama] =tyi:n
 1PL-levar casca, pele criança-OBJPOSP DEST FUTPROX
 "Nós vamos levar casca (de abacaxi) para a criança".

Sociativo

- (604) [tyatyara-na= katu] ha-pa o:man
 terçado-OBJPOSP SOC2 3SNG-agir sobre árvore, pau
 "Com o terçado, ele bateu no pau".

Privativo

- (605) **no:k** [ha-owamok-na= **iton**]
estar bravo 3SNG-esposa-OBJPOSP PRVT
"Estava bravo na ausência da esposa dele".

Causa

- (606) **ha-hak** **mok** [ha-owamok-na= **hon**]
3SNG-flechar anta 3SNG-esposa-OBJPOSP CAUS
"Ele flechou a anta por causa da mulher dele (para vingá-la)".

Advérbios

tanti "aqui"

- (607) [**tanti**] **yok-wu** **idi:k**
aqui 1SNG-querer 2SNG
"Aqui eu quero você".

datanti "ali"

- (608) **kaya adu** [**datanti**]
ir 1SNG ali
"Eu vou ali".

bakti “longe”

- (609) **ha-hi:k [bakti] hu:dya**
3SNG-ver longe macaco barrigudo
"Ele viu, de longe, o macaco barrigudo".

baktitu “perto”

- (610) **dawaikan-dik pi:da [baktitu]**
cair-CTRP onça perto
"A onça caiu perto".

kodo “em cima”

- (611) **Kopa-na= hi:k wa:ro [kodo-na]**
Kopa-ERG ver papagaio em cima-CTRF
"Kopa viu o papagaio lá em cima".

aninton “hoje”

- (612) **[aninton] Pityira-na= bi:k kapayo**
hoje Pityira-ERG chupar mamão
"Hoje Pityira chupou mamão".

manati “ontem”

- (613) **Tyapi-na= nuhuk [manati] na:tyi ha-ama**
 Tyapi-ERG dar ontem milho 3SNG-DEST
 "Tyapi deu, ontem, milho para ela".

hururu “alvorada”

- (614) **ma-pu tyabi [hururu] =ka**
 3PL-comer jacu alvorada PERFEC
 "Elas comeram jacu na alvorada".

paikadati “de manhã”

- (615) **[paikadati] ha-hi:k Katyikari**
 de manhã 3SNG-ver Katyikari
 "De manhã, ele viu Katyikari".

paradi “à meia-noite”

- (616) **tyo-hi:k [paradi] dyurupari**
 1PL-ver à meia-noite fantasma
 "Nós vimos o fantasma à meia-noite".

6.3 Correferência no nível interoracional

Como foi dito anteriormente¹²¹, em certos níveis o pivô da correferência demonstra ter, de forma preferencial, orientação ergativa. O controle da correferência das formas possessivas que ocorrem sobre os oblíquos¹²² tem um pivô orientado ergativamente. Sendo assim, o antecedente da forma possessiva nos adjuntos é o argumento externo da construção como podemos observar nos exemplos que seguem:

(617) **Nara-na= hak Hu₂ awa₂ to:mi iki**
 Nara-ERG flechar Hu 3POSS costela INSS
 "Nara flechou Hu₂ na costela dela₂".

(618)^{KAN} **Dawi₁-na= bobo ityaro₂ awa₂ hak-na= iki**
 Dawi-ERG flechar mulher 3POSS casa-OBJPOSP INSS
 "Dawi flechou a mulher na casa dela₂".

(619) **horok Yakoari-na= owamok₁ awa wankuron katu**
 queimar Yakoari-GEN esposa 3POSS panela SOC2
 "A esposa de Yakoari₁ queimou-se com a panela dela₁".

¹²¹Na sub-seção 5.6.1 Correferência no nível do núcleo oracional.

¹²²O termo oblíquos ou adjuntos engloba tanto sintagmas posposicionais quanto sintagmas adverbiais. Para mais detalhes, consultar 6 Adjuntos.

Como podemos observar nos exemplos acima, o controlador da correferência das formas possessivas sobre os sintagmas posposicionais é o argumento externo que é representado pelo sintagma nominal *Hu* em (617), *ityaro* “mulher” no exemplo (618) e *owamok* “esposa” em (619) que são os argumentos externos das construções em que figuram e assumem o papel semântico de paciente.

O controle da correferência nas formas adverbiais também apresenta um pivô de orientação ergativa. Vejamos os exemplos seguintes:

(620) **odyahi Kopa kodo**
esconder-se Kopa em cima
"Kopa escondeu-se lá em cima".

(621) **Kopa-na= hi:k wa:ro₁ kodo-dik₁**
Kopa-ERG ver papagaio em cima-CTRP
"Kopa viu o papagaio em cima".

Uma evidência favorável a hipótese da orientação ergativa do pivô no nível da oração é o fato de que quando esse é o argumento interno da construção, o falante tende a construir uma oração formada por duas sentenças coordenadas. Como veremos adiante, em sentenças coordenadas, o pivô ergativo é preferencial, mas não é obrigatório.

No nível oracional, o pivô da construção é orientado ergativamente, isto é, o argumento externo é o controlador da correferência.

7 Mudanças na estrutura argumental

Esse sub-capítulo é dedicado à apresentação das operações utilizadas na mudança da estrutura argumental. Assumimos que as mudanças na estrutura da oração podem gerar como resultado, basicamente, aumento ou decréscimo da valência de um verbo. Todavia, existem mecanismos que podem não modificar a valência embora provoquem rearranjo da estrutura argumental. Dividimos esse sub-capítulo em duas partes. A primeira parte é dedicada aos mecanismos pelos quais se decresce a valência verbal que doravante chamamos de mecanismos **recessivos**. Nesse grupo foram identificados a antipassiva, a incorporação nominal e reflexivização. Na segunda parte da seção, trataremos dos mecanismos que aumentam a valência verbal que denominamos **incrementais**. Nesse grupo encontram-se os prefixos aplicativos e os verbos causativos.

7.1 Recessivos

Esta sub-seção é dedicada a apresentação dos mecanismos **recessivos** que fazem com que um verbo que institui primariamente predicação de valência 2 passe a instituir predicação de valência 1. No grupo dos mecanismos recessivos encontramos: (i) intransitivização;

(ii) antipassiva; (iii) reflexivo; (iv) recíproco e (v) incorporação nominal.

7.1.1 Intransitivização

O mecanismo que chamamos de intransitivização que tem como função é decrescer a valência de raízes verbais divalentes. Identificamos o sufixo *-hik* que doravante chamaremos de **intransitivizador** que é associado à raiz verbal divalente fazendo com que essa torne-se monovalente como podemos observar nos exemplos seguintes nos quais apresentamos, primeiramente, a construção verbal divalente básica e, em seguida, a construção intransitivizada com o sufixo *-hik*:

(622a) **ma-topohan maripu**
 3PL-soprar sarabatana
 "Eles sopraram a sarabatana".

(622b) **topohan-hik atyian**
 soprar-INTRNZ 3PL
 "Eles sopraram".

(623a) **yok-tyaman o:man**
 1SNG-cortar árvore, pau
 "Eu cortei o pau".

- (623b) **tyaman-hik** **adu**
cortar-INTRNZ 1SNG
"Você cortou".

Nos exemplos apresentados acima, ao associarmos o sufixo *-hik* às raízes verbais *topohan* “soprar” e *tyaman* “cortar” esses passam a selecionar somente um argumento para saturar suas valências. Esse argumento é representado pelas formas pronominais livres de terceira pessoa plural, isto é, *atyian* em (622b) e a forma para a primeira pessoa singular, ou seja, *adu* no exemplo (623b).

Assim como o argumento externo das construções monovalentes, o argumento selecionado pela forma verbal intransitivizada resultado da associação do sufixo *-hik* pode ser elidido:

- (624) **topohan-hik**
soprar-INTRNZ
"(Eles) cortaram".

- (625) **tyaman-hik**
cortar-INTRNZ
"(Eu) cortei".

Ainda que não faça mais parte da construção intransitiva, o outro argumento antes selecionado pela forma verbal divalente é deslocado ocupando a posição pré-predicativa como podemos verificar nos exemplos a seguir:

(626a) **no-waikman** **i:taku**
2SNG-arremessar pedra
"Você arremessou a pedra".

(626b) **i:taku, waikman-hik** **idi:k**
pedra arremessar-INTRNZ 2SNG
"A pedra, você atirou".

7.1.1.1 Reflexivo

O segundo mecanismo que compõe o grupo recessivo é o que envolve a operação de reflexivo. Na construção **reflexiva** a valência semântica do verbo de uma oração divalente é diminuída. Dessa maneira, na oração reflexiva tem-se uma entidade que ao mesmo tempo assume os papéis semânticos de agente e de paciente da ação expressa pelo verbo. Essa operação é feita com a associação do **sufixo intransitivizador** *-hik*¹²³ ao verbo. Dessa forma, esse deixa de instituir valência 2 e passa a ter valência 1.

¹²³Para mais detalhes sobre a alomorfa desse sufixo, consultar o capítulo II Fonologia (seção 2.9 Morfofonologia).

O argumento da construção reflexiva possui as mesmas propriedades formais dos argumentos externos, tais como o acesso às operações sintáticas de movimento e elisão. Observemos os exemplos seguintes nos quais apresentamos a construção divalente básica seguida pela construção reflexiva:

(627)^{KAN} **yok-hak** **Nodia**
 1SNG-flechar Nodia
 "Eu flechei Nodia".

(628)^{KAN} **hak-i** **adu**
 flechar-INTRNZ 1SNG
 "Eu me flechei".

A entidade expressa pelo sintagma nominal *adu* no exemplo (628) assume os papéis semânticos de agente e paciente da ação indicada pelo verbo *hak* "flechar".

7.1.1.2 Recíproco

A oração recíproca apresenta similaridade conceitual com a construção reflexiva e por essa razão, de forma geral, recíproco e reflexivo são expressos de maneira semelhante nas línguas do mundo. Como veremos nessa sub-seção, na construção recíproca utilizamos o sufixo intransitivizador *-hik* que é utilizado nas construções reflexivas.

Contudo, a construção recíproca não é formada da mesma maneira que a construção reflexiva.

A **construção recíproca** tem como função indicar que dois participantes atuam de forma idêntica um sobre o outro, ou seja, essas entidades assumem concomitantemente os papéis semânticos de agente e paciente.

Na construção recíproca, o verbo divalente passa a ter forma intransitiva quando o associado ao sufixo intransivizador *-hik*. Para saturar sua valência esse verbo seleciona um argumento que possui as mesmas características formais dos argumentos externos¹²⁴. O argumento desse tipo de construção é expresso por meio de um sintagma nominal que pode ser elidido. Convém ressaltarmos que o verbo é precedido por uma forma pronominal livre *too*, cujo significado é “outro” como é possível observar nos exemplos abaixo nos quais apresentamos, primeiramente, a construção verbal divalente e, em seguida, as construções recíprocas nas quais o argumento é explicitado (630) e elidido (631):

(629) **Pityira-na= pu too**
 Pityira-ERG comer outro
 "Pityira comeu o outro".

(630)^{KAN} **too pu-k¹²⁵ nuk**
 outro comer-INTRNZ grupo
 "As pessoas comeram outrem".

¹²⁴Veja, nesse capítulo, a seção 5.5 Argumentos.

¹²⁵A variação alomórfica do sufixo intransivizador *-hik* é apresentada no capítulo II Fonologia.

- (631) **too tohi:k-i**
outro olhar-INTRNZ
"Eles olharam outrem".

Como podemos verificar no exemplo (629), *too* “outro” é uma forma pronominal livre. Em (630) e (631) percebemos que assim como na construção divalente básica, os dois argumentos são manifestados na construção recíproca. Como dissemos no início dessa seção, para gerar uma construção recíproca associamos o sufixo intransitivizador *-hik* à raiz verbal que passa de divalente a monovalente. Sendo assim, é necessário esclarecer o estatuto do sintagma nominal *too* nessa construção.

Assumimos a idéia de que a construção recíproca não é feita sobre a oração reflexiva. A introdução de um segundo participante nuclear tal como *too* “outro” (cf. exemplos (630-631)) na oração recíproca seria a comprovação de que essa construção não é construída tendo como modelo a construção reflexiva. Outrossim, o mecanismo de redução de valência é baseado nas construções de padrão nominativo-acusativo. De acordo com essa análise, *too* “outro” funcionaria como um argumento genérico ocupando a posição de argumento interno num sintagma verbal divalente contido em uma oração acusativa tal como *too pu-k nuk* “as pessoas₁ comeram outrem₁” em (630). A intransitivização reflexiva passa a ser marcada com o sufixo *-hik*. Dessa maneira, *too* deixou de ser argumento da

construção e tornou-se uma marca gramatical que acrescenta à construção recíproca a idéia de reflexividade (Queixalós: 2010).

7.1.2 Antipassiva

Diferentemente dos outros processos apresentados nessa seção, a construção antipassiva envolve mudança de voz. Para tanto, associa-se à raiz verbal divalente o prefixo de antipassiva *wa-*. Esse prefixo ocupa a posição morfológica dos prefixos pessoais e bloqueia a posição de argumento interno da construção divalente. Em consequência do bloqueio dessa posição, não é mais possível ao verbo em forma antipassiva acessar ao paradigma de prefixos pessoais que representam o argumento interno. Dessa maneira, o verbo antes divalente passa a ser monovalente selecionando para saturação de sua valência um argumento que é externo ao sintagma predicativo. Esse argumento externo ao sintagma predicativo na construção antipassiva, por sua vez, é a manifestação do agente da oração básica divalente e é expresso por meio de um sintagma nominal com forma absoluta, ou seja, com marcação morfológica zero. Convém ressaltar que o paciente na antipassiva não é obrigatoriamente expresso:

(632) **Yakoari-na= ho:dak kawu tyuku**
 Yakoari-ERG coletar tracajá
 "Yakoari coletou o tracajá".

(633) **wa-ho:dak Yakoari**
 ANTP-pegar Yakoari
 "Yakoari coletou".

O argumento externo na construção antipassiva possui as mesmas propriedades dos argumentos externos descritas anteriormente¹²⁶: (i) posição pós-predicativa; (ii) habilidade de ocupar a posição pré-predicativa; (iii) elisão como é possível observar nos exemplos (633) e (635):

(634) **pi:da-na= pu Dyoaki**
onça-ERG comer Joaquim
"A onça comeu Joaquim".

(635) **wa-pu pi:da**
ANTP-comer onça
"A onça comeu".

Nos exemplos (633) e (635), somente o agente é expresso morfologicamente por meio dos sintagmas nominais *Yakoari* em (633) que antecede o verbo e *pi:da* em (635) que estão à direita do núcleo verbal. O paciente, isto é, o argumento externo da construção divalente foi demovido de sua posição de argumento externo por meio da antipassiva e é omitido nos exemplos (633) e (635).

Contudo o paciente pode ser expresso na construção antipassiva de duas maneiras: (a) como objeto de posposição; (b) como sintagma nominal sem qualquer tipo de marcação relacional.

¹²⁶Ver seção 5.5 Argumentos.

Entenda-se aqui marcação relacional como marca casual ou posposição.

Na construção antipassiva, o paciente pode ser explicitado como objeto da posposição sociativa *katu*¹²⁷. Sua posição é pós-nuclear:

(636) **wa-wu dyara tukuna anya-na= katu**
 ANTP-querer branco índio mulher-OBJPOSP SOC2
 "Branços gostam de mulher índia (dado de FQ)".

(637) **wa-dukni adu don¹²⁸ katu**
 ANTP-pegar 1SNG peixe(sp) SOC2
 "Eu pesco peixe".

O paciente também pode ser expresso na construção antipassiva com o uso de um sintagma nominal que não seja objeto posposicional marcado com caso, tal como aquela feita pela posposição demonstrada no exemplo (637). Quando P é expresso dessa forma, a ordem mais comum encontrada é aquela na qual, de forma respectiva, agente e paciente ocupam posição pós-nuclear:

(638) **wa-ho:dak Yakoari kawu tyuku**
 ANTP-coletar Yakoari tracajá
 "Yakoari coletou tracajá".

¹²⁷Convém ressaltar que Queixalós (2009b:12) pontua que a expressão de P como oblíquo na construção antipassiva foi identificada somente no dialeto Katukina do Biá.

¹²⁸Sobre a regência do caso feita pela posposição consultar, nesse capítulo, a seção 4.1.1 Sintagmas.

Entretanto, quando A e P são movimentados para a posição pré-nuclear a ordem observada é P à esquerda de A:

- (639) **don adu wa-wu**
peixe(sp) 1SNG ANTP-querer
"Eu quero peixe".

Quando apenas um dos sintagmas que representam os participantes A e P é movimentado, de maneira mais comum, A acessa essa operação e ocupa a posição pré-verbal:

- (640) **Manpi wa-pu bamak**
Manpi ANTP-comer pacu
"Manpi comeu pacu".

Todavia identificamos dois exemplos em que o participante paciente é movido para a posição pré-verbal:

- (641) **koya wa-o**
caçuma ANTP-beber
"Bebe-se caçuma".

- (642) **ton wa-buhuk**
cesto ANTP-fazer
"Faz-se cesto".

Nos exemplos (641) e (642), as entidades expressas pelos sintagmas nominais *koya* e *ton* não desempenham papel sintático na oração, sendo através de operações pragmáticas mencionadas na construção. No entanto, devemos lembrar que esse tópico precisa de aprofundamento.

7.1.3 Incorporação nominal

O quarto mecanismo que compõe o grupo recessivo é o que envolve a incorporação nominal no qual um participante é demovido e outra participante ocupa a posição que o primeiro deixou livre.

Convém ressaltarmos que os nomes de tipo inalienável e alienável (veja capítulo III, Morfologia) acessam à incorporação de maneiras distintas. Nomes inalienáveis são incorporados a verbos monovalentes e/ou divalentes de forma direta, ou seja, sem que sejam necessárias outras modificações na estrutura formal da oração. Essa operação permite que a posição sintática fique livre para um outro participante. O participante promovido é expresso por um sintagma nominal que ocupa a posição de argumento externo. Observemos os exemplos que seguem nos quais apresentamos, de forma respectiva, construções com verbos monovalentes e divalentes seguidas pelas formas com incorporação nominal:

Oração verbal monovalente:

- (643) **ti:k yok-ki:**
ser preto 1SNG-cabeça
"Eu tenho muitos cabelos (lit: Minha cabeça é preta)". (Dado de FQ)

Incorporação nominal:

- (644) **ki:-ti:k adu**
cabeça-ser preto 1SNG
"Eu tenho muitos cabelos (lit: Eu sou cabeça-preta)".
(Dado de FQ)

Oração verbal divalente:

- (645) **Tyokonbao-na= bi:k ma-dak**
Tyokonbao-ERG chupar 3SNG-pele
"Tyokonbao chupou a pele deles".

Incorporação nominal:

- (646) **Tyokonbao-na= dak-bi:k adi:k**
Tyokonbao-ERG pele-chupar 1PL
"Tyokonbao chupou a nossa pele (lit: Ele nos pele-chupou)".

Como dissemos no início dessa sub-seção, os nomes alienáveis incorporam-se de forma distinta dos inalienáveis. Convém dizer também que não identificamos incorporação de nomes alienáveis com verbos monovalentes.

Nos casos de **incorporação plena de nomes alienáveis**, isto é, aqueles em que a incorporação é a única mudança formal observada sobre o verbo, envolve verbos divalentes que ao incorporarem um nome alienável (monovalente) geram compostos lexicais monovalentes¹²⁹. Exemplos desse tipo de incorporação envolvem os nomes alienáveis *bara* “caça” e *don* “peixe (sp)” que são incorporados pelo verbo divalente *man* “fazer”. Essa combinação gera as formas monovalentes *bara-man* “caçar” e *don-man* “pescar”.

A única possibilidade pela qual os nomes alienáveis acessam à incorporação é mediante a construção aplicativa. Essa é feita com a associação do **prefixo aplicativo** *ok-* à forma verbal com nome incorporado¹³⁰. Qualquer tentativa de incorporação sem o uso da construção aplicativa gera sentenças agramaticais:

¹²⁹Sobre compostos verbais, consultar o capítulo III Morfologia, sub-seção 3.3 Morfologia verbal.

¹³⁰No dialeto Kanamari, a construção aplicativa é feita com o uso do aplicativo *ama* como demonstra Queixalós (2010: 44) que aqui reproduzimos:

Dyomi-na= ama-amatyuru-man-na adu
 Dyomi-ERG APLC-tambaqui-fazer-CENTRIF 1SNG
 "Dyomi pesocu tambaqui para mim".

No dialeto Katukina do Biá não identificamos o aplicativo *ama-*. Todavia, como veremos na sub-seção Incrementiais, registramos a existência do prefixo aplicativo *ma-* que, possivelmente, teria relação diacrônica com *ama-*.

- (647)^{KAN} **Hayo-na= hu:na poako**
Hayo-ERG pegar remo
"Hayo pegou o remo".
- (648)^{KAN} ***Hayo-na= poako-hu:na**
Hayo-ERG remo-pegar
- (649)^{KAN} **Hayo-na= hu:na atya poako**
Hayo-ERG pegar 1POSS remo
"Hayo pegou meu remo".
- (650)^{KAN} ***Hayo-na= poako-hu:na adu**
Hayo-ERG remo- pegar 1SNG
- (651)^{KAN} **Hayo-na= ok-poako-hu:na adu**
Hayo-ERG APLC-remo-pegar 1SNG
"Hayo pegou meu remo".

7.2 Incrementiais

Nesta sub-seção trataremos dos mecanismos que modificam a estrutura argumental da oração provocando o acréscimo da valência. Chamaremos esses processos de **incrementiais**. Os processos

incrementais estão divididos em dois sub-grupos: **morfológicos** e **lexicais**. No sub-grupo dos processos **morfológicos**, encontramos prefixos e sufixos. Os mecanismos incrementais, em que se utilizam prefixos, que doravante chamaremos de **aplicativos**, têm como função fazer com que o complexo [aplicativo-verbo monovalente] que institui predicação de valência 1 passe a instituir valência 2. Dessa maneira, um participante expresso como adjunto está habilitado a acessar, na construção aplicativa, a posição típica do argumento paciente.

O processo morfológico no qual se utiliza sufixos têm por função básica produzir uma construção **causativa**. Para tanto, esses sufixos, primeiramente, incrementam a valência verbal fazendo com que o causador do evento assuma a posição de argumento interno na oração de padrão ergativo. Chamaremos esse mecanismo de **causativo sintético**.

No sub-grupo dos processos **lexicais**, ou seja, aqueles em que uma palavra lexical é utilizada para aumentar a valência verbal, identificamos verbos que geram uma construção causativa na qual ocorre um rearranjo na estrutura oracional possibilitando que o evento juntamente com seus participantes sejam expressos como um constituinte que possui as propriedades de argumento externo. Chamaremos esse mecanismo de **causativo analítico**¹³¹.

¹³¹Consideramos as construções causativas de tipo analítico como um subtipo semântico de oração subordinada completiva. Por essa razão, as causativas serão tratadas na seção 8.1.3 Nível do núcleo oracional.

7.2.1 Morfológicos

Neste sub-grupo identificamos dois tipos de afixos que estão divididos em dois sub-tipos: **prefixos aplicativos** e **sufixos causativos**. Identificamos três prefixos aplicativos: *to-*, *ma-* e *ok-* e dois sufixos causativos: *-ti:ki* e *-man*. Nas sub-seções seguintes trataremos da cada tipo de afixo de forma separada.

7.2.1.1 Aplicativos sobre verbos monovalentes

Os prefixos *to-*, *ma-* e *ok-* que são utilizados na formação de construções aplicativos têm a função de aumentar a valência do complexo formado por [aplicativo-verbo monovalente] passe a instituir valência 2. Na construção aplicativos, a vaga do argumento externo fica liberada e cria-se a vaga do argumento interno.

O participante que ocupa a posição de argumento externo da construção básica monovalente passa a ocupar a posição de argumento interno na construção aplicativos como podemos observar nos exemplos seguintes nos quais apresentamos, respectivamente, a construção verbal monovalente seguida pela construção aplicativos:

to-

(652)^{KAN} **ho: opatyi:n**
rir criança
"A criança riu".

- (653) **opatyi:n-na= to-ho: adu =ka**
criança-ERG APLC-riu 1SNG PERFEC
"A criança riu de mim".

ok-

- (654) **hiya adu**
ter medo 1SNG
"Eu tenho medo".

- (655)^{KAN} **yok-ok-hiya Kopa**
1SNG-APLC-ter medo Kopa
"Eu tenho medo de Kopa".

ma-

- (656) **koniok idi:k =ka**
falar 2SNG PERFEC
"Tu falaste".

- (657) **no-ma-koniok nayo =tyi:n**
2SNG-APLC-falar mãe FUTPROX
"Tu vais falar com a tua mãe".

Os sintagmas nominais *opatyi:n* "criança", *adu* "eu" e *idi:k* "tu" que, de forma respectiva, são em (652), (654) e (656) o argumento

externo da construção monovalente passam a ocupar a posição de argumento interno em (653), (655) e (657) na construção aplicativa. A vaga de argumento externo passa a ser ocupada pelos sintagmas nominais *adu* “eu” em (653), *Kopa* em (655) e *nayo* “mãe” em (657).

7.2.1.2 Aplicativos sobre verbos divalentes

Como dissemos na introdução dessa seção, os prefixos aplicativos estão habilitados a promover, na construção verbal divalente, um participante mais baixo hierarquicamente à posição de argumento nuclear. Para que essa promoção aconteça devemos associar os prefixos *ma-* e *ok-* à raiz verbal divalente. Em consequência dessa associação, o argumento externo da construção básica é demovido de sua posição. Assim, o participante mais baixo é promovido à posição de argumento externo, isto, é, P. Por sua vez, o participante demovido da posição de argumento externo pode ou não ser expresso morfologicamente na oração aplicativa. Sua expressão é feita mediante um sintagma posposicional sociativo como podemos observar nos exemplos seguintes em que apresentamos, primeiramente, a construção divalente básica seguida pela construção aplicativa:

ma-:

(658) **Ba:da-na= wando:ki don =wa**
 Ba:da-ERG cozinhar peixe(sp) FUTIMDT
 "Ba:da vai cozinhar o peixe".

(659) **ha-ma-wando:ki idi:k don katu =wa**
 3SNG-APLC-cozinhar 2SNG peixe(sp) SOC2 FUTIMDT
 "Ela vai cozinhar o peixe para ti" (dado FQ).

ok-:

(660) **ma-tyaktyak tyipari**
 3PL-amassar banana
 "Eles amassam a banana".

(661) **ma-ok-tyaktyak adu tyipari katu**
 3PL-APLC-amassar 1SNG banana SOC2
 "Eles amassam a banana para mim".

Os sintagmas nominais *don* “peixe(sp)” e *tyipari* “banana” são, de forma respectiva, nos exemplos (658) e (660), o argumento externo nas construções divalentes cujos verbos divalentes *wando:ki* “cozinhar” e *tyaktyak* “amassar” são núcleos. Ao associarmos os prefixos aplicativos *ma-* e *ok-* a essas raízes verbais, *don* e *tyipari* são demovidos da posição de argumento externo. Essa posição, por sua vez, passa a ser ocupada pelos pronomes livres *idi:k* “tu” no exemplo

(659) e *adu* “eu” no exemplo (661). O participante que ocupava a posição de argumento externo pode ser explicitado como um sintagma posposicional como mostram os exemplos (662) e (663) ou não ser explicitado como mostram os exemplos abaixo:

(662) **ma-ok-tyaktyak adu**
 3PL-APLC-amassar 1SNG
 "Eles amassam para mim (a banana)".

(663)^{KAN} **yok-ma-wando:ki idi:k**
 1SNG-APLC-cozinhar 2SNG
 "Eu vou cozinhar para ti (o peixe)".

Como notamos nos exemplos acima, quando os sintagmas posposicionais *don katu* em (659) e *tyipari katu* em (661) não são realizados morfologicamente, isso não provoca alteração na estrutura argumental da oração, pois essas entidades não ocupam mais a posição de argumentos nucleares.

Não identificamos nenhum tipo de condicionamento que explique a seleção dos prefixos *ma-* e *ok-*.

7.2.1.3 Causativos

Os sufixos causativos *-ti:ki* e *-man*¹³² têm por função produzir uma construção causativa sintética. Para que essa construção seja feita devemos associar *-ti:ki* ou *-man* ao verbo monovalente que funciona como núcleo da oração básica. Em consequência dessa associação, a valência verbal é incrementada e o causador do evento assume a posição de argumento interno na oração causativa. Essa construção apresenta padrão de tipo ergativo como podemos observar nos exemplos abaixo nos quais apresentamos, de forma respectiva, a oração verbal básica seguida pela oração causativa:

-ti:ki:

(664) **piya** **bara-hai**
 estar quente caça-carne
 "A carne de caça está quente".

(665) **idi:k-na=** **piya-ti:ki** **bara-hai**
 2SNG-ERG estar quente-CAUSTV caça-carne
 "Tu vais esquentar a carne de caça".

-man

(666)^{KAN} **bak** **bara-hai**
 ser bom caça-carne
 "A carne de caça é boa".

¹³²Esse sufixo foi identificado apenas no dialeto Kanamari . O sufixo *-man* é derivado do verbo pleno *man* "fazer, agir, dizer"(Queixalós:2010).

- (667)^{KAN} **ha-obatyawa-na= bak-man bara-hai**
 3SNG-esposa-ERG ser bom-CAUSTV caça-carne
 "A esposa dele melhorou a carne de caça".

Ao associarmos os sufixos causativos *-ti:ki* e *-man* aos verbos *piya* “estar quente” no exemplo (665) e *bak* “ser bom” em (667), esses têm sua valência aumentada de 1 para 2 e passam a selecionar além do argumento externo representado pelo sintagma nominal *barahai* “carne de caça” que permanece sem modificações, um argumento de tipo interno que é o causador do evento. Esse argumento interno é expresso por um sintagma nominal marcado com o caso gramatical ergativo *-na=*. Em (665), o argumento interno é expresso pelo sintagma nominal formado pelo pronome livre de segunda pessoa singular *idi:k* “tu” e em (667) pelo sintagma nominal genitivo *ha-obatyawa* “a esposa dele”.

Apesar da construção causativa na qual se utiliza o sufixo *-man*, em Kanamari, ser paralela àquela realizada com *-ti:ki* demonstrada no exemplo (665), em alguns casos, como podemos conferir nos exemplos (668) e (669), o sufixo causativo *-man* realiza uma operação denominada *causação manipulativa* (Queixalós: 2010:49):

- (668)^{KAN} **a-obatyawa-na= bak-man bara-hai**
 3SNG-esposa-ERG ser bom-CAUSTV caça-carne
 "A esposa dele melhorou a carne de caça".

(669)^{KAN} **awa nyama-na= dado:hi-man Yowai**
3POSS mãe-ERG correr, fugir-CAUSTV Yowai
"A mãe de Yowai disse a ele para fugir".

8 Oração complexa

Nesse sub-capítulo, que dividimos em duas seções, trataremos das orações subordinadas e coordenadas. A primeira seção em que apresentamos a subordinação está organizada em quatro níveis de acordo com o âmbito no qual está incluída a subordinada: (a) sintagma nominal; (b) sintagma verbal; (c) núcleo oracional e (d) oração. No nível do sintagma nominal, encontramos as orações relativas. Enquanto que no nível do sintagma verbal, identificamos as orações auxiliarizadas. No nível do núcleo oracional, realizam-se as completivas e no nível da oração, foram identificadas as construções adverbiais. A relação de dependência entre a oração subordinada e a oração matriz é indicada, na subordinada, com a associação do sufixo subordinador *-nin* à raiz verbal. A segunda seção tem como tema a coordenação de orações que é feita com a utilização do mecanismo da justaposição.

8.1 Subordinação

Definimos a subordinação como a relação de dependência entre dois elementos. Levando em consideração o nível no qual a

dependência ocorre, identificamos quatro tipos de orações subordinadas em Katukina: (a) relativas; (b) completivas; (c) auxiliarizadas; (d) adverbiais. As orações relativas realizam-se no nível do sintagma nominal. Enquanto que as auxiliarizadas realizam-se no nível do sintagma verbal. As completivas foram encontradas no nível do núcleo oracional e as subordinadas adverbiais foram identificadas no nível da oração. A relação de dependência entre os elementos nos diferentes níveis é marcada com o sufixo *-nin*.

Ressaltamos que as subordinadas auxiliarizadas e relativas distinguem-se dos outros tipos de subordinação por não acrescentarem predicados adicionais ao predicado principal, ou seja, não geram uma sentença constituída por mais de uma oração.

8.1.1 Nível do sintagma nominal

As orações subordinadas identificadas nesse nível são as que chamamos de **relativa** que é formada por um verbo que é precedido pelo argumento relativizado. Em Katukina-Kanamari, o participante que acessa a relativização sem que seja necessária nenhuma mudança formal na construção é o paciente. Esse tipo de oração subordinada têm a função de especificar um dos participantes da oração matriz. Observemos os exemplos que seguem:

-
- (670) **yok-tiok** [tukuna [waok-dik-nin]]
 1SNG-saber, conhecer pessoa chegar-CTRP-SUBD
 "Eu conheço a pessoa que chegou".
- (671)^{KAN} **i-hi:k** [kana wi:ri [datyokan-nin]]
 1SNG-ver FOC queixada sair-SUBD
 "Eu vi a queixada que saiu".
- (672)^{KAN} **ha-tikok** [piya [Lazaro-na= dahu-dyi-nin]]
 3SNG-conhecer homem Lázaro-ERG trazer-CTRP-SUBD
 "Ela conhece o homem que o Lázaro trouxe".

O participante relativizado não é expresso morfologicamente na oração subordinada. Nos exemplos acima, o participante paciente da oração principal é expresso por *tukuna waok-dik-nin* “a pessoa que chegou” em (670), *kana wi:ri datyokan-nin* “a queixada que saiu” em (671) e *piya Lazaro-na= dahu-dyi-nin* “o homem que Lázaro trouxe” em (672) é especificado na oração dependente e por essa razão não são expressos morfologicamente. Note-se que no exemplo (672), o participante expresso na sentença subordinada é o argumento interno (agente) que é representado pelo sintagma nominal Lázaro.

Para que o participante agente acesse à relativização, faz-se necessária a utilização do mecanismo de antipassiva no qual associamos o prefixo *wa-* ao verbo da sentença dependente. Quando o agente é relativizado, o participante paciente passa a ser expresso

como um sintagma nominal na sentença dependente na posição de adjunto sem marca oblíqua¹³³:

(673)^{KAN} **ha-tikok** **piya** **wa-dahu-dyi-nin** **Francisco**
 3SNG-conhecer homem ANTP-trazer-CTRP-SUBD Francisco
 "Ela conhece o homem que trouxe o Francisco".

8.1.2 Nível do sintagma verbal

A oração subordinada identificada nesse nível é a que chamamos de **auxiliarizada**. A oração dependente é constituída por um verbo lexical associado à marca de dependência *-nin=*. Essa funciona como dependente da oração principal que tem como núcleo os verbos divalente *wu* “querer” e monovalente *bak* “ser bom”.

Wu

O verbo divalente *wu* “querer” ocupa a posição de núcleo sintático da oração principal. Para saturação de sua valência, esse verbo seleciona dois argumentos. Um desses argumentos é manifestado por meio de uma oração subordinada formada por um verbo lexical assinalado com a marca de dependência *-nin=* como podemos observar nos exemplos que seguem nos quais apresentamos, primeiramente, a oração subordinada em função de argumento interno (674-675) e, em seguida, em função de argumento externo (676-677):

¹³³Veja na seção 7.1.2 Antipassiva.

(674)^{KAN} [[**waikpa-nin=**] **wu**] **adu**
 cantar-SUBD querer 1SNG
 "Eu quero cantar".

(675)^{KAN} [[**donman-nin=**] **wu**] **idi:k**
 pescar-SUBD querer 2SNG
 "Você quer pescar".

O argumento interno do verbo *wu* “querer” é expresso pelo verbo *waikpa* “cantar” em (674) e *donman* “pescar” no exemplo (675). Para indicar que o verbo lexical está subordinado ao verbo auxiliar *wu*, associa-se a marca de dependência *-nin=* ao verbo lexical.

(676) **ha-wu-tu** **anya-na=** **pu-nin** **kapayo**
 3SNG-querer-NEG esposa-ERG comer-SUBD mamão
 "Ele não quer que a mulher coma mamão".

(677) **Ba:da-na= wu** **Tyikon tyuku-nin**
 Bada-ERG querer Tyikon morrer-SUBD
 "Bada quer que Tyikon morra".

Nos exemplos (676) e (677), as orações subordinadas *anya-na= pu kapayo* “a mulher come mamão” (cf. (676)) e *Tyikon tyuku* “Tyikon morre” (cf. (677)) ocupam a posição de argumento externo do verbo *wu*.

Bak

A segunda construção auxiliarizada identificada tem como núcleo o verbo *bak* “ser bom”. Apesar de *bak* ser monovalente, está habilitado, na construção auxiliar, a selecionar como dependente uma oração subordinada como podemos observar nos exemplos seguintes nos quais apresentamos a construção monovalente básica (678) seguida pela construção auxiliar com verbo monovalente (679) e divalente (680):

(678) **bak piya**
 ser bom homem
 "O homem é bom".

(679) **nayo, [[ikao-nin=] bak]**
 mãe chorar-SUBD ser bom
 "Mãe, (eu) estou chorando muito!"

(680) **[[payo-na= wu-nin=] bak] idi:ki**
 pai-ERG querer-SUBD ser bom 2PL
 "Papai quer muito vocês (com ele)".

O verbo *bak* “ser bom” seleciona em (679) como seu dependente a oração formada pelo verbo monovalente *ikao* ‘chorar’

que é associado à marca de dependência *-nin* indicadora de sua subordinação à oração principal. No exemplo (680), o dependente selecionado por *bak* é expresso pela oração *payo-na= wu* “papai quer” que é marcada com *-nin*.

Tendo em vista que o verbo *bak* por ser monovalente não seleciona dois argumentos para saturar sua valência, porém observamos que a forma pronominal livre de segunda pessoa plural *idi:ki* “vocês” em (680) ocupa a posição de argumento externo da oração principal encabeçada por *bak*. Uma possível explicação para esse fato seria a de que o argumento externo da oração subordinada é alçado à posição de argumento externo da oração principal (Queixalós: 2010).

8.1.3 Nível do núcleo oracional

Nesse nível que é composto pelo predicado e seus argumentos, identificamos as orações subordinadas **completivas** que exercem a função de argumento externo do verbo da sentença matriz como podemos observar nos exemplos seguintes nos quais apresentamos, primeiramente, a oração divalente básica seguida pela construção subordinada completiva:

- (681a) **Ba:da-na= hi:k Tyapi**
 Bada-ERG ver Tyapi
 "Bada viu Tyapi".

- (681b) **Ba:da-na= hi:k Tyapi donman-nin**
Bada-ERG ver Tyapi pescar-SUBD
"Bada viu Tyapi pescar".

No exemplo (681b), o verbo *hi:k* “ver” seleciona dois argumentos. O primeiro deles, interno ao predicado, é expresso pelo sintagma nominal *Ba:da* que é marcado com o caso estrutural ergativo por meio do clítico *-na=*. O segundo argumento, que é externo, é expresso pela oração completiva *Tyapi donman* “Tyapi pesca”. A relação de dependência entre a oração principal e a oração completiva é indicada pelo sufixo subordinador *-nin* que é associado ao verbo da oração dependente, isto é, *donman* “pescar”.

Como dissemos anteriormente¹³⁴, na construção causativa analítica há um rearranjo na estrutura oracional na qual os verbos *man* e *babu* são utilizados para gerar uma construção causativa de tipo analítico.

A construção causativa analítica, obrigatória para verbos divalentes, é formada por duas orações: um principal e uma subordinada. A oração principal, que apresenta padrão de tipo ergativo, tem como núcleo os verbos divalentes *man* “fazer, agir, falar” ou *babu* “mandar fazer, dar uma ordem”. A posição de argumento interno é ocupada pelo causador do evento expresso na oração subordinada. A oração subordinada é composta pelo verbo que expressa o evento causado

¹³⁴Veja na seção 7.2 Incrementiais.

(que é associado ao subordinador *-nin=*) bem como seus participantes. Essa segunda oração funciona como argumento externo da oração principal, ou seja, o conjunto formado pelo verbo e os participantes envolvidos no evento ocupa a posição de argumento externo como podemos observar nos exemplos que seguem:

Construção básica divalente:

- (682) **pi:da-na= hi:k no:ru**
onça-ERG ver macaco zogue-zogue
"A onça viu o macaco zogue-zogue ".

Construção causativa analítica: *man*

- (683) **pi:da-na= man no:ru dado:hi-nin**
onça-ERG fazer macaco zogue-zogue correr, fugir-SUBD
"A onça fez o macaco zogue-zogue correr".

Construção básica divalente:

- (684) **Kopa-na= toman mok**
Kopa-ERG atirar anta
"Kopa atirou na anta ".

Construção causativa analítica: *babu*

- (685) **Raimunda-na= babu Kopa mok toman-nin**
Raimunda-ERG mandar Kopa anta atirar-SUBD
"Raimunda mandou Kopa atirar em anta".

Na construção causativa analítica¹³⁵ apresentada no exemplo (683), o participante causador do evento, isto é, *pi:da* “onça” ocupa a posição de argumento interno do núcleo verbal *man* “fazer”. O argumento interno e seu núcleo formam a oração principal que encabeça a construção causativa. Enquanto que o evento causado por *pi:da* é expresso pelo verbo *dado:hi* “correr, fugir” que juntamente com o participante causado *Kopa* formam a oração subordinada que funciona como argumento externo da oração principal.

No exemplo (685), o verbo *babu* “mandar” é o núcleo da oração principal. O argumento interno desse verbo, isto é, o causador, é o participante expresso pelo sintagma nominal *Raimunda* que assim como *pi:da* no exemplo (683) é marcado com o caso gramatical ergativo por meio do clítico *-na=*. O evento do qual *Raimunda* é o participante causador é expresso pelo verbo *toman* “atirar” que juntamente com os participantes causados, isto é, *Kopa* e *mok* “anta” constituem a oração subordinada que ocupa a posição de argumento externo. O agente do verbo subordinado *toman* “atirar” é *Kopa*. Esse

¹³⁵Consideramos que a construção causativa analítica é uma oração subordinada completiva.

argumento é expresso na oração subordinada que por sua vez está na forma acusativa. *Kopa* é argumento interno e *mok* “anta” é externo e precede o verbo subordinado. *Mok* tem significado genérico. A construção de padrão ergativo confirma nossa análise de que o agente da construção subordinada é realizado dentro da mesma:

(685') **Raimunda-na= babu Kopa-na= toman-nin mok**
 Raimunda-ERG mandar Kopa-ERG atirar-SUBD anta
 "Raimunda mandou Kopa atirar em anta".

Construção básica divalente:

(686a) **yok-babu Yako**
 1SNG-mandar Yako
 "Eu mandei Yako".

Construção causativa analítica: *babu*

(686b) **yok-babu Yako dyan-nin**
 1SNG-mandar Yako caçar-SUBD
 "Eu mandei o Yako pescar".

Situação semelhante àquela observada em (681b) é identificada em (686b). O verbo *babu* “mandar” seleciona dois argumentos para saturar sua valência. O argumento de tipo interno é expresso com o uso do prefixo de primeira pessoa singular *yok*-“eu” e o argumento de tipo externo é expresso pela oração completiva *Yako dyan* “Yako caça”. No exemplo (686b), o verbo *hi:k* “ver” seleciona

dois argumentos. O primeiro deles, interno ao predicado, é expresso pelo sintagma nominal *Ba:da* que é marcado com o caso estrutural ergativo por meio do clítico *-na=*. O segundo argumento, que é externo, é expresso pela oração completiva *Tyapi donman* “Tyapi pesca”. A relação de dependência entre a oração principal e a oração completiva é indicada pelo sufixo subordinador *-nin* que é associado ao verbo da oração dependente, isto é, *donman* “pescar”.

8.1.4 Nível oracional

Neste nível identificamos as orações subordinadas de tipo **adverbial**. No que se refere à formação, essa é constituída por um verbo que está associado ao sufixo subordinador *-nin*. Sua posição é à direita da oração principal. A função da oração adverbial é determinar a localização (temporal ou espacial) e (ii) o modo do evento expresso na oração matriz como podemos observar nos exemplos seguintes nos quais apresentamos orações adverbiais que indicam localização:

(687) **tyo-dahu Tokaniri [opara-nin]**

1PL-levar Tokaniri amanhecer-SUBD

"Nós levamos Tokaniri ao amanhecer".

(688) **waikbuhuk Kamodya [otia-nin]**

cantar Kamodya entardecer-SUBD

"Kamodya cantou ao entardecer".

- (689) **daan paiki:dak [baininto:ku-nin]**
 sair avô derrubar roçado-SUBD
 "O avô saiu para derrubar o roçado".

Como foi dito anteriormente, uma das funções das orações adverbiais é indicar a maneira em que o evento expresso na oração principal é realizado:

- (690) **dyo:kan-dik pi:da [tyapahi-nin]**
 aparecer-CTRP onça pular-SUBD
 "A onça apareceu para cá pulando".

A oração subordinada é composta, no exemplo acima, pelos verbos *tyapahi* "pular" que está associado ao sufixo subordinador *-nin*. Esse verbo tem por função indicar a maneira que o evento expresso na oração matriz, isto é, *dyo:kan-dik pi:da* "a onça apareceu para cá" foi realizado. Temos aqui o equivalente funcional do gerúndio de outras línguas.

As construções adverbiais que têm por função indicar finalidade ou instrumento o verbo subordinado é seguido por uma posição como podemos verificar nos exemplos abaixo:

- (691)^{KAN} **ha-makaodyaran Ø₂ dyahian-nin ama Ø₂**
 3SNG-passar sobre ficar de pé-SUBD DEST
 "Ele passou sobre ela para que ela levantasse".

- (692)^{KAN} **ityaro-na= wahak don [waikpa-nin katu]**
mulher-ERG cozinhar peixe(sp) cantar-SUBD SOC2
"A mulher cozinhou o peixe com seu canto ".

8.2 Coordenação

Definimos a coordenação como a construção na qual duas orações estão combinadas formando uma unidade, mas ainda conservam independência como orações separadas.

A coordenação é feita com a justaposição das orações em sequência sem que seja necessária a utilização de nenhum morfema, sendo que o primeiro evento implica na realização do segundo:

- (693) **[ha₁-hi:k mok] [ho:han Kopa₂]**
3SNG-ver anta gritar Kopa
" Ele viu a anta e então Kopa gritou ".

- (694) **[daohan mok] [tyuku]**
cair anta morrer
"A anta caiu e morreu".

Nos exemplos acima, observamos que apesar das orações não estarem ligadas por um conector, os eventos descritos ocorrem em

sequência numa relação de implicação. Contudo, esse tema necessita de aprofundamento nas pesquisas posteriores.

Na seção seguinte, faremos a apresentação dos mecanismos de controle da correferência identificados no nível interoracional, composto pelas orações coordenadas e subordinadas.

8.3 Correferência no nível interoracional

Como foi dito anteriormente¹³⁶, no nível do núcleo oracional, a existência de um sintagma nominal pivô não é atestada. Todavia, no nível interoracional é possível identificar um sintagma nominal exercendo esse papel e, como veremos nessa seção, o pivô no nível interoracional é, na maioria dos casos, ergativamente orientado.

Na seção anterior, dissemos que para coordenar orações não se requer a utilização de nenhum morfema para coordená-las. Dessa forma, as sentenças ocorrem em sequência como podemos observar no exemplo seguinte:

(695) **ho:han Kopa₁ ha₂-hi:k mok**
 gritar Kopa 3SNG-ver anta
 "Kopa gritou quando ele viu a anta".

Todavia, é possível identificar situações em que o conector discursivo *niama* é utilizado para ligar sentenças em coordenação.

¹³⁶Na seção 8.1.3 Nível do núcleo oracional.

O pivô ergativamente orientado é utilizado de modo preferencial pelos falantes em orações coordenadas. Todavia, convém dizer que sua utilização não é necessária. Nos exemplos (696) e (697), o controlador da correferência da forma elidida na segunda sentença (representada pelo símbolo \emptyset) é o sintagma nominal em posição de argumento externo (paciente). Temos um pivô absolutivo no qual o sintagma nominal *Hu* é o antecedente da expressão anafórica \emptyset em (696). No exemplo (697), temos o sintagma nominal *pi:da* “onça” como controlador da expressão anafórica \emptyset :

(696) **odiok₁ Hu₁ , Nara₂-na= hadi niama \emptyset ₁**
 sentir dor Hu Nara-ERG pegar CONEC
 "Hu₁ sentiu dor e então Nara a₁ pegou".

(697) **Tyabohan₁-na = toman pi:da₂ , dado:hi niama \emptyset ₂**
 Tyabohan-ERG atirar onça correr, fugir CONEC
 "Tyabohan atirou na onça, então (a onça) correu".

Contudo, também é possível identificar o sintagma nominal em posição de argumento interno (agente) como antecedente da forma elidida. Observemos os exemplos (698) e (699) nos quais as entidades representadas pelos sintagma nominais *Kopa* em (698) e *wa hinuk* em (699) são pivôs:

-
- (698) **Kopa₁-na = tyak Tyapi₂, daan niama Ø₁**
 Kopa-ERG empurrar Tyapi sair CONEC
 "Kopa empurrou Tyapi, então (Kopa) saiu".

- (699)^{KAN} **wa hinuk₁-na= daman dyo:ri₂, daan niama Ø₁**
 mulher grupo-ERG dizer cupim sair CONEC
 "As mulheres disseram ao cupim, então (elas) saíram".

Assumiremos que nas orações coordenadas, apesar de não ser obrigatório, o pivô da correferência ergativamente orientado é preferencial.

Diferentemente do que foi observado na coordenação, nas orações subordinadas a presença do pivô de orientação ergativa parece ser obrigatória. Notamos que o pivô da correferência da sentença dependente é o argumento externo da sentença matriz. Como vimos na seção sobre orações subordinadas, a subordinação é assinalada com a utilização da marca de subordinação *-nin*. Observemos os exemplos seguintes nos quais apresentamos, de forma respectiva, orações subordinadas marcadas pelo subordinador *-nin*:

- (700)^{KAN} **ha-makaodyaran Ø₂ dyahian-nin ama Ø₂**
 3SNG-passar sobre ficar de pé-SUBD DEST
 "Ele passou sobre ela para que ela levantasse".

(701a)^{KAN} **koramanan-na= tohi:k nuk₁**
 cobra-ERG ver grupo
 "A cobra os viu".

(701b)^{KAN} **...[pok-nin bapo-nin= Ø₁ kotyia-na= katu]**
 copular-SUBD terminar-SUBD ariranha-OBJPOSP SOC2
 "quando eles estavam terminando de copular com a ariranha".

Há duas evidências favoráveis à hipótese do pivô ergativamente orientado entre orações principais e subordinadas. A primeira delas está ligada à hierarquia de acessibilidade dos argumentos no controle da correferência.

Como vimos nas sub-seção Comportamento, o argumento externo ocupa posição mais alta na hierarquia de acessibilidade aos processos sintáticos. Por essa razão, está habilitado a acessar tais processos de forma direta, isto é, sem o uso de mecanismos morfológicos adicionais. Todavia, para que o argumento de tipo interno (mais baixo na hierarquia de acessibilidade) acesse as operações sintáticas é preciso que se modifique a estrutura oracional. Essa modificação é feita com a utilização do mecanismo de antipassiva. Sendo assim, o argumento da sentença matriz só está habilitado a controlar a correferência da sentença dependente em uma construção antipassiva.

A segunda evidência favorável à nossa hipótese encontra-se nas construções auxiliares. Quando os verbos *wu* “querer” e *bak* “ser bom” são núcleos sintáticos de construções auxiliares estão habilitados a selecionar um argumento interno cuja realização é feita por meio de uma oração subordinada marcada pelo subordinador *-nin=*¹³⁷.

Na oração subordinada monovalente, o verbo lexical auxiliarizado não expressa seu argumento externo. A referência do argumento externo da subordinada está no argumento externo da oração matriz:

(702) **[[*dado:hi-nin=*] *wu*] *idi:k***
 correr, fugir-SUBD querer 2SNG
 "Você quer correr".

(703)^{KAN} **[[*waikpa-nin=*] *wu*] *adu***
 cantar-SUBD querer 1SNG
 "Eu quero cantar".

Os argumentos externos dos verbos subordinados *dado:hi* “correr” em (702) e *waikpa* “cantar” no exemplo (703) são interpretados como referencialmente idênticos ao argumento externo do verbo *wu* “querer”, isto é, *idi:k* “você” em (702) e *adu* “eu” em (703)” .

¹³⁷O subordinador *-nin=* está gramaticalmente ligado ao verbo subordinado, mas fonologicamente realiza-se ligado ao verbo auxiliar núcleo da construção.

Nos casos em que os argumentos externos da sentença subordinada e da matriz não são correferenciais, utiliza-se a construção com completiva de padrão ergativo encabeçada pelo verbo *wu*:

- (704) **Pioru-na= wu Kopa dado:hi-nin**
 Pioru-ERG querer Kopa correr, fugir-SUBD
 "Pioru quer que Kopa corra".

- (705) **yok-wu Ba:da waikpa-nin =tyo**
 1SNG-querer Bada cantar-SUBD EXORT
 "Eu quero que Bada cante!"

Nas construções apresentadas acima, o argumento interno das sentenças matrizes é representado pelo sintagma nominal *Pioru* em (704) e pelo prefixo pessoal de primeira pessoa *yok-* no exemplo (705). O argumento externo do verbo matriz é realizado como a oração completiva monovalente *Kopa dado:hi-nin* "que Kopa corra" em (704) e *Ba:da waikpa-nin tyo* "que Bada cante" no exemplo (705). Dessa forma, assinala-se que o argumento interno da sentença matriz não é idêntico referencialmente ao argumento externo da sentença subordinada.

Em construções auxiliarizadas cuja oração subordinada é de tipo divalente, o mesmo pivô observado nas orações subordinadas monovalentes é identificado. Sendo assim, o argumento externo da

sentença matriz controla a correferência do argumento externo da sentença subordinada como podemos observar nos exemplos abaixo:

(706) **Kontan-na= hak-nin= wu pi:da**
 Kontan-ERG flechar-SUBD querer onça
 "Kontan quer flechar a onça".

(707)^{KAN} **ma-ti:-nin= wu**
 3PL-matar-SUBD querer
 "Eles querem matá-los".

Em (706) o participante paciente, que é o argumento externo do verbo *hak* “flechar” não é expresso. Esse participante busca sua referência no argumento externo do predicado que têm como núcleo o verbo *wu* “querer”.

No exemplo (707), notamos que o argumento externo do verbo *wu* está elidido. Todavia esse exerce controle sobre o argumento externo do verbo subordinado *ti*: “matar”.

Nas construções auxiliarizadas cujo o verbo *bak* “ser bom” ocupa a posição de núcleo, observamos que esse funciona como intensificador do evento indicado pelo verbo da sentença matriz. Como vimos na sub-seção sobre orações subordinadas, apesar do verbo lexical *bak* “ser bom” ser monovalente, em construções auxiliares está habilitado, assim como *wu* “querer”, a selecionar um argumento interno que se realiza como uma oração subordinada marcada pelo clítico de indicador de dependência *-nin=*.

No que se refere ao controle da correferência, observamos que o argumento externo da sentença matriz é o antecedente do argumento externo da sentença subordinada que ocorre sem realização morfológica. Observemos os exemplos que seguem nos quais apresentamos, primeiramente, construções auxiliares com verbos monovalentes (708-710) e, em seguida, com verbos divalentes (711-713):

(708) **[[no:k-nin=] bak] anya**
 estar bravo-SUBD ser bom mulher
 "A mulher está bem brava".

(709) **[[ikao-nin=] bak] adu**
 chorar-SUBD ser bom 1SNG
 "Eu choro muito".

(710) **[[wihan-nin=] bak] mimi**
 acabar-SUBD ser bom sangue
 "Acabou mesmo o sangue".

(711) **[[yok-ponhanya-na= wu-nin=] bak] idi:k**
 1SNG-irmã mais nova-ERG querer-SUBD ser bom 2SNG
 "A minha irmã quer muito você".

(712) **[[ha-okhak-nin=] bak] tyatyara**
3SNG-enfiar-SUBD ser bom terçado
"Ele enfiou bem o terçado".

(713) **[[ma-madaradak-nin=] bak] waik**
3SNG- ensinar-SUBD ser bom música, canto
"Eles ensinaram bem a música".

Concluimos essa seção lembrando que, nas construções auxiliarizadas o antecedente do argumento externo dessa oração é o argumento externo da oração matriz. Quando os argumentos externos das sentenças matriz e subordinada não são correferenciais, os falantes utilizam a construção ergativa básica para marcar essa distinção.

Assumiremos a idéia de que no nível intra-oracional o controle da correferência é orientado ergativamente.

9 Tipos de orações

Esse sub-capítulo é dedicado à apresentação dos tipos oracionais identificados em Katukina. Como vimos no capítulo III Morfologia¹³⁸, o grupo de clíticos que indicam tempo, aspecto e

¹³⁸Veja na seção 3.3 Morfologia verbal.

modalidade dos eventos são associados às orações como um todo¹³⁹. De acordo com esse critério, foi possível identificar três tipos de orações: (a) assertivas; (b) interrogativas e (c) imperativas.

9.1 Assertivas

As orações de tipo assertivo estão divididas em dois grupos: (i) afirmativas e (ii) negativas. As orações assertivas não se associam nem aos clíticos interrogativos nem aos exortativos.

No grupo das orações afirmativas identificamos a ordem de palavras básica da língua, isto é, OVS (orações divalentes) e VS (orações monovalentes) como podemos verificar nos exemplos seguintes:

	O	V	S
(714)	Korihidi-na=	wioman	koya
	Korihidi-ERG	mexer	caçuma
	"Korihidi mexe a caçuma".		

	V	S
(715)	tyuku	taokara
	morrer	galinha
	"A galinha morreu".	

¹³⁹Critério de identificação de sentenças semelhante é encontrado no Eskimo (Sadock&Zwicky:1985). Segundo os autores, a seleção de afixos verbais diferentes determina o tipo de sentença: *-voq* “declarativa”; *-va* “interrogativa” e *-git/-guk* “imperativa” (apud Köning & Siemund: 2007)

Tendo em vista que as orações assertivas prestam-se à descrição de atos de fala, tais como relatos e asserções e que tais atos são ou serão expressão da verdade, essas orações podem ser associadas ou ao clítico indicador de aspecto perfectivo =*ka* ou aos clíticos indicadores de tempo =*wa* “futuro imediato” e =*tyi:n* “futuro próximo”:

(716) **ma-hak tabi =ka**
 3PL-flechar jacu PERFEC
 "Eles flecharam jacu".

(717) **ko:dik adu =wa**
 tomar banho 1SNG FUTIMDT
 "Eu vou tomar banho".

(718) **daan adi:k =tyi:n**
 sair 1PL FUTPROX
 "Nós vamos sair".

A oração assertiva de tipo negativo é formada tendo como base a estrutura da oração de tipo afirmativo a qual associamos o sufixo de negação *-tu* à raiz verbal como podemos observar nos exemplos seguintes:

(719a) **Pityira-na= hi:k pi:da**
 Pityira-ERG ver onça
 "Pityira viu a onça".

(719b) **Pityira-na= hi:k-tu pi:da**
 Pityira-ERG ver -NEG onça
 "Pityira não viu a onça".

(720a) **dado:hi Kopa =ka**
 correr, fugir Kopa PERFEC
 "Kopa correu".

(720b) **dado:hi-tu Kopa =ka**
 correr, fugir-NEG Kopa PERFEC
 "Kopa não correu".

9.2 Interrogativas

As orações **interrogativas** são formadas com a associação dos clíticos interrogativos =*yu* e =*tu*. Foram identificados dois tipos de orações interrogativas: (i) polares e (ii) de constituinte. Nos dois dialetos, as questões polares são marcadas com a associação do clítico =*tu*¹⁴⁰ ao verbo que indica o evento sobre o qual se questiona como podemos observar nos exemplos seguintes:

(721) **wa:pan =tu idi:k ?**
 ter fome INTERROG 2SNG
 "Você não está com fome? "

¹⁴⁰Para Queixalós (2010), =*tu* pode ser analisado como uma forma homófona ao sufixo de negação -*tu* que, talvez, seja diacronicamente ligado a esse.

(722) **ha-ok-hiya =tu adu ?**
 3SNG-APLC-ter medo INTERROG 1SNG
 "Ela tem medo de mim? "

(723)^{KAN} **no-ma-kunhu =tu pi:da**
 2SNG-APLC-mentir INTERROG onça
 "Você vai mentir para a onça? "

As orações interrogativas de constituinte, são marcadas, no dialeto Kanamari, pelo clítico interrogativo =*tu* que é posposto ao pronome interrogativo *hanian* “quem, qual, quando” como podemos verificar nos exemplos que seguem:

(724)^{KAN} **hanian =tu Nodia-na= hoho-nin?**
 quem INTERROG Nodia-ERG chamar-DUR
 "Quem está chamando Nodia? "

(725)^{KAN} **hanian =tu waok-dyi-nin?**
 quem INTERROG chegar-CTRP-DUR
 "Quem está chegando aqui? "

Todavia no dialeto Katukina do Biá, o clítico interrogativo utilizado nas questões de constituinte é =*yu*. Esse ocorre em posição final de sentença:

- (726) **hanian an =yu ?**
 quem COP INTERROG
 "Quem é?"
- (727) **hanian wadik nowa payo =yu ?**
 qual nome 2POSS pai INTERROG
 "Qual é o nome do teu pai? "
- (728)^{KAN} **hanian adi:k wa-o =tya =yu?**
 que 1PL ANTP-beber FUTDIST INTERROG
 "O que nós vamos beber? "

Como podemos notar nos exemplos acima, o clítico interrogativo *=yu* ocupa a última posição na sentença. Mesmo nos casos em que outros clíticos ocorrem na oração, tal como o indicador de tempo *=tya* “futuro distante” no exemplo (728), *=yu* continua a ocupar a última posição na sentença. Relembramos que somente os constituintes de tipo externo podem ser interrogados.

9.3 Imperativas

As orações que chamamos de imperativas são utilizadas para ordenar, dar conselhos e/ou instruções ou impelir alguém a realizar um

determinado evento. Em Katukina-Kanamari, as orações imperativas são formadas utilizando a estrutura identificada nas orações declarativas associando-as ao clítico exortativo =*tyo* que ocupa a posição final da sentença como podemos verificar nos exemplos abaixo:

(729) **i-bo, no-iran ityian-ti =tyo!**
 1SNG-cunhado 2SNG-casar PROX-DMNT EXORT
 "Meu cunhado, você vai casar com essa mesmo!"

(730) **ho:han idi:k =tyo!**
 gritar 2SNG EXORT
 "Grita você!"

(731) **kaya, daan adi:k =tyo**
 ir sair 1PL EXORT
 "Vamos sair!"

As orações imperativas prototípicas têm como receptor a segunda pessoa do discurso, como podemos verificar nos exemplos (729) e (730) nos quais o receptor da ordem ou instrução é representado pelo prefixo pessoal de segunda pessoa singular *no-* em (729) e pela forma pronominal livre *idi:ki* “segunda pessoa plural” em (730).

Todavia, nas construções imperativas nas quais o falante exorta alguém a realizar um determinado evento e inclui-se

juntamente com seu interlocutor como receptor da mensagem, utiliza-se a primeira pessoa plural para indicar o receptor da oração imperativa como podemos verificar no exemplo (731) no qual o pronome livre *adi:k* “nós” representa o receptor da exortação indicada pela construção imperativa.

Conclusão

Esse trabalho teve por objetivo apresentar a descrição fonológica e gramatical da língua Katukina-Kanamari abordada numa perspectiva tipológica-funcional.

Uma contribuição importante feita nesse estudo foi a abordagem dos dois dialetos da língua Katukina, uma vez que nos trabalhos anteriores havia o predomínio de um ou de outro dialeto. Destacamos alguns pontos tratados ao longo da descrição.

No sistema fonológico, salientamos a oposição existente entre os fonemas consonantais [-soante] e [+soante] e entre as vogais longas e breves. Ressaltamos, também, a existência dos ditongos fonológicos /ui/, /ai/ e /au/ que contrastam com as vogais longas altas /i:/ e /u:/. Entre os processos fonológicos identificados, destacamos a alomorfa das formas prefixais e a procliticização do sufixos *-na=*, *-nin=* e *-hi=*.

Na morfologia, ressaltamos que Katukína é uma língua fortemente isolante, mas que apresenta características aglutinantes. As classes léxicas dos nomes, dos verbos e das posposições, que constituem a super-classe flexionável, selecionam: (i) um mesmo paradigma de prefixos pessoais; (ii) os sufixos dêiticos *-na* e *-dik* e (iii) o sufixo diminutivo *-ti*. Como exemplos de diferenças entre essas classes citamos: (a) somente nomes selecionam o sufixo alativo *-na*; (b) apenas verbos recebem a marcação de aspecto durativo; (c) posposições não acessam esses dois processos.

Na sintaxe, destacamos que os sintagmas cujos núcleos são um verbo divalente, um nome inalienável e uma posposição utilizam o mesmo tipo de representação lexical do dependente do núcleo sintagmático representada pela fórmula **NOME-CESTRT**. Quando seus

dependentes não são expressos lexicalmente, esses núcleos selecionam o paradigma de prefixos pessoais. Existem três formas de sintagmas que se contrapõem às primeiras. Nesses sintagmas o *núcleo* é formado, respectivamente, por um verbo monovalente, um nome alienável e um advérbio. Salientamos que a subdivisão dos predicados em monovalente e divalente é estabelecida de acordo com o número de argumentos selecionados pelo núcleo do predicado. Nos predicados monovalentes, o núcleo está habilitado a selecionar um argumento externo, isto é, realizado fora do sintagma instituído pelo núcleo do predicado. Enquanto que nos predicados divalentes o núcleo do predicado seleciona dois argumentos sendo que um argumento desses é interno e o outro é externo ao predicado. Destacamos que entre os predicados verbais monovalente e divalentes foi identificado o alinhamento de padrão ergativo-acusativo no qual o argumento único da oração monovalente e o argumento externo da oração divalente compartilham a mesma posição e marcação morfológica ao passo que o argumento interno na oração divalente recebe marcação morfológica diferente. Argumentos externos e internos em Katukina demonstram comportamento distinto nos processos de movimento, elisão, pronominalização, focalização, coordenação, interrogação, nominalização e relativização. Somente argumentos externos acessam esses processos sem que ocorram mudanças formais. Argumentos internos acessam a alguns dos processos acima, como foi dito anteriormente, mediante o mecanismo de antipassiva. Dentre os mecanismos utilizados na mudança da estrutura argumental, salientamos a existência do mecanismo de antipassiva no qual o prefixo *-wa* é

associado a uma raiz verbal divalente passando a ocupar a posição morfológica dos prefixos pessoais bloqueando a posição de argumento interno da construção divalente. Nas orações complexas, foram identificadas as orações subordinadas relativas, auxiliarizadas, completivas e adverbiais que se realizam em quatro níveis: (1) sintagma nominal; (2) sintagma verbal; (3) núcleo oracional e (4) oração. No nível do núcleo oracional, encontram-se as orações causativas analíticas que são um sub-tipo semântico de orações completivas nos quais confirmou-se nossa análise de que o agente do verbo subordinado é realizado dentro da oração subordinada.

Acreditamos que essa tese é um passo significativo rumo à ampliação do conhecimento da língua Katukina e das línguas amazônicas ainda pouco conhecidas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADELAAR, W. (2000). “Propuesta de un Nuevo vínculo genético entre dos grupos lingüísticos indígenas de la amazonía occidental: harakmbut y katukina” in *Actas del I Congreso de Lenguas Indígenas de Sudamérica*. Lima: Universidad Ricardo Palma, páginas 219-236.
- _____ (2007). “Ensayo de clasificación del Katawixí dentro del conjunto Harakmbut-Katukina” in FIGUEROA, A. R, Garay A. F. y CORGERA, A. (coord.) *Lenguas indígenas de América del Sur: estudios descriptivo-tipológicos y sus contribuciones para la lingüística teórica*. Caracas: Universidad Católica Andrés Bello, páginas 159-169.
- AIKENVALD, A. (2007). “Typological distinctions in word-formation” in SHOPEN, T. (ed.) *Language Typology and Syntactic Description, second edition. Volume III: Grammatical Categories and the lexicon*. Cambridge: Cambridge University Press, páginas 1-64.
- ANDREWS, A. (2007). “The major functions of the noun phrase” in *Language Typology and Syntactic Description, second edition. Volume I: Clause Structure*. Cambridge: Cambridge University Press, páginas 132-222.
- _____ (2007). “Relative Clauses” in *Language Typology and Syntactic Description, second edition. Volume II: Complex Constructions*. Cambridge: Cambridge University Press, páginas 206-235.
- BAUER, L. (2003). *Introducing linguistic morphology*. Washington: Georgetown University Press.

- BICKEL, B. & NICHOLS, J. (2007). "Inflectional morphology" in SHOPEN, T. (ed.) *Language Typology and Syntactic Description, second edition. Volume III: Grammatical Categories and the lexicon*. Cambridge: Cambridge University Press, páginas 169-239.
- BLAKE, B. (1994). *Case*. Cambridge, Cambridge University Press.
- BLEVINS, J. (1995). "The Syllable in Phonological Theory" in *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford, Blackwell, páginas 206-244.
- BYBEE, J. L. (1985). *Morphology. A study of the relation between meaning and form*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- CARVALHO, M & REESINK, E. (1993). "Ecologia e sociedade" in *Sociedades indígenas e transformações ambientais*. Belém: UFPA-Numa.
- CIMI (1979). *Relatório Rio Jutai: população indígena Katukina, Kanamari, Kulina, Tükuna, Tukano*. Manuscritos da Prelazia de Tefé.
- COMRIE, B. (1976). *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press.
- _____ (1989). *Language universals and Linguistic Typology*. Chicago: The University of Chicago Press.
- COSTA, L. (2007). *As faces do Jaguar. Parentesco, História e Mitologia entre os Kanamari da amazônia ocidental*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro.

- CREISEELS, D. (2006). *Syntaxe générale: une introduction typologique*. Volumes I e II. Paris: Hermes.
- _____. (2006). “Spatial Cases” in MALCHUKOV, A. & SPENCER, A. (eds) *The Oxford Handbook of case*. Oxford: Oxford University Press, páginas 505-517.
- DELANCEY, S. (1981). “An interpretation of split ergativity and related patterns” in *Language* 57, páginas 626-657.
- DETURCHE, J. (2009). *Les Katukina du Rio Biá (Etat d’Amazonas – Brésil) Histoire, organization sociale et cosmologie*. Tese de doutorado. Paris, Université de Paris Ouest, Paris Nanterre, la Défense.
- DIXON, R. (1994). *Ergativity*. Cambridge: Cambridge University Press.
- DIXON, R. & AIKENVALD, A. (orgs) (1999). *The Amazonian languages*. Cambridge: Cambridge University Press.
- DOS ANJOS, Z. (2005a). “A língua Katukina” in *Caderno do simpósio de Letras: múltiplos olhares*. Goiânia: Universidade Federal de Goiás.
- _____. (2005b). *Fonologia Katukina (dialeto Katukina do Biá)*. Dissertação de mestrado. Brasília, Universidade de Brasília.
- DOURADO, L. (2001). *Aspectos morfossintáticos da língua Panará*. Tese de doutorado. Campinas, Universidade Estadual de Campinas.
- DRYER, M. (2007). “Word order” in SHOPEN, T. (ed.) *Language Typology and Syntactic Description, second edition. Volume I: Clause Structure*. Cambridge: Cambridge University Press, páginas 61-130.

- _____ (2007). *Clause types* in Language Typology and Syntactic Description, second edition. Volume I: Clause Structure. Cambridge: Cambridge University Press, páginas 224-275.
- _____ (2007). *Noun phrase structure* in SHOPEN, T. (ed.) Language Typology and Syntactic Description, second edition. Volume II: Complex constructions. Cambridge: Cambridge University Press, páginas 151-205.
- FRAWLEY, W. (1992). *Linguistic Semantics*. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates.
- GIRON, J.M. (2008). *Una Gramática del Wā'ns:ohöt (Puinave)*. Amsterdam: LOT.
- GIVÓN, T. (2001). *Syntax an introduction*. Volumes 1 e 2. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- GRINEVALD, C. (2000). "A morphosyntactic typology of classifiers" in SENFT, G. (ed.) *Systems of nominal classification*. Cambridge: Cambridge University Press, páginas 50-92.
- GROTH, C. (1977). "Here and There in Kanamari" in *Anthropological Linguistics*. Bloomington: American Indian Studies Research Institute.
- _____ (1988a). "Modo y aspecto en el discurso kanamari" in *Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos* 5, páginas 51-72.
- _____ (1988b). "Prominencia, evaluación y el uso de la partícula tso en el discurso kanamari" in *Revista Latinoamericana de Estudios Etnolingüísticos* 5, páginas 83-102.

- _____ (1985). "Syntax of the phrase types in kanamari" in *Porto Velho workpapers*. Porto Velho: SIL publications.
- HASPELMATH, M. (2007). "Coordination" in SHOPEN, T. (ed.) *Language Typology and Syntactic Description, second edition. Volume II: Complex constructions*. Cambridge: Cambridge University Press, páginas 1-74.
- _____ (2006). "Terminology of Case" in MALCHUKOV, A. & SPENCER, A. (eds.) *The Oxford Handbook of Case*. Oxford: Oxford University Press, páginas 505-517.
- _____ (2002). *Understanding morphology*. London: Arnold.
- HEINE, B. (1993). *Auxiliares: Cognitives forces and grammaticalization*. New York: Oxford University Press.
- HOPER, P. & THOMPSON, S. (1980). "Transitivity in grammar and discourse" in *Language*, volume 56, número 2.
- KATAMBA, F. (1989). *An introduction to phonology*. London: Longman.
- _____ (1993). *Morphology*. Modern linguistics series. New York: St. Martin's Press.
- LABIAK, A. (1997). *Frutos do céu e frutos da terra: aspectos da cosmologia Kanamari no Warapekom*. Dissertação de mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
- LIMA, D. & PY-DANIEL, V. (2001). *Levantamento etnoecológico das áreas indígenas do Médio Juruá e Katukina Rio Biá: relatório parcial*. Brasília: FUNAI/PPTAL.

- LOUKOTKA, C. (1968). *Classification of South American Indian languages*. Los Angeles: University of California Press.
- MARTINS, S. (2004). *Fonologia e Gramática Dâw*. Tese de doutorado. Amsterdam: LOT.
- MCGREGOR, W. (2002). "Ergative and accusative patterning in Warrwa" in DAVIDSE, K. & LAMIROY, B. (eds.) *The nominative & accusative and their counterparts*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, páginas 285-317.
- MONTEIRO, R. (2002). "Wana Adjaba itsonim nawara (os donos da terra)" in GRAMKOW, M. (org) *Demarcando terras indígenas II: experiências e desafios de um projeto de parceria*. Brasília: FUNAI/PPTAL/GTZ, páginas 207-222.
- MOORE, D. ; VILACY, A. ; GABAS, N. (2008). "O desafio de documentar e preservar as línguas amazônicas" in *Scientific American Brasil, volume 3 Destinos*.
- NEVES, L. (1996). *137 anos de sempre: um capítulo da história Kanamari do contato*. Dissertação de mestrado. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina.
- ODDEN, D. (1995). *Introducing Phonology*. Cambridge: Cambridge University Press.
- PIKE, K. (1947). *Phonemics: a Technique for Reducing Language to Writing*. The University of Michigan Press.

- PIÑEROS, C. (2006). "The phonology of nasal consonants in five Spanish dialects" in MARTÍNEZ-GIL, F. & COLINA, S. (eds.) *Optimality-theoretic studies in Spanish phonology*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- QUEIXALÓS, F. (2010). "Grammatical relations in Katukina-Kanamari" in GILDEA, S. & QUEIXALÓS, F. (eds.) *Ergativity in Amazonia*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- _____. "Antipassive in Katukina-Kanamari" (a publicar) in AUTHIER, G. & HAUDE, K. *Ergativity and valence change*. Berlim: Mouton de Gruyter.
- _____. (2008). "Incorporation nominale en sikuni et en katukina-kanamari" in QUEIXALÓS, F. *Relations grammaticales dans les langues d'Amazonie*. Paris: Amerindia 31, páginas 61-86.
- _____. (2005). "Posse em Katukína e valência dos nomes" in RODRIGUES, A. & CABRAL, A. (orgs.) *Novos estudos sobre línguas indígenas brasileiras*. Brasília: Universidade de Brasília, páginas 177-202.
- _____. (2004). "Split Transitivity and Coreference in Katukina" in QUEIXALÓS, F. (resp.) *Ergatividade na Amazônia III*. Atas do terceiro encontro do projeto Manifestações da ergatividade na Amazônia. Paris: CELIA-CNRS, páginas 175-188.
- _____. (2003). "A ergatividade Katukina em frente das mudanças de valência" in QUEIXALÓS, F. (resp.) *Ergatividade na Amazônia II*. Atas do segundo encontro do projeto Manifestações da ergatividade na Amazônia. Brasília: Universidade de Brasília, páginas 227-237.

- _____. (2002). “Ergatividade em Katukina” in QUEIXALÓS, F. (resp.) *Ergatividade na Amazônia I*. Atas do segundo encontro do projeto Manifestações da ergatividade na Amazônia. Brasília: Universidade de Brasília, páginas 137-145.
- _____. (2002). “Sobre um sujeito Katukina e um objeto Sikuaní” in CABRAL, A. & RODRIGUES, A. *Atas do I Encontro internacional do Grupo de trabalho sobre línguas indígenas da ANPOLL*. Belém: tomo II, páginas 260-270.
- _____. (2000). *Sintaxe Sikuaní*. Leuven: Peters-Leuven.
- _____. (1995). “Transitividade em Katukina: uma primeira aproximação” in *Anais do IX Encontro nacional da ANPOLL*, Linguística, vol. 2. João Pessoa, páginas 1063-1071.
- QUEIXALÓS, F. & DOS ANJOS, Z. (2007). “A língua Katukína-Kanamari” in *Liames* volume 6. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, páginas 20-60.
- REESINK, E. (1993). *Imago Mundi Kanamari*. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro-Museu Nacional.
- RIBEIRO, E. (2002). “O marcador de posse alienável em Karirí: um morfema Macro-Jê revisitado” in *Liames* 2. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, páginas 31-48.
- RODRIGUES, A. (1986). *Línguas brasileiras: para o estudo das línguas indígenas*. São Paulo: Loyola.
- _____. (2000). “Panorama das línguas indígenas da Amazônia” in QUEIXALÓS, F. & RENAULT-LESCURE, O. (orgs.) *As línguas amazônicas hoje*. IRD/ISA/MPEG, páginas 15-28.

- SELKRIK, E. (1982). "The Syllable" in HULST, H. & SMITH, N. (eds.) *The structure of phonological representations (part II)*. Massachusetts: Foris Publications.
- SPENCER, A. & ZWICKY, A. (eds.) (1998). *The handbook of morphology*. Blackwell handbooks in linguistics. Oxford: Blackwell.
- SILVA, M. et al (1989). "Elementos da fonologia Kanamari" in *Cadernos de estudos linguísticos 16*. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, páginas 123-141.
- TASTEVIN, C. (1928a). Le "Riozinho da Liberdade" in *La Géographie*. Paris: Société de Géographie, páginas 1-11.
- _____ (1928b). La région du Moyen-Amazone ou Solimões (Brésil) in *La Géographie*. Paris, Société de Géographie, páginas 1-23.
- _____ "Vocabulaire Katawixi et Marawa". Manuscrito. Congregação do Santo Espírito. Chevilly-Larue.
- _____ "Lexique Katukina". Manuscrito. Musée de l'Homme. Paris.
- _____ "Vocabulaire comparé arawak/pano/katukina". Manuscrito. Musée de l'Homme. Paris.
- _____ "Lexique katawishi/katukina. Manuscrito. Musée de l'Homme. Paris.
- TROUBETZKOY, N. (1970). *Principles de Phonologie*. Paris: Klincksieck.
- TELLES, S & WETZELS, L. (2000). "Nominal classifiers in Latunde (Nambikwara, Brazil)". Manuscrito. Vrije Universiteit Amsterdam.

- WILLIAMS, E. (1981a). "Argument structure and morphology" in *Linguistic Review* 1, páginas 81-114.
- ZWICKY, A. (1985). "Clitics and Particles" in *Language*, volume 61, número 2, páginas 283-305.

Anexos

Contador: Pioru/Zé Vela

Transcrição: Kopa/Antônio

Tamakori

- (1) **daan Tamakori bainin to:ku**
sair Tamakori roçado derrubar
"Tamakori saiu para derrubar o roçado".
- (2) **ha-iton ko:di:k wanoton**
3SNG-PRVT tomar banho porto
"Na ausencia dele, (a mulher) tomou banho".
- (3) **tyopuna-na= dyoro niama**
peixe-boi-ERG copular CONEC
"Então, o peixe-boi copulou (com a esposa de Tamakori)".
- (4) **hi:ri ku:ku**
subir pássaro
"O pássaro subiu (na árvore)".
- (5) **ha-hoki-na niama Tamakori-na= ton**
3SNG-falar-CTRF CONEC Tamakori-OBJPOSP SUPS
"Ele falou, então, para Tamakori".
- (6) **tyopuna-na= dyoro owa:mok, Tamakori**
peixe-boi-ERG copular esposa Tamakori
"Peixe-boi copulou com a tua esposa, Tamakori".

-
- (7) **no:k Tamakori**
estar com raiva Tamakori
"Tamakori ficou com raiva".
- (8) **ha-to:ku niama ba:kon tyuwu**
3SNG-derrubar CONEC apuná
"Ele derrubou, então, apuná".
- (9) **ha-makabani ba:kon tyuwu**
3SNG-metade-partir apuná
"Ele partiu o apuná ao meio (Lit: Ele metade-partir apuná)".
- (10) **ha-tyatya niama**
3SNG-cortar CONEC
"Ele cortou (o apuná) então".
- (11) **ha-buhuk oita niama**
3SNG-fazer arpão CONEC
"Então, ele fez o arpão".
- (12) **daan Tamakori hak-dik**
sair Tamakori casa-CTRP
"Tamakori saiu de casa".
- (13) **ha-o:ribuhuk niama**
3SNG-corda-fazer CONEC
"Então, ele fez corda".
- (14) **otia-nin o:babi:k**
entardecer-SUBD tabaco-chupar
"(Ele) fumou tabaco ao entardecer".

-
- (15) **dado:hi niama Tamakori hak-dik**
 correr CONEC Tamakori casa-CTRP
 "Então, Tamakori correu para casa".
- (16) **ha-hak niama tyopuna wano ton**
 3SNG-flechar CONEC peixe-boi porto SUPS
 "Ele flechou, então, o peixe-boi no porto".
- (17) **tyopuna daan hitakandik**
 peixe-boi correr remanso
 "O peixe correu no remanso".
- (18) **ha-ni:kman tyopuna o:ri-na= katu**
 3SNG-puxar peixe-boi corda-OBJPOSP SOC2
 "Ele puxou o peixe-boi com a corda".
- (19) **himanya-na= ni:kman tyopuna**
 cobra grande-ERG puxar peixe-boi
 "A cobra grande puxou o peixe-boi".
- (20) **Tamakori-na= hini o:ba**
 Tamakori-ERG cheirar tabaco
 "Tamakori cheirou tabaco".
- (21) **anpi:-pa niama**
 beija-flor-VRBLZ CONEC
 "Então, agia como beija-flor".
- (22) **anpi:-na= hu:na wu:dyon**
 beija-flor-ERG chamar lontra
 "O beija-flor chamou a lontra".
- (23) **awa hak to waok-na niama anpi:**
 3POSS casa ALT chegar-CTRF CONEC beija-flor
 "Então o beija-flor voltou para a casa dele".

- (24) **awa hak to waok-na niama anpi:**
3POSS casa ALT chegar-CTRF CONEC beija-flor
"Então o beija-flor chegou à casa dele".
- (25) **anpi: , ha-hini o:ba**
beija-flor 3SNG-cheirar tabaco
"O beija-flor, ele cheirou tabaco".
- (26) **ha-opak pi: niama**
3SNG-nariz espinho, agulha CONEC
"Então, o nariz dele era uma agulha".
- (27) **Tamakori-na= babu dyatibikan wu:dyon**
Tamakori-ERG mandar mergulhar lontra
"Tamakori mandou a lontra mergulhar".
- (28) **ha-hu:man tyopuna**
3SNG-puxar peixe-boi
"Ele puxou o peixe-boi".
- (29) **ikao niama wu:dyon**
chorar CONEC lontra
"Então, a lontra chorou".
- (30) **ha-kunamahi:k ha-bowamini**
3SNG-corpo-ver 3SNG-padrinho
"Ela viu o corpo do padrinho dela".
- (31) **Tamakori-na= toktyi:k tyopuna podak ton**
Tamakori-ERG amarrar peixe-boi canoa SUPS
"Tamakori amarrou o peixe-boi na canoa".

-
- (32) **woikman**
remar
"(Tamakori) remou".
- (33) **Tamakori-na= hi:tan tyopuna**
Tamakori-ERG puxar peixe-boi
"Tamakori puxou o peixe-boi (para a terra)".
- (34) **ha-pokni mi:n**
3SNG-tirar estômago
"Ele tirou o estômago".
- (35) **Tamakori-na= pi:k niama tyopuna**
Tamakori-ERG cortar CONEC peixe-boi
"Então, Tamakori cortou o peixe-boi".
- (36) **ma-dan niama tyopuna**
3PL-assar CONEC peixe-boi
"Eles assaram, então, o peixe-boi".
- (37) **otia-nin o:babi:k Tamakori**
entardecer-SUBD tabaco-chupar Tamakori
"Ao entardecer, Tamakori fumou tabaco".
- (38) **ki:tan niama Tamakori**
dormir CONEC Tamakori
"Então, Tamakori dormiu".
- (39) **ha-ok-ho:han niama ha-wayan-hi**
3SNG-APLC-gritar CONEC 3SNG-parente-COL
"Eles chamou, então, os parentes dele".

-
- (40) **ha-ka:ki-nin pi:**
3SNG-quebrar-DUR espinho, agulha
"Ele está quebrando o espinho".
- (41) **ha-dako:mibi:ri pi: katu**
3SNG-ouvido-limpar espinho, agulha SOC2
"Ele limpou o ouvido com o espinho".
- (42) **wihadik**
acordar
"(Eles) acordaram".
- (43) **nan-na= bi:k**
carapanã-ERG chupar
"A carapanã os chupou".
- (44) **o:para**
amanhecer
"Amanheceu".
- (45) **daan niama Tamakori**
sair CONEC Tamakori
"Saiu, então, Tamakori".
- (46) **ha-dahu tyopuna kuru-nin**
3SNG-levar peixe-boi assar-NOMNLZ
"Ele levou peixe-boi assado".
- (47) **waok-dik Tamakori ha-owamok-na**
chegar-CTRP Tamakori 3SNG-esposa-ALT
"Tamakori chegou para a esposa dele (Lit: Ele chegou na direção da esposa)".
- (48) **owamok-na= human tyopuna tya**
esposa-ERG pegar peixe-boi pênis
"A esposa pegou o pênis do peixe-boi".

-
- (49) **no:k Tamakori**
estar com raiva Tamakori
"Tamakori ficou com raiva".
- (50) **Tamakori-na= ti: owamok**
Tamakori-ERG matar esposa
"Tamakori matou a esposa".
- (51) **ma-wiman ma-owamok, ma-ti:**
3PL-exterminar 3PL-esposa 3PL-matar
"Eles exterminaram as mulheres deles, eles as mataram".
- (52) **Tamakori-na= tyaik niama owamok**
Tamakori-ERG cacetar CONEC esposa
"Tamakori cacetou a esposa".
- (53) **Tamakori daan**
Tamakori sair
"Tamakori saiu".
- (54) **tyiriko hoi**
estrela ser muito
"Eram muitas estrelas".
- (55) **pa:ri daan**
Pa:ri sair
"Pa:ri (Tamakori) saiu".
- (56) **pa:ri-na= dahu niama kaowu kiridan**
Pa:ri-ERG levar CONEC jabuti
"Pa:ri levou o jabuti".

-
- (57) **pa:ri-na= hi:k warapi**
Pa:ri-ERG ver fruta(sp)
"Pa:ri viu fruta".
- (58) **ma-ok-hi:ri niama konoropak**
3PL-APLC-subir CONEC jambo
"Eles subiram, então, no pé de jambo".
- (59) **ha-bi:k niama warapi kododik**
3SNG-chupar CONEC fruta(sp) em cima
"Ele chupou fruta em cima (do pé de jambo)".
- (60) **mok-na= pu warapidak**
anta-ERG comer fruta(sp)-pele, casca
"A anta comeu a casca da fruta".
- (61) **no:k niama mok**
estar com raiva CONEC anta
"Estava com raiva, então, a anta".
- (62) **pa:ri-na= tyakman o:man**
Pa:ri-ERG fazer crescer árvore, pau
"Pa:ri fez crescer a árvore".
- (63) **hi:ri-tu mok**
subir-NEG anta
"A anta não subiu".
- (64) **baki wihan tonin**
mão terminar ?
"Passaram-se cinco dias".

-
- (65) **pa:ri-na= do:han-dik po:tyo**
Pa:ri-ERG sentar-CTRP japó
"Pa:ri sentou perto do Japó".
- (66) **ki:nhi-na po:tyo**
voltar-CTRF japó
"O japó voltou".
- (67) **o:babi:k niama awa-hak to**
tabaco-chupar CONEC 3POSS-casa ALT
"(Ele) fumou tabaco perto da casa dele".
- (68) **ki:nhi-na niama po:tyo Pa:ri-na= patu-dik**
voltar-CTRF CONEC japó Pa:ri-OBJPOSP ALT-CTRP
"Voltou para lá, então, o japó na direção de Pa:ri".
- (69) **po:tyo waok-dik**
japó chegar-CTRP
"O japó chegou".
- (70) **ha-hini niama o:ba**
3SNG-cheirar CONEC tabaco
"Ele cheirou, então, o tabaco".
- (71) **po:tyo waok-dik**
japó chegar-CTRP
"O japó chegou".
- (72) **pa:ri ti:nhi o:ba-na= wa-dik**
Pa:ri descer tabaco-OBJPOSP PRLT-CTRP
"Pa:ri desceu pelo tabaco".

- (73) **pa:ri dawaikan-dik**
 Pa:ri cair-CTRP
 "Pa:ri caiu".
- (74) **pa:ri dawaikan-dik**
 Pa:ri cair-CTRP
 "Pa:ri caiu".
- (75) **pa:ri-na= hi:k niama kaowu kiridan**
 Pa:ri-ERG ver CONEC jabuti
 "Pa:ri viu, então, o jabuti".
- (76) **pa:ri-na= wura ho:n**
 Pa:ri-ERG cavar terra
 "Pa:ri cavou a terra".
- (77) **kaowu kiridan ha-human niama**
 jabuti 3SNG-pegar CONEC
 "Ele pegou, então, o jabuti".
- (78) **pa:ri-na= to-ho:ki kaowu kiridan**
 Pa:ri-ERG APLC-falar jabuti
 "Pa:ri falou com o jabuti".
- (79) **ha-to-ho:ki niama mok**
 3SNG-APLC-falar CONEC anta
 "Ele (jabuti) falou, então, da anta".
- (80) **pa:ri-na= to:dok moki:**
 Pa:ri-ERG perseguir anta-pé
 "Pa:ri perseguiu o rastro da anta".

-
- (81) **ha-to:dok mok otia**
3PL- perseguir anta entardecer
"Ele perseguiu a anta até o entardecer".
- (82) **to:-na pa:ri**
descansar-CTRF Pa:ri
"Pa:ri descansou".
- (83) **o:para daan niama pa:ri**
amanhecer sair CONEC Pa:ri
"Ao amanhecer, então, Pa:ri saiu".
- (84) **ha-to:dok niama mok**
3PL- perseguir CONEC anta
"Ele perseguiu, então, a anta".
- (85) **otia pa:ri kudu**
entardecer Pa:ri ITRV
"Ao entardecer, Pa:ri (perseguiu a anta) de novo".
- (86) **pa:ri ki:tan**
Pa:ri dormir
"Pa:ri dormiu".
- (87) **o:para**
amanhecer
"Amanheceu".
- (88) **daan kudu pa:ri**
sair ITRTV Pa:ri
"Pa:ri saiu de novo".

- (89) **pa:ri-na= to:dok mok**
Pa:ri-ERG perseguir anta
"Pa:ri perseguiu a anta".
- (90) **pa:ri daan**
Pa:ri saiu
"Pa:ri saiu".
- (91) **to:-na kudu**
descansar-CTRF ITRV
"(Ele) descansou de novo".
- (92) **daan pa:ri paikadati**
sair Pa:ri de madrugada
"Pa:ri saiu de madrugada".
- (93) **pa:ri-na= to:dok mok otia**
Pa:ri-ERG perseguir anta entardecer
"Pa:ri perseguiu a anta até o entardecer".
- (94) **daan pa:ri**
sair Pa:ri
"Pa:ri saiu".
- (95) **ha-to:dok niama mok**
3SNG-perseguir CONEC anta
"Ele perseguiu, então, a anta".
- (96) **baktitu adu**
perto 1SNG
"-Eu estou perto, disse Pa:ri".

-
- (97) **pa:ri dadyoran mokmi iki-na**
Pa:ri entrar anta-buraco INS-CTRF
"Pa:ri entrou no ânus da anta".
- (98) **ha-diakontotyik-na= mok**
3SNG-coração-amarrar anta
"Ele amarrou o coração da anta (Lit: Ele coração-amarrar da anta)".
- (99) **dado:hi niama mok**
correr, fugir CONEC anta
"Correu, então, a anta".
- (100) **diakon poki niama**
coração tirar CONEC
"(Ele) então tirou o coração".
- (101) **daohan mok**
cair anta
"A anta caiu".
- (102) **tyuku mok**
morrer anta
"A anta morreu".
- (103) **pa:ri-na= mi:npokni mok**
Pa:ri- estômago-tirar anta
"Pa:ri tirou o estômago da anta".
- (104) **pa:ri-na= pi:k mok**
Pa:ri-ERG cortar anta
"Pa:ri cortou a anta".

- (105) **pa:ri-na= dan mok**
Pa:ri-ERG assar anta
"Pa:ri assou a anta".
- (106) **pa:ri-na= dan mok**
Pa:ri-ERG assar anta
"Pa:ri assou a anta".
- (107) **pa:ri-na= wiman otia-ti mok**
Pa:ri-ERG terminar entardecer-DMNTV anta
Pa:ri terminou a anta ao entardecer mesmo
- (108) **ha-hino:ton pa:ri dyahina**
3SNG-água-lado Pa:ri estar em pé
"Pa:ri estava em pé perto do rio".
- (109) **ha-hi:k niama wa**
3SNG-ver CONEC água
"Ele viu, então, o rio".
- (110) **pa:ri-na= hi:k niama koko**
Pa:ri-ERG ver CONEC pássaro
"Pa:ri viu o pássaro".
- (111) **pa:ri-na= ho:man koko**
Pa:ri-ERG chamar pássaro
"Pa:ri chamou o pássaro".
- (112) **koko ki:nhi**
pássaro voltar
"O pássaro voltou".

-
- (113) **toti:k pa:ri**
embarcar Pa:ri
"Pa:ri embarcou (no jacaré)".
- (114) **ka:dyo daan**
jacaré sair
"O jacaré saiu".
- (115) **tukuni ka:dyo**
atravessar jacaré
"O jacaré atravessou".
- (116) **mihiniwa ka:dyo**
borbulhar jacaré
"O jacaré borbulhou".
- (117) **dati:kan**
mergulhar
"(O jacaré) mergulhou".
- (118) **no:k ka:dyo**
estar com raiva jacaré
"O jacaré ficou com raiva".
- (119) **pa:ri ka:dyo-na= bini**
Pa:ri jacaré-ERG engolir
"O jacaré engoliu Pa:ri".
- (120) **ma-hak ka:dyo pi:-na= katu**
3PL-pescar jacaré espinho,agulha-OBJPOSP SOC2
"Eles pescaram o jacaré com o anzol".

- (121) **ma-mi:npokni ka:dyo**
3PL-estômago-tirar jacaré
"Eles tiraram o estômago do jacaré".
- (122) **tan pa:ri tok iki**
COP Pa:ri barriga INS
"Pa:ri estava dentro da barriga (do jacaré)".
- (123) **pa:ri-na= hak kodo**
Pa:ri-ERG flechar em cima
"Pa:ri flechou para cima".
- (124) **pa:ri tyiriko ponin**
Pa:ri estrela coisa vermelha
"Pa:ri era a estrela vermelha".
- (125) **paiki:dak tyiriko manyanin**
avô estrela coisa grande
"O avô era estrela grande".
- (126) **tyiriko hoinin-pa niama**
estrela muito-VRBLZ CONEC
"Então, tornaram-se muitas estrelas".

Resumo

O presente estudo apresenta os resultados da análise fonológica e gramatical da língua Katukina-Kanamari falada por cerca de 2200 pessoas no estado do Amazonas, Brasil.

A tese está organizada da seguinte maneira. O primeiro capítulo é dedicado à apresentação da família linguística Katukina que está dividido em duas partes. Na primeira parte, apresentamos as classificações propostas para a família Katukina e, em seguida, nossa proposta de reorganização da classificação interna da família. Finalizamos a primeira parte do capítulo com a apresentação dos estudos antropológicos e linguísticos já realizados. Na segunda parte do capítulo, tratamos de alguns aspectos das comunidades Katukina do Biá e Kanamari tais como localização geográfica e demografia, cosmologia, mitologia, uso da língua e educação.

O segundo capítulo tem por objetivo a apresentação dos aspectos fonológicos e morfofonológicos identificados. Na primeira parte desse capítulo, são tratados os segmentos consonantais e vocálicos, suas oposições fonológicas e respectivas manifestações fonéticas. Na segunda parte desse capítulo, apresentamos os ambientes organizadores dos fonemas, que, nessa língua, são a sílaba e o vocábulo fonológico. No âmbito da sílaba, tratamos da estrutura silábica do inventário dos padrões silábicos e da distribuição das consoantes em posição de ataque e coda silábica e das vogais que ocupam a posição de núcleo silábico. Em seguida apresentamos o padrão acentual no nível da palavra e da frase fonológica. Na segunda parte do capítulo, são apresentados os processos morfofonológicos identificados.

O estudo dos aspectos morfológicos são o tema do terceiro capítulo. Primeiramente, apresentamos a definição tipológica da língua. Na primeira parte do capítulo são definidas as classe de palavras: nomes, verbos, posições e advérbios. Nomes, verbos e advérbios compõem o grupo das classes flexionáveis enquanto os advérbios constituem a classe não-flexionável. Na segunda parte do capítulo, apresentam-se os processos morfológicos flexionais e derivacionais das classes flexionáveis.

O quarto capítulo é dedicado à apresentação da estrutura sintática identificada em Katukina e está dividido em seis sub-capítulos: (1) Estrutura interna do sintagma; (2) Estrutura interna dos sintagmas; (3) Sintaxe da oração; (4) Adjuntos; (5) Mudanças na estrutura argumental; (6) Nível hierárquico do predicado; (7) Tipos oracionais. O sub-capítulo *Estrutura dos sintagmas* está organizado em duas seções. Na primeira seção, apresentamos os tipos de sintagma identificados ressaltando as características que esses têm em comum. Na segunda seção, trataremos de cada tipo de sintagma com suas respectivas propriedades. No sub-capítulo *Sintaxe da oração*, apresentaremos a estrutura sintática do Katukina em três seções. Na primeira delas, trataremos dos tipos de predicados identificados bem como suas características. A segunda seção será dedicada ao tratamento dos argumentos internos e externos da oração assim como as características de comportamento e controle que esses possuem. Na terceira seção desse sub-capítulo, apresentaremos os sintagmas adverbiais e posposicionais detalhando sua composição morfológica bem como sua distribuição posicional. No sub-capítulo *Adjuntos*, divididos em duas seções, trataremos dos elementos que exercem

funções gramaticais não-nucleares que são os sintagmas posposicionais e os advérbios. A primeira seção será dedicada aos sintagmas posposicionais e a segunda, aos advérbios. No sub-capítulo *Mudanças na estrutura argumental*, nos dedicaremos à descrição dos mecanismos que modificam a estrutura argumental dos verbos. Dividimos a apresentação desse sub-capítulo em duas partes. Na primeira parte, trataremos dos mecanismos que decrescem a valência verbal ao passo que na segunda parte, apresentamos os mecanismos que aumentam a valência verbal. Em *Oração complexa* os temas abordados são a coordenação e subordinação de orações. Encerramos a descrição sintática do Katukina-Kanamari com o sub-capítulo *Tipos Oracionais* no qual trataremos das orações declarativas, imperativas e interrogativas.

Samenvatting

De voorliggende studie bevat de resultaten van een fonologische, morfologische en syntactische analyse van het Katukina-Kanamari, de taal van een inheems volk van ongeveer 2200 personen, dat woont in de staat Amazonas, Brazilië.

In Hoofdstuk 1 bespreken wij de verschillende voorstellen betreffende de interne classificatie van de Katukina taalfamilie, waaronder ons eigen voorstel, en de bestaande taalkundige en antropologische studies over de Katukina en hun taal. Wij geven tevens een geografische en demografische aanduiding van de verschillende Katukina nederzettingen, gevolgd door een korte schets van hun kosmologie en mythologie. Tenslotte bespreken wij de rol van het Katukina in het dagelijkse leven en in het onderwijs.

Hoofdstuk 2 bevat een beschrijving van de fonologie en de morfonologie van het Katukina. Wij geven een uiteenzetting van het klinkeren medeklinkersysteem, de fonologische opposities en de fonetische variatie. Vervolgens bestuderen wij de lettergreepstructuur en de rol van het fonologische woord. Wij geven een overzicht van de lettergreepstypen en van de distributie van de medeklinkers aan het begin en aan het einde van de lettergreep. Tenslotte bespreken wij het woordaccent en het accent in de fonologische frase.

Hoofdstuk 3 bevat een overzicht van de morfologie van het Katukina. Na een korte typologische definitie bespreken wij de verschillende woordklassen, waarvan er drie verbuigbaar zijn: de zelfstandige naamwoorden, de werkwoorden en de postposities; de

bijwoorden zijn niet verbuigbaar. Vervolgens geven wij een gedetailleerde uiteenzetting van de flexionele en derivatieve processen van deze taal.

Hoofdstuk 4 is gewijd aan de syntactische structuur van het Katukina. Het is onderverdeeld in 6 secties: (i) de interne structuur van de woordgroepen, (ii) de syntaxis van de zin, (iii) bepalingen, (iv) veranderingen in de argumentstructuur, (v) de plaats van het predicaat in de hiërarchische structuur, (vi) zinstypen. De sectie die is gewijd aan de interne structuur van woordgroepen bestaat uit twee delen. In het eerste deel presenteren wij de verschillende typen van woordgroepen en bespreken wij hun gemeenschappelijke eigenschappen. In het tweede deel gaan we in op de eigenheden van elk van de woordgroepen afzonderlijk. In de sectie 'syntaxis van de zin' bespreken wij de verschillende typen van predicaten, de interne en externe argumenten en hun gedrag, evenals de adverbiale woordgroepen en postposities, hun morfologische structuur en hun distributie in de zin. In de sectie 'Bepalingen', die uit twee delen bestaat, bespreken we de woordgroepen die de niet-nucleaire grammaticale functies uitoefenen, postpositionele woordgroepen en bijwoorden, in deze volgorde. De sectie 'veranderingen in de argumentstructuur' bevat een beschrijving van de mechanismen waarmee de argument-structuur van werkwoorden kan worden veranderd. In de sectie 'complexe zinnen' bespreken wij de nevenschikking en onderschikking. Tenslotte, in de sectie 'zinstypen', geven wij een uiteenzetting over de declaratieve, de imperatieve en de interrogatieve zinnen.

Abstract

This study presents the results of a grammatical and phonological analysis of the Katukina-Kanamari language spoken by some 2200 people in Amazonas, Brazil. The work is organized into four chapters as follows:

Chapter one gives background into the Katukina linguistic family. An overview of the standard classification for the language is offered prior to a revised version of the internal classification of the language family. Thereafter, the reader will find a review of relevant linguistic and anthropological studies. The second part of this chapter deals with some aspects of the Katukina do Biá and Kanamari communities, and gives a description not only of the geographic location and demography but also the cosmology, mythology, language use, and education of the community under investigation.

The following chapter begins with an overview of the identified phonological and morphophonological characteristics, starting with the consonantal and vocalic segments, their phonological opposition, and respective phonetic manifestations before progressing to the sound environment patterns for the phonemes, which, in this language, are the syllable and the phonological word. The section on the syllable offers a description of the syllabic structure and inventory, and describes the distribution of consonantal and vocalic segments in the onset and coda and in the nucleus, respectively. Thereafter the stress pattern on word and phrase levels is examined prior to a thorough description of the identified morphophonological processes.

The third chapter gives a study of morphological topics, beginning with the typological definition of the language and definitions of the word classes of nouns, verbs, post-positions and adverbs. Nouns, verbs, and adverbs compose the category of the inflectional classes while the adverbs compose the non-inflectional class. The second part of the chapter gives the derivational and inflectional morphological processes of the inflectional classes.

The fourth chapter is dedicated to the syntactic structure in Katukina is divided into six sub-chapters: (4) Phrase-internal structure; (5) Sentence syntax; (6) Adjuntos; (7) Changes in argument structure; (8) Complex sentences; (9) Sentence types. The first sub-chapter is organized into two sub-sections. In the first, the types of identified phrases are given, with emphasis extended to shared characteristics. In the second, each type of phrase with their respective properties is treated. The sub-chapter entitled *Sentence syntax* provides the syntactic structure of Katukina in three sub-sections, which deal with (a) types of identified predicates along with their characteristics, (b) internal and external sentence arguments and their function and control characteristics; and (c) adverbial and post-positional phrases, with special attention to their morphological composition and positional distribution. Thereafter, the third sub-chapter, *Changes in argument structure* is dedicated to the description of the mechanisms that modify the argument structure of the verbs. This sub-chapter is divided into a description of the mechanisms that decrease and increase verbal valence. In *Complex sentences* one finds a description of sentence coordination and subordination. Finally, the sub-chapter on *Sentence types* deals with declarative, imperative and interrogative sentences.